Obras da Nova Revelação

RECEBIDO PELA VOZ INTERNA POR JAKOB LORBER

TRADUZIDO POR YOLANDA LINAU
REVISADO POR PAULO G. JUERGENSEN

A Infância de Jesus



Edição eletrônica

DIREITOS DE TRADUÇÃO RESERVADOS

Copyright by
Yolanda Linau

Jakob Lorber – A INFÂNCIA DE JESUS

Traduzido por Yolanda Linau
Revisado por Paulo G. Juergensen

Edicão eletrônica



UNIÃO NEO-TEOSÓFICA
2005

www.neoteosofia.org.br

Índice

Seria ilógico admitirmos que a Bíblia fosse a cristalização de todas as Revelações. Só os que se apegam à letra e desconhecem as Suas Promessas alimentam tal compreensão. Não é Ele sempre o Mesmo? "E a Palavra do Senhor veio a mim", dizia o profeta. Hoje, o Senhor diz: "Quem quiser falar Comigo, que venha a Mim, e Eu lhe darei, no seu coração, a resposta."

Qual traço luminoso, projeta-se o conhecimento da Voz Interna, e a revelação mais importante foi transmitida no idioma alemão durante o ano de 1864, a um homem simples chamado Jakob Lorber. A Obra Principal, a coroação de todas as demais é "O Grande Evangelho de João" em 11 volumes. São narrativas profundas de todas as Palavras de Jesus, os segredos de Sua Pessoa, sua Doutrina de Amor e de Fé! A Criacão surge diante dos nossos olhos como um acontecimento relevante e metas de Evolução. Perguntas com relação à vida são esclarecidas neste Verbo Divino, de maneira clara e compreensível. *Ao lado da Bíblia o mundo jamais conheceu Obra Semelhante*, sendo na Alemanha considerada "*Obra Cultural*".

Obras da Nova Revelação

O Grande Evangelho de João

A Infância de Jesus

O Menino Jesus no Templo

A Criação de Deus

A Mosca

Bispo Martin

Roberto Blum

Os Dez Mandamentos

Mensagens do Pai

Correspondência Entre Jesus e Abgarus

Prédicas do Senhor

Sexta-Feira da Paixão e a Caminho de Emaús

As Sete Palavras de Jesus na Cruz

A Terra e a Lua

Preparação para o Dia da Ascensão do Senhor

Palavras do Verbo

Explicação de Textos da Escritura Sagrada

Os Sete Sacramentos e Prédicas de Advertência

“Portanto o Mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que A VIRGEM conceberá e parirá **Um filho**, e chamará o seu nome Emmanuel.” – Isaías – Cap. 7, Vers. 14.

“Porque **Um** menino nos nasceu, **Um** filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e o seu nome se chama Maravilhoso, Conselheiro, **Deus Forte**, Herói, **Pai de Eternidades**, Príncipe da Paz.” – Isaías – Cap. 9, Vers. 6.

Em Espírito e Verdade, Jesus foi Aquele Mesmo Senhor Jehovah, Zebaoth! Isto nos foi provado de maneira tão explícita, que seria preciso a cegueira de todas as noites havidas na Terra, para não se sentir de onde sopra a brisa!...

“MEU NOME É JESUS – EMMANUEL (DEUS CONOSCO) E MEU ESPÍRITO SE CHAMA JEHOVAH ZEBAOTH!”

União Neo-Teosófica

GOIÂNIA, 25 DE DEZEMBRO DE 1972

Preâmbulo

Dado pelo Próprio Senhor como introdução para o relato de Sua Infância (22.7.1843 até 9.5.1851) pelo mesmo instrumento dessa Obra.

I.

Durante a época até Meus trinta anos, vivi como qualquer menino bem-educado, em seguida como adolescente e maior, e através de Minha Conduta segundo a Lei de Moysés, tive que despertar a Divindade dentro de Mim, como todas as criaturas.

Fui obrigado a iniciar a Minha Fé em Deus, conquistando-O mais e mais por meio de todas as renúncias imagináveis e deste modo submeti a Divindade ao Meu Amor.

Assim, fui, o Próprio Senhor, um Exemplo Vivo para todos que poderão atrair-Me como Eu Mesmo atraí a Divindade a Mim; deste modo se tornarão unos Comigo pelo amor e a fé, assim como Eu, Homem-Deus, sou Uno com a Divindade em plenitude infinita.

II.

À pergunta, em que relação se encontram os milagres de Sua Infância e a atividade espiritual-divina com Sua Identidade isolada durante o tempo de adolescente e homem, sirva o aspecto de uma árvore desde a primavera até o outono.

Na primavera a árvore floresce maravilhosamente havendo grande atividade. Após a queda da flor, ela volta a ser inativa. Ao aproximar-se o outono, o vegetal se apresenta em plena ação: os frutos, certamente formidáveis, são temperados, tingidos e amadurecidos, e a bênção recebida se desprende caindo nas mãos das crianças famintas.

Este quadro se conceberá apenas com olhos do coração e não do intelecto. As passagens duvidosas – sem querer duvidar da Divindade de Jesus, mas fixá-La na fé do coração, ou seja a luz do amor, facilmente poderão ser explicadas tão logo o leitor se torne puro de coração, pois a União completa da

Divindade com o Homem Jesus não se deu de um golpe como tudo que se encontra sob direção de Deus, – e sim, pouco a pouco, qual sucessivo despertar do espírito divino no homem, finalizando-se com a morte na cruz, não obstante a Divindade tivesse habitado em toda a Sua Plenitude no Meninozinho Jesus, surgindo apenas à ação milagrosa quando necessária.

III.

A morte de Jesus é a mais profunda descida da Divindade, à matéria, portanto tornando possível uma nova relação entre Criador e criatura. Com este acontecimento Deus Mesmo Se torna Homem perfeito, e a criatura, um novo ser criado de Deus através de Graça tão divina, podendo enfrentar seu Criador como semelhança perfeita. Nele poderá reconhecer, ver, falar e amar Seu Deus, Criador e Pai, amando-O acima de tudo e somente assim conquistando a Vida eterna e indestrutível em Deus, de Deus e junto Dele. Por este meio, a força, ou melhor a vontade de Satanás foi quebrada a ponto de não mais poder impedir a aproximação perfeita da Divindade junto ao homem, e vice-versa.

Em síntese: Pela morte de Jesus pode o homem confraternizar-se com Deus, sem que haja intromissão por parte de Satanás, razão por que se lê na passagem em que as mulheres visitaram o túmulo: Ide informar os Meus irmãos! A influência de Satanás sempre poderá ser sentida na forma externa; nunca poderá levantar o reposteiro rasgado entre a Divindade e o homem e restabelecer o antigo abismo intransponível que existia entre eles.

Através desta pequena explicação, qualquer pessoa capaz de pensar e ver no coração, perceberá facilmente o benefício imenso da morte Jesus. Amém.

O Evangelho de Jacó que trata da

Infância de Jesus

A contar da época em que José acolheu Maria

Este Evangelho foi anotado por Jacó, um filho de José; no entanto, foi de tal modo deturpado a ponto de não mais ser aceito como autêntico na Escritura. Por isto transmitirei o genuíno Evangelho de Jacó, a começar da época acima, pois ele havia igualmente anotado a biografia de Maria desde seu nascimento, bem como a de José. Eis o primeiro capítulo:

1. José como Profissional. Sorteio de Maria. O Testemunho de Deus para José. A Virgem em Casa do Carpinteiro

José andava ocupado com a construção de uma casa na zona entre Nazareth e Jerusalém, a mando de um rico hierosolimitano, para fins de hospedagem aos nazarenos. Entrementes, Maria se tornara moça após educada no Templo e, segundo as Leis moisaicas, urgia entregá-la a quem tivesse idoneidade.

Para tanto enviaram-se arautos por toda Judéia avisando os pais de família, a fim de entregá-la a quem fosse digno. Nem bem José ouvira tal informação, largou suas ferramentas dirigindo-se rapidamente para Jerusalém, ao local de conselho no Templo.

Quando, passados três dias, os interessados voltaram a determinado local e tendo entregue ao sacerdote uma haste fresca de lírios, este dirigiu-se ao interior do Templo a fim de orar. Terminada a sua prece, devolveu a cada um a haste individual. Todas elas estavam manchadas, com exceção da última, entregue a José.

Como houvesse reclamação da parte de alguns, declarando essa prova partidária, portanto nula, exigiram outra que impedisse qualquer fraude. Algo irritado, o sacerdote mandou chamar Maria, entregou-lhe uma pomba que ela deveria soltar no meio de seus pretendentes. Antes, porém, ele lhes disse: “Falsos interpretadores dos sinais de Jehovah! Esta pomba é inocente e pura, sem noção de nossos cálculos, pois vive unicamente pela Vontade do Senhor e entende apenas a Linguagem poderosa de Deus! Erguei vossas hastes! Maria será entregue ao dono da haste em que a pomba pousar e em cuja cabeça ela sentar!” Os pretendentes concordaram dizendo que tal seria um sinal infalível.

No momento em que Maria soltava a ave, a mando do sacerdote, ela voou em direção de José pousando na haste e na cabeça dele. O sacerdote então sentenciou: “Eis a Vontade do Senhor! Como simples operário te coube o sorteio da Virgem do Senhor! Toma-a, em Nome Dele, para o

teu lar puro a fim de receber futuros cuidados! Amém!”

José respondeu: “Servo ungido do Senhor segundo a Lei de Moysés, servo fiel do Senhor, Deus, Zebaoth! Já sou idoso e viúvo e tenho filhos homens em casa; como não me tornarei ridículo perante os filhos de Israel se levar essa moça comigo! Por isso peço a repetição do sorteio, ficando eu do lado de fora para não contar entre os pretendentes.”

Erguendo a mão, o sacerdote redargüiu: “José, teme a Deus, o Senhor! Ignoras o que Ele fez a Dathan, Korah e Abiram? A Terra se fendeu e todos eles foram tragados em virtude de sua teimosia! Julgas Ele não poder repetir tal castigo com tua pessoa? Afirmo-te: Tendo visto a infalível prova de Jehovah, obedece-Lhe, que é Poderoso, Justo e sempre pune os renitentes e rebeldes à Sua Vontade! Além disto, podes recear por tua casa, pois talvez venha a repetir o castigo aplicado a Dathan, Korah e Abiram!”

Tomado de forte pavor, José voltou-se para o sacerdote dizendo: “Pede por mim, para que o Senhor volte a ser misericordioso para comigo, e em seguida entrega-me a virgem do Senhor segundo a Vontade Dele!”

O sacerdote orou no Santíssimo, para José, e o Senhor falou ao sacerdote: “Não aflijas o homem por Mim escolhido; não há homem mais justo em Israel, na Terra toda e perante o Meu Trono em todos os Céus! Entrega a Virgem, por Mim Mesmo educada, a ele.”

Batendo no peito, o sacerdote exclamou: “Ó Senhor, Deus Poderoso de Abraham, Isaac e Jacob, sê misericordioso com este pecador; pois reconheço que pretendes visitar o Teu povo!”

Em seguida dirigiu-se para fora, abençoou a mocinha entregando-a ao temeroso José, dizendo: “És justo perante o Senhor, por isso escolheu-te entre milhares! Segue em paz, amém!”

Tomando Maria pela mão, José diz: “Que se faça sempre a Santa Vontade de Deus, meu Senhor! O que Tu dás, Senhor, sempre é bom; por isto aceito de bom grado esta Dádiva de Tua Mão! Dá-lhe a Tua Bênção e também abençoa a mim para que me torne digno desta missão! Tua Vontade se faça, amém!”

Fortalecido por este pedido feito ao Senhor, José afastou-se do Templo, com Maria, levando-a para a zona de Nazareth, à sua modesta casa.

Lá chegando, aguardava-o o trabalho necessário; por isso não demorou dizendo a Maria:

"Maria, recebi-te segundo a Vontade de Deus, no Templo Dele; entretanto não posso permanecer contigo para proteger-te, pois tenho que tratar da construção que te demonstrei a caminho para cá.

Não ficarás sozinha, pois uma parenta próxima, devota e boa, e meu filho mais jovem te farão companhia, com a Graça e a Bênção de Deus. Dentro em breve voltarei com os quatro filhos e serei teu guia nas veredas do Senhor. Ele cuidará de ti e de meu lar. Amém."

2. Maria Trabalha no Reposteiro do Templo

Entrementes, o reposteiro do Templo exigia conserto para cobrir os estragos existentes. Por isso os sacerdotes resolveram a confecção de um novo, "pois", diziam eles, "pode acontecer que o Senhor nos visite e seríamos criticados diante de tamanho desleixo."

Disse o sumo-sacerdote: "Que critério mais tolo, como se o Senhor, cujo Santuário está no Templo, ignorasse a situação do mesmo. Convocai sete virgens imaculadas do tronco de David, para sortearmos a distribuição do trabalho."

Eis que os acólitos foram em busca de virgens do tronco de David, encontrando, com dificuldade, apenas seis. O sumo-sacerdote, então, lembrou-se de Maria, igualmente daquela estirpe, e que fora entregue aos cuidados de José. Recebendo recado pelos acólitos, José reconduziu Maria ao Templo, e quando as moças se encontravam no átrio, o sumo-sacerdote as conduziu ao Templo, dizendo: "Ouvi-me, virgens do tronco de David que, segundo a Vontade de Deus, determinara que o bordado fino do reposteiro a separar o Santíssimo do Templo, deveria ser sempre executado pelas virgens do tronco dele, legando por testamento que o trabalho deveria ser executado após sorteio e de acordo com as aptidões de cada uma. Eis o reposteiro danificado, e nesta mesa estão os tecidos

prontos a serem usados. Iniciai o sorteio, para ficar estabelecido quem de vós trabalhará com o fio de ouro, prata, algodão, seda, e as cores: roxa, escarlate e púrpura."

Com acanhamento, elas fizeram o sorteio enquanto o sumo-sacerdote orava, vendo-se a distribuição do bordado. Maria, filha de Anna e Joaquim, recebeu a incumbência dos fios escarlate e púrpura. Agradecendo a Deus por reconhecimento tão honroso em um trabalho para Sua Glória, ela apanhou-o e voltou a casa, em companhia de José.

Lá chegando, imediatamente iniciou sua tarefa para a qual José lhe recomendava todo zelo e em seguida voltou à construção iniciada. Tal fato se dera precisamente quando Zacharias emudeceu por ocasião de um sacrifício no Templo, em virtude de sua falta de fé, razão por que fora nomeado um substituto.

Maria era parenta de Zacharias e de seu representante, o que a levou a duplicar o seu zelo e talvez se tornar a primeira a terminar sua tarefa. Tal intenção não era movida pelo orgulho, mas a fim de proporcionar uma grande alegria a Deus, o Senhor, segundo sua compreensão.

Para começar, tinha que fiar o escarlate, para que não se tornasse ora mais fino, ora mais grosso, e todos os que vinham à casa de José se admiravam da extraordinária habilidade de Maria. Dentro de três dias ela terminou essa tarefa e sem demora apanhou o de púrpura; havendo necessidade de umedecê-lo constantemente, Maria várias vezes tomava do cântaro para apanhar água no poço.

3. Anunciação do Nascimento do Senhor

Numa sexta-feira pela manhã, novamente Maria se encaminhara para encher o cântaro com água, quando uma voz lhe disse: "Salve, agraciada do Reino de Deus! O Senhor está contigo, bendita entre as mulheres!" Sumamente assustada, Maria procurou localizar de onde vinha aquela voz, sem contudo descobrir sua origem. Cheia de pavor tomou do vasi-

lhame e correu à casa. Lá, entregou-se de novo à fiação. Nem bem encontrara o ritmo do trabalho, eis que o anjo do Senhor se apresentou dizendo: "Não temas, Maria, porque achaste grande Graça perante a Face do Senhor, pois conceberás a Palavra de Deus!"

Pesando o que havia ouvido, Maria não conseguia entender seu sentido, por isto falou ao anjo: "Como será possível? Não conheço homem algum que me tomasse para esposa, a fim de que pudesse conceber igual às outras mulheres!"

O anjo, porém, retrucou: "Eleita de Deus, não será como pensas, e sim, a Força de Deus te cobrirá! Por isso chamarás o Santo que nascer de ti, de Filho do Altíssimo, ao Qual darás o Nome de Jesus, porquanto salvará o Seu Povo de todos os pecados, do julgamento e da morte eterna!"

Prosternando-se diante do anjo, Maria disse: "Sou apenas uma serva do Senhor; que se faça segundo a Sua Vontade, conforme disseste!" – Nisso o anjo desapareceu, e Maria voltou ao seu trabalho.

4. Maria Palestra Com Deus

Achando-se a sós, Maria louvou a Deus e dirigiu-se intimamente a Ele, dizendo: "Quem sou eu, Senhor, que me auferes tamanha Graça? Tornar-me-ei grávida sem ter conhecimento algum a respeito, pois nem sei o que isso significa. Tem Misericórdia para comigo, Senhor, pois conto apenas catorze anos e sou inteiramente inexperiente. E que dirá o pai José quando lhe contar o fato, ou ele perceber que estou grávida?

Não pode ser algo ruim, mormente quando uma serva foi designada para tanto, como fora o caso de Sarah. Já ouvi contar no Templo, da grande alegria das mulheres quando esperam uma criança. Assim, também estarei contente quando tal coisa acontecer. Mas quando isto se dará? Talvez já ocorreu, ou terei que esperar ainda? Ó Senhor, Santo Eterno de Israel, dá uma prova à Tua pobre serva, para que Te possa louvar!"

A estas palavras foi envolvida por um bafejo etéreo e uma voz mui

suave lhe disse: “Maria, não te preocupes em vão; já concebeste e o Senhor é contigo! Dedica-te à tua tarefa para terminá-la em breve; futuramente não mais será feito trabalho dessa ordem para o Templo!” Maria ajoelhou-se e agradeceu a Deus por esta Graça; em seguida continuou a trabalhar.

5. Entrega do trabalho de Maria. Sua Viagem para a Casa da Prima

Em poucos dias, Maria terminara o bordado, agradeceu a Deus pela ajuda e embrulhou-o em linho para em seguida encaminhar-se para Jerusalém. Até a construção em que José se achava ocupado, ela andou sozinha; a partir daí, José a acompanhou até o Templo, onde ela entregou o trabalho ao sumo-sacerdote. Analisando o bordado escarlate e púrpura, ele lhe disse: “Maria, tamanha habilidade não vem de ti, o Senhor agiu com Sua Própria Mão! Te tornaste grande por Ele e serás bendita entre todas as mulheres, pois foste a primeira a entregar sua tarefa ao Senhor!”

Com humildade e alegria, Maria retrucou: “Digno servo do Senhor em Seu Santuário! Não me superestimes acima das outras; este trabalho não é mérito meu, mas do Senhor que guiou minha mão! Por isso rendo-Lhe todo louvor e honra, amor e adoração, sem cessar!”

Conclui o sumo-sacerdote: “Amém, Maria, virgem pura do Senhor, falaste certo perante o Senhor! Segue em paz e que Ele esteja contigo!” Assim voltaram José e Maria até o local da construção, onde ela tomou água, pão e leite. Não longe daí, a meio-dia de viagem, morava acima de pequena montanha, uma prima de Maria, chamada Elizabeth, à qual queria visitar com permissão de José. Prontamente José lhe deu o filho mais velho como guia, para levá-la até o ponto de onde avistaria a casa da parenta.

6. Maria e Elizabeth

Chegando à casa de Elizabeth, Maria com acanhamento bateu à porta segundo sua educação judaica. Escutando o modesto bater, Elizabeth pensou de si para si: "Quem será? Talvez um filho de meu vizinho; pois meu marido, mudo, que ainda se encontra no Templo aguardando sua cura, não pode ser. Meu serviço é mui importante e não vou largá-lo por causa do filho mal-educado do vizinho. Por isso pode bater à vontade que não hei de abrir a porta."

Maria, bateu novamente, e a criança no ventre de Elizabeth começou a saltar de alegria, dizendo baixinho: "Mãe, vai depressa! É a Mãe de meu e teu Senhor a bater na porta, a fim de visitar-te em paz!"

Largando tudo que tinha em mãos, Elizabeth abriu a porta para Maria, abençoou-a e em seguida lhe estendeu os braços dizendo: "Ó Maria, bendita entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre! Virgem pura de Deus, de onde me vem a Graça de ser visitada pela Mãe de meu Senhor e Deus?"

Maria, que nada entendia desses segredos, disse: "Querida prima, vim apenas para visitar-te amigavelmente. Como falas de coisas que não entendo? Porventura já estou grávida para me chamares de mãe?"

Retrucou Elizabeth: "Quando batias pela segunda vez na porta, a criança que está em meu ventre, saltou de alegria anunciando-me a tua ventura!"

Lembrando-se das palavras do anjo, Maria ergueu os olhos para o Céu e disse: "Grande Deus de Abraham, Isaac e Jacob, que fizeste de mim? Quem sou eu para que todas as gerações da Terra me devam considerar bem-aventurada?"

Disse Elizabeth: "Maria, Eleita do Senhor, entra e te fortifica; em seguida palestraremos e louvaremos a Deus! Enquanto ambas descansavam, Elizabeth sondava os acontecimentos de Maria no Templo, como Tutela do Senhor e qual sua impressão a respeito.

Maria respondeu: "Querida e igualmente abençoada pelo Senhor!

Creio que tais coisas sejam mui elevadas para nós, e somos demasiadamente tolas se quisermos discutir sobre fatos que concernem aos filhos de Aaron. Deixemos as coisas divinas entregues a Deus e aos que têm tal incumbência, sem querermos analisá-las.

Caso amarmos a Deus acima de tudo e cumprirmos os Seus Mandamentos, viveremos com justiça; o que passa daí, compete aos homens escolhidos por Deus. Poupa-me os comentários a respeito do Templo, que em nada melhorará com isto! Quando for da Vontade do Senhor, saberá castigar e transformá-lo em tempo."

Reconhecendo a profunda humildade e modéstia de Maria, Elizabeth concordou: "Virgem agraciada por Deus! Com opinião tão elevada forçosamente há de se encontrar a maior Graça perante Deus. Somente a inocência mais pura pode se expressar como tu, e quem viver de tal modo, terá justiça perante Ele e o mundo!"

Maria, porém, obtemperou: "A vida justa não é nossa, mas do Senhor e é uma Graça! Quem julgar viver com justiça de si mesmo, certamente viverá sem a menor justiça; mas quem confessar sua culpa perante Deus, viverá com justiça.

De mim, – não sei como vivo; minha vida é pura Graça do Senhor. Por isso nada posso fazer senão amá-Lo e louvá-Lo com todas as forças de minha alma! Se tua vida for igual à minha, age como eu que o Senhor terá maior agrado com isso do que se discutirmos as situações do Templo!" Reconhecendo que Maria falava pelo bafejo espiritual divino, desistiu de sua curiosidade aceitando com louvor a Vontade de Deus.

Assim, Maria passou três meses em casa de Elizabeth ajudando-a fazer, como serviçal, todos os serviços caseiros. Entrementes, José havia terminado sua obra e se encontrava em casa cuidando do pequeno terreno alugado. Certa noite disse ao filho mais velho: "Joel, amanhã cedo selarás a mula, pois tenho que buscar Maria, há três meses longe de nós, e ignoro o que se passa com ela.

Se bem que esteja em companhia da mulher do sumo-sacerdote mudo, não se sabe se a casa está livre das tentações daquela que tentou Eva. Portanto irei buscá-la, para evitar que os filhos de Israel me caluni-

em e o Senhor me venha punir pelo desleixo.”

Nem bem Joel cumprira as ordens do pai, eis que Maria aparece na porta, cumprimenta a José pedindo acolhida. Sumamente admirado, ele indaga: “És realmente tu, infiel?”

Respondeu Maria: “Sim, sou eu, mas não infiel; pois com prazer estaria aqui há mais tempo, no entanto, não me atrevia atravessar a floresta montanhosa, sozinha. Além disto, não enviaste alguém para buscar-me. Três levitas visitaram Elizabeth e ao voltarem para Jerusalém, aceitaram minha companhia até a fronteira de teu terreno. Após me abençoarem e a tua casa, seguiram caminho e eu voltei junto de ti, bom pai José!”

Conquanto José quisesse repreender Maria pela longa ausência, não teve coragem para tanto; pois a voz dela muito havia comovido o nobre coração dele, e além do mais se considerava culpado por não ter agido há mais tempo. Com ternura Maria acariciou a José como fazem crianças inocentes o que muito o comoveu, a ponto de dizer: “Sou pobre e velho; mas teu amor filial me faz esquecer tudo isto. O Senhor te entregou a mim para minha grande alegria, por isso trabalharei com satisfação maior, a fim de proporcionar-te, filhinha, um pão gostoso!” Assim falando, as lágrimas corriam dos olhos do velho José. Maria as enxugou pressurosa agradecendo a Deus, por lhe ter dado tão bom pai de criação. Enquanto isso ocorria, José tinha impressão de ouvir cânticos diante de sua casa.

7. Pressentimentos e Predições de José

Tomado de intuições sublimes, José disse a Maria: “Grandes alegrias foram trazidas à minha casa com tua presença, e minha alma está cheia de pressentimentos maravilhosos. Todavia sei que o Senhor experimenta dolorosamente aos que Ele ama; por isso havemos de perdir-Lhe sempre que nos seja misericordioso.

É bem possível que o Senhor venha a renovar a Arca antiga e bastante frágil, através de mim e de ti. Se assim for, ai de nós, pois teremos que

enfrentar tarefa bem dura. Nada adianta querermos impedir o que vier, pois no momento exato, o destino se apossará de nós e havemos de tremer diante da Vontade Daquele que fixou o firmamento!"

Maria nada disso entendia e procurava consolar o preocupado José com as seguintes palavras: "Querido pai José, não te entristeças com a Vontade do Senhor; sabemos que visa apenas ao bem de Seus filhos. Ele estando conosco como estivera com Abraham, Isaac e Jacob e com todos os que O amem, que de mal nos poderia suceder?" Conformado com esse consolo, José agradeceu a Deus por lhe ter enviado um anjo consolador em Maria e disse em seguida: "Já é tarde; vamos entoar o cântico de louvor, em seguida tomaremos a ceia para dormirmos!" Assim foi. Maria foi apanhar o pão que José repartiu, e todos se admiravam do especial paladar.

José então observou: "Louvemos o Senhor, pois o que Ele abençoa tem sempre bom paladar!" Acrescentou Maria: "De igual modo, pai José, não deves temer as provações do Senhor, são justamente Suas Bênçãos saborosas!"

Respondeu ele: "Tens razão, filha pura do Senhor. Hei de suportar com paciência o que Ele quiser mandar-me; não fará por demais pesado e duro o Seu jugo, como Pai de Bondade e Misericórdia, ainda que em Seu Zelo. Que se faça sempre a Vontade Dele!" Em seguida a devota família se recolheu voltando ao trabalho normal.

Dia a dia, Maria demonstrava mais o seu estado que procurava ocultar diante de José e de seus filhos. Decorridos dois meses, José começou a suspeitar e falou a respeito a um amigo em Nazareth.

8. Opinião do Médico e Explicação de Maria

Esse amigo era médico conhecedor de ervas e muitas vezes auxiliava em partos difíceis. Acompanhou José e observou Maria secretamente; em seguida disse: "Grande desgraça sucedeu à tua casa, pois a moça está grávida! Tu mesmo és culpado, pois faz seis meses que te ausentaste de

casa, sem que alguém tomasse conta dela!"

Respondeu José: "Maria esteve em minha casa durante três semanas; desde então passou três meses em companhia da prima Elizabeth. Após sua volta decorreram dois meses sob minha constante vigilância, e nunca vi alguém dela se aproximar.

No princípio de minha ausência ela se encontrava em ótimas mãos; e meu filho que a levou junto da prima me havia jurado de não tocar nem suas vestes, a não ser em caso de necessidade. Deste modo estou certo de que Maria foi pura enquanto se achava em meu lar; naturalmente não posso afirmá-lo durante a permanência em casa de Zacharias.

Teria isto acontecido no Templo, por algum servente? Deus me livre de tal suspeita, pois Deus teria denunciado tal fato através do conhecimento do sumo-sacerdote. Já sei o que fazer, para descobrir a verdade. Podes seguir em paz, pois farei passar a minha casa por uma busca rigorosa."

Após a partida do amigo, José se dirigiu a Maria dizendo: "Filha, onde irei buscar a coragem de erguer o olhar para Deus? Que direi a teu respeito? Porventura não te recebi virgem pura, do Templo, e não zelei por ti fielmente, através de preces diárias, feitas por mim e por meus familiares?

Imploro-te me digas quem ousou trair-me tão infamemente, que sou igual a ti, descendente de David? Quem conseguiu transviar tua mente pura e seduzir-te, fazendo-te uma segunda Eva? Foste qual Eva, traída pela serpente! Reflete e dize-me a verdade, pois não conseguirás enganar-me!" Desesperado de dor, José se atirou sobre um saco cheio de cinzas e chorou.

Maria tremia de pavor e começou a chorar e soluçar, sem poder responder. Novamente José, erguendo-se, disse, em tom mais moderado: "Maria, filha de Deus, por Ele Próprio educada, por que me fizeste isto? Por que rebaixaste a tua alma e esqueceste de teu Deus? Como fora possível a ti, educada no Santíssimo, onde recebias alimentos das mãos dos anjos podendo com eles brincar constantemente? Fala, Maria!"

Enchendo-se de coragem, Maria disse: "Pai José, homem justo e implacável! Afirmo-te, tão certo como Deus existe, tão certo eu sou pura e inocente, e desconheço homem!"

Disse José: "De onde, então, vem a tua gravidez?"

Respondeu Maria: “Ainda sou criança e não entendo os segredos de Deus. Vou relatar-te o que me sucedeu e que é tão verdadeiro como Verdadeiro é o Senhor!”

9. Relato de Maria. José Recebe Orientação do Alto

Eis que Maria relatou tudo que sucedera enquanto trabalhava no bordado do reposteiro. Finalizando, ela disse: “Por isto repito, tão certo como existe Deus, Senhor de Céus e Terra, eu sou pura e desconheço o segredo de Deus dentro de mim, que sou obrigada a suportar para meu maior suplício!”

Sumamente assustado, José começou a meditar sobre as palavras de Maria que o tocaram no âmago e tremendo viu confirmada a sua intuição. De sorte que disse a si mesmo: “Se perante o mundo for ocultar seu pecado por não aceitá-lo como tal, serei declarado violador da Lei de Deus, não podendo escapar do castigo.

Se, todavia, contra minha convicção íntima, a declarar pecadora perante os filhos de Israel, enquanto sua gravidez se origina de um anjo, Deus há de me tomar por assassino que entregou uma inocente ao julgamento mortal.

Que farei? Devo abandoná-la, quer dizer, escondê-la na cordilheira, perto da Grécia? Talvez deva aguardar que o Próprio Senhor venha orientar minha ação? Mas se alguém vier de Jerusalém e reconhecer Maria, que será? Sim, é melhor eu afastá-la daqui, sem que alguém venha a tomar conhecimento, com exceção de meus filhos. Com o tempo, o Senhor evidentemente fará ressaltar sua inocência, e tudo estará bem. Assim seja, em Nome do Senhor!”

Em seguida, ele informou Maria de seu plano e ela se submeteu à vontade dele preparando-se secretamente e como já fosse tarde da noite, recolheu-se. José, entregue aos seus pensamentos, finalmente caiu em profundo sono. Em sonho, apareceu-lhe um anjo do Senhor que disse:

"José, nada temas por causa de Maria, a virgem mais pura do Senhor; o Que traz em seu ventre foi gerado pelo Espírito Santo de Deus, e quando nascer, chamá-Lo-ás de "Jesus"!"

José despertou e louvou a Deus pela Graça recebida. Como já estivesse amanhecendo, Maria se aprontara para a viagem e vinha avisar disto a José. Ele a abraçou com carinho, dizendo: "Maria, ficarás comigo; o Senhor me deu forte testemunho a teu respeito, pois teu filho se chamará "Jesus"."

Com isto Maria reconheceu que o Senhor falara com José, pois ouvira o mesmo nome anunciado pelo anjo, sem que ela tivesse feito referência a respeito. A partir daí, José cuidou dela mais ainda, não deixando que algo faltasse em seu estado.

10. Recenseamento Romano. O Traidor Annás

Duas semanas após houve grande conselho em Jerusalém, em virtude do boato assustador de que o Imperador planejava um recenseamento do povo judaico. Aos judeus, a lei proíbe contar seres humanos. Por isso, o sumo-sacerdote convocou uma assembléia para a qual todos os anciãos e artífices, como era José, tinham que aparecer. José se ausentara por cinco dias comprando madeira nas montanhas; na volta, se sentiu fraco demais para ir a Jerusalém e além disso, não dava valor a tal convocação. Uns dias depois, apareceu Annás, conhecido escriba em Jerusalém, censurando a ausência de José. Esse homem, infelizmente, viu Maria, grávida. Sem fazer qualquer observação, voltou para o Templo e relatou ao sumo-sacerdote que José cometera tamanho pecado perante Deus.

O sumo-sacerdote exclamou: "Nunca José seria capaz disso. Deus não dá testemunho errado." Ele também estava ciente do ciúme de Annás, por ter sido entregue Maria a José. Mas Annás insistiu em sua acusação e pediu que o sacerdote mandasse uma pessoa de sua confiança, a fim de averiguar a situação, e caso se confirmasse sua suspeita, chamar Maria e

José a Jerusalém. Desse modo, os empregados de confiança se dirigiram à casa de José, encontrando positivada a denúncia.

11. Prisão e Condenação de José e Maria

O mais velho dos empregados do sumo-sacerdote dirigiu-se a José, dizendo: "O Templo nos enviou a fim de nos certificarmos da situação referente à virgem da qual se fizeram os piores comentários junto ao sumo-sacerdote. Infelizmente vemos confirmada a triste notícia; por isso te pedimos nos sigas com Maria para o Templo, sem reação, onde hás de ouvir o julgamento do sumo-sacerdote."

Sem a menor objeção, José e Maria acompanharam os enviados do Templo. Lá chegando, o sumo-sacerdote se dirigiu à virgem dizendo: "Maria, por que fizeste isto, humilhando tão gravemente a tua alma? Esqueceste o Senhor, teu Deus, tu que foste educada no Santíssimo, recebeste o alimento diário da mão do anjo e ouviste sempre seus cânticos de louvor, brincaste e dançaste diante de Deus! Fala, por que nos fizeste isso?"

Chorando copiosamente, Maria repetiu: "Juro diante de Deus que sou pura e nunca conheci um homem; pergunta a José, o escolhido de Deus!" E José jurou que ele era inocente perante ela, o sacerdote e Deus. Eis que aquele replicou: "Não dês falso testemunho, mas fala a verdade perante Deus. Afirmo-te que te apossaste da virgem, não informando o Templo a respeito, tampouco curvaste a cabeça sob a Mão do eternamente Poderoso a fim de que abençoasse tua prole! Fala a verdade!"

José se calou diante de tamanha injustiça, de sorte que o sacerdote prosseguiu: "Devolve-nos a virgem que foi tão pura como o sol nascente na manhã mais radiante!"

Debulhando-se em lágrimas, José exclamou: "Senhor, Deus de Abraham, Isaac e Jacob, que fiz eu, pobre ancião, de mal para que me castigues tão impiedosamente? Tira-me do mundo; é duro demais suportar esse vexame perante todos, quando fui sempre um justo perante Ti.

Puniste o meu pai David por ter pecado contra Urias. Eu, jamais prejudiquei um animal, muito menos a um ser humano, segui a Lei com rigor. Por que me castigas? Demonstra-me o meu pecado que estarei pronto a suportar o castigo do fogo. Se, todavia, ficar comprovado o meu erro, seja amaldiçoada a hora em que nasci!"

Irritado com as palavras de José, o sumo-sacerdote reagiu dizendo: "Se contestas dessa forma tua culpa perante Deus, farei com que ambos tomem a água maldita, de Deus, o Senhor, e todos os vossos pecados ficarão esclarecidos perante o povo!"

Assim, José e Maria foram forçados a beber a água maldita e em seguida tiveram que se afastar para determinada cadeia de montanhas perto de Jerusalém. Passados três dias, os dois se apresentaram no Templo e todos se admiraram da inocência deles, inclusive o sumo-sacerdote que disse: "Se Deus não quis revelar vosso pecado, também não vos julgarei e declaro-vos isentos de culpa. A virgem, encontrando-se grávida, terá que se tornar tua esposa como penitência, e jamais terá outro marido ainda que enviuvasse jovem. Assim seja." Deste modo voltou José à casa com Maria, muito feliz e louvando a Deus por ela ser sua esposa legítima.

12. O Recenseamento

Durante dois meses José passou satisfeito, trabalhando pelo sustento de Maria. Aproximando-se o fim da gestação, teve ele motivo para se preocupar. Fora publicada uma ordem do Imperador Augusto determinando o recenseamento de todos os povos, a fixação dos impostos e o recrutamento.

Os nazarenos não estavam isentos dessa lei, e José se viu obrigado a seguir para Bethlehem, a cidade de David, onde se encontrava a comissão romana. Diante dessa convocação, ele disse de si para si: "Meu Deus, que golpe duro, precisamente na época em que Maria está na iminência de dar à luz! Quanto aos filhos, não resta dúvida que devo fazê-los se

inscreverem para o serviço militar. Mas que farei com Maria?

Sozinha, em casa, ela não pode ficar. Durante a viagem, não saberei agir quando precisar de ajuda. Ainda que cheguemos até Bethlehem, – como irei registrá-la? Como minha esposa? Acontece que somente o sumo-sacerdote e eu sabemos do caso; eu, contando mais de setenta anos e Maria não tendo completado os quinze, entretanto se achando grávida, – que dirão os israelitas, eu declarando ser ela minha esposa? Como filha, não posso registrá-la, sabendo-se que não o é. Já sei o que fazer: aguardarei o Dia do Senhor, e o que Ele determinar, será o melhor! Amém."

13. Feliz Partida para Bethlehem

No mesmo dia, um velho amigo de Nazareth visitou José e lhe disse: "Irmão, é deste modo que o Senhor conduz o Seu povo por cima de desertos e estepes; e os que O seguem, chegarão à meta justa. Tivemos que sofrer no Egito, choramos sob as correntes de Babel, entretanto o Senhor nos libertou. Agora, os romanos nos enviaram suas águias, e isto é da Vontade do Senhor; temos que agir como Ele quer, pois sabe do motivo de tudo."

José percebeu o sentido daquelas palavras e disse aos filhos, após o amigo o ter deixado: "É da Vontade do Senhor que sigamos para Bethlehem. Joses, prepara o jumento para Maria usando a sela de encosto. Vós, Samuel, Simão e Jacó trazei no carrinho, frutos duráveis, pão, mel e queijo, o suficiente para duas semanas. Ignoramos o que nos espera, por isto apanhai igualmente fraldas e ataduras."

Os filhos obedeceram; em seguida, José e toda a família caíram de joelhos pedindo a bênção de Deus. Após essa prece de louvor, uma voz se fez ouvir como vinda de fora de casa, dizendo: "José, filho fiel de David, que fora um homem como Deus quis! Quando David enfrentou a luta contra o gigante, um anjo de Deus estava com ele, e teu pai se tornou vitorioso.

Contigo, está Quem sempre existiu, Criador de Céu e Terra, mandou quarenta dias de chuva no tempo de Noé, afogando deste modo as criaturas que O desprezaram, que deu Isaac a Abraham, conduziu o teu povo fora do Egito e falou assustadoramente a Moysés no Monte Sinai. **Este**, está agora fisicamente em tua casa, e também irá contigo até Bethlehem; por isso, não tenhas medo. Ele não permitirá que alguém te toque a ponta de um cabelo."

Ouvindo tais palavras, José se sentiu mui feliz, agradeceu a Deus e iniciou a viagem. Sentou Maria no jumento, o mais confortável possível, segurando as rédeas na mão. Atrás deles seguiram os filhos com o carro lotado de mantimentos. Após certo tempo, José passou as rédeas ao filho mais velho, caminhando ao lado de Maria que às vezes sentia dificuldade de se manter na sela.

14. Maria Se Recolhe em Uma Gruta

Deste modo, a tão piedosa família alcançou um lugar seis horas distante de Bethlehem, onde resolveu descansar ao ar livre. Percebendo que Maria estava sofrendo, José perguntou a si mesmo: "Que é que ela tem? Suas feições traduzem sofrimento e os olhos estão marejados de lágrimas. Teria chegado a sua hora?"

Observando-a de novo, ele a viu sorrindo e lhe perguntou a razão disso. Ela respondeu: "Vejo diante de mim, dois povos, um chorando, e me vi obrigada a chorar com ele. O outro caminhava diante de mim, rindo e fiquei alegre e feliz, participando de sua felicidade. Eis tudo que fez surgir de meu rosto, dor e felicidade."

Ouvindo isso, José se acalmou sabendo que ela, às vezes, tinha visões; por isso mandou prosseguir viagem. Ao chegarem às proximidades de Bethlehem, Maria subitamente disse a José: "José, manda parar, pois sinto-me muito mal!" José se assustou sobremaneira, vendo que chegara o que mais temia, e ordenou que todos parassem.

Maria falou de novo para José: “Tira-me do animal, não suporto mais a viagem!” José retrucou: “Ó meu Deus! Vês que aqui não há albergue; para onde poderei levar-te?”

Ela respondeu: “Ali, dentro da montanha se encontra uma gruta. Deve ser a uns cem passos daqui. Leva-me para lá, não me é possível ir mais além!” Tomando a direção indicada, José regozijou-se ao achar alguns molhos de feno e palha na caverna, que servia de estábulo de emergência aos pastores. Num instante arrumou-se um simples leito.

15. Fatos Milagrosos Ocorridos a José

Uma vez acomodada, Maria sentiu alívio. José recomendou-a aos filhos Joel e Joses, dizendo ao primeiro: “Especialmente tu, Joel, podes ajudar com os conhecimentos adquiridos dos meus amigos em Nazareth; os outros poderão cuidar do boi e do jumento. O carrinho cabe também no fundo da caverna espaçosa.”

E para Maria ele disse: “Apressar-me-ei por encontrar uma parteira na cidade, a fim de assistir-te.” Em seguida saiu da gruta. Foi anoitecendo e as estrelas já se destacavam no firmamento. O que José viu ao deixar a gruta, será descrito com suas próprias palavras após voltar com a parteira, quando Maria já dera à luz.

“Meus filhos”, disse ele, “coisas grandiosas estão para acontecer; tenho uma fraca idéia do sentido das palavras que ouvi antes de partir. Mas, se Deus não estivesse, ainda que invisivelmente, entre nós, não poderiam acontecer fatos como eu os vi.

Andava, mas me parecia que estacionava. A Lua cheia e as estrelas não mudavam de posição, via centenas de passarinhos sentados nas árvores, as cabecinhas voltadas para a caverna, tremendo como antes de um terremoto sem se levantar dos ramos nem por gritos ou pedras atiradas.

Percebi alguns lavradores em redor de sua refeição sem poderem tirá-la da terrina, e outros com um pedaço de pão que não podiam levar

à boca, e os olhos de todos estavam dirigidos para o Céu. As ovelhas não davam um passo à frente e um pastor que nelas quis bater, teve a mão paralisada em meio ao movimento. Vi cabras com o focinho na água, igualmente paralisadas e a água de um riacho vindo das alturas, parada, não mais correndo para a planície.

Finalmente vi algo se movimentar. Era uma mulher caminhando na minha direção e quando estava perto, perguntou-me: "Onde vais a esta hora?" Respondi: "Estou à procura de uma parteira, pois na caverna está alguém prestes a dar à luz." Prosseguiu ela: "É de Israel?" Expliquei: "Sim, somos de Israel, David é nosso pai."

A mulher insistiu: "Quem está para dar à luz, é tua mulher, uma parenta ou serva?" Respondi: "Há pouco, ela se tornou minha mulher perante o sumo-sacerdote. Quando concebeu, ainda não o era, mas apenas confiada a mim pelo Templo, segundo o testemunho de Deus, porquanto obtivera sua educação no Templo. Não te aborreças com a gravidez dela, a criança foi concebida milagrosamente pelo Espírito Santo." A mulher se espantou e disse: "Fala a verdade, homem!" E respondi: "Vem convencer-te com teus próprios olhos."

16. Visão e Profecia da Parteira

A mulher concordou a acompanhar José; quando se aproximaram da gruta, esta foi coberta por densa nuvem de sorte que não encontraram a entrada. Admirada com este fenômeno, a parteira disse: "Coisas grandiosas sucederam à minha alma. Hoje de manhã tive uma visão maravilhosa na qual vi tudo o que ora acontece. És o mesmo homem que deparei na visão.

Antes disso, vi tudo parado em meio do movimento e também observava essa nuvem cobrindo a caverna, e nós dois conversávamos como acontece neste instante. E outros fenômenos vi na caverna, quando minha irmã Salomé me seguiu, a quem havia relatado a visão. Por isso afir-

mo perante ti e Deus, que um Salvador veio do Alto para Israel, na hora de nossa grande atribulação."

Ditas essas palavras, a nuvem desapareceu e uma luz tão forte irradiou-se da caverna que os olhos de ambos não a suportavam e a parteira observou: "É tudo verdade o que vi na minha visão. Ó homem feliz, aqui existe mais que Abraham, Isaac e Jacob, Moysés e Elias!" Após esse pronunciamento, a luz gradativamente diminuiu e se viu a Criancinha tomando pela primeira vez, o peito da mãe.

Acompanhando José, a parteira viu tudo confirmado e disse: "É Ele o Salvador do Qual falavam todos os profetas, que é livre desde o ventre materno, significando que nos libertará das algemas das leis. Porventura já se viu um recém-nascido procurar imediatamente o seio materno? Segundo me parece, essa Criança irá um dia julgar o mundo com amor, não dentro das leis. Tudo está na melhor ordem, feliz marido dessa virgem; deixa-me sair, pois não me sinto bastante pura para suportar a Santa Presença de meu e teu Deus e Senhor."

José se assustou com palavras tão profundas; ela, no entanto, já havia deixado a gruta. Lá fora encontrou sua irmã Salomé que a seguira por causa da visão e lhe disse: "Salomé, vem ver a confirmação da minha visão desta manhã. A virgem deu à luz dentro da verdade, fato inconcebível à natureza e sabedoria humana." Mas Salomé retrucou: "Não posso acreditar antes de examiná-la com minhas próprias mãos."

17. Castigo e Arrependimento de Salomé

Após ter entrado na caverna, Salomé disse a Maria: "A luta dentro de minha alma não é pequena; rogo te prepares para que minha hábil mão examine tua virgindade." E Maria se prontificou para tanto. Mas quando Salomé tocou o corpo de Maria, ela deu gritos estridentes, exclamando: "Ai de mim! Por causa de minha grande falta de fé em Deus e por querer tentá-Lo, o Eternamente Vivo, a minha mão está se queimando no fogo

da Ira Divina!”

Caindo de joelhos diante da Criancinha, ela disse: “Ó Deus dos meus pais, Senhor Onipotente de todas as maravilhas, não esqueças que também sou do tronco de Abraham, Isaac e Jacob. Não permitas que seja eu motivo de sarcasmo perante os israelitas e restabelece a saúde de minhas mãos.” No mesmo instante, um anjo de Deus encontrava-se ao lado dela e disse: “Deus atendeu a tua prece. Aproxima-te da Criancinha, toma-A nos braços que receberás uma grande Graça.”

De joelhos, Salomé se aproximou de Maria, pedindo-lhe a Criancinha e Maria entregou-lhe o Pequenino, de boa vontade, dizendo: “Que Deus te perdoe e possas receber o que o anjo prometeu. O Senhor tem misericórdia para contigo.”

Ainda ajoelhada, Salomé segurou a Criança, dizendo: “Ó Deus, Senhor Onipotente de Israel, que reinas desde eternidades, em verdade aqui nasceu um Rei para Israel, Rei de todos os reis, que será mais poderoso que David, a quem Deus amava. Sê eternamente louvado por mim!” Após essas palavras Salomé se viu completamente curada e de coração contrito ela devolveu o Meninozinho a Maria e saiu da gruta, perdoada.

Lá fora ela quis proclamar em voz alta o que acontecera, e já começava a contar tudo à irmã, quando uma voz do Alto clamou: “Salomé, Salomé, não digas a ninguém que coisa extraordinária aconteceu contigo. Ainda não chegou o tempo em que o Senhor dará testemunho de Si Mesmo, por meio de palavras e ações!” E Salomé se calou. Quando José chegou para convidá-la e a irmã a entrarem de novo, a fim de melhor guardar todo segredo, elas obedeceram de coração humilde.

18. Adoração dos Pastores

Quando todos estavam reunidos na gruta, os filhos de José pediram licença para dormir, pois estavam bastante cansados da longa viagem. José respondeu: “Vede que Graça infinita do Alto chegou até nós; por isso vigiai

e louvai a Deus comigo. Fostes testemunhas do que aconteceu à Salomé que se demonstrou descrente. Ide para perto de Maria e tocai a Criancinha, talvez vos sentireis fortalecidos como após um sono prolongado."

Os filhos seguiram o conselho, e o Recém-nascido lhes sorriu estendendo as mãozinhas como se reconhecesse Seus irmãos. Todos estranharam dizendo: "Essa criança não é comum. Onde já se viu que alguém fosse saudado tão amavelmente por um recém-nascido? Além disso, fomos realmente tão fortalecidos em todo corpo como após uma noite bem dormida."

José acrescentou: "Vedes como foi justo o meu conselho; mas agora começo a sentir frio; trazei para bem perto, o boi e o jumento que poderão se deitar ao nosso redor fazendo com que o ar esquente pelo calor animal. Vamos igualmente nos aproximar do leito de Maria." Os animais se deitaram perto de Maria, exalando o seu hálito na direção dela e do pequeno Jesus, produzindo algum calor para ambos.

A parteira comentou: "Em verdade, não pode ser algo sem importância perante Deus a Quem até mesmo os irracionais servem como se tivessem inteligência."

Disse Salomé: "Minha irmã, parece-me que esses animais estão vendo mais do que nós. Enquanto ao ser humano falta a coragem de formular um pensamento, eles estão em adoração diante Daquele Que os criou! Crê-me, é o Messias prometido que está em nossa frente! Não nos consta que até mesmo o nascimento de um grande profeta tivesse sido acompanhado de tais sinais."

E Maria disse a Salomé: "Agraciada és tu perante Deus, o Senhor, pois percebes o que faz até a minha alma estremecer. Mas guarda silêncio, como te disse o anjo do Senhor, do contrário poderias causar um futuro amargo para nós." Salomé jurou silenciar a vida inteira e a parteira, sua irmã, seguiu-a no mesmo juramento. Assim se fez silêncio dentro da gruta.

Uma hora antes do surgir do Sol, coros possantes se fizeram ouvir diante da gruta, louvando a Deus, e José mandou o filho mais velho, Joel, verificar quem estava fazendo isso em voz tão forte. Quando Joel se dirigiu para fora, viu o Céu inteiro coberto de miríades de anjos luminosos.

Incontinenti, contou aos outros o fenômeno, e todos, espantados, saíram e se certificaram do mesmo. Em seguida voltaram para junto de Maria, a fim de darem testemunho também a ela.

José então disse: "Ó virgem mais pura do Senhor, o fruto de teu ventre foi gerado realmente pelo Espírito Santo de Deus, pois todos os Céus disto dão testemunho! Mas que nos acontecerá quando o mundo souber o que se passou aqui? Vi igualmente os pastores olharem para o Alto e unirem suas vozes aos coros dos anjos, cantando com eles as mesmas palavras: Ó Céus, espargi vosso orvalho sobre os justos! Paz na Terra entre os homens de boa vontade e Glória a Deus nas alturas, a Ele que vem em Nome do Senhor!

Vê, Maria, isso é assistido pelo mundo inteiro; Ele chegará até aqui para nos perseguir e teremos de fugir. Sou de opinião de, tão logo me tiver registrado, sairmos daqui, voltando para Nazareth de onde podemos seguir para a Grécia. Que pensas disto, Maria?"

Respondeu ela: "Sabes que hoje não posso sair daqui; entreguemos tudo ao Senhor que nos guiou e sempre nos deu Sua Proteção e o fará no futuro. Caso Ele quiser que o mundo nos descubra, qual seria o lugar que os Seus Céus não descobrissem? Que a Vontade Dele Se faça e tudo sairá bem. No meu peito repousa Ele, por cuja Causa tudo isso se deu; Ele ficará conosco e também a Glória do Senhor não nos abandonará, ainda que fugíssemos para lugar qualquer."

Nem bem Maria terminou essa frase, dois anjos estavam à frente da caverna, guiando um grupo de pastores e os informando que ali acabara de nascer Aquele que fora objeto dos cânticos de louvor dos anjos. E os pastores entraram e caíram de joelhos adorando o Menino Jesus, acompanhados por grupos de anjos.

José e os filhos olharam com surpresa para Maria e a Criancinha, e ele disse: "Ó Deus, que significa isso? Tu Mesmo encarnaste nessa criança? Mas se não fosse assim, como poderia ela ser adorada até mesmo pelos Teus anjos? Mas se Tu, ó Senhor, aqui Te encontras, que acontecerá com o Templo e o Santíssimo?"

Eis que um anjo se aproximou de José, dizendo: "Não perguntes

nem te preocupes, por que o Senhor escolheu a Terra como cenário de Sua Misericórdia e visitou o Seu Povo como predisse pela boca de Seus filhos, servos e profetas. O que sucede diante de teus olhos é da Vontade Dele que é Santo, sumamente Santo!"

O anjo se afastou para adorar a Criancinha que agora estava sorrindo, de braços abertos, para todos os que a adoravam. Mas quando o Sol se levantou, os anjos desapareceram, enquanto os pastores perguntavam a José como tais coisas sucederam.

Ele retrucou: "Assim como maravilhosamente brota a erva na terra, aconteceu esse milagre. Quem sabe como cresce a erva? Tampouco sei eu vos contar acerca desse milagre. Deus assim o quis, – é tudo que posso vos informar."

19. Encontro de José e Cornelius

Os pastores se contentaram com essa informação, nada mais perguntando a José, todavia foram buscar diversos alimentos, para oferecê-los a Maria. Quando o Sol já iluminava a Terra durante uma hora, José perguntou à parteira: "Ignoro o local do recenseamento que me preocupa bastante e desejo nada mais do que liquidar esse assunto. Deixa Salomé em companhia de Maria, enquanto me levas com os meus filhos ao capitão romano que dirige o recenseamento. Talvez nos atenda sem demora, caso formos os primeiros a chegar."

Respondeu a parteira: "Deves saber que o capitão Cornelius reside em minha casa, uma das melhores da cidade, e onde ele tem o seu quartel. Irei informá-lo de tudo com exceção do milagre. É pagão, porém homem bom e justo e espero que tudo seja solucionado."

Essa proposta agradou bastante a José, pois tinha grande temor dos romanos, especialmente do recenseamento, portanto pediu à parteira de agir conforme havia combinado. Ela encontrou Cornelius ainda deitado e contou-lhe o necessário. O capitão levantou-se imediatamente, vestiu a

toga dizendo: “Se bem que acredite em tuas palavras quero acompanhar-te, pois sinto forte desejo para tanto; não deve ser longe daqui e estarei de volta à mesa de trabalho, em tempo. Vamos!”

Satisfeita, a parteira conduziu o jovem e sincero romano até à caverna, onde ele confessou: “Sem dificuldades visito o meu Imperador em Roma, entretanto me é difícil entrar nessa gruta. Isso significa coisa toda especial. Dize-me se sabes a razão disto, pois és judia sincera.”

Ela replicou: “Espera um instante que terás a solução.” Sem demora ela avisou a José que o capitão se encontrava diante da caverna, faltando-lhe porém coragem para entrar, fato para o qual não era capaz de descobrir a razão.

Ao ouvir isso, José se comoveu e disse: “Ó Deus, como és bom em transformar em bênção o que eu temia mais do que tudo! Por isso sejas honrado e louvado!” Em seguida ele saiu da caverna, caiu de joelhos perante Cornelius exclamando: “Digno representante do grande Imperador, tem misericórdia com um pobre velho. Minha jovem esposa, entregue pelo Templo por meio de sorteio, deu à luz uma criança, nesta noite. Cheguei ontem, por isso não me apresentei antes.”

Cornelius, erguendo José, retrucou: “Não te preocupes, está tudo em boa ordem. Mas deixa-me entrar e ver como estás acomodado.” José levou o capitão à caverna; mas quando o mesmo viu a Criancinha lhe dar um sorriso, ele se espantou e disse: “Meu Zeus, isto é raro! Sinto-me como renascido, nunca experimentei tamanha serenidade e contentamento. Hoje será feriado e ficarei aqui como hóspede teu.”

20. Suspeita de Cornelius Diante do Menino Jesus

Sumamente satisfeito, José disse: “Honrado representante do Imperador, que posso eu, homem pobre, oferecer-te em troca de tua grande amizade? Como te receberei condignamente nessa gruta úmida? Dentro desse carro se encontra tudo que possuo, parte trazida de Nazareth, parte

como presente dos pastores da vizinhança. Caso possas aceitar um desses alimentos, cada bocado te seja abençoado mil vezes.”

Retrucou Cornelius: “Homem bondoso, não te preocupes por minha causa. Aqui se encontra minha dona de casa, que tomará conta da refeição pelo preço de uma bela moeda decorada com a efígie do Imperador.” Em seguida ele entregou a moeda de ouro à parteira para tratar de um bom almoço e melhor acomodação para a parturiente.

José, porém, interveio: “Bom amigo, rogo-te não fazeres despesas por nossa causa; temos tudo para os poucos dias que passaremos aqui, Graças ao Senhor, o Deus de Israel.”

Disse Cornelius: “Bom é bom, melhor é melhor; deixa-me sacrificar também a teu deus, pois dou honra aos deuses de todos os povos. Quero, portanto, honrar também ao teu, porque simpatizo com ele após ter visto o Templo em Jerusalém. Deve ser um deus de grande sabedoria, pois vos ensinou uma arte tão importante.”

José, então, acrescentou: “Ah, se me fosse possível convencer-te da Natureza Única e Exclusiva de nosso Deus, com que prazer o faria para o teu maior e eterno benefício. Mas sou apenas homem fraco e incapaz disso; procura ler os nossos livros, pois conheces tão bem a nossa língua e encontrarás coisas que te surpreenderão enormemente.”

Replicou o romano: “O que me aconselhaste tão amavelmente, eu já fiz, e de fato encontrei coisas maravilhosas. Entre outras, uma profecia na qual foi prometido aos Judeus um novo rei eterno. Dize-me se sabes pela explicação dessa profecia, quando e de onde virá esse rei.”

Nessa altura José se embaraçou e respondeu após certo tempo: “Ele virá dos Céus como Filho do eterno Deus Vivo. O Seu Reino não será deste mundo, mas do mundo do Espírito e da Verdade.”

Retrucou Cornelius: “Bem, te entendi. Mas li que este rei iria nascer em um estábulo perto desta cidade, de uma virgem. Como isso se explica?”

Disse José: “Tens boa intuição; mas não posso dizer-te outra coisa do que: Vai ver a jovem com o Recém-nascido, lá acharás o que procuras.” Cornelius se aproximou, observando a virgem e a Criancinha, de olhos atentos, para descobrir o futuro rei dos judeus. Por isso perguntou

a Maria de que maneira ela, tão jovem, se tornara grávida.

Maria retrucou: “Tão certo como é Vivo o meu Deus, eu jamais conheci um homem. Há quase um ano atrás aconteceu que um mensageiro de Deus me visitou, informando em poucas palavras que eu deveria ficar grávida do Espírito de Deus. E assim se deu. E eis à tua frente, o Fruto da promessa milagrosa. Deus é minha testemunha que tudo isso aconteceu.”

Virando-se para as duas irmãs, Cornelius disse: “Que alegais a essa história? Será astúcia desse velho, um bom pretexto diante de um povo cego e crédulo para evitar o castigo legal nessas ocasiões? Sei que em tais casos, os judeus aplicam a pena de morte. Se for, realmente, verdade, será aplicada a lei do Imperador para abafar, no início, qualquer rebelião. Dizei a verdade, que sei o que pensar desta família estranha.”

Respondeu Salomé: “Cornelius, não tomes qualquer medida legal com essa família tão pobre e ao mesmo tempo, infinitamente rica. Podes crer-me, pois garanto com a minha cabeça por essa verdade: Obedecem a essa família, todas as forças dos Céus como te obedece teu próprio braço, e disto me convenci pessoalmente.”

Ainda mais espantado, Cornelius perguntou: “Obedecem-lhe inclusive o poder de Roma, os heróis romanos, suas armas e sua força invencível? Oh, Salomé, sabes o que dizes...?”

Ela confirmou: “É como disseste. Estou convencida disso; caso não possas acreditar, observa o Sol. Há quatro horas ilumina a Terra, entretanto está parado no Oeste sem coragem de seguir.

Cornelius saiu, fitou o Sol e entrou de novo, exclamando admirado: “Realmente, tens razão; se esse fato tiver relação com essa família, até mesmo o deus Apollo lhe obedece. Por conseguinte aqui deve se encontrar Zeus, o mais poderoso dos deuses. Parece repetir-se o tempo de Deukalion e Pyrrha. Mas se esse é o caso, certamente terei de comunicar este fato a Roma.”

Ditas essas palavras, apareceram dois anjos com fisionomias brilhantes qual Sol e as vestimentas, como raios, e disseram: “Cornelius, mantém silêncio de tudo que viste, do contrário hoje mesmo, tu e Roma perecerão.”

Grande pavor apossou-se de Cornelius que disse a José, após os dois

anjos desaparecerem: “Aqui se encontra infinitamente mais que um futuro rei dos judeus. Aqui está a Quem obedecem todos os Céus e todos os infernos! Por isso deixa-me partir, não mereço encontrar-me tão perto de Deus.”

21. Acerca do Livre Arbítrio do Homem

José, sumamente espantado com a exclamação de Cornelius, disse: “Eu mesmo não poderia positivar a grandiosidade desse milagre. Mas podes crer que motivos profundos se ocultam nele, porquanto não se movimentariam todos os poderes dos Céus eternos de Deus, por causas banais. Mesmo assim, todo ser humano dispõe de livre e espontânea vontade podendo fazer o que lhe convém. Isso, deduzo do mandamento que acabas de receber dos dois anjos de Deus. Seria fácil para o Senhor conter a nossa vontade por meio de Sua Onipotência, assim como Ele prende a vontade dos irracionais, e seríamos forçados a agir segundo Sua Determinação.

Mas Ele dá um mandamento livre, do qual podemos deduzir a Sua Santa Vontade. Também tu, não estás preso em partícula alguma de tua vida e podes fazer o que quiseres. Desejando ser hoje o meu hóspede, podes ficar; caso não o queiras ou não tenhas coragem para tanto, também és livre. Todavia te recomendo a ficares, meu amigo, pois não há lugar no mundo inteiro onde pudesses estar mais amparado do que aqui, na proteção visível de todos os poderes celestes.”

Respondeu Cornelius: “Teu conselho é bom e ficarei até amanhã. Apenas me ausentarei com minha anfitriã, para providenciar que todos vós estejais acomodados melhor, dentro da caverna.”

Disse José: “Faze o que quiseres, que Deus há de te recompensar um dia!” Assim, o capitão foi à cidade com a parteira e de saída fez anunciar em todas as ruas, um dia de feriado; em seguida chamou trinta soldados, fornecendo-lhes roupa de cama, tendas e lenha, mandando transportar tudo para a caverna. A parteira levou alimentos e bebidas e deu ordem

para aumentar a encomenda.

Chegando à caverna, o capitão mandou erigir três tendas; uma confortável para Maria, outra, para si, José e os filhos, e uma terceira para a parteira e sua irmã. Na tenda de Maria, ele mandou preparar uma cama macia e instalar outras comodidades. Do mesmo modo, as outras foram bem organizadas, e os soldados providenciaram rapidamente um fogão, onde ele pessoalmente deitou a lenha que, uma vez acesa, esquentava a gruta, bastante fria nessa época do ano.

22. O Novo e Eterno Sol Espiritual

Assim, Cornelius cuidou da piedosa família, em cuja companhia ficou até a noite. À tarde voltaram também os pastores, para adorar a Criancinha e oferecer-Lhe toda sorte de oferendas. Percebendo as tendas e o capitão romano, queriam fugir, pois havia alguns infratores à inscrição que temiam o castigo.

Cornelius aproximou-se deles dizendo: “Não tenhais medo, pois não vos castigarei; no entanto deveis compreender que a ordem do Imperador tem que ser cumprida. Voltarei amanhã e vos registrarei com a máxima boa vontade.”

Vendo que o capitão era homem acessível, deixaram-se inscrever no dia seguinte. Isto feito, Cornelius perguntou a José, se o Sol não sairia mais do Levante, e ele retrucou: “Este Sol, que hoje Se levantou para o mundo, jamais! Ao passo que o Sol natural segue seu caminho habitual, segundo a Vontade de Deus e se porá dentro de algumas horas.”

O sentido de tal afirmação profética de José, ele mesmo não entendia. O romano, porém, insistia: “Que disseste? Não entendi o sentido de tuas palavras, fala de maneira mais compreensível.”

E José respondeu: “Tempo virá em que te esquentarás nos santos raios Desse Sol e te banharás nos eflúvios de Seu Espírito. Nada mais te posso dizer, pois não entendo perfeitamente o que te disse. O tempo te

explicará tudo dentro da Verdade eterna, quando eu não mais existir."

O capitão desistiu de fazer perguntas e conservou aquelas palavras no fundo de sua alma. No dia seguinte, cumprimentou toda a família, prometendo dela cuidar durante a permanência na gruta, conservando-a em seu coração, a vida inteira. Em seguida, voltou para seus afazeres, deixando uma moeda nas mãos da parteira para despesas prementes.

Após a saída do capitão, José disse para os filhos: "Como é possível um pagão ser melhor que muitos dos judeus? Talvez se aplicam aqui as palavras de Isaías: Vede, Meus servos hão de rejubilar-se; vós, haveis de gritar de dor e chorar de desespero." E os filhos confirmaram: "Sim, pai, este texto se aplica neste momento."

23. Orientação do Anjo e Sonho de Maria

Assim, José passou mais seis dias na gruta e diariamente recebia a visita de Cornelius, empenhado que nada faltasse à família. No sexto dia, de manhã, um anjo aproximou-se de José e disse: "Procura um casal de rolinhas e vai para Jerusalém no oitavo dia. Maria deve sacrificá-lo, conforme manda a Lei, e a Criança deve ser circuncidada, para receber o nome que foi indicado a ti e a Maria. Após a circuncisão deves voltar aqui e ficar até que eu indique quando e para onde deveis seguir. Tu, José, te prepararás para sair antes do tempo; todavia afirmo que não te afastarás um segundo antes da Vontade Daquele que está contigo na gruta."

O anjo desapareceu e José relatou tudo a Maria que disse: "Sou a serva do Senhor, e a Vontade Dele seja feita conforme Suas palavras. Essa noite tive um sonho no qual sucedeu tudo o que me relataste agora; por isso arranja o casal de pombas que irei contigo à cidade do Senhor, com toda confiança."

Pouco tempo após essa aparição, o capitão entrou para a visita matinal e José lhe revelou o motivo da ida para Jerusalém, no oitavo dia. O romano lhe ofereceu todas as facilidades e quis mandar acompanhá-lo à

metrópole. José agradeceu por tanta gentileza e disse: "É da Vontade de meu Deus e Senhor que vá para Jerusalém da mesma maneira que aqui cheguei. E assim farei, para não ser castigado pelo Senhor, em virtude de minha desobediência. Querendo me ajudar, providencia duas pombinhas, para serem oferecidas no Templo, e conserva esse abrigo para mim. No nono dia voltaremos para ficar o tempo que o Senhor desejar."

Cornelius, de boa vontade, trouxe pessoalmente um pombal novo cheio de rolinhas, das quais José escolheu as duas mais belas. Em seguida, o capitão voltou para o seu trabalho e somente à noite foi buscar o pombal. No oitavo dia, após a partida de José, Cornelius pôs uma guarda diante da gruta que não permitiu entrada ou saída de quem quer que fosse, com exceção dos dois filhos mais velhos e Salomé que cuidava da alimentação de ambos, pois a parteira acompanhara a família.

24. Circuncisão do Menino Jesus e Sua Apresentação no Templo

No oitavo dia, à tarde (pelo nosso cálculo atual, às 15 horas) a Criancinha foi circuncidada no Templo e recebeu o nome de Jesus, como foi determinado pelo anjo, antes de ser concebida. Considerando o tempo necessário para a purificação, conquanto pudesse ser comprovada a virgindade de Maria, ela se submeteu a esse ritual, no Templo.

Pouco tempo após a circuncisão, Maria levou o Menino para o Templo, com José, a fim de apresentá-Lo a Deus, segundo a Lei de Moysés, porquanto consta: Todo primogênito deve ser apresentado ao Senhor e por isso sacrifica-se um par de rolas ou um casal de pombos. E Maria sacrificou duas pombas-rola deitando-as na mesa dos sacrifícios e o sacerdote as aceitou e deu a bênção a Maria.

Havia naquele tempo, em Jerusalém, um homem de nome Simeão, extremamente piedoso e temente a Deus, à espera da consolação de Israel, pois sentia o Espírito de Deus dentro de si. A esse homem, o Espírito

do Senhor havia dito: "Não morrerás antes de teres visto Jesus, o Ungido do Senhor, o Messias do mundo!"

Por isso, uma intuição lhe fez ir ao Templo, onde ainda José e Maria se encontravam com a Criancinha, fazendo o que estipula a Lei. Vendo o Pequenino, ele se aproximou dos pais e pediu permitissem tomá-Lo nos braços por um momento. Os piedosos pais concederam este pedido de todo coração a esse velho sumamente crente, a quem já conheciam bem. Simeão tomou a Criancinha nos braços, e beijando-A e louvando a Deus de todo coração, disse: "Agora, Senhor, deixa Teu servo seguir em paz, segundo a Tua Palavra; porque os meus olhos acabaram de ver o Salvador, o que prometeste aos anciãos e aos profetas! É Ele, a Quem preparaste diante de todos os povos! Uma Luz para iluminar os gentios, uma Luz para a glória do teu povo de Israel!"

José e Maria se admiraram das palavras de Simeão, pois ainda não haviam compreendido o que ele dissera da Criança. Eis que Simeão entregou o Menino a Maria, abençoou a ambos e disse: "Ele é destinado para a queda e ressurreição de muitos em Israel, e como prova contraditória! Uma espada transpassará a tua alma, Maria, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações." Conquanto não entendesse as palavras de Simeão, Maria guardou-as em seu coração. Assim também fez José, louvando a Deus e glorificando-O em silêncio.

25. Testemunho da Profetisa Ana, no Templo

Havia, nessa época, uma profetisa chamada Ana, no Templo, uma filha de Fanuel da tribo de Asser. Era de idade avançada e tão piedosa que, quando se comprometeu a um homem em sua mocidade, ela, por amor a Deus, conservou sua virgindade durante sete anos. Aos oitenta, tornou-se viúva e não tardou a entrar no Templo sem jamais sair do mesmo. Ali só serviu a Deus, o Senhor, orando e jejuando dia e noite por sua própria decisão.

Nessa ocasião, haviam passado quatro anos de sua permanência no Templo e então juntou-se ao grupo, louvou a Deus e se dirigiu a todos que aguardavam o Salvador, em Jerusalém. Em seguida passou o Meninozinho para Maria dizendo: "Feliz e cheia de Graça és tu, ó virgem, por seres a Mãe do meu Senhor! Nunca te deixes tentar pelo desejo de ser louvada por isso, porque somente Esse, que toma o teu peito, é digno de ser louvado e adorado por todos nós."

Em seguida retirou-se enquanto Maria e José deixavam o Templo, após terem passado três horas no mesmo, a fim de procurarem hospedagem em casa de um parente, que no entanto fora para Bethlehem para o recenseamento. José não soube como agir, pois já era noite como sempre nesta época do ano, e quase não havia casa aberta pelo especial motivo de ser ante-sábado. Estava frio demais para pernoitar ao ar livre, porquanto a geada cobria os campos e um vento frio soprava.

Enquanto José refletia pedindo ajuda ao Senhor, um jovem e distinto israelita se aproximou, indagando: "Que fazes a essa hora, na rua, com teus pertences? Não és igualmente israelita, no entanto pareces desconhecer os nossos costumes?"

Retrucou José: "Sou do tronco de David, e fui ao Templo para sacrificar a Deus. Todavia a noite nos colheu desprevenidos e agora não encontro hospedagem. Isto me inquieta bastante, em virtude de minha mulher e de seu filhinho."

Disse o jovem israelita a José: "Podes vir comigo que te darei acolhida até amanhã, por um centavo ou algo do mesmo valor." E José o seguiu com Maria, sentada no animal de carga, e com seus três filhos, até a luxuosa casa dele, onde se acomodaram em um cubículo primitivo.

26. Nicodemus Reconhece o Senhor

Quando na manhã seguinte, José se aprontava para a partida, o israelita se aproximou com a intenção de pedir o dinheiro da hospeda-

gem. Ao entrar no cubículo, ele se sentiu de tal modo atemorizado que não conseguiu pronunciar palavra. José, então adiantou-se dizendo: “Meu amigo, tira entre meus pertences o que encontrares no valor de um centavo, pois não possuo dinheiro.”

Eis que o israelita recobrou o ânimo, dizendo com voz trêmula: “Apenas agora te reconheço. És José, o carpinteiro a quem foi entregue Maria, a virgem do Senhor, por meio de um sorteio no Templo, há nove meses atrás. Aqui se encontra a mesma jovem. Mas de que maneira dela cuidaste, pois que agora, em seu décimo quinto ano, ela é mãe? Que aconteceu? Realmente não podes ser o pai! Homens de tua idade e com tamanho temor de Deus, conhecido em toda Israel, não cometem tais ações. Todavia tens filhos adultos; podes responsabilizar-te pela inocência deles? Nunca os perdeste de vista, observando todos os pensamentos, ocupações e atitudes?”

Retrucou José: “Agora também te reconheço, és Nicodemus, filho de Benjamin, do tronco Levi. Como podes me pedir explicações, quando não te cabe direito para tal? Foi ao Senhor que prestei contas, no Templo e no monte da maldição, e Ele me justificou diante do Supremo Conselho. Que culpa queres tu encontrar em mim e em meus filhos? Vai ao Templo e te informa junto ao Supremo Conselho que receberás um testemunho justo sobre toda a minha família.”

Essas palavras penetraram profundamente no coração do jovem rico que disse: “Se assim foi, dize-me como essa virgem deu à luz uma criança! Trata-se de um milagre ou existe explicação natural?”

Nessa altura a parteira presente se postou à frente de Nicodemus, dizendo: “Aqui tens o dinheiro para a hospedagem bastante primitiva! Não nos detenhas inutilmente, pois temos de chegar à Bethlehem, ainda hoje. Medita bem, Quem hoje Se hospedou em tua casa por um centavo. Afirmo-te que os teus mais esplêndidos aposentos, ornamentados de ouro e pedras preciosas, são pobres demais para o esplendor de Deus que hoje entrou neste cubículo, apenas conveniente para malfeitores! Procura tocar a Criança, a fim de que caia de teus olhos a venda densa e vejas Quem te visitou. Eu, como parteira, tenho o direito tradicional para transmitir

tal permissão.”

Nicodemus então tocou o Meninozinho e no mesmo instante a visão espiritual lhe foi concedida por uns momentos, vendo ele a Glória de Deus. Imediatamente caiu de joelhos, adorando-O e exclamou: “Que imensa Graça e Misericórdia devem existir em Ti, ó Senhor, que deste modo visitas o teu povo! Que acontecerá a mim e à minha família que menosprezamos a Glória de Deus?”

Disse a parteira: “Continua como foste, porém silencia sobre tudo que viste, do contrário cairás sob o julgamento divino.” Nicodemus devolveu o dinheiro, e saiu chorando. Posteriormente mandou ornamentar esse recinto modesto com ouro e pedrarias. José, porém, partiu imediatamente.

27. U’a Manjedoura como Berço para o Menino Jesus

À tarde, uma hora antes do pôr-do-Sol, os ilustres viajantes alcançaram Bethlehem e ocuparam a antiga caverna. Os dois filhos, Salomé e o capitão foram ao encontro deles de braços abertos, perguntando como fora a viagem. E José relatou tudo e finalmente confessou que eles todos estavam de jejum, pois as provisões diminutas não eram suficientes nem para Maria em seu estado de fraqueza. Ouvindo isso, o capitão se dirigiu para o fundo da caverna de onde trouxe muitos alimentos permitidos aos judeus e disse a José: “Que teu Deus abençoe isso; em seguida podes também abençoá-lo conforme teu hábito, para vos fortalecerdes.” E assim foi.

No decorrer do dia, a Criancinha se havia tornado pesada para Maria, que disse a José: “Se houvesse um lugarzinho perto de mim, para deitar o nosso Filhinho, dando um pequeno descanso aos meus braços, nada mais me faltaria e Ele também descansaria melhor.” Percebendo o desejo de Maria, o capitão correu para o fundo da caverna e sem demora providenciou uma pequena manjedoura, destinada para ovelhas.

Salomé apanhou imediatamente boa palha e feno fresco revestindo

a manjedoura; cobriu tudo com pano novo, preparando uma caminha macia para a Criancinha. Maria A enrolou em fraldas, apertou-A contra o peito e beijou-A. E todos fizeram o mesmo. Em seguida deitou o Pequenino nessa cama tão modesta para o Senhor de Céu e Terra. Ele dormiu tranqüilamente e Maria pôde se fortalecer com a refeição providenciada pelo tão bondoso capitão.

Após a refeição, Maria disse a José: "Manda preparar o meu leito, sinto-me muito cansada da viagem e quero repousar." Interveio Salomé: "Ó mãe do meu Senhor, isso tudo foi providenciado há muito, vem ver." Maria levantou-se, apanhou a Criancinha e mandou trazer também a pequena manjedoura para a tenda; finalmente deitou-se sendo essa a primeira noite que Maria dormiu após o nascimento do Filhinho. O capitão mandou aquecer pedras brancas, postas em torno da tenda, pois era uma noite bastante fria em que toda água ao ar livre tornou-se gelo.

28. Aproximação da Caravana Persa

Na manhã seguinte José observou: "Por que demorarmos aqui? Maria se fortaleceu e podemos partir para um alojamento normal." Enquanto se preparava para a partida, o capitão Cornelius, que tivera de resolver negócios na cidade, antes do amanhecer, apresentou-se dizendo a José: "Pelo que vejo, aprontas-te para a volta. Desaconselho-te fazê-lo hoje, amanhã e depois; acabo de receber notícias dos meus homens que voltaram de Jerusalém, dizendo que hoje cedo chegaram a Jerusalém, três caravanas persas. Os donos, três magos, pediram informações a Herodes acerca do recém-nascido rei dos judeus. Esse, tetrarca romano, nascido na Grécia, de nada sabia e dirigiu-se aos sacerdotes para lhe informarem onde o ungido estava para nascer. Eles esclareceram que isso aconteceria na Judéia, em Bethlehem, pois assim constava da Escritura.

Despedindo os sacerdotes, Herodes dirigiu-se com todos os seus servos para os três chefes transmitindo-lhes o resultado de suas pesquisas.

Além disso recomendou procurassem com todo zelo o ungido dos judeus e que voltassem à presença dele tão logo o tivessem descoberto, pois também desejava homenageá-lo.

Sabes, amigo José, eu não confiar nos persas, muito menos nesse Herodes extremamente ambicioso. Consta serem os persas magos que descobriram o nascimento por meio de uma extraordinária estrela. Não quero contestá-lo, pois aqui se deram milagres excepcionais, e a mesma coisa poderia ter-se dado na Pérsia.

A circunstância mais desagradável se prende a essa Criança. Caso os persas A encontrem, Herodes também A descobrirá e será difícil escapar-se das garras da velha raposa. Por isso deves permanecer, no mínimo, por três dias neste lugar afastado, enquanto farei uma boa manobra com os homens que procuram um rei. Comando doze legiões e é o bastante para te acalmar. Fica aqui, que voltarei ao meio-dia."

José e sua família, intimidados, aguardaram com toda resignação a Vontade Divina e qual o resultado desse fato peculiar. Procurando Maria, relatou-lhe o comentário do capitão.

Ela então afirmou: "Que a Vontade do Senhor seja feita. Já passamos por tantas amarguras e todas se transformaram em mel, pelo Senhor. Caso os persas nos procurem, por certo não nos prejudicarão, e se porventura tramarem algum ato de violência, dispomos da proteção do capitão, pela Graça do Senhor."

Disse José: "Maria, tudo isso está certo. Também eu não temo tanto os persas, mas sim esse Herodes de barba cinzenta, animal feroz em forma humana, – e o capitão também o teme. Se for comprovado que nosso Menino é o Rei Ungido, nada nos resta senão uma fuga indigna.

Em tal caso, até mesmo o nosso capitão será forçado, por considerações do Império, a tornar-se nosso inimigo e ao invés de nos salvar, nos perseguirá, do contrário será considerado rebelde com relação ao Imperador. No íntimo, ele reconhece isso, pois externou certas dúvidas com referência a Herodes. Eis a razão pela qual nos detém por mais três dias; se tudo correr bem, ele continuará nosso amigo. Se as coisas andarem mal, poderá nos entregar à crueldade de Herodes, e além disso receberá

uma condecoração do Imperador por ter exterminado de maneira fria e inteligente, um rei dos judeus que um dia poderia se tornar um perigo para o Império.”

Retrucou Maria: “José, não procures atemorizar a mim e a ti, em vão. Bebemos até mesmo a água maldita e nada aconteceu. Por que nos afligir quando já experimentamos e vimos tanta Glória Divina, em virtude dessa Criancinha?

Venha o que vier, o Senhor é mais poderoso que os persas, Herodes, o Imperador de Roma e o capitão com suas doze legiões. Sê calmo como me vês calma. De resto estou convencida que o capitão empregará todos os esforços antes de se tornar nosso inimigo pela força das circunstâncias.” Com essas palavras, o bom e piedoso José se acalmou, aguardando o capitão e mandando os filhos aquecerem a caverna e cozinhar alguns frutos para todos.

29. Sábio Testemunho dos Três Magos

Já era meio-dia, no entanto, o capitão atrasou-se. José o esperou ansiosamente contando os minutos sem que o romano aparecesse. Por isso José se dirigiu ao Senhor, dizendo: “Meu Deus e meu Senhor, peço-Te não permitas eu ter de me inquietar tanto, já sou velho e bastante fraco. Conforta-me por meio de um aviso sobre o que devo fazer, a fim de não ter de me envergonhar diante de todos os filhos de Israel.” Nem bem terminara sua oração, surgiu o capitão quase sem fôlego, dizendo: “Volto nesse instante após ter percorrido um terço da estrada de Jerusalém, com uma legião de soldados, a fim de descobrir algum vestígio dos persas. Fora disso coloquei espiões em vários lugares, mas até então sem resultado. Podes ficar tranqüilo, pois caso se aproximarem, terão que se encontrar com alguns dos meus guardas, e não será fácil atravessarem em qualquer ponto e chegarem até aqui, antes de serem ouvidos e julgados. Vou me ausentar de novo, para aumentar a guarda. Ao anoitecer estarei

de volta."

O capitão retirou-se e José louvou a Deus por essa ajuda. Em seguida disse aos filhos: "Servi a refeição e tu, Salomé, pergunta a Maria se deseja sentar-se à mesa ou se devemos trazer os pratos junto de seu leito."

Nesse instante, Maria deixava a tenda, com satisfação, tendo o Menino nos braços e disse: "Como me sinto bastante forte, farei companhia a todos, mas tereis de trazer a pequena manjedoura para o Filhinho." Isso causou muita alegria a José que escolheu os melhores bocados para ela, e todos louvaram a Deus, servindo-se com satisfação. Pouco antes do término da refeição, ouviu-se forte ruído diante da caverna. Quando Joel abriu a porta a mando de José, viu uma completa caravana de persas, com camelos de carga. Com voz trêmula, Joel disse: "Pai José, por amor de Deus, estamos perdidos! Os terríveis persas aqui estão com camelos e muitos servos. Estão armando suas tendas, acampando-se num círculo em redor de nossa caverna, e três chefes enfeitados de ouro, prata e pedras preciosas descarregam sacos dourados e parecem ter intenção de entrar aqui."

Essa notícia fez com que José quase perdesse a fala. Após grande esforço conseguiu dizer: "Senhor, tem pena de Teu servo pecador. Sim, estamos perdidos!" Maria, por sua vez, apanhou o Meninozinho e correu em direção de sua tenda, exclamando: "Só após a minha morte poderão tirá-Lo de mim!"

Entrementes José foi à porta, acompanhado dos filhos e observou a atividade dos persas. Vendo a grande caravana e as tendas armadas, o medo dele se redobrou suplicando a Deus salvá-lo apenas por essa vez. Enquanto rezava, Cornelius apareceu em sua indumentária guerreira, com cem soldados que tomaram lugar aos dois lados da caverna. Ele próprio aproximou-se dos persas perguntando por que motivo e de que maneira aí chegaram, sem serem vistos.

Os três responderam em uníssono: "Não nos tomes por inimigos; não possuímos armas de qualquer espécie, nem secretas. Como astrólogos persas conhecemos uma antiga profecia na qual consta que nesse tempo nasceria aos judeus, um Rei dos reis, e que uma estrela indicaria esse nascimento. E os que avistariam essa estrela, deveriam segui-la, pois

lhes indicaria o local do Salvador do mundo. Ei-la em cima desse estábulo, bem visível para todos, até mesmo na luz do dia. Foi nosso guia e conseqüentemente aqui se encontra a Maravilha das maravilhas, um recém-nascido, Rei de todos os reis, um Senhor dos soberanos, de eternidades em eternidades. Temos que vê-Lo e oferecer-Lhe a mais elevada veneração. Não nos detenhas, pois certamente não é má a estrela que nos guiou."

Fixando bem a estrela, o capitão muito estranhou. Primeiro, ela se encontrava muito baixa, segundo, sua luz era quase tão forte como a do Sol. Após ter verificado isso, ele disse aos chefes: "Convenci-me por meio da estrela e de vossas palavras que tendes boas intenções. Todavia não compreendo qual vossa intenção junto a Herodes, em Jerusalém. Foi igualmente a estrela que vos indicou aquele rumo? Por que vosso milagroso guia não vos conduziu diretamente para aqui, ponto de vosso destino? Dai-me resposta, do contrário não vos deixarei entrar na caverna."

Responderam eles: "Isso só o grande Deus pode saber, e deve fazer parte do plano Dele, pois ninguém de nós quis passar por Jerusalém, nem por seus arrabaldes. Podes crer que não simpatizamos com aquele povo, muito menos com Herodes. Uma vez que lá estávamos, tínhamos que demonstrar nossa intenção. Os sacerdotes nos transmitiram o recado do Tetrarca que nos pedia informação a respeito do Rei, a fim de que também ele pudesse homenageá-Lo."

Retrucou o capitão: "Nunca haveis de fazer tal coisa, pois conheço as intenções dele, e ficareis aqui como meus reféns. Entrementes irei discutir o assunto com o pai da Criança."

30. Identidade Espiritual dos Três Magos

Após essa cena, José sentiu-se aliviado. Sabendo que o capitão o procuraria, ele se preparou para recebê-lo e não demorou o romano entrar, dizendo: "Em virtude de um milagre, os orientais acabam de chegar. Examinei-os com rigor e não descobri qualquer má intenção. Desejam

apenas adorar a Criança segundo uma promessa do seu deus, e caso concordes, poderão entrar.”

Respondeu José: “Se assim é, louvarei meu Deus que me libertou de uma grande preocupação. Antes disto quero me certificar do estado de Maria que passou por forte susto quando os persas começaram a erguer tendas ao redor da caverna, a fim de que não se atemorize ainda mais com a visita dos forasteiros.” O capitão aprovou a consideração de José, e Maria, informada, disse: “Paz a todos que têm um coração repleto de boa vontade que se deixa conduzir por Deus. Que venham colher a bênção de sua dedicação! Não sinto o menor medo, mas convém ficares perto de mim, porque não seria aconselhável eu recebê-los, sozinha, na tenda.”

Disse José: “Maria, se tiveres forças suficientes, levanta-te e deita a Criancinha na manjedoura à tua frente, que os visitantes poderão honrá-La.” Maria cumpriu a vontade de José que disse ao capitão: “Estamos preparados dentro das nossas possibilidades humildes.”

Cornelius informou os três magos que caíram de joelhos, louvando a Deus por essa permissão; em seguida apanharam os sacos dourados e entraram, com toda humildade. A alguns passos da manjedoura, momento em que uma luz poderosa se irradiava da Criança, eles se prosternaram, adorando-A. Assim ficaram cerca de uma hora, e só depois ergueram lentamente as fisionomias inundadas de lágrimas, a fim de contemplar o Senhor, Criador do Infinito e da Eternidade.

Os nomes dos três magos eram: Gaspar, Melchior e Balthazar. O primeiro, na companhia do espírito de Adam, disse: “Louvai e honrai a Deus! Hosanah, Hosanah à Trindade, de Eternidades em Eternidades!” Apanhando o saco tecido de fio dourado que continha trinta e três libras do mais fino incenso, entregou-o a Maria dizendo: Aceita sem receio, ó Mãe, essa pequena prova daquilo que preencherá para sempre o meu ser. É um simples tributo externo que toda criatura racional deve ao Criador Onipotente, do fundo do seu coração e para todo sempre!”

Maria recebeu o saco pesado, passando-o para José, e o doador retirou-se para a porta, ficando ajoelhado ali, adorando o Senhor na Criancinha. Em seguida levantou-se o segundo, Melchior, um negro acom-

panhado do espírito de Caín, entregando a Maria um saco um pouco menor, mas de peso igual, cheio de ouro puro, e disse: “Eis uma pequena oferenda ao Rei dos espíritos e dos seres humanos na Terra, ao Senhor de todas as maravilhas! Aceita-a, ó Mãe, que deu à Luz Aquele que a língua de todos os anjos jamais será capaz de expressar!” Maria aceitou o segundo saco, passando-o às mãos de José, enquanto Melchior imitou o primeiro mago.

Então ergueu-se o terceiro, apanhou um saco de finíssima mirra, essência mui preciosa nessa época, e entregou-o a Maria dizendo: “O espírito de Abraham está comigo e agora assiste o Dia do Senhor que com tanta alegria ele esperava. Eu, Balthazar, ofereço nessa dádiva o que pertence à Criança de todas as crianças. Uma melhor guardo em meu peito, é o meu amor como dádiva eterna para Esta Criança.” Maria apanhou o saco que pesava igualmente trinta e três libras, dando-o a José. O mago ergueu-se e juntou-se aos dois primeiros, adorando o Meninozinho. Em seguida saíram para suas tendas.

31. As Mais Abençoadas Dádivas de Deus: Sua Santa Vontade, Sua Graça e Seu Amor

Após os três magos se terem recolhido, Maria disse a José: “Ó homem medroso e cheio de preocupações, vê como o Senhor, nosso Deus, cuida de nós tão maravilhosamente qual bom Pai! Ninguém poderia ter imaginado tal desfecho nem em sonho! De nosso excessivo temor Ele fez uma bênção tão grande e todas as nossas preocupações foram transformadas em imensa alegria. Precisamente deles, dos quais temíamos quererem matar nosso Filhinho, vimos que O honraram como devemos honrar a Deus, e além disso, entregaram-nos presentes tão preciosos que, com o valor equivalente, poderíamos comprar uma considerável fazenda, onde, com segurança, a educação Dele poderia ser feita segundo a Vontade do Senhor. Oh, José, hoje agradecerei mais ainda ao Senhor tão

bondoso e louvá-Lo-ei durante toda a noite, pois Ele acabou com nossa pobreza de modo que poderemos nos manter. Que me dizes?"

Respondeu José: "Sim, Maria, Deus é infinitamente bom para todos os que O amam acima de tudo e depositam toda esperança apenas Nele; mas sou de opinião que os presentes se destinam à criança e não a nós, não tendo o direito de empregá-los como bem entendemos. A Criança se chama Jesus e é um Filho do Altíssimo, portanto temos que perguntar antes de tudo ao Pai Sublime o que deve ser feito desses tesouros. Faremos o que Ele nos ordenar; contra a Vontade Dele, não quero tocá-los durante toda minha vida. Antes preferiria ganhar o pão abençoado para nós, da maneira mais penosa do mundo!

Porventura não fui até então capaz de sustentar a ti e a meus filhos com o trabalho manual, abençoado pelo Senhor? Do mesmo modo poderei agir no futuro, com ajuda do Pai. Por essa razão não considero esses presentes, mas apenas a Vontade do Senhor, a Graça e o Amor Dele. São essas as três maiores dádivas de Deus que nos trazem bênçãos poderosas. Podemo-nos servir sempre e sem restrição desses três tesouros; o incenso, o ouro e a mirra não devemos tocar sem possuirmos os três principais, acima mencionados, que até então nos deram lucros abundantes. Agiremos desse modo, querida Maria, e sei que o Senhor nos olhará com a maior benevolência, e a Alegria Dele deve ser nosso maior tesouro. Que pensas disso, tenho razão ou não?"

Maria ficou tão comovida a ponto de verter lágrimas e louvou a sabedoria de José. O capitão abraçou-o e disse: "Realmente, és um homem, segundo a Vontade de teu Deus." A Criancinha, porém, olhou para José, sorrindo, levantou u'a mãozinha como querendo abençoar o Seu pai de criação, esse piedoso José.

32. O Anjo como Conselheiro dos Três Magos

Os três magos, todavia, se juntaram em uma tenda, onde discutiram a

respeito de sua atitude. Deveriam eles cumprir a palavra para com Herodes ou seria melhor faltar com a mesma, pela primeira vez? E caso seguissem por outro caminho de volta para seu país, que estrada escolher para chegar com segurança? Assim, um perguntava ao outro: “Será que a estrela milagrosa que nos guiou até aqui, nos acompanhará também de volta?”

Enquanto estudavam o assunto, subitamente um anjo se encontrava entre eles, dizendo: “Não vos preocupeis inutilmente, o caminho já está aberto; tão reto quanto cai um raio do Sol para a Terra ao meio-dia, tão reto há de ser vosso caminho para a pátria, que não passará por Jerusalém, e no qual sereis guiados, amanhã.”

Em seguida, o anjo desapareceu, e os três se retiraram. De manhã cedo se afastaram, chegando pelo caminho mais curto ao seu país, crentes no Deus Único.

Nessa mesma manhã, José perguntou ao capitão, quanto tempo ele ainda deveria ficar na caverna, e o romano respondeu, amavelmente: “Amigo, merecedor de meu inteiro respeito! Julgas realmente que te detenho aqui como prisioneiro? Que idéia! Como poderia eu, um verme no pó diante do Poder de teu Deus, manter-te cativo?

Minha atitude amorosa para contigo, jamais poderia ser prisão. Com minha autorização, és livre a qualquer hora podendo ir onde quiseres; mas o meu coração não te dá essa liberdade, pois quer reter-te para sempre, porquanto te ama e a teu Filhinho, com poder indescritível. Tem paciência por mais alguns dias; mandarei imediatamente espiões para Jerusalém, a fim de sindicarem a atitude da velha raposa, caso os persas não cumprirem a sua palavra. Então saberei o que fazer e como te proteger contra qualquer perseguição do tirano.

Podes acreditar-me: esse Herodes é meu maior inimigo e será espancado onde e quando me for possível. Sou simples capitão, subordinado ao marechal que reside em Sidon e Esmyrna, e comanda doze legiões na Ásia. Todavia não sou centurião comum, e sim, patrício, título que me faculta direito de mando nessas dose legiões na Ásia. Querendo fazer uso de uma ou outra, não necessito aprovação de Esmyrna, pois como nobre, basta mandar, e a legião tem que me obedecer. Por isso podes contar

comigo, caso Herodes se rebele.”

José agradeceu ao capitão por essa tão amável precaução, acrescentando: “No início te preocupaste exageradamente com os persas, – e com que resultado? Eles se aproximaram sem serem vistos, e antes que teus olhos percebessem um deles, haviam erigido as suas tendas.

Se naquele caso, o meu Deus não me tivesse protegido, onde estaria eu agora? Antes que aparecesses, os persas teriam me estrangulado com toda a minha família! Por isso te digo como amigo mui grato: ajuda de seres humanos de nada adianta, pois eles nada representam perante Deus. Havendo apenas socorro por parte Dele, e somente Ele nos podendo ajudar, não convém empregar muito esforço, porquanto tudo acontecerá segundo a Vontade Divina, e nunca como nós queremos.

Por isso desiste da espionagem perigosa em Jerusalém; primeiro, nada de considerável hás de descobrir; segundo, caso for descoberta a tua espionagem, poderás criar uma situação amarga para ti mesmo. Nesta noite, além disso, o Senhor certamente me indicará o que Herodes irá fazer, e como devo agir; de sorte que podemos acalmar-nos e deixar que o Senhor reine sobre todos, e tudo correrá bem!”

Ouvindo essas palavras de José, o capitão ficou sentido e triste por ser recusada sua ajuda. José, porém, acrescentou: “Estás magoado porque te desaconselhei a cuidar de meu futuro; mas se considerares a situação à luz do raciocínio, forçosamente chegarás ao mesmo resultado.

Quem de nós teria transportado o Sol e a Lua e todas as estrelas sobre o Firmamento? Quem algum dia ordenou aos ventos, tempestades e raios? Quem cavou o leito do poderoso mar? Quem indicou o rumo aos grandes rios? A que pássaro teríamos ensinado o vôo rápido e organizado a sua plumagem? Quando criamos a sua garganta harmoniosa e sonora? Onde se encontra a erva para a qual criamos a semente viva? Tudo isso, o Senhor opera diariamente! Assim como a atividade poderosa e maravilhosa de Deus, te faz pensar a cada momento no amparo infinitamente amoroso, não deves estranhar quando amigavelmente dirijo a tua atenção ao fato de que diante de Deus, toda e qualquer ajuda humana torna-se futilidade.” Essas palavras mudaram o estado de ânimo

do capitão; todavia, mandou secretamente alguns espiões para Jerusalém, a fim de saber o que lá se passava.

33. Preparativos para a Fuga ao Egito

Nessa noite, um anjo apareceu em sonho a José e Maria, dizendo: “José, vende os tesouros e compra mais alguns animais de carga, pois terás que fugir para o Egito com tua família. Herodes se enfureceu tremendamente e resolveu matar todas as crianças de um até doze anos, pois se viu traído pelos magos. Deveriam eles indicar-lhe onde nascera o novo rei, a fim de que ele pudesse mandar os seus algozes para matarem a Criança, que é o novo rei. Nós, anjos dos Céus, recebemos a ordem do Senhor, antes que Ele entrasse nesse mundo, de zelar cuidadosamente de vossa segurança.

Por isso vim para indicar-te o plano de Herodes, porque ignora como se apossar daquela Criança. O próprio capitão terá que ajudar a Herodes, caso não quiser ser acusado por ele, diante do Imperador. Por isso tens de viajar amanhã. Podes avisar o capitão, que te auxiliará para uma partida apressada. Assim seja, – em Nome Daquele que vive e está tomando o peito de Maria.”

Neste momento, José e Maria despertaram, e ela contou-lhe com voz tímida, o sonho que tivera. José reconheceu a visão dele no relato de Maria e disse: “Não te preocupes, Maria, antes de meio-dia, estaremos do outro lado da montanha e dentro de sete dias, no Egito. Como já esteja amanhecendo, prepararei tudo para a partida imediata.”

Incontinenti, José saiu, acompanhado dos três filhos mais velhos, carregando os tesouros para um cambista que imediatamente lhe abriu a porta, comprando tudo pelo valor real. Em seguida, José procurou um vendedor de animais de carga, acompanhado de um servente do cambista, adquirindo mais seis burros de carga, e assim equipado voltou para a caverna.

Ali, o capitão já o aguardava e relatou-lhe fatos infames e cruéis,

notícias estas trazidas de Jerusalém. José não estranhou a história do romano, mas disse com resignação à Vontade de Deus: “Prezado amigo, tudo que me dizes e muito mais pormenorizado quanto aos planos de Herodes, o Senhor me fez saber nessa noite, como te avisei ontem. Tu mesmo terás de prestar serviços a ele, pois pretende mandar estrangular todas as crianças recém-nascidas até os doze anos de idade, para entre elas apanhar também o meu Filho, na cidade de Bethlehem e arrabaldes. Em virtude disso tenho que fugir, hoje mesmo, para onde o Espírito do Senhor me conduzir, a fim de escapar da crueldade de Herodes. Peço-te me apontares a rota segura para Sidon, pois dentro de uma hora tenho que partir.”

Ouvindo isso, o capitão enraiveceu-se com Herodes, jurando vingança eterna, dizendo: “José, tão certo que o Sol se levanta e que Deus vive, – eu, nobre patrício de Roma deixarei que me preguem na cruz, antes de permitir tal empreendimento infame daquele tirano! Guiar-te-ei pessoalmente acima das montanhas, com boa proteção e quando souber de estares salvo, mandarei um mensageiro para Roma que informará a Cesar os planos de Herodes. Também aqui tudo farei para impedir os planos desse monstro!”

Respondeu José: “Bom e prezado amigo, certamente terás poder de proteger as crianças entre dois e doze anos. Todavia não será possível defender as criancinhas recém-nascidas e as até dois anos. A proteção acima não poderás efetuar com ajuda militar, mas somente pela prudência, pois o Senhor te guiará. Não necessitarás refletir sobre o que fazer, pois Ele te conduzirá secretamente.”

Protestou o capitão: “Não, não! O sangue das crianças não há de correr, antes usarei força militar!”

Retrucou José: “Que poderás fazer, se Herodes nesse momento já saiu de Jerusalém com uma legião romana? Lutarás contra a tua própria gente? Age segundo a Vontade do Senhor, a fim de salvar de maneira pacífica, ao menos os de três até doze anos.” E o capitão cedeu.

34. Fuga e Chegada a Tyro

Após essa conversa de José com o capitão, aquele disse aos seus filhos: "Preparai os animais de carga. Os seis novos encilhai para nós, e o velho, experimentado, para Maria. Levai em alimentos o que for possível; o boi com o carrinho deixaremos para a parteira, como lembrança e recompensa pela sua atenção para conosco." Assim, a parteira tomava posse do boi e do carrinho, e o animal nunca mais foi usado para qualquer serviço.

Salomé perguntou a José se podia acompanhá-lo, e ele respondeu: "Isso depende de ti; todavia sou pobre como sabes e não posso te dar recompensa, caso queiras servir-me. Se tiveres recursos e podendo cuidar de tua alimentação e vestimenta, poderás acompanhar-me."

Retrucou ela: "Filho do grande Rei David, as minhas posses são suficientes, não só para mim, mas também para toda tua família, pelo período de cem anos. Sou mais rica em bens terrenos, do que podes imaginar. Espera por mais uma hora que estarei pronta, trazendo meus haveres."

Retrucou José: "Salomé, és jovem viúva e mãe, e terias de levar também os teus filhos, o que te causaria muito transtorno. Eu não posso perder nem mais um minuto, pois dentro de três horas, Herodes aparecerá, e antes dele, surgirão seus mensageiros e corredores. Compreenderás por que não me é possível esperar os teus preparativos Se algum dia eu voltar, hei de residir em Nazareth, e caso me queiras prestar um grande serviço, vai àquela cidade na primeira oportunidade e aluga minha propriedade por três, sete ou dez anos, a fim de que não caia em mãos de estranhos." Salomé desistiu de seu plano e aceitou a última sugestão.

Em seguida José abraçou e abençoou o capitão, chamando Maria, a fim de que ela montasse no burro com a Criancinha. Quando tudo estava pronto, o romano disse a José: "Estimado amigo, porventura irei rever a ti e à mãe com essa Criança?"

Disse José: "Antes de se passarem três anos te saudarei junto com a Criança e Sua Mãe. Acredita nisso. Agora, partamos. Amém!" Quando

todos já se encontravam em caminho, José percebeu u'a multidão, informada pela parteira e o cambista querendo assistir à partida do Recém-nascido.

Essa curiosidade popular foi bem inoportuna na opinião de José; por isso pediu ao Senhor de livrá-lo o mais rápido possível dessa indiscrição de pessoas ociosas.

No mesmo momento uma neblina densa caiu sobre a cidade e ninguém enxergava algo a cinco passos de distância. O povo se tornou mal-humorado e retirou-se para a cidade, enquanto José, acompanhado do capitão Cornelius e Salomé atingiam as montanhas próximas, sem serem vistos.

Chegando à fronteira da Judéia com a Syria, o capitão deu-lhe um salvo-conduto para Cirenius, Governador daquele país. José o aceitou com agradecimentos, e o capitão observou: "Cirenius é meu irmão, portanto nada mais necessito dizer. Boa viagem e bom retorno!" Nesta altura, o capitão voltou com Salomé, e José seguiu em Nome do Senhor.

Perto de meio-dia, José chegou ao cume das montanhas na Syria, a uma distância de doze horas de Bethlehem. Fora preciso fazer esse contorno devido ao fato de não existir estrada segura da Palestina para o Egito. Seu itinerário foi o seguinte: No primeiro dia aproximou-se da pequena cidade de Bostra, onde pernoitou, louvando a Deus. Foi ali que salteadores se aproximaram para roubá-lo. Quando viram a Criancinha, caíram de joelhos, adorando-A, para depois, apavorados, fugirem para as montanhas.

No dia seguinte, José atravessou outra cordilheira chegando à noite perto de Panéia, uma cidade da fronteira entre Palestina e Syria. No terceiro dia, José chegou à província fenícia, aproximando-se de Tyro, onde, no quarto dia, provido da carta de recomendação, visitou a Cirenius que nessa ocasião ali residia, para resolver certos assuntos.

Cirenius recebeu José mui amavelmente e perguntou em que podia ser útil. Respondeu José: "Faze com que eu chegue, seguro, ao Egito." Objetou o Prefeito: "Bom homem, fizeste uma grande volta, pois Palestina fica mais perto do Egito do que a Fenícia. Agora terás que atravessar de novo a Palestina, de lá para Samaria, Joppe, Askalon, Gaza, Geras e

Elusa, na Arábia.”

José entristeceu-se por ter errado a rota. Cirenius compadeceu-se dele e disse: “Aflige-me tua situação, embora sejas judeu e inimigo dos romanos. Pela amizade que o meu irmão, que é tudo para mim, sente por ti, também eu te prestarei um serviço. Amanhã sairá daqui navio pequeno, mas seguro, para Ostracina. Por meio dele chegarás lá, quer dizer, no Egito, em três dias. Além disso te entregarei uma carta de proteção que te permitirá viver em Ostracina, sem impedimento, e poderás adquirir terra naquele lugar. Manda trazer tuas bagagens, pois serás, hoje, o meu hóspede.”

35. Prova Interna e Externa da Divindade de Jesus

José, então, levou sua família à frente da casa de Cirenius que ordenou imediatamente aos seus empregados cuidarem dos animais de carga, enquanto ele mesmo guiou José, Maria e os cinco filhos para a melhor sala, ricamente ornamentada de pedras preciosas, ouro e prata.

Em uma mesa de mármore, mui polido, encontrava-se grande número de estátuas de bronze de Corinto, bem esculpidas. José perguntou ao Governador o que representavam aquelas estátuas, e ele respondeu: “São nossos deuses que temos de comprar e guardar conforme a lei de Roma, ainda que não acreditemos neles. Considero-os somente obras de arte, no que possuem certo valor para mim; fora disso, vejo-os com desprezo.”

Prosseguiu José: “Se pensas assim, és uma pessoa sem deus e sem religião. Tal fato não inquieta a tua consciência?”

Disse Cirenius: “Nem um pouco. Não existindo outro deus que esses de bronze, cada ser humano é mais deus que este vil metal sem vida. Na minha opinião, deve existir um deus verdadeiro, eterno e poderoso, razão por que menosprezo essa tolice remota.”

Cirenius era grande amigo das crianças; por isso aproximou-se de Maria que estava com o pequeno Jesus nos seus braços e perguntou se ela não estava cansada de carregá-lo o tempo todo.

Respondeu Maria: “Certamente estou bem cansada; o meu grande amor para com o meu Filhinho, me faz esquecer toda fadiga.”

Disse o Governador: “Também sou grande amigo das crianças, sou casado, mas a natureza ou deus não me abençoaram com prole; por essa razão, não raro, adoto crianças estranhas até mesmo de escravas. Com isso não quero dizer que tens de me dar o teu filhinho que representa a tua vida. Peço que o deites em meus braços, para que possa ao menos abraçá-lo e afagá-lo um pouco.”

Percebendo tanta devoção no Governador, Maria disse: “Quem tem um coração como tu, pode tomar meu Filhinho nos braços!” No momento em que ele toma o pequeno Jesus nos braços, apoderou-se dele um sentimento de felicidade tão imensa como nunca havia experimentado. Carregando-O desse modo para lá e para cá, aproximou-se da mesa dos deuses que se derreteram como cera sobre chapa incandescente. Horrorizado, Cirenius exclamou: “Que é isso? O bronze derreteu completamente sem deixar vestígios. Ó sábio da Palestina, explica-me isto! Porventura és mago?”

36. José É Submetido a Severo Inquérito

O próprio José estava sumamente espantado e disse a Cirenius: “Por certo és ciente de que, conforme a lei do meu país, todo mago deve ser queimado! Fosse eu tal feiticeiro, não teria atingido essa idade, pois de há muito teria caído nas mãos dos sacerdotes em Jerusalém. Por esta razão, não posso dizer outra coisa senão que esse fenômeno certamente provém da grande santidade dessa Criança.

Durante o nascimento da mesma já houve sinais que apavoraram todo mundo. Os Céus foram abertos, os ventos silenciaram, os riachos e rios pararam, o Sol estacionou no Céu, a Lua não movimentou-se por três horas e também as estrelas não avançaram, os animais não se alimentaram, e tudo que em geral se movimenta, caiu numa calma de morte e

eu mesmo, que estava caminhando, tive que parar!"

Ouvindo esse relato, Cirenius disse: "Então é essa a criança de quem meu irmão escreveu as seguintes palavras: "Tenho de transmitir-te uma novidade. Perto de Bethlehem, uma jovem judia deu vida a uma criança da qual emana grande força milagrosa; estou inclinado a acreditar que se trata de um filho dos deuses. Todavia é o pai um judeu tão honesto que não tenho coragem de fazer um inquérito minucioso. Caso viajares para aquela cidade, certamente será de teu interesse visitar esse homem. Alimento a opinião de que se trata de um jovem Júpiter, disfarçado, ou pelo menos, Apollo. Vem, e julga pessoalmente." – Eis o que é do meu conhecimento, ignorando todavia o que acabas de relatar. Por isso dize-me se és tal homem do qual falou o meu irmão?"

Retrucou José: "Sim, sou ele mesmo. Feliz é teu irmão por não se ter estendido no assunto da Criança. Recebeu ele uma ordem do Céu para silenciar sobre tudo que acontecera. De fato, se te tivesse informado além disso, Roma teria experimentado o mesmo destino que acaba de atingir as estátuas nesta mesa. Felizes, tu e teu irmão se quiserdes silenciar, pois neste caso sereis abençoados pelo Senhor, Deus eternamente vivo, Criador de Céu e Terra."

Essas palavras despertaram em Cirenius um grande respeito para com José e receio da Criança, tanto que imediatamente devolveu-A aos braços de Maria. Virando-se para José, ele disse: "Presta atenção ao que te direi, pois uma boa idéia me passou pela cabeça, e tens de me dar a tua opinião. Se essa criança é de origem divina, tu, como pai, deves sê-lo igualmente, pois de um tronco não se faz um Mercúrio, e de cardos não crescem uvas. Assim, também de um simples ser humano não pode resultar uma criança divina. Todavia me pareces um homem comum, inclusive os teus cinco filhos. Até mesmo a jovem mãe, embora sendo judia graciosa, não parece ter muita semelhança com uma deusa. Para tanto seria preciso uma grande beleza, quase sobrenatural, e imensa sabedoria, como dizem as tradições daquelas mulheres com quem os deuses tiveram relações; mas para crer nisto, necessita-se de uma fé forte que certamente não possuo.

Além disso tenho de lembrar-te de mais um fato. Como viajante de Bethlehem para o Egito, com a Criança divina, erraste o caminho, o que ficou provado pela tua tristeza e embaraço quando afirmei o teu desvio da rota. Será possível que teu Deus – ou os deuses de Roma – desconhecem o caminho mais curto de Bethlehem para o Egito?

Trata-se de evidentes contradições que aumentam à medida que nos aprofundamos nos fatos. Além do mais proferiste uma ameaça referente ao extermínio de Roma, caso meu irmão ou eu traíssemos a criança. Por que deveriam os deuses ameaçar os fracos mortais como se tivessem medo deles? Basta aparecerem na Terra, e todos terão de obedecer à sua vontade poderosa.

Teu pronunciamento me parece um fraco pretexto para enganar-me a fim de que não perceba o que és em verdade: um mago judaico a caminho do Egito, para ganhar sua vida com essa arte, visto que não se sente mais seguro em sua pátria, ou és um esperto espião judaico, subornado por Herodes, para averiguar as fortificações marítimas dos romanos.

Não resta dúvida ter eu em mãos o salvo-conduto de meu irmão e a outra carta de que falei; mas ainda não cheguei a discutir isso com ele; de sorte que esses documentos podem ser falsos, inclusive a letra do meu irmão pode ser falsificada. Considero-te, pois, mago e espião. Justifica-te com retidão, do contrário serás meu prisioneiro e não escaparás do castigo justo!”

No decorrer da controvérsia, José fitou com firmeza a fisionomia de Cirenius e disse: “Manda um mensageiro expresso para teu irmão Cornelius, com as duas cartas e ele testemunhará se as coisas são tão vergonhosas como alegas. Exijo-o de ti, pois minha honra está intacta perante Deus, o Eterno, e não pode ser ultrajada por um pagão. Embora sejas patrício romano, eu sou descendente do grande rei David, diante de quem a Terra tremeu, e como tal não me deixo desonrar por um pagão e não te deixarei antes que restabeleças minha integridade!”

Essas palavras enérgicas causaram espanto a Cirenius, pois desta maneira ele, Governador e dono absoluto sobre vida e morte, nunca ouvira alguém falar. Por isso pensou no íntimo: Este homem não falaria

desse modo, caso não fosse consciente de um poder extraordinário. Por isso mudarei de tática.

37. A Honra, Maior Tesouro do Pobre

Após essa resolução, Cirenius dirigiu-se de novo a José dizendo: “Não deves zangar-te comigo, e sim, conceder-me o direito, como Governador, de examinar alguém para ver qual sua intenção. A fim de compreenderes não me ser possível fazer exceção com tua pessoa, ainda que o quisesse, basta olhares para aquela mesa, livre de sua decoração, porquanto não és homem insignificante. Suponho não ter-te ofendido falando como Governador.

A única coisa que me interessa é saber a verdade sobre tua procedência, que considero mui importante. Por esse motivo proferi dúvidas acerca de ti, para dar-te oportunidade de te declarares em minha presença. Tua linguagem me demonstrou seres um homem sem falsidade, de sorte que dispenso qualquer informação de meu irmão, e de outro atestado superior. Porventura há necessidade de algo mais?”

Respondeu José: “Amigo, sou pobre, ao passo que és poderoso senhor. Minha riqueza consiste na lealdade e amor para com o meu Deus, e na honestidade integral para com todo mundo.

Tu, além de tua fidelidade ao Imperador, és mui rico em bens terrenos. Que resta para mim, se perco a honra e como adquiri-la? Por isso, o pobre se torna escravo uma vez que perde honra e liberdade diante do rico; possuindo alguns tesouros ocultos, poderia comprar honra e liberdade.

Fui por ti ameaçado de me fazeres prisioneiro; não teria perdido toda honra e liberdade, e não tive razão de me justificar, pois me examinaste na função de Governador da Syria e Vice-Governador da costa de Tyro e Sidon?”

Respondeu Cirenius: “Bom homem, rogo-te esquecermos o assunto! O Sol aproximou-se do horizonte, e meus servos prepararam a refei-

ção na sala de jantar, onde encontrareis pratos de vosso povo; portanto vos convido a acompanhar-me."

José seguiu Cirenius à sala de jantar, com Maria e os filhos, e estranhou sobremaneira o esplendor indescritível da mesma, inclusive os serviços da mesa, quase todos de ouro, prata e ornamentados de pedras preciosas. Como as taças fossem enfeitadas com figuras de deuses pagãos, José observou: "Amigo, já conheces a forte irradiação de meu filho. Se nós nos sentarmos à tua mesa, num instante perderás os teus objetos preciosos. Por isso te aconselho mandares colocar taças sem enfeite ou de barro."

Cirenius assustou-se com as palavras e mandou os empregados servirem os pratos de barro, retirando os preciosos. A curiosidade, porém, tentou o Governador de aproximar da Criança, uma esplêndida taça de ouro, para se convencer do antigo efeito destruidor. E Cirenius teve realmente de pagar temporariamente essa curiosidade com a perda da taça preciosa cujo efeito foi idêntico a uma descarga elétrica.

Somente passados alguns momentos, ele disse: "José, agradeço-te pelo bom conselho; todavia não me afastarei daqui antes de saber quem é essa Criança na qual reside tamanha força!"

Virando-se para Cirenius, José relatou-lhe em poucas palavras a história da Anunciação e do Nascimento do Menino Jesus, fazendo com que o Governador caísse de joelhos diante da Criança a fim de adorá-La. No mesmo instante, a taça destruída apareceu na frente dele, toda lisa e de igual peso; Cirenius levantou-se, sumamente feliz.

38. Proposta Pagã de Cirenius

Nesse estado de exaltação espiritual, o Governador disse para José: "Fosse eu o Imperador em Roma, dar-te-ia o trono e o poder do mesmo, e caso ele tivesse o meu conhecimento, agiria da mesma forma. Ainda que aprecie sua posição do mais poderoso Imperador da Terra, sei que superestima tudo que é divino.

Se concordares escreverei a ele e afirmo desde já que te chamará para Roma e fará construir para o teu filhinho, sem dúvida um filho do mais importante deus, o maior e mais rico templo, onde será elevado ao Infinito, enquanto ele próprio se prosternará no pó diante desse soberano a quem obedecem os elementos e todos os deuses.

Convenci-me pela segunda vez ser este o fato real com relação a essa criança, pois nem Júpiter consegue proteger-se contra ela e nenhum metal resiste diante de seu poder. Como disse, ainda hoje poderei enviar mensageiros para Roma. Realmente, isso faria formidável sensação na grande metrópole e diminuiria a classe orgulhosa dos sacerdotes que não sabe qual a maneira mais prática de ludibriar e defraudar a Humanidade."

Disse José: "Caro amigo, julgas realmente que Aquele a Quem obedecem Sol, Lua, estrelas e todos os elementos da Terra, daria importância às homenagens de Roma? Se quisesse ser honrado pelo mundo inteiro como ídolo, teria vindo à Terra diante de todos, em Sua Eterna e Infinita Majestade Divina. Com isto, o mundo total teria sido condenado para a destruição.

Ele escolheu, justamente, a humildade do mundo, para a bem-aventurança da Humanidade, segundo consta no Livro dos profetas; portanto abstém-te da mensagem para Roma! Querendo ver Roma dizimada, faze o que intencionas, pois o Senhor veio para a queda dos grandes e poderosos, e para salvação dos pequenos, uma consolação dos tristes e para ressurreição dos que se encontram na morte. Assim creio de todo coração e essa minha convicção relatei apenas a ti, e ninguém deve ouvi-la por mim. Guarda, também tu, essas palavras no teu coração, como santuário dos santuários, até o tempo em que o novo Sol de Vida se levantará para ti!"

As palavras de José penetraram como flechas no coração de Cirenius transformando-o de tal maneira que seria capaz de renunciar a toda sua autoridade, para aceitar a simplicidade.

José, todavia, lhe disse: "Continua o que és, pois o poder em mãos de criaturas como tu, é para o povo, uma bênção de Deus; pois o que és, não provém de ti próprio, nem de Roma, mas de Deus. Por isso, sê o que

és." Cirenius louvou o Deus Desconhecido, sentou-se à mesa de bom humor, em companhia de José e Maria.

39. Acerca da Morte e da Vida Eterna

Conquanto fossem os romanos habituados a banquetes prolongados, Cirenius fazia uma exceção. Quando não era obrigado a dar vez por outra, tais festas em honra ao Imperador, ele fazia apenas refeições ligeiras, pois seguia os filósofos que dizem: o homem não vive para comer, mas come para viver, não necessitando de banquetes que duram dias afora.

Assim, também essa refeição sagrada foi apenas curta e visava somente ao indispensável conforto físico. José agradeceu a Deus pela mesma, abençoando o hospedeiro por tê-la oferecido. Cirenius comoveu-se muito e observou: "Tua religião é superior à minha, e estás mais perto da divindade, de sorte que te considero mais humano do que eu poderia chegar a ser."

José retrucou: "Bom amigo, estás te preocupando com algo que acabas de receber do Senhor. Repito, sê o que és; no teu coração, porém, deves te humilhar exclusivamente diante de Deus, o Senhor de Eternidades. Faze o bem a todos, em segredo, que estarás tão perto de Deus como estavam meus antepassados Abraham, Isaac e Jacob. Nessa Criança, Deus, o Onipotente te visitou e O tiveste em teus braços! Que mais poderias querer? És salvo da morte eterna e jamais verás, sentirás ou provarás morte alguma."

Nesta altura, Cirenius deu um salto de suma felicidade, exclamando: "Que me dizes? Nunca morrerei? Como é possível? Até então não existiu homem que se salvasse da morte! Quiçá farei parte, como sou, do número dos deuses imortais?"

Respondeu José: "Não me entendeste, por isso explicarei como será o teu fim terreno. Se morresses sem essa Graça, uma doença grave, dores, preocupações e desespero teriam aniquilado o teu espírito, tua alma e teu

corpo, nada mais ficando contigo senão uma consciência vaga e penosa de ti mesmo.

Em tal circunstância serias comparável a uma pessoa soterrada na própria casa que desmoronou, sendo quase enterrada viva, sentindo a morte e provando o seu gosto amargo e não sabendo como salvar-se.

Se, porém, morreres dentro da Graça de Deus, apenas esse corpo pesado te será tirado e despertarás para uma vida perfeita e eterna, onde nunca hás de perguntar: Onde está meu corpo físico? – E quando o Senhor de toda Vida te chamar, serás capaz de despir-te do corpo, como se fosse uma veste velha e incômoda." Tais palavras provocaram uma forte impressão em Cirenius que caiu de joelhos diante da Criança, dizendo: "Oh, Senhor dos Céus, preserva-me nesta Graça!" O Menino Jesus sorriu para o romano, levantando u'a mãozinha sobre ele.

40. Veneração de Cirenius para com Maria

Em seguida, Cirenius levantou-se dizendo para Maria: "Mais feliz de todas as mulheres e mães da Terra! Como se sente o teu coração por teres certamente a firme convicção de que Céu e Terra se acham em teus braços?"

Respondeu ela: "Por que perguntas acerca de algo que teu próprio coração te diz? Todos nós andamos sobre o mesmo solo criado por Deus, e pisamos os milagres Dele; ainda assim existem milhões de criaturas que preferem cair de joelhos perante suas próprias obras do que diante de Deus, eternamente Verdadeiro e Vivo.

Se as Obras gigantescas de Deus não são capazes de despertar os homens, como isso seria possível por uma Criancinha, em fraldas? Por isso, poucos terão a Graça de reconhecer o Senhor nesta Criança, quer dizer, os de boa vontade como tu, não havendo necessidade de perguntarem o que sente o meu coração.

A própria Criança Se revelará nos corações deles, abençoando-os, e

eles sentirão o que sente a mãe que A tem em seus braços. Feliz, imensamente feliz sou eu, pois carrego esta Criança; mais felizes, porém, serão aqueles que A abrigarem em seu coração. Faze tu o mesmo, indelevelmente em teu coração, que se dará contigo o que predisse meu marido."

Após ter ouvido essas palavras da amável Maria, a admiração de Cirenius referente à sabedoria dela, era assaz profunda, de sorte que disse a José: "Esposo mais feliz do mundo, quem diria que tua esposa, tão jovem, possuísse sabedoria tão profunda? Realmente, se existisse Minerva qualquer, teria que se esconder diante dessa amável mãe."

Observou José: "Qualquer pessoa pode ser sábia a seu modo, caso tal sabedoria provenha de Deus; sem Ele, não existe sabedoria na Terra, o que explica igualmente a sabedoria de minha esposa. Se o Senhor falava aos homens através da boca de irracionais, como não o faria pela boca humana? Deixemos isso de parte; sou de opinião de que está na hora de cuidar de nossa partida para o dia de amanhã."

Obtemperou Cirenius: "José, não te preocupes com isso, pois há tempo cuidei disso; pessoalmente te acompanharei, amanhã, até Ostracina."

41. Feliz Viagem para o Egito

Eis que José retrucou: "Teu plano é bom e generoso, no entanto não poderás executá-lo. Ainda esta noite chegarão cartas às tuas mãos, da parte de Herodes, nas quais serás intimado a apanhar todas as crianças masculinas, de um até dois anos de idade, que se encontram ao longo da costa marítima e mandá-las para Bethlehem, onde serão sacrificadas. De tua parte, podes recusar-te; teu pobre irmão, Cornelius, infelizmente não pode por razões políticas, deixar transparecer seu desagrado, para não se expor à picada dessa mais venenosa serpente.

Enquanto aqui estou, em Bethlehem reina a morte e centenas de mães rasgam suas vestes pela perda cruel de seus filhos. E tudo isso acontece por causa dessa Criança, da Qual os três magos da Pérsia testemu-

nharam que será, espiritualmente, um Rei dos judeus. Herodes entendeu que fosse um rei mundano, razão por que quer matá-lo; pois cobiça o domínio hereditário sobre a Judéia e receia que este rei possa tirá-lo, enquanto que nosso Filho veio ao mundo, apenas, para salvar o Gênero Humano da morte eterna."

Ouvindo este relato, Cirenius saltou de raiva de Herodes e exclamou: "Aquele monstro não fará de mim o seu instrumento. Hoje mesmo partirei contigo e encontrarás um bom leito na minha galera particular que dispõe de trinta remadores. Os meus ajudantes mais fiéis que prestaram juramento em nome de todos os deuses, receberão orientação com referência a possíveis cartas que serão entregues por meio de mensageiros. Segundo nossas leis secretas, tais mensageiros devem ser reclusos até minha volta. As missivas lhes serão tiradas e enviadas a mim, sem conhecimento dos portadores. Conhecendo seu teor, sei igualmente quanto tempo me ausentarei. Manda tua família preparar-se para a viagem e sem demora embarcaremos no meu navio seguro."

José se satisfez com esta proposta e dentro de uma hora, todos estavam bem acomodados na embarcação, inclusive os animais de carga. Um vento do Norte soprava e a viagem prosseguiu bem durando sete dias, e todos os marujos e navegadores afirmaram nunca terem atravessado essas águas com tão poucas dificuldades. Maravilharam-se ainda mais devido ao fato de que nessa estação, segundo sua crença, Neptuno costumava comportar-se de maneira estranha em seu elemento, organizando o fundo do mar e mantendo conselho com seus servos.

Cirenius, entretanto, lhes disse: "Existem duas qualidades de ignorância, uma é livre, outra, imposta. Se vos encontrásseis na livre, haveria esperança. Todavia estais na imposta e sancionada, e em tal caso não há socorro. Podeis continuar na crença de que Neptuno perdera seu tridente não se atrevendo a nos castigar com sua mão escamosa."

Perguntou José: "Não é costume dar-se uma recompensa aos navegantes? Esclarece-me, para que possa fazer o que convém a fim de que não falem mal de nós."

Retrucou Cirenius: "Deixa disso; estão a meu serviço e recebem o

seu soldo. Não te preocupes com o resto." Obtemperou José: "Está certo; mas são humanos quanto nós e temos que ir ao encontro dos seus desejos. Se a ignorância é imposta, que entreguem o seu corpo a essa imposição, enquanto a minha dádiva libertará o espírito. Manda-os se aproximarem, a fim de que possa dar-lhes a minha bênção para começarem a sentir no coração que também para eles surgiu o Sol da Graça e Redenção."

Após Cirenius ter chamado os navegantes, José proferiu as seguintes palavras: "Servos fiéis de Roma e desse vosso senhor. Navegastes essa galera com diligência e lealdade, merecendo boa recompensa de minha parte, para quem foi feita essa viagem. Sou pobre, não possuindo nem ouro nem prata; mas disponho da Graça de Deus, em abundância, e essa Graça é Daquele Deus que chamais de "desconhecido." Queira Ele prodigalizar essa Graça em vossos corações, a fim de vos tornardes de espírito vivo!" Ditas essas palavras, todos se sentiram sumamente felizes e começaram a louvar o Deus Desconhecido. Cirenius admirou-se do efeito da bênção de José e deixou-se igualmente abençoar por ele.

42. Humilde Confissão de José

Igualmente Cirenius sentiu-se sumamente feliz e disse a José: "Sinto o mesmo que senti quando tive o Meninozinho nos braços. Porventura tens a mesma natureza Dele? Como posso registrar bênção idêntica?"

Retrucou José: "Somente o Senhor de Céu e Terra irradia tal força. Em ocasiões como esta, ela apenas se transmite a mim, para depois irradiar-se sobre ti como bênção; eu, pessoalmente, não possuo tal força, pois Deus, somente, é tudo em tudo. Deves, portanto, sempre honrar este Único e Verdadeiro Deus no teu coração, e a plenitude da Bênção Dele, jamais te abandonará."

José prossegue: "Eis que atingimos a costa, com a ajuda onipotente do Senhor, no entanto, me parece ainda não nos encontrarmos em Ostracina. Em que direção está situada, para podermos alcançá-la? O dia termina.

Que faremos? Continuaremos ou convém esperar o dia de amanhã?"

Disse Cirenius: "Encontramo-nos na entrada da grande baía, em cujo recanto, ao lado direito, se encontra o rico porto mercantil de Ostracina. Em aproximadamente três horas poderemos lá chegar; caso chegássemos à noite, dificilmente encontraríamos uma pousada. Sou de opinião de pernoitarmos no navio e amanhã, nos dirigirmos para lá."

José protestou: "Caro amigo, se necessitamos apenas de três horas, não devemos pernoitar aqui. Teu navio pode atracar, para não causar tanta sensação na cidade, e eu chegue ao meu destino, às escondidas.

Tão logo os soldados romanos descobrissem o navio de um Governador de Roma, teriam de receber-te com grandes honras militares, e eu, como teu amigo, deveria participar das homenagens, o que francamente me seria muito desagradável. Por isso anseio que continuemos a viagem. Meus animais de carga estão bem repousados e facilmente poderiam transportar-nos até Ostracina. Meus filhos são fortes e andariam a pé, e tu, com os servos necessários, usarias os cinco burros."

Cirenius concordou deixando a galera aos cuidados dos navegantes. Aproveitando os cinco animais de carga de José, ambos os amigos se dirigem à cidade. Dentro de duas horas chegam aos portais, onde são abordados pela guarda exigindo salvo-conduto. Cirenius se identificou diante do comandante da guarda que se fez representar pelos soldados e em seguida começaram os preparativos para a hospedagem que se efetuou da melhor maneira possível.

43. Aquisição de uma Casa de Campo

Na manhã seguinte, Cirenius enviou um mensageiro ao chefe do exército de ocupação, pedindo seu comparecimento sem qualquer pompa. O capitão, solícito, apresentou-se pedindo ordens e Cirenius lhe disse: "Antes de mais nada dispenso quaisquer homenagens à minha pessoa, pois estou aqui, incógnito. Além disso desejo saber se na cidade ou arra-

baldes existe uma vila modesta que esteja à venda ou para alugar, pois quero adquiri-la para uma família judaica mui prezada e honrada. Essa família teve que fugir da Palestina por motivos de nosso conhecimento, quer dizer, foi perseguida por Herodes e atualmente procura proteção em nossa sinceridade romana e sua justiça sempre rigorosa.

Examinei todos os pormenores relacionados à família em questão, achando-a inocente e justa; tanto mais fácil é compreender-se que não pode sobreviver sob o domínio do Tetrarca da Palestina e de parte da Judéia, verdadeiro monstro e maior inimigo de Roma.

Este é o motivo por que pretendo adquirir uma propriedade pequena e te peço me orientares a respeito. Desta vez não posso demorar-me, pois negócios de importância me esperam em Tyro, de sorte que tudo tem que ser resolvido ainda hoje."

Disse o comandante: "Excelência, esse assunto será solucionado sem demora. Construí, pessoalmente, uma vila bastante agradável, a meia milha da cidade, onde se encontram árvores frutíferas e três searas magníficas por mim organizadas. Todavia não disponho de tempo para tomar conta de tudo isso. Tratando-se de minha propriedade posso vendê-la por cem libras incluindo os impostos."

Estendendo a mão ao militar, Cirenius mandou trazer a importância exigida comprando a vila sem tê-la visto; em seguida pediu ao capitão mostrar-lhe a propriedade, sem que José o percebesse, a fim de inspecioná-la.

Após ter feito a vistoria da vila, a qual lhe agradou bastante, ele deliberou que os empregados lá ficassem até que ele voltasse com os contemplados. Em seguida voltou à cidade com o capitão fazendo com que o mesmo emitisse carta de proteção, em pergaminho; isto feito, despediu-se do militar e muito satisfeito foi procurar José.

Este, imediatamente expressou a seguinte pergunta: "Caro amigo, onde poderei morar? Por ora estou salvo e a noite passada tive uma pousada maravilhosa. Todavia tenho que permanecer aqui, sem saber do meu futuro, portanto urge tratar disso, sem delongas."

Disse Cirenius: "Não resta dúvida. Manda, por isso, tua família jun-

tar as bagagens e segue-me; vamos procurar uma morada, a uns cem passos da cidade, pois no centro nada há, segundo minhas informações." José concordou, acompanhando a Cirenius.

44. José e Sua Família no Novo Lar

Ao chegarem perto da vila, José disse a Cirenius: "Aqui me sentiria bem! Uma casa sem luxo, um belo pomar cheio de tâmaras, figos, romãs, laranjas, maçãs, pêras, cerejas, uvas, amêndoas, melões e quantidade de legumes! Além disto, um pasto e três trigais, certamente pertencendo à mesma propriedade! Desejava alugar ou comprá-la; tão utilmente organizada que se parece com a minha que aluguei em Nazareth, na Judéia."

Nesse momento, Cirenius tirou o documento de compra e proteção entregando-o a José com as seguintes palavras: "O Senhor, teu Deus, e agora também o meu, abençoe essa aquisição, pois te entrego a propriedade total com isenção de impostos. Tudo que vês cercado de arbustos pertence a esta vila. Atrás da casa se encontra um curral espaçoso, com duas vacas. Quanto a animais de carga, já estás suprido.

Se posteriormente pretenderes voltar para o teu país, podes vender essa propriedade e adquirir algo em outro lugar. Em suma, és desde já proprietário absoluto dessa casa e podes fazer com ela o que quiseres. Ficarei aqui até depois de amanhã a fim de que os maus mensageiros de Herodes sejam obrigados a esperar por mim. Como parente próximo do Imperador, bastaria uma simples ordem, e o palácio imperial estaria à minha disposição, e além disto tenho a procuração imperial. Evito-o, porém, pela grande amizade para contigo e especialmente com a Criança que julgo, pelo menos, Filho do Altíssimo."

Tão emocionado ficou José diante dessa maravilhosa surpresa, que apenas pôde chorar de gratidão e felicidade, sem conseguir esboçar um sorriso. Com Maria deu-se a mesma coisa, todavia se controlou e aproximou-se de Cirenius. Expressando sua imensa gratidão, deitou o

Meninozinho nos braços dele que disse todo comovido: “Meu grande Deus e Senhor! Porventura também um pecador merece tamanha Graça? Perdoa-me e tem misericórdia para comigo!”

45. História de Israel

Uma vez recobrados os ânimos após essa grande surpresa, José passou revista em tudo, em companhia de Cirenius. Maria, tendo retomado o Filhinho, participou igualmente da inspeção, sumamente feliz com a Bondade do Senhor que também nas coisas terrenas tão bem cuidara deles. Após terem voltado à casa arejada e limpa, Maria, disse a José: “Sou imensamente feliz por ter o Senhor cuidado tão bem de nós.

Aliás me parece que Ele inverteu a antiga ordem. Em tempos idos, Ele guiou os israelitas do Egito até a Terra Prometida, Palestina, a então chamada Kanaan. Agora, Ele fez do Egito a Terra prometida e fugiu conosco, ou melhor, foi nosso Guia até aqui, de onde conduziu nossos antepassados através do deserto, à Terra Prometida, na qual corriam mel e leite.”

Disse José: “Não estás de todo errada em tua observação sutil. Sou, todavia, de opinião que tua afirmação vale apenas em nossa situação presente. De modo geral, parece-me que o Senhor fez conosco o que fez com os filhos de Jacob, quando na província Kanaan irrompeu o grande flagelo da fome.

O povo israelita permaneceu no Egito até que Moysés o conduziu de volta, através do deserto. Creio que nos sucederá o mesmo. Não seremos sepultados aqui, mas voltaremos em tempo a Kanaan. Para a volta de nossos antepassados fora preciso inspirar um homem como Moysés; nós, já temos em nosso meio, o Moysés de Moysés.”

Maria guardou essas palavras no coração, dando razão a José. Cirenius também havia prestado atenção à palestra e demonstrou o desejo de conhecer a História original dos judeus.

46. Relato da Criação do Gênero Humano e do Povo Judaico

Em seguida, José mandou os filhos abastecerem os animais e verificarem a situação dos alimentos. Após terem cumprido essa ordem, foram eles à despensa, onde encontraram grande estoque de farinha, pão, frutos e diversos potes cheios de mel. O capitão da guarda era grande apicultor, de acordo com o sistema romano que foi até mesmo glorificado por um poeta de Roma, daquele tempo.

Dentro em pouco eles trouxeram para a sala, pão, leite, manteiga e mel. José inspecionou tudo, fez uma prece de agradecimento e abençoou todos os alimentos, mandando servir e pedindo a Cirenius para participar da refeição.

Durante a mesma, José deu a Cirenius, um extrato da História do povo judaico, da Criação e da Humanidade, tão exato e lógico a convencê-lo da pura verdade. Por esta razão disse a José: "Maior amigo de minha vida, acabo de traçar um plano. Tudo que me relataste será levado ao conhecimento do Imperador Augusto, que é quase um irmão para mim, como se eu tivesse ouvido tudo isso de um judeu completamente desconhecido, mas merecedor de toda confiança. Teu nome e teu paradeiro não serão mencionados. Pretendo fazer tudo para evitar que o melhor homem em Roma, meu irmão, o Imperador Augusto, venha a morrer sem conhecimento espiritual."

Desta vez, José concordou e Cirenius permaneceu em Ostracina, escrevendo durante três dias. Este manuscrito foi enviado ao Imperador, por um navio especial, assinado apenas: "Teu irmão Cirenius". A leitura desse relato abriu os olhos ao Imperador que começou a respeitar os judeus dando-lhes até mesmo oportunidade de se tornarem cidadãos romanos, contra pagamento de taxa reduzida.

Ao mesmo tempo, os melhores pregadores da fé pagã foram banidos de Roma sob pretexto qualquer. O poeta Ovídio, tão popular naquela cidade, foi desterrado pelo mesmo motivo que todavia não se tornou

público. Assim, a casta sacerdotal não teve prerrogativas durante o reinado de Augusto.

47. Notícias do Infanticídio

No quarto dia, Cirenius se despediu após ter recomendado ao comandante da cidade de proteger aquela família, em qualquer ocasião. Ao partir, a família toda quis acompanhá-lo até o mar, onde seu navio estava ancorado. Cirenius recusou-o amavelmente, dizendo a José: "Caro amigo, fica em paz. Ignoramos que espécie de mensageiros já atingiram o meu navio, – e com que notícias! Muito embora estejas inteiramente seguro aqui, também para mim se torna necessária uma certa prudência, pois nenhum desses posteriores mensageiros deve saber por que visitei o Egito, em janeiro."

José compreendeu perfeitamente o sentido das palavras do amigo e benfeitor, dando-lhe sua bênção na entrada da casa. Cirenius então partiu com os quatro empregados, após ter prometido a José visitá-lo em futuro próximo. Caminhando a pé, ele dentro em pouco alcançou o navio, onde foi recebido com grande alegria, mas também com grandes lamentações por parte de outros mensageiros recém-chegados.

Muitos pais haviam fugido das costas da Palestina, da perseguição de Herodes, o infanticida, e relataram apressadamente as atrocidades executadas pelo Tetrarca, ao redor de Bethlehem e em todo o Sul da Palestina, com ajuda dos soldados romanos.

Imediatamente, Cirenius escreveu uma carta ao Governador de Jerusalém e outra a Herodes, no mesmo sentido. A carta foi breve e redigida nos seguintes termos: "Eu, Cirenius, irmão do Imperador e Governador da Ásia e do Egito, ordeno-vos, em nome do Imperador, a cessação imediata das crueldades, do contrário, considerarei Herodes simples rebelde castigando-o dentro da lei, da justiça e minha ira justa!

Pelo Governador de Jerusalém deve ser feito um inquérito sobre as

crueldades informando-me do resultado, a fim de que o tirano não escape da punição justa. Escrito em meu navio "Augustus", na costa de Ostracina, em nome do Imperador, do supremo representante na Ásia e no Egito e especial Governador da Syria, Tyro e Sidon. Ass.: Cirenius, representante de Augusto."

48. Astúcia de Herodes

O Governador de Jerusalém e Herodes se apavoraram com a carta de Cirenius, sustaram as atrocidades e mandaram mensageiros para Tyro, a fim de informarem Cirenius dos motivos importantes que os levaram a agir dessa maneira.

Em cores mui vivas descreveram a legação dos persas, bastante torpes, e pretendiam ter descoberto importantes rastros secretos e que o próprio irmão de Cirenius, Cornelius, estava, como chefe, envolvido nessa conspiração asiática, pois sabia-se que este se fizera protetor do novo rei dos judeus. Herodes estaria com intenção de mandar mensageiros para Roma, caso Cirenius não lhe desse garantias. Deveria ser feito inquérito sobre Cornelius, do contrário, um relatório ao Imperador seria inevitável.

Essa represália que chegou às mãos de Cirenius em Tyro, a princípio fê-lo hesitar; mas acalmou-se instantaneamente, guiado pelo Espírito de Deus, e escreveu as seguintes palavras a Herodes:

"Quais são os termos da lei secreta de Cesar Augusto a respeito de conspirações descobertas? Ei-los: Se alguém descobre uma trama secreta, deve manter-se calmo e informar imediatamente a suprema autoridade do país, de todos os detalhes. Governador algum, muito menos um chefe feudal, tem direito de usar a arma sem autorização do supremo tribunal.

Em momento algum pode um ataque prematuro causar tão grandes prejuízos ao Estado, como neste caso, pois a conspiração é sustada e oculta sob artimanhas espertas, para reaparecer e alcançar o seu objetivo em condições mais favoráveis. Esta é a lei promulgada pelo mais sábio Impe-

rador, em assunto tão importante. Porventura agistes de acordo? Meu irmão Cornelius aplicou esse decreto apoderando-se desse novo rei dos judeus, entregando-o ao meu poder. Há tempos tomei as providências necessárias, segundo o direito que me assiste na Ásia e no Egito.

Cornelius vos explicou tudo a respeito, falava porém a ouvidos surdos. Como verdadeiros rebeldes empreendestes o infanticídio, contra todas as exortações de meu irmão e acima de tudo me pedis ajuda. Significa isso executar a lei do Imperador?

Digo-vos o seguinte: O Imperador é informado de tudo e me deu autorização de demitir o Governador de Jerusalém, mesmo sendo ele meu parente, e de aplicar a Herodes uma pena de dez mil libras de ouro. O ex-Governador tem de se apresentar dentro de cinco dias e Herodes terá de pagar a multa integral, em trinta dias ao mais tardar, caso contrário perderá sua posição. *Fiat*. Cirenius, representante de Augusto."

49. Chegada de Herodes e Maronius Pilla

Essa carta encheu de angústia o Governador de Jerusalém e Herodes, que se dirigiram a Cirenius, o primeiro para reaver sua posição e o Tetrarca para regatear a sua multa. Quando chegaram a Tyro com grande séquito, o povo espantou-se, pois julgava que Herodes viria também ali exercer sua crueldade, com apoio de Cirenius. Este, ignorando o motivo dessas manifestações, atemorizou-se a princípio; acalmando-se em seguida, perguntou ao povo a razão daquela alteração.

Eis que a multidão esbravejou: "Ele chegou, o mais cruel dos homens, que mandou matar na Palestina milhares de crianças inocentes!" Só então Cirenius percebeu o motivo do pavor popular e após consolada a multidão, ela se dispersou, enquanto ele se preparava para receber os dois visitantes.

Herodes foi o primeiro a apresentar-se diante de Cirenius, e fez uma profunda reverência pedindo permissão para falar. Sumamente alterado,

Cirenius exclamou: “Fala tu, para quem o inferno é demasiado bom para te dar um nome! Que queres de mim, escória infame do Hades?”

Herodes que empalidecera diante das palavras fulminantes do Governador, respondeu tremendo: “Soberano dos poderes de Roma, sumamente exorbitante é a multa ditada por ti; cancela a metade, pois Zeus é minha testemunha que minha ação estava ligada ao zelo justo para com Roma. Agi com crueldade, mas não havia outro recurso. A delegação suntuosa dos persas foi causadora, porquanto me enganou pelo não cumprimento de sua palavra empenhada.”

Retrucou Cirenius: “Estou informado de tudo, pois mentes em teu próprio interesse. Submete-te ao pagamento da multa, ou farei decepar, nesse instante, a tua cabeça.” Não havendo outra solução, Herodes aceitou as condições estipuladas pagando a multa, após a qual lhe foi devolvido o documento de seu poder feudal.

Em seguida Cirenius mandou que ele se afastasse, para receber a Maronius Pilla que na ante-sala ouvira a voz do Governador. Lívido qual cadáver, apresentou-se diante do mesmo. Cirenius então o acalmou, dizendo: “Foste coagido, Pilla. Não te espera pena alguma, senão a de teu coração perante Deus. Chamei-te para me prestares importantes declarações.”

50. Confissão e Condenação de Pilla

Quando Cirenius viu que Pilla havia recobrado o ânimo, prosseguiu: “Exijo respostas conscienciosas, pois qualquer evasiva provocará o meu desagrado. Dize-me, conheces a família cujo filho seria o novo rei dos judeus?”

Respondeu Pilla: “Sim, conheço-a segundo as informações dos sacerdotes judaicos. O pai se chama José e é carpinteiro de fama em toda Judéia e metade da Palestina, vivendo perto de Nazareth. Sua honestidade é conhecida no país inteiro, como também na cidade de Jerusalém.

Há aproximadamente onze meses atrás ele teve que aceitar a tutela

de uma moça, no Templo dos judeus, por uma espécie de sorteio. Mas durante a ausência desse respeitável carpinteiro, ela parece ter rendido homenagem prematura a Venus, pois engravidou provocando grandes dificuldades para ele com relação ao sacerdócio judaico. Até aí estou informado. Quanto ao parto daquela jovem, a quem ele desposou antes do mesmo, a fim de escapar à difamação provinda dos compatriotas, surgiram lendas sumamente místicas entre o povo, sem que possa tirar conclusões exatas. Também fui cientificado ter ela dado à luz, em Bethlehem, por ocasião do recenseamento, e isso em uma estrebaria. Ignoro todo resto, o que também disse a Herodes.

Este, porém, foi de opinião que Cornelius desejava ocultar aquela família, suspeita por causa dos persas, para disputar seu direito feudatário, pois sabe que teu irmão não é amigo dele. Esta é a razão pela qual ele praticou a crueldade exagerada, mais para anular o plano de Cornelius do que apoderar-se do novo rei. Foi antes uma vingança contra teu irmão do que medo do novo rei que o levou a executar o infanticídio. Eis o que posso informar acerca daquele estranho assunto."

Disse Cirenius: "Deduzi de tuas palavras que falaste a verdade; no entanto não me passou despercebido que procuras inocentar Herodes, cujas atitudes não podem ser perdoadas. Ele é o homem mais despótico que jamais pisou a Terra e se possuísse poder bastante, faria hoje mesmo com os romanos o que fez com as inocentes crianças.

Efetuou o infanticídio apenas porque julgava prestar grande serviço aos romanos, demonstrando-se genuíno patriota, a fim de que o Imperador lhe concedesse igualmente o meu posto. Destarte poderia dispor, como eu, de um terço do poderio romano, para depois tornar-se independente de Roma e soberano da Ásia e do Egito. Eis o plano desse monstro, igualmente conhecido de Augustus. Agora te pergunto se sabias algo a respeito quando Herodes te contratou para seu instrumento infame. Fala, mas não esqueças que qualquer mentira ou evasiva te custará a vida, pois sei de todos os pormenores."

Nessa altura, Maronius Pilla novamente empalideceu balbuciando: "Tens razão, tive igualmente conhecimento do plano de Herodes, mas

temia o seu espírito de intriga e fui coagido a agir como exigia, a fim de anular maiores maquinações. Tão a fundo como o conheço por teu intermédio, não o suspeitava, pois do contrário ele não mais viveria!"

"Bem", retrucou Cirenius, "concedo-te a vida, em nome do Imperador; o teu posto não te será restituído antes que tua alma se restabeleça de uma enfermidade grave. Ficarás aqui até te curares, enquanto meu irmão Cornelius desempenhará tua posição."

51. Confissão Plena de Pilla

Com voz trêmula, Pilla balbuciou: "Ai de mim, que tudo está perdido! Fui denunciado ao Imperador de ser republicano!"

Protestou Cirenius: "Conhecia bem a tua índole e qual o motivo te prendeu ao infanticídio, por isto agi conforme viste. Se não fosses, como eu, patrício romano, te faria decapitar sem perdão, ou talvez, até mesmo crucificar. Perdoei-te porque foste seduzido por Herodes, e além disto és de família nobre, como eu e Augustus. Não conseguirás o teu posto enquanto Herodes for vivo e não estiveres completamente curado.

As condições de tua presença aqui são as seguintes: Farás o trabalho que te darei, sem qualquer discussão, vivendo sob minha rigorosa supervisão. Na primavera encetarei uma viagem oficial para o Egito, onde me acompanharás. Nos arrabaldes de Ostracina vive um velho sábio que fará o teu diagnóstico e imediatamente se evidenciará se posso confiar em teus depoimentos. Prepara-te, pois encontrarás mais que o oráculo de Delfos, – um Juiz cujo Olhar faz derreter o aço como se fosse cera."

52. Chegada a Ostracina. As Primeiras Palavras Pronunciadas pelo Menino Jesus

A primavera não se fez esperar, pois nessa região o seu início cai em meados de fevereiro. Cirenius marcou viagem para depois da metade de março, geralmente usado pelos romanos para missões militares. Na época determinada, ele mandou novamente aprontar o navio e no dia quinze partiu para o Egito. Dentro de cinco dias chegava a Ostracina, onde se fez receber com toda pompa, em virtude do caráter militar. Houve, portanto, grande sensação que também atingiu a vila de José. Informado pelos filhos qual a razão do alarde, ele disse a Maria: "Temos que fazer uma visita ao nosso grande benfeitor, e nosso Filhinho nos acompanhará!"

Cheia de alegria, ela respondeu: "Isto é natural, pois o Meninozinho é afinal o pequeno amor de Cirenius." Enquanto vestia roupa por ela confeccionada em Jesus, já bastante crescido, perguntou movida de amor maternal e inocente: "Filhinho amado, por certo irás conosco visitar o querido Cirenius?"

Sorrindo para Maria, o Meninozinho respondeu pronunciando Suas primeiras palavras: "Maria, agora Eu te acompanho, até o dia em que tu Me acompanharás!" Isto provocou um ânimo tão sublime em casa de José que pouco faltava para este esquecer a visita a Cirenius. Mas o próprio Meninozinho lembrou a José de não adiar seu plano, pois desta vez o Governador teria muito que fazer para o bem dos homens.

53. O Encontro com Cirenius e Pilla

Em seguida, José e Maria se prepararam para o pequeno trajeto, acompanhados do filho mais velho de José que lhes mostrara o caminho mais curto para a fortaleza onde residia Cirenius. Quando chegaram à grande praça, encontraram-na repleta de soldados, razão por que se tornava difícil atingir a entrada.

Por isto José voltou-se para Maria dizendo: “Sendo impossível atravessar todas essas filas de soldados deveríamos voltar e aguardar um momento mais propício. Até mesmo nosso Filhinho tem expressão de temor diante dessas hordas guerreiras e poderia cair doente, cabendo-nos a culpa. Voltemos!”

Maria, porém, disse: “Se meus olhos não me iludem, o homem que passa neste instante ao lado da última fila, com um capacete brilhante, é o próprio Cirenius. Esperemos um pouco até que se aproxime; talvez nos dê um sinal para sabermos o que fazer.”

Retrucou José: “Tens razão. Mas fixa bem a fisionomia do homem que o acompanha. Garanto ser o mal afamado Governador de Jerusalém. Que virá fazer aqui? Porventura se prende a presença dele a nós, e talvez Cirenius nos entregará a Herodes? Sorte nossa, ele não nos conhecer e assim podemo-nos salvar pelo Interior do Egito. Retiremo-nos sem demora, pois estaríamos perdidos, caso Cirenius nos descobrisse.”

Sumamente assustada, Maria quis retirar-se, todavia não foi possível abrir caminho por entre a multidão, atraída pela curiosidade. Por isso José conjeturou: “Entreguemo-nos à Vontade Divina, o Senhor não nos abandonará. Como medida de precaução, juntemos as cabeças para impedir que Cirenius nos veja de frente.”

Neste instante, Cirenius chegou tão perto de José a ponto de empurrá-lo, sem que este se pudesse desviar; por isto o Governador o fitou com atenção. Quando reconheceu José, Maria e o Filhinho que lhe sorria, os olhos dele se encheram de lágrimas de alegria. Tão feliz estava que mal podia falar.

Após se controlar, apertou a mão de José contra o peito e disse: “Vês minha obrigação que me impediu procurar-te há mais tempo. Neste momento termina a revista das tropas que mandarei se retirarem para as casernas. Ao comandante darei ordem rápida para o dia de amanhã e voltarei com outras vestes, para acompanhar-te à tua casa.” E virando-se para Maria e a Criancinha prosseguiu: “Minha Vida, meu Amor, ainda me conheces? Amas-me, Criança adorável?”

Estendendo os braços abertos em direção ao Governador, o

Meninozinho sorriu dizendo nitidamente: “Ó Cirenius, bem te conheço e te amo porque tanto Me amas! Vem para junto de Mim, pois tenho que te abençoar!”

Isso foi demais para o coração de Cirenius. Tomou o Meninozinho nos braços, apertou-O contra o peito e disse: “Abrigando-Te nos braços, hei de dar ordem de paz prolongada entre os povos!”

Então chamou o comandante, expressou seu inteiro contentamento e ordenou a retirada das tropas prometendo-lhes manutenção financeira durante três dias, enquanto o superior e alguns oficiais foram convidados para um banquete em casa de José.

Assim seguiu Cirenius, acompanhado de Maronius Pilla, cada vez mais estupefato, com José e Maria para a vila, carregando o Menino Jesus. Chegando à vila ele mandou os servos prepararem uma refeição festiva causando grande alarde na cidade, pois toda população se entusiasmou com o Governador tão amigo das crianças.

54. Temor de José com a Presença de Pilla

Satisfeito com tudo, José louvou a Deus, o Senhor, pelo desfecho feliz de sua preocupação. Ainda assim ficou embaraçado com a presença de Maronius Pilla, pois ignorava o que o amigo de Herodes tinha realmente que fazer ali. Por isso, aproximou-se cautelosamente de Cirenius e perguntou em surdina: “Será aquele homem, à nossa frente, o Maronius Pilla de Jerusalém? Porventura pretende aprisionar-me? Peço-te não me deixares por mais tempo nessa penosa incerteza.”

Tomando a mão de José, Cirenius respondeu também a meia voz: “Não te deixes amedrontar pelo ex-Governador de Jerusalém; ainda hoje hás de te convencer que ele tem muito mais razão de temer a ti do que tu a ele. Não é mais Governador de Jerusalém, e sim, meu prisioneiro, e não voltará à antiga posição antes de se regenerar.

Trouxe-o comigo, precisamente por tua causa, pois quando o interroguei acerca da crueldade cometida em Jerusalém, ele afirmou conhecer a ti e a Maria. Todavia se percebe que tal não se dá, portanto não te deves trair. Espera ele encontrar apenas um homem sumamente sábio que lhe revelará o seu íntimo. Alimenta imenso pavor de tua pessoa e, a julgar pela sua fisionomia pálida, deve suspeitar sejas o homem por mim escolhido. Essas poucas informações devem tranqüilizar-te, porquanto o futuro tudo esclarecerá."

Satisfeito com a explicação de Cirenius, José orientou a Maria e ao filho mais velho, como se comportar diante de Maronius, a fim de não traírem o plano do Governador. Caminhando lentamente, chegaram à vila, onde a refeição fora preparada.

55. Sabedoria Divina do Menino Jesus

Os convivas estavam presentes. Cirenius, que até então gracejava com o Meninozinho, devolveu-O a Maria, dando ordem para iniciar a refeição. Todos sentaram-se à mesa posta, enquanto Maria, em virtude de não possuir vestes festivas, se dirigiu com o Filhinho para um recinto contíguo, ocupando a mesa dos filhos de José.

Percebendo-o instantaneamente, Cirenius a seguiu e disse: "Adorável Mãe desta minha Vida, – que vem a ser isto? Faço questão da tua e da presença de teu Filhinho, pois és a rainha de nossa festa. Todavia não queres participar de minha ceia de regozijo que mandei preparar por tua causa? Isto não é possível. Vem à grande sala e senta-te ao meu lado direito, enquanto teu marido ocupará o lado oposto."

Obtemperou Maria: "Caro senhor, minhas vestes são mui pobres e não combinam com a tua."

Disse Cirenius: "Querida mãe, caso te perturbem os meus trajes de pompa que para mim não têm valor algum, tinha vontade de me desfazer deles e usar farda de simples marinheiro, somente para não sentir tua

falta à minha mesa."

Diante de tamanha afabilidade de Cirenius, Maria voltou e sentou-se ao lado dele com o Filhinho nos braços. Quando todos ali se encontravam, a Criancinha olhou constantemente para Cirenius, sorrindo; e também ele não conseguiu afastar seu olhar da Mesma, movido de puro amor para com Ela. Por certo tempo ele suportou essa situação; o amor se tornando por demais intenso, ele externou o seguinte pedido: "Minha Vida, queres mais uma vez voltar para os meus braços?"

E a Criancinha deu um sorriso encantador a Cirenius e respondeu nitidamente: "Meu querido Cirenius, sinto grande prazer em achegar-Me de ti, por Me amares tanto!" Imediatamente Cirenius estendeu os braços, tomando a Criança e abraçando-A fervorosamente. Maria, gracejando, recomendou ao Filhinho: "Cuidado com a roupa do senhor Cirenius!"

Muito comovido, este protestou: "Querida mãe, desejaria eu ser tão puro para merecer de carregar essa Criança. Ela pode somente purificar-me, mas nunca manchar a minha roupa!" E virando-se para o Meninozinho, prosseguiu: "Certamente ainda sou muito impuro para carregar-Te?"

Novamente Ele respondeu com clareza: "Cirenius, quem Me ama como tu, torna-se puro, levando-Me a amá-lo, igualmente!" Sumamente encantado, Cirenius continuou a perguntar: "Como é possível que, com apenas alguns meses de idade venhas a falar tão perfeitamente? Foi Tua Mãe querida que Te ensinou?"

Erguendo-Se nos braços do romano, o Pequenino disse qual senhor: "Cirenius, isso não depende da idade nem do ensino, mas do espírito da pessoa. Apenas corpo e alma têm de aprender; o espírito já tem tudo dentro de si, de Deus. Eu, tenho o Espírito Perfeito de Deus, em plenitude. Eis a razão por que posso falar tão prematuramente."

Essa resposta fez com que todos ficassem sumamente admirados e o comandante conjeturou: "Ó Zeus, desde já, essa criança enche de vergonha todos os nossos sábios. Que representam Platon, Sócrates e centenas de outros? Que irá realizar essa criança quando homem?" Aduziu Cirenius: "Por certo mais do que nossos sábios, juntamente

com todos os nossos deuses."

56. Opinião de Maronius Pilla

Entrementes Cirenius dirigiu-se a Maronius que se tornara cada vez mais pálido e disse: "Que dizes tu dessa Criança? Já viste algo semelhante? Não é evidentemente mais do que nosso mito de Zeus que dizem ter bebido leite de cabra, numa ilha? Não ultrapassa a tradição duvidosa dos fundadores de Roma, amamentados por uma loba? Vieste comigo para aprender algo e em seguida externar tua opinião a respeito."

Controlando-se à medida do possível, Pilla respondeu: "Que poderia dizer um pobre sujeito como eu, quando os maiores sábios da antigüidade teriam que se calar? Apenas posso afirmar: os deuses resolveram colocar de seu meio, um deus infinitamente sábio, precisamente no Egito, país favorecido por todos os deuses e que desconhece neve e gelo."

Com leve sorriso, Cirenius retrucou: "De certo modo estás com razão, no entanto, pareces enganar-te chamando esta Criança, filho dos deuses, pois ao meu lado estão pai e mãe, humanos como nós. Além disto, os elevados habitantes do Olimpo se teriam prejudicado em virtude do excesso de sabedoria de seu rebento que dentro em breve os aniquilaria. Rogo-te concluíres outra coisa, do contrário estarias em perigo do ataque dos deuses que te apresentariam vivo, diante de Minos, Aekus e Rhadamantus, colocando-te ao lado de Tantalus!"

Perplexo, Maronius disse após certo tempo: "Creio que o julgamento dos três juízes do mundo infernal já deixou de existir, e os deuses, segundo me parece, abandonaram o Olimpo. Se dispuséssemos apenas de sábios seres humanos, poderíamos facilmente existir sem os conselhos dos deuses. Realmente, as palavras dessa Criança milagrosa têm para mim, maior conceito que três olimpos, com deuses recém-criados."

Disse Cirenius: "Maronius, se agora falas sério, tudo te será perdoado. Antes, teremos várias conversas a respeito. Por isso, nada mais para

o momento."

57. Maronius Confessa Sua Mentira Inocente

Após a refeição que para Cirenius nunca durava mais que duas horas, o comandante e os centuriões voltaram para a cidade com ordem explícita de não programarem qualquer homenagem, nesse dia. Eis que Cirenius começou o inquérito junto de Maronius, em presença de José e Maria, dizendo: "Quando em Tyro te interroguei após ter inquirido Herodes, afirmaste conhecer pessoalmente o modesto carpinteiro José e uma certa Maria que ele teria recebido como esposa, ou apenas com tutela. Dá-me descrição mais detalhada do caso, pois temos calma para tanto.

Soube que essa família realmente se encontra no Egito e ser a mesma que meu irmão me entregou e ainda se acha sob minha guarda. Apesar de tua cumplicidade com o cruel Herodes, deves possuir bastante sentimento de justiça e humanidade para admitir ser sumamente pungente manter-se seres inocentes aprisionados. Por isso, dá-me descrição exata desse casal mal-afamado, a fim de que possa mandar prendê-lo, pois as leis do Estado assim o exigem."

Novamente Maronius começou a hesitar, pois nunca tinha visto nem José nem Maria. Após alguns instantes, gaguejou: "Minha confissão em Tyro foi simples pretexto, pois naquele tempo ainda tentei enganar-te com más intenções. Agora estou convencido ser impossível tal tentativa, de sorte que mudei de opinião, falando a pura verdade."

Prosseguiu Cirenius, após ter feito sinal de silêncio para José que pretendia externar-se: "Se esta é a relação entre nós, teremos palestras por mais algum tempo, pois vejo em ti um homem subversivo. Responde às minhas perguntas, por juramento."

58. Autodefesa de Maronius Pilla

Retrucou Maronius: "Como poderia eu ser ainda partidário do Tetrarca, sabendo que visa à monarquia da Ásia? Poderia eu querer ajudá-lo nisto? Com os poucos hierosolimitanos poderia apenas empreender algo contra os filhos dos judeus. E esse ato de violência foi de tamanho insucesso que jamais arriscaria coisa semelhante. Fui apenas miserável instrumento, obrigado a agir segundo a vontade dele, pois me ameaçava com Roma. Permite eu ficar como refém, fiel a Roma, que me farás mais feliz do que me integrando de novo para Governador da Palestina e Judéia."

Essas palavras foram pronunciadas com toda seriedade, não demonstrando a menor ambigüidade, de sorte que Cirenius retrucou: "Acredito porque percebi honestidade em tua confissão. Falta-me apenas uma coisa para estar plenamente convencido, isto é, o parecer daquele homem que te falei em Tyro.

Ele acaba de perscrutar teus pensamentos mais íntimos, por isso vamos indagar o que pensa de ti. Se ele te readmitir como Governador, serás nomeado hoje mesmo; caso contrário, ficarás sendo meu refém."

A pergunta foi portanto feita a José que respondeu: "Quanto a mim, Maronius está livre de culpa e podes sem escrúpulos devolver-lhe seu posto. De nossa parte, encontramo-nos nas Mãos de Deus, Onipotente e Eterno, – qual seria o poder capaz de se levantar contra nós?"

Nisto, Cirenius levantou a mão dizendo: "Diante do Deus Vivo deste sábio, juro-te, Maronius Pilla, que és novamente Governador de Jerusalém." Este, porém, objetou: "Passa este posto para qualquer um e me guarda como amigo, que isto me torna mais feliz." Acrescentou Cirenius: "Sendo assim, sê meu colega enquanto Herodes for vivo; posteriormente serás Governador da Judéia." Cheio de gratidão, Maronius aceitou essa proposta.

59. Coroa de Sofrimento e Triste Fim de Herodes

Decorrido este fato, José disse a Maronius: "Percebendo pela grande Graça de Deus, meu Senhor, não existir mais má vontade em ti, dize-me qual foi a atitude de Herodes, em relação às crianças mortas por causa do Novo Rei dos judeus. Não se condoeu do sangue inocente e das lamentações das mães? Que faria ele, se por meio de notícias recentes, chegasse a saber que entre tantas não matou a destinada a morrer? E se fosse informado que Ela vive alhures, sã e salva, na Judéia ou na Palestina?"

Perplexo, Maronius olhou para José e disse após alguns momentos: "Só posso dizer: Se fizesses o pior uso de tua sabedoria pedindo dez mil libras de ouro de Herodes com promessa de indicar-lhe o paradeiro da referida Criança, ele te daria essa fortuna antecipadamente. O ouro nada vale para esse tirano, em comparação ao seu despotismo. Possuindo tanto que poderia mandar construir casas inteiras de ouro puro, ele não o preza. Se dependesse de matar um mundo de gente a fim de assegurar-se do trono, ele atiraria todo seu ouro para tal fim.

No início, ele quis corromper também a mim com ouro, diamantes, rubis e grandes pérolas, mas meu brio romano condenou tal atitude ao velho sanguinário. Isso, inflamou mais ainda a sua ira e simulando patriotismo, ameaçou-me com Roma. Só então fui obrigado a fazer o que exigiu, pois não havia outro recurso. Forneceu-me pessoalmente um documento no qual assumia toda responsabilidade para com Roma. Podes estar certo de que até este momento, nada de bom se pode esperar de sua índole. Não necessito dizer algo mais desse verdadeiro soberano de todas as fúrias!"

Retrucou José: "Deus, eternamente Único e Verdadeiro, te abençoe por essas palavras sinceras. Podes me acreditar e hás de te convencer que Deus, eternamente Justo, irá, ainda neste mundo, colocar uma coroa, pela qual ele tanto cobiça, na cabeça desse monstro, que todo mundo se espantará!"

Neste instante, a Criancinha levantou Sua Mão, e disse nitidamen-

te: “Herodes, Herodes, não tenho maldição para ti; mas suportarás uma coroa neste mundo, que se tornará um grande tormento causando-te dor maior do que o peso do ouro que tiveste de pagar a Roma.”

No momento em que o Menino Jesus proferia essas palavras no Egito, Herodes se viu coberto de piolhos e durante o resto da vida, seus servos não tiveram outra coisa a fazer do que limpá-lo dos mesmos, que se multiplicavam continuamente e no fim, causaram a sua morte.

60. Uma Prova Surpreendente

Cirenius que ouvira o relato e o julgamento pronunciado por José e o Meninozinho, horrorizou-se exclamando: “Poderes eternos do Ser Supremo do Infinito! Não haveria raios para atirá-los nesse monstruoso vassalo de Roma? Augusto Cesar, meu bom irmão! Que fúria te cegou na hora em que enfeudaste com Palestina e Judéia, esse monstro, essa escória do mais baixo tártaro, do verdadeiro inferno? Maronius, por que não me falaste disso no dia em que ainda não havia feito o inquérito a Herodes, em Tyro?

Sumariamente teria mandado decepar aquela cabeça colocando um vassalo mais digno, em lugar desse monstro da Grécia! Que fazer? Já fez sua penitência, e não posso dar-lhe uma outra castigando-o ainda mais. Mas espera, velho tirano, hiena de todas as hienas! Será feita uma caça a ti, como todas as fúrias nunca sonharam!”

Maronius, José e Maria tremeram diante da ira de Cirenius e ninguém teve coragem de fazer perguntas porquanto sua alma estava por demais excitada. Somente a Criancinha não demonstrou medo algum diante de sua voz tonitroante, olhando-o com toda calma. Quando o romano se acalmou um pouco, ouviu-se a Mesma dizer com toda clareza: “Vem cá, Cirenius, toma-Me nos braços e Me leva para fora da casa, onde te mostrarei algo.”

Essas palavras penetraram qual bálsamo no coração magoado de

Cirenius que levou o Pequenino ao ar livre, acompanhado de José, Maria e de Maronius Pilla. Então Jesus Menino perguntou: “Cirenius, mede quem de nós tem o braço mais comprido.”

Cirenius estranhou esse convite, pois seu braço era três vezes mais comprido que os dois bracinhos do Meninozinho, juntos. Mas este prosseguiu: “Julgas teu braço muito mais comprido que o Meu; no entanto é o Meu muito mais comprido que o teu. Vês lá, bem distante, uma coluna elevada, ornamentada por um ídolo? Usa o teu braço longo, derruba-a daqui e em seguida reduze-a a pó, com teus dedos!”

Ainda mais perplexo, Cirenius retrucou: “Ó minha Vida, isto só é possível a Deus!” O Meninozinho estendeu Seu Braço em direção à coluna, distante a mil passos, e ela ruiu por terra dissolvendo-se em pó. Em seguida o Pequenino disse: “Não te preocupes em vão com Herodes, pois Meu Braço se estende mais longe que o teu. Herodes já recebeu seu castigo; perdoa-lhe como Eu perdoei, que será melhor para ti, pois também ele é um filho cego da Terra!” Essas palavras apagaram toda ira de Cirenius que começou a adorar o Pequenino.

61. Confissão Pagã de Maronius Pilla

Maronius Pilla se apavorara a ponto de tremer como haste atingida por forte tempestade. Percebendo a grande aflição do mesmo, José pôs-se à frente dele e disse: “Por que tremes tanto? Alguém te fez mal?” Respondeu o romano: “Tudo é fácil para ti, pois és um deus a quem todos os elementos obedecem. Eu, sou um simples ser humano, fraco e mortal, cuja vida está nas tuas mãos, como a existência daquela coluna. Com teu pensamento podes destruir-me num instante, como também certamente um mundo inteiro. Não posso deixar de tremer diante de ti, sem dúvida o mais poderoso criador de todos os nossos deuses, se é que realmente existem. Aquela coluna foi desde tempos inimagináveis consagrada a Júpiter Stator, e todas as forças da Natureza recuavam diante dela, em

profundo respeito. E agora acaba de ser destruída até mesmo por teu filho menor. Se Ele já consegue isto, que poder deve residir em ti! Deixa-te adorar por mim, que sou pobre verme desta Terra."

Protestou José: "Estás sumamente errado; em nada sou mais que tu, quer dizer, somente um mortal. Se puderes silenciar até o fim de teus dias, contar-te-ei algo. Não guardando segredo, ser-te-á feito o mesmo que àquela coluna. Ouve-me se queres e tens coragem para tanto."

De joelhos, Maronius pediu a José não contar-lhe coisa alguma, pois facilmente poderia escapar-lhe alguma palavra a respeito, e então estaria perdido.

Redarguiu José: "Não te preocupes por isto. O Senhor de Céu e Terra jamais castigaria alguém por um acaso. Por isso podes ouvir-me sem medo algum, pois o assunto não te destruirá, mas te sustentará eternamente."

Nesta altura, aproximou-se Cirenius com o Meninozinho nos braços e disse: "Bom amigo, deixa o Maronius como está. Prepara-lo-ei pessoalmente em minha casa, e amanhã poderás dar-lhe orientação maior."

62. Concorrência Amorosa pela Salvação de uma Alma

À noite, Cirenius dirigiu-se para José, dizendo: "Sinto muito não poder passar a noite aqui, pois o dia de amanhã será dedicado a negócios do Estado. Mas pelas três horas da tarde, voltarei com Maronius e poderás dar-lhe explicação mais profunda após o meu preparo junto dele. Julgo mui importante que esse homem tão rico em conhecimentos seja salvo pela Santa Escola da Vida de teu Deus, que considero a única verdadeira e viva."

Concordou José: "Sim, tal é justo e razoável; pois o Senhor muito Se agrada quando tratamos os inimigos com amor, cuidando do material e espiritual deles. Se considerarmos todo pecador qual irmão errado, Deus também nos considerará Seus filhos errantes. Em caso contrário, seremos apenas criaturas malévolas, sempre submetidas ao julgamento Dele, ani-

quiladas quais efêmeras.

Eis a razão por que o Senhor deu dois olhos aos seres humanos e apenas uma boca para falar, para que com um olho vejamos os homens apenas como homens, com o outro, quais irmãos. Se erram perante nós, devemos abrir nosso olho de irmão e fechar o da crítica. Se os irmãos cometem erros, devemos fechar o olho de irmão e dirigir a nós mesmos, o olho da crítica considerando que também somos criaturas falhas à semelhança de nossos irmãos que erraram.

Com a única boca que temos, devemos igualmente confessar Um Deus, Um Senhor e Um Pai, que nos reconhecerá como Seus filhos. Deus também tem Dois Olhos e Uma Boca; com Um Olho, Ele vê Suas criaturas e com o Outro, Seus filhos. Se nos olharmos com o olho de irmão, o Pai nos olhará com o Olho de Pai. Se nos observarmos com o olho de crítica, Ele nos fita apenas com o Olho de Criador, e Sua Boca Única exprime amor para com os Seus filhos, ou Seu julgamento às Suas criaturas. É, portanto, justo cuidarmos de nosso irmão Maronius." A isso, José abençoou Cirenius e Maronius, que foram à cidade com o séquito, enquanto José cuidava de sua vida doméstica.

63. Jacó, Ama-Seca do Irmãozinho

À noite, Maria deitou o Filhinho no berço, feito por José em Ostracina. O filho mais moço de José e autor deste livro, fazia geralmente papel de ama-seca e neste momento embalava o berço, a fim de adormecer o Pequenino, enquanto Maria preparava o jantar. Desta vez Jacó desejou que o Irmãozinho adormecesse mais cedo, pois tinha vontade de apreciar com os irmãos, a iluminação de um arco de triunfo, erigido em honra de Cirenius, não longe da vila. Para tal fim, embalava o berço com mais assiduidade, cantando e assobiando. Todavia o Pequenino não quis adormecer, pois nem bem Jacó parava de niná-Lo, Ele se mexia. Faltava pouco que isto trouxesse desespero à ama-seca masculina, porquanto fora

de casa tudo estava claro devido à queima de numerosas tochas. Finalmente, ele decidiu abandonar por algum tempo o Irmãozinho, a fim de apreciar o espetáculo.

Quando Jacó tentava levantar-se, o Pequenino disse: "Se Me deixares agora, algo de mal te acontecerá. Porventura não valho mais que aquele estúpido espetáculo e tua fútil curiosidade? Todas as estrelas e anjos te invejam do serviço que Me prestas, enquanto te impacientas Comigo querendo abandonar-Me? Se fizeres isto, não Me mereces como Irmão! O quarto está repleto de anjos, prontos a Me servirem, caso este serviço pequeno e leve te pese."

Essas palavras tiraram, num momento, a vontade a Jacó de sair, pedindo perdão ao Irmãozinho e continuando a embalá-Lo. E Este lhe disse: "Tudo te será perdoado. Não mais te deixes corromper pelo mundo, pois Sou mais que o mundo inteiro, todos os Céus, anjos e homens." Faltou pouco para que tal sentença matasse nosso amigo Jacó, pois percebeu sutilmente Quem Se ocultava naquela Criança. Nesta altura, entraram Maria, José e os quatro filhos deste, e Jacó contou-lhes o que sucedera.

64. Prédica de Amor

Quando Jacó terminara seu relato, José confirmou: "Assim é, foi e será para sempre. Devemos amar a Deus nas mínimas coisas, acima de todas as maravilhas do mundo. Que poderiam dar ao homem todos esses espetáculos berrantes do mundo? O próprio David teve que fugir de seu filho, e Salomon sentiu no fim da vida, a amargura do desagrado do Senhor por estar por demais preso às maravilhas deste mundo. Deus nos dá em cada segundo uma vida nova; como não amá-Lo – mesmo numa partícula infinitamente pequenina – mais que o mundo inteiro, perecível e cheio de podridão e imundície? Todos nós estamos convencidos de que Esse nosso Filhinho é do Alto e Se chama FILHO DE DEUS. Portanto não é apenas uma partícula de Deus, e é justo que O amemos mais que o

mundo inteiro.

Vede o pagão Cirenius. O que ele faz por nós, é unicamente motivado pelo Filhinho; pois o coração dele diz que, segundo sua concepção, o Ser Supremo Se acha ligado ao Mesmo, razão por que O teme e ama. Se assim age um pagão, quanto mais nos cabe imitá-lo, pois sabemos perfeitamente a Origem do Meninozinho e Quem é o Seu Pai.

Tomai-me como exemplo e vereis quantos grandes sacrifícios eu, homem de idade, já fiz por essa Criança divina. Fi-los com facilidade e com grande amor, pois amo a Deus mais que ao mundo inteiro. Teríamos perdido algo por isso? Certamente que não. Sempre lucramos após cada sacrifício. Por isto refleti e agi como eu, que jamais havereis de perder algo; ao contrário, lucrareis imensamente.

Além disso, é esta Criança tão meiga e se torna um verdadeiro prazer estar com Ela. Mui raramente chora; nunca esteve enferma e se alguém brinca com Ela, olha tão alegremente ao Seu redor dando a todo mundo um sorriso tão doce que comove até as lágrimas. E desde que súbita e milagrosamente começou a falar, tem-se vontade de esmagá-La de tanto amor! Por conseguinte, pensai bem Quem é esta Criança e Dela cuidai com zelo. Do contrário, poderá castigar-vos com toda razão, vendo estimardes as tolices insignificantes deste mundo mais do que a Ele, nosso Supremo Bem!"

Este discurso fez com que os filhos de José chorassem e se levantassem para rodear o berço do Pequenino que os olhou amavelmente, abençoou-os dizendo: "Meus irmãos, tornai-vos iguais a Mim, caso queirais ser felizes eternamente." Eles choraram e não se alimentaram naquela noite.

65. A Tempestade

Como a hora já estava bem avançada, José disse aos filhos: "Demonstrastes vosso amor para com o Irmãozinho e convém vos retirardes para dormir, depois de levar o berço junto da cama de Maria. O dia de ama-

nhã se iniciará cedo."

Nem bem José terminara de falar, o Meninozinho abriu os olhos e disse: "Ficai todos aqui esta noite e deixai vosso quarto aos foragidos que aqui se refugiarão. Dentro em pouco, um fortíssimo furacão trará a desgraça para esta região como nunca sucedeu. Nenhum de vós deve assustar-se, pois nada de mal acontecerá. Mas não fecheis porta alguma para dar abrigo aos refugiados."

Preocupado, José correu para ver de onde viria a tempestade, mas ao chegar lá fora não havia nem uma nuvem sequer: o Céu estava limpo e não havia aragem alguma. Um silêncio sepulcral cobria a zona inteira e ninguém poderia pensar em tempestade. Por isso, José voltou agradecendo a Deus dizendo: "Pode ser que nosso Filhinho sonhou. O firmamento está limpo por todos os lados e não se percebe a menor brisa. De onde poderia vir um temporal?"

Estas palavras tinham apenas sido pronunciadas, quando se ouviu um estrondo como se estourassem mil trovões, a terra tremia com tal veemência que na cidade, várias casas e templos desmoronaram. No mesmo instante levantou-se um furacão tão violento que o mar foi atirado à cidade, em ondas enormes. O povo, despertado pelo abalo terráqueo, saiu correndo do centro para os locais mais elevados.

Não demorou e Cirenius chegava com todos os seus acompanhantes, para se abrigarem na vila, contando as cenas horríveis causadas pelo terremoto e o furacão. José o acalmou com a informação da predição por parte do Filhinho. Então Cirenius começou a respirar mais livremente, pois se sentia fora de perigo.

66. Um Evangelho de Fé em Deus

Após se ter refeito, Cirenius aproximou-se do berço para contemplar o Meninozinho, profundamente pensativo, enquanto o Pequeno dormia tranqüilamente e o horrível furor da tempestade não parecia per-

turbar os Seus sonhos.

Dentro em pouco, o tufão começou rugir tão fortemente contra a casa que Cirenius temeu um desabamento, e disse a José: “Julgo ser melhor abandonar a casa, pois facilmente poderia desabar, ainda que sólida, enterrando-nos debaixo dos escombros!”

Neste instante, a Criancinha abriu os lindos olhinhos, reconheceu Cirenius e disse: “Se estás Comigo, não deves ter medo desta tempestade, pois também os tufões dependem, como o mundo inteiro, do teu Deus. Eles têm que existir porque devem afugentar os elementos maldosos do inferno. Todavia não poderão prejudicar os que estão ao redor de Mim, pois também os furacões conhecem o seu Senhor, e sua ação não é sem planejamento. Pois Aquele que é sumamente Amoroso, Sábio e Onipotente, tem as rédeas dos mesmos na Mão. Por isso, nada temas perto de Mim, Meu Cirenius, e estejas convicto de que nada acontecerá a alguém.

Hoje, à noite, os homens te renderam, que és simples humano, uma homenagem fulgurante. Agora, a tempestade homenageia Alguém Superior a um ser humano. Achas isto injusto? Trata-se de um cântico de glorificação da Natureza que louva seu Senhor e Criador. O vento que sopra sobre ti, entende também Aquele que o criou; por isso pode igualmente louvá-Lo.” Essas palavras da Criancinha que prontamente adormeceu de novo, fizeram com que todos se calassem, e Cirenius caiu de joelhos ao lado do berço, adorando-A.

67. Conflito Entre Sentimento e Razão

Assim passou-se uma hora mais calma e ninguém se preocupou com a fúria do temporal. Decorrido este tempo, chegaram à casa de José, três mensageiros à procura de Cirenius, contando o seguinte: “Fatos estranhos se sucedem. Em vários pontos irrompe fogo do solo; o tufão arremessa colunas em todas as direções destruindo tudo que atingem. Não existe coisa suficientemente sólida e forte para resistir à força terrível das mesmas.

Os sacerdotes afirmam que todos os deuses estejam encolerizados querendo aniquilar os mortais. E assim é, pois ouve-se distintamente o latido de Cerberus, e as fúrias dançam em vários lugares. O deus Vulcano dirigiu sua chaminé para a superfície da Terra e seus poderosos ciclopes destroem casas e montanhas. Neptuno está juntando todos os seus poderes numa só força, erguendo o mar, querendo afogar a todos nós. Se não oferecermos grandes sacrifícios humanos, estaremos todos perdidos. Já escolheram mil adolescentes e mil virgens para tal fim, e fomos enviados expressamente, a fim de obter de ti a autorização."

Cirenius muito se assustou com essa notícia e não teve coragem de opor-se diretamente à decisão sacerdotal, por questões de política; no entanto era ainda mais difícil o seu coração aprovar o sacrifício. Por isso dirigiu-se ao Menino Jesus que acordara neste instante, pedindo-Lhe conselho nesta situação tão horrenda.

Ele, então, disse: "Acalma-te, pois dentro de um minuto a tempestade serenará e os que queriam aniquilar os homens, não vivem mais. Estejas calmo, Meu Cirenius!"

68. Situação Aflitiva dos Condenados ao Sacrifício

Os mensageiros, entretanto, estavam esperando pela ordem de Cirenius. Esse levantou-se, e disse: "Trazei-me a lista dos jovens e virgens destinados ao sacrifício, pois tenho de me convencer ter sido justa a escolha." Eles correram a toda pressa, pois a tempestade se havia acalmado. Mas quando chegaram à cidade, ficaram horrorizados encontrando o edifício sacerdotal transformado em montão de escombros, sob os quais estavam soterrados os altos sacerdotes, com exceção de três subalternos.

Por isso, os mensageiros voltaram, para trazer a Cirenius, a notícia do acontecimento. Este, inteiramente convicto da exatidão do pronunciamento da Criancinha, não sabia que medidas tomar e se aprontava para pedir conselho à Mesma. Neste instante, chegaram os restantes sacerdo-

tes subalternos pedindo orientação, pois um novo terremoto enterrara todos os piedosos serventes dos deuses no palácio deles, quando se preparavam para o grande sacrifício. As vítimas para o sacrifício já estavam prontas na praça onde se encontrava a coluna de Júpiter, entrementes também destruída. Porventura o sacrifício deveria ocorrer agora, ou apenas após o levantar do Sol? De qualquer maneira não podia ser sustado, pois os deuses poderiam se tornar mais irados, devido à ingratidão e infidelidade humanas.

Respondeu Cirenius: "De maneira alguma deve ser efetuado hoje, e amanhã, não antes que eu pessoalmente dê a ordem para tanto, sob risco de pena de morte." Os sacerdotes deixaram Cirenius dirigindo-se para a praça, onde as pobres vítimas choravam e se lastimavam, pedindo aos deuses para serem poupadas. Cirenius quase não pôde esperar a manhã seguinte, pois as angustiadas vítimas que tiveram de passar uma noite tão horrorosa, causaram-lhe pena.

69. Condenação Justa Proferida por Cirenius

Ao chegarem junto dos condenados, os sacerdotes anunciaram também aos guardas, que o sacrifício inevitável seria realizado somente pela manhã e isto, pelo próprio Cirenius. Dispensa descrição detalhada a emoção produzida nas duas mil vítimas, para quem sabe, pela tradição da História, que as criaturas destinadas à pacificação de diversos deuses eram torturadas e mortas de várias maneiras, pois poderia ser por demais revoltante. Vamos deixar isso de parte e visitar, com Cirenius, Maronius e José, a praça de sacrifícios para onde os três se haviam dirigido de madrugada.

Com profunda amargura, Cirenius ouvia de longe os gritos de pavor, por isso acelerou os passos, para terminar com essa cena tão horrível. Chegando à praça, horrorizou-se com a atitude desumana dos sacerdotes subalternos que com a maior volúpia aguardavam a ordem para o estrangulamento.

Chamando-os para junto de si, ele perguntou: “Não vos causa dó, esta maravilhosa juventude que será morta de maneira tão cruel? Não tendes compaixão em vossos corações?”

Responderam eles: “Onde se trata de sentimentos de divindades, calam-se os sentimentos humanos. Para os deuses, a vida humana nada é e muitas vezes apenas um horror; nós, seus servos nesta Terra, sentimos com eles, não podendo alimentar compaixão em nosso peito, e sim, uma sensação de delícia e júbilo em podermos servir tão pontualmente. Por este motivo aguardamos tão ansiosamente a imolação dessas vítimas, tão raramente exigidas pelos grandes deuses.”

Esta declaração provocou tamanho abalo ao coração de Cirenius que começou a tremer de ira. Controlando-se, ele prosseguiu: “Que seria, caso Zeus pessoalmente aparecesse e lhes desse a vida? Que faríeis então?”

Responderam eles: “Neste caso, o sacrifício teria de ser feito mais do que nunca, pois seria apenas uma prova para nossa lealdade sacerdotal. Se em tal caso tivéssemos misericórdia com as vítimas, Zeus nos tomaria por violadores destruindo-nos por meio de raios e trovões.”

Continuou Cirenius: “Em que pecaram diante dos deuses, vossos superiores que foram tão cruelmente soterrados em seu palácio?” Retrucaram: “Ignoras que acima de todos os deuses e seus sacerdotes rege um destino inexorável? Foi ele a matar os sacerdotes, assim como também irritou os deuses; ele não pode matar deuses, mas pode aniquilar os sacerdotes, de quando em vez ainda mortais.”

“Bem”, disse Cirenius, “hoje, depois de meia-noite, o destino veio me visitar ordenando a dar a vida a toda essa mocidade, e ao invés dela, sacrificar-vos, e isto tão certo como me chamo Cirenius e ser meu irmão Julius Augustus Caesar, supremo Cônsul e Imperador em Roma. Que dizeis a esta notícia?”

Esta determinação apavorante fez empalidecer os sacerdotes e recuperar os sentidos às primitivas vítimas, pois Cirenius anunciava a liberdade a todas, enquanto os sacerdotes foram atados para a execução.

70. Ira de Cirenius Contra os Sacedotes

José, porém, aproximou-se de Cirenius e disse: “Pretendes realmente matar esses sacerdotes pagãos?” E o romano respondeu, tomado de revolta: “Sim! Quero que este caso sirva de exemplo, a fim de que o povo saiba que castigo a falta de amor, mais do que qualquer outro delito. Um ser humano destituído de amor e compaixão é o maior mal nesta Terra. Todos os animais ferozes podem ser comparados a ovelhas, e as fúrias do inferno apenas discípulas ineptas, em relação ao homem. Por isto, julgo o meu dever principal aniquilar tais monstros.

Sacerdotes têm a obrigação de educar o povo e sobretudo no amor e dar o exemplo a todos. Se os primeiros mestres e guias populares se tornam fúrias, que esperar de seus alunos? Por isto: fora com essas feras! Falta somente descobrir o meio de morte mais cruel, em seguida condená-los sem demora!”

José não se atrevia a fazer objeções, pois Cirenius havia falado com rigor impressionante. Não demora os três sacerdotes caírem de joelhos diante de Cirenius, pedindo misericórdia e prometendo mudar de vida, inclusive renunciariam ao posto sacerdotal. Para a obtenção do indulto apelavam à lei sacerdotal que os obrigava a agirem daquele modo.

Cirenius protestou: “Julgais, eu desconhecer tais leis? A lei dos sacrifícios extraordinários está redigida nos seguintes termos: Quando um povo passa evidentemente à infidelidade aos deuses através de sua libertinagem e após os deuses o desgraçarem por guerras, fome e peste, devem os sacerdotes adverti-lo à necessária regeneração.

Caso o povo os atenda, os sacerdotes devem novamente abençoá-lo e obrigá-lo a determinados sacrifícios de ouro, gado e cereais, para a pacificação dos deuses, que serão abençoados e usados para holocausto. Se existir um povo de tamanha obstinação a ponto de não aceitar conselhos e zombando dos sacerdotes, estes deverão prender os malfeitores com seus descendentes e educá-los em recintos subterrâneos, durante sete meses, usando a chibata.

Se com isto eles se arrependem, devem ser libertados; não querendo modificar-se, terão que morrer pela espada e só depois, serão queimados para resgate dos deuses. Não é este o teor da antiga lei dos sacrifícios? Porventura tivemos guerra, fome e peste? Esta bela juventude, era ela infiel aos deuses? Fora antes instruída por sete meses? Não! Movidos de ambição e volúpia desejáveis matá-la. Por isso, morrereis como maiores infratores de vossa própria lei!"

71. Condenação Simulada como Meio de Regeneração

Após este pronunciamento de Cirenius, José novamente se postou à frente dele e disse: "Sou de opinião de que deverias entregar ao Senhor o castigo desses servos pagãos que realmente são malfeitores. Acredita-me, ninguém presta serviço agradável ao Senhor, Deus Onipotente de Céu e Terra, se manda matar o maior criminoso.

Entrega, sem preocupação posterior, a punição justa desses homens ao Deus Onipotente, e Ele te abençoará com o veredicto aplicado, caso não mudem de índole por meio de um verdadeiro arrependimento e uma conversão integral."

Essas palavras levaram Cirenius a refletir acerca da atitude a ser tomada e depois de decorrido algum tempo, decidiu-se a expô-los ao menos a um grande pavor da morte como paga ao medo que fizeram passar a infeliz mocidade. Por isso disse a José: "Refleti bastante acerca de teu conselho que seguirei. Apenas não me é possível neste instante, pois tenho que pronunciar sua morte cruel, mas bem merecida. Após terem passado pelo pavor mortal, durante vinte e quatro horas, podes pedir-me em voz alta e diante do povo, de lhes perdoar e revogar a pena máxima; então te atenderei dando a vida a esses patifes. Dentro da lei, eles têm que ouvir a condenação final; só depois – em casos extraordinários – o perdão tomará lugar do veredicto. Assim farei!"

José aprovou a resolução de Cirenius que chamou os juízes, os lictores

e esbirros, dizendo: "Trazei três cruzes e correntes de ferro. As cruzes devem ser enterradas no solo e acendei um fogo ao redor durante vinte e quatro horas. Quando estiverem incandescentes, apresentar-me-ei dando ordem para nelas serem suspensos os criminosos."

Em seguida Cirenius apanhou um bastão, partiu-o em dois atirando-o aos pés dos condenados e disse: "Ouvistes o veredicto! Preparai-vos, pois mereceis tal fim! Tenho dito!"

A condenação teve um efeito tremendo sobre os sacerdotes que começaram a clamar e se lastimar, pedindo socorro de todos os deuses. Imediatamente foram aprisionados, e os algozes se dirigiram à casa de instrumentos de tortura, enquanto Cirenius, José e Maronius seguiam à casa.

72. Dúvida de Maria Quanto à Onipotência do Menino Jesus

Quando se aproximaram da vila, Maria, cheia de angústia foi ao encontro deles com o Filhinho nos braços e perguntou a José: "Que aconteceu aos jovens? Se aqui, por ocasião de tempestades não mui raras, sempre se praticam tais sacrifícios, não estamos seguros com nosso Filhinho. Não obstante Seu grande Poder, tivemos que fugir da Palestina por causa de Herodes e deduzi o seguinte: Em certos casos, o Menino Jesus ainda não possui bastante poder, e depende de nós protegê-Lo de todos os grandes perigos."

Retrucou José: "Não te preocupes com isto, pois àqueles jovens destinados a sacrifícios tão deprimentes, nem um fio de cabelo foi tocado. Nosso bom Cirenius deu-lhes imediatamente a liberdade e ao invés dos jovens, condenou os três sacerdotes que aqui vieram pedir consentimento de Cirenius, para a carnificina por meio da cruz em brasa.

Foi apenas dada uma sentença simulada, pois amanhã cedo eles receberão o indulto. Isto, na certa, lhes servirá de lição, não mais propondo tal sacrifício expiatório de quem quer que seja. Fica, pois, tranqüila e

pondera que o Senhor, que até então nos guiou tão seguramente, não nos entregará ao poderio pagão."

Essa explicação acalmou Maria e sua fisionomia alegrou-se, enquanto o Filhinho diz: "Maria, se alguém tivesse domado um leão a ponto de o mesmo carregá-lo qual dócil animal de carga, julgas ser louvável ele temer a lebre arisca?"

Conquanto estranhasse a profunda sabedoria dessas palavras, Maria não as entendeu; por isso o Pequenino prosseguiu: "Sou Eu o poderoso Leão de Judá que te carrega nas Suas Costas. Como podes então ter medo daqueles que posso dissipar qual palha solta, com um simples sopro? Porventura julgas ter fugido de Herodes para Me salvar de sua ira? De modo algum. Fugi, para poupá-lo, pois se tivesse visto o Meu Semblante, teria selado o fim dele.

Quanto às criancinhas que foram estranguladas por Minha Causa, acham-se imensamente felizes em Meu Reino e Me rodeiam diariamente e reconhecem em Mim, convictamente, o Seu Senhor Eterno. Assim andam as coisas. Por isso, convém silenciares a Meu respeito, como foi determinado. Com relação a ti, deverias bem saber Quem é Aquele que deves chamar de Filho de Deus, e realmente assim fizeste." Maria comoveu-se profundamente, pois percebeu nitidamente que acolhia nos braços, o Próprio Senhor.

Maronius, que se achava atrás de Maria, caiu de joelhos dando oportunidade para Cirenius descobri-la, pois estava palestrando com um dos secretários que o acompanharam. Incontinenti correu para junto do Meninozinho, a fim de saudá-Lo e beijá-Lo, o Qual o retribuía dizendo: "Cirenius, ergue o teu amigo Maronius, pois já está preparado para reconhecer-Me; entendes o que quero dizer?"

73. Condições em Favor dos Criminosos

Quando finalmente o grupo chegou à vila, Cirenius mandou o seu

ajudante à cidade, para informar ao comandante que neste e no dia seguinte, nenhum desfile e nenhuma saída das tropas deveriam realizar-se. Esse era o hábito entre romanos, em ocasiões especiais ou se tratando de acontecimentos extraordinários, como sejam: um eclipse lunar ou solar, uma tempestade forte, meteoros, cometas, o aparecimento de um louco, o irrompimento de epilepsia, execuções extraordinárias, pois não podiam empreender outros negócios públicos em tais dias. Eram considerados pelos romanos – bastante razoáveis em outras ocasiões – dias de má sorte ou dias especiais dos deuses, sagrados para os homens e não conviria utilizá-los para outros empreendimentos.

Se bem que Cirenius não ligasse para tais costumes vãos, ele tinha que agir deste modo por causa do povo ainda preso a tais tolices. Quando o ajudante havia partido, Cirenius disse para José: "Manda preparar um desjejum. Em seguida iremos todos à cidade para verificarmos as devastações causadas pelo tufão. Certamente encontraremos muitos cidadãos, pobres e acidentados, aos quais ajudaremos por todos os meios possíveis.

Mais tarde visitaremos o porto para vermos se as embarcações foram muito danificadas. Daí resultarão certamente diversos trabalhos para os teus filhos que nomearei para inspetores gerais, nesta cidade desprovida de construtores, pois o Egito de hoje, sob ponto de vista da arquitetura, não é mais o que foi há mil anos atrás, nos tempos dos faraós."

Após a ceia, Cirenius se aprontava para seguir para a cidade, todavia, o Meninozinho o chamou dizendo: "É de teu desejo Eu estar ao teu lado quando fores socorrer os necessitados. Irei contigo, entretanto terás que aceitar o Meu Conselho. Os que sentem a maior infelicidade são os três criminosos condenados por ti, a sofrerem vinte e quatro horas de pavor mortal. Considera que não sinto prazer algum em presenciar a dor excessiva dos miseráveis, por isso serão eles os primeiros a receberem nossa visita. Só então, os menos atingidos na cidade e nos portos. Acompanhar-te-ei somente se agires deste modo, pois também sou um Senhor a Meu modo e posso fazer o que quero, sem Me deixar guiar por ti. Se considerares Meu Conselho, seguir-te-ei."

74. Indulto dos Criminosos

Ouvindo isso do Pequeno Orador, como costumava chamá-Lo vez por outra, Cirenius não soube como agir. De um lado se via fortemente comprometido diante do povo como um indeciso chefe e supremo Governador. Do outro lado tinha respeito do poder comprovado da Criança.

Após certo tempo falou de si para si: "Que farei? Para onde me voltarei? Pela primeira vez devo aparecer indeciso diante do povo e fazer a vontade dessa Criança poderosa. Talvez deva agir segundo a minha decisão, em si tão magnânima?"

De novo o Meninozinho chamou Cirenius para junto de si e disse sorrindo: "Estás misturando ovos vazios com nozes ocas. Segue-Me, que nunca terás de te haver com futilidades."

E Cirenius, refazendo-se de sua indecisão respondeu: "Tu, minha Vida, meu pequeno Sócrates, Platon e Aristóteles no berço, quero satisfazer-Te, custe o que custar. Vamos à praça do suplício para transformarmos sem demora, o julgamento em misericórdia."

Nesta altura, Maronius aproximou-se e disse delicadamente: "Estou plenamente de acordo com o conselho da criança, pois acabo de me lembrar que, em assuntos do clero, a pena de morte não deve ser pronunciada sobre sacerdotes, sem o consentimento do *Pontifex Maximus*, em Roma, em não se tratando de agitadores contra o Estado. Neste caso, são apenas zeladores cegos da própria causa. O cumprimento do conselho acima só te pode ser útil."

Cirenius alegrou-se com a observação de Maronius e partiu, em companhia dos acima mencionados. Chegando à praça de suplício, encontrou os três sacerdotes quase mortos pelo pavor do fim horrendo. Apenas um deles ficou com bastante presença de espírito para se levantar a muito custo pedindo por um meio de execução mais misericordioso.

Dirigindo-se aos três, Cirenius disse: "Vede esta Criança, nos braços de Sua mãe. Ela vos restitui a vida, de sorte que faço o mesmo, revogando

a minha sentença. Levantai e afastai-vos livremente! E vós, guardas, juízes, lictores e esbirros, levai esses instrumentos de suplício. Tenho dito!"

O pronunciamento de misericórdia tirou a vida aos três sacerdotes; mas a Criancinha estendeu o Braço sobre eles que despertaram de novo e contentes seguiram o seu Pequeno Salvador.

75. Bom Efeito do Tufão

Deixando rapidamente o local de suplício, o pequeno grupo foi à cidade, acompanhado dos três sacerdotes. Ao chegar à grande praça, à frente do grande montão de entulho do templo e do palácio sacerdotais, enormes, Cirenius juntou as mãos acima da cabeça e disse: "Que aspecto diferente! Deste modo, somente o poder de um Deus pode agir e não se tornam precisos tempos infindos; basta um aceno da Onipotência, para transformar a Terra toda, em pó. Ó criaturas, quereis lutar contra Aquele que manda nos elementos que Lhe obedecem incontinenti? Fazer o juiz, onde ordena a Onipotência Divina e reger, quando um simples aceno do Senhor Eterno vos destroça?

Sou um tolo, pois ainda carrego a minha espada como se tivesse poder qualquer. Para longe com esse objeto miserável, aquele montão de entulho será seu melhor lugar. Minha verdadeira espada serás Tu, a Quem a Mãe abriga em seus braços." Soltando a espada do cinto de honra, Cirenius quis atirá-la com toda força em cima do entulho.

A Criancinha, porém, disse: "Cirenius, não faças isto! Quem carrega uma espada como tu, usa a mesma com justiça. Quem empregá-la como arma, que a atire para longe, e quem se serve dela como báculo, que a guarde! Eis o desejo Daquele a Quem Terra e Céu têm que obedecer eternamente. És um pastor para aqueles que estão inscritos no livro de tua espada; por isto, cinge-te novamente com a justa honra, a fim de que teu povo reconheça o seu pastor.

Se teu rebanho consistisse apenas de ovelhas, não precisavas de caja-

do. Há entre elas muitos carneiros, de sorte que prefiro acrescentar a tirar um cajado. Realmente, não existe qualquer poder senão em Deus; mas Ele te conferindo o poder, não deves atirá-lo no lugar que foi condenado pela maldição do Senhor."

Imediatamente Cirenius cingiu-se de sua espada, sob constante adoração silenciosa dirigida à Criancinha, enquanto os sacerdotes ficaram sumamente impressionados diante da sabedoria da Mesma.

76. Sabedoria de Jesus e de José

Com o máximo respeito, aproximaram-se de José, perguntando como o Pequenino chegara a tamanha sabedoria e qual a idade Dele. José respondeu: "Não pergunteis antes do tempo, pois uma resposta prematura vos poderia custar a vida. Segui antes o nosso exemplo, desisti de vossos múltiplos deuses e acreditai na Existência de Um Só Deus de Céu e Terra, adorado e honrado pelo povo de Israel, em Jerusalém; assim descobrireis no vosso íntimo e igualmente por esta Criança, de onde provém a Sua Sabedoria."

Retrucaram os sacerdotes: "Falas coisas estranhas. Porventura seriam nossos principais deuses, como Zeus, Apollo, Mercúrio, Vulcano, Pluto, Marte e Netuno, Juno, Minerva, Venus e outros, apenas meros produtos da fantasia humana?"

Explicou José: "Todos os vossos deuses foram criados na fantasia de vossos antepassados que ainda conheciam o Deus único. Eram poetas e cantores, raros, nas cortes dos antigos reis desse país que personificavam, em boas interpretações, as qualidades desse Deus Único. Para eles, Júpiter representava a Bondade e o Amor do Pai, desde Eternidades; Apollo era a Sabedoria do Pai, e Minerva, o Poder da Sabedoria. Mercúrio significava a Onipresença, através da Vontade Onipotente Dele. Venus representava a Glória, a Beleza e a Juventude Eternas do Ser Divino.

Vulcano e Pluto representavam o Poder Pleno desse Deus sobre a

Terra; Marte, o Rigor Divino, julgamento e morte para os condenados; Netuno, o Espírito Ativo em todas as águas, vivificando a Terra por meio delas. Assim, a antiga Isis, como também Osiris, representavam a Intocável Santidade Divina, que é o Amor e a Sabedoria Divinos, desde Eternidades. Todos os outros deuses, digamos sub-divindades, representavam nada mais que atributos desse Único Deus, em quadros correspondentes, interpretações louváveis porquanto apontavam apenas Deus Único em Suas projeções.

Com o tempo, os homens foram ofuscados e obscurecidos pelo egoísmo, amor-próprio e ambição. Perderam o espírito e lhes restava apenas a matéria tornando-se pagãos, quer dizer, verdadeiros materialistas. Com a perda do Deus Único acabaram por roer as imagens externas, ocas e incompreendidas, quais cães esfaimados, carcomendo apenas ossos. Entendestes?"

Os sacerdotes se olharam pasmados, dizendo: "Realmente, estás mais orientado em nossa religião do que nós. Onde aprendeste tais coisas?"

José retrucou: "Tende um pouco de paciência; a Criança vos elucidará. Segui-A e não volteis atrás."

77. Exumação dos Soterrados

Os três sacerdotes nada mais perguntaram, reconhecendo em José um homem profundamente iniciado nos antigos mistérios do Egito, iniciação geralmente encontrada apenas nos sumo-sacerdotes daquele país.

Entrementes, Cirenius perguntou-lhes quantos dos seus colegas haviam perecido, e eles responderam: "Não podemos precisar o número exato, mas certamente foram mais que setecentos, sem contar os discípulos de ambos os sexos."

"Bem", disse Cirenius, "dentro em breve haveremos de nos convencer da exatidão do fato." E virando-se para José, indagou se não era aconselhável exumar os soterrados.

Respondeu este: “Não resta dúvida, pois facilmente poderiam estar alguns neófitos ainda vivos nas catacumbas, e é nosso dever salvá-los.” A isto, Cirenius contratou dois mil operários, incumbidos de removerem os escombros, e dentro de poucas horas, foram retirados sete cadáveres, precisamente os guias das catacumbas.

Conjeturou Cirenius: “Realmente, sinto muito por esses; pois sem ajuda deles nada de importante conseguiremos nesses labirintos de inúmeras galerias.”

Nisto, o Menino Jesus Se expressou: “Cirenius, quanto às catacumbas, não haverá muita coisa útil a ser encontrada, pois desde vários séculos estão fora de uso e cheias de lama e bichos. Esses sete guias só tiveram o título como tais, pois nunca um deles lá entrou. A fim de que creias no que te digo, acrescento que eles não estão mortos, mas apenas muito atordoados, podendo ser despertados. Manda mulheres fortes lhes friccionarem as frontes, peito, nuca, mãos e pés, que despertarão prontamente do seu aturdimento.”

Obtemperou Cirenius: “Se Tu, minha Vida, os tocasses, certamente despertariam.” E o Meninozinho retrucou: “Faze o que te aconselhei; não posso exceder-Me, caso não pretenda dar ao mundo, um julgamento ao invés de uma bênção.” Cirenius não O entendeu, entretanto seguiu o Seu conselho. Mandou que dez moças fortes tratassem dos guias, e após alguns minutos, eles despertavam perguntando o que lhes tinha sucedido. Cirenius tratou que fossem levados a um albergue, enquanto o povo muito se admirou dessa ressurreição demonstrando grande veneração às moças.

78. Obra de Caridade

Continuaram os trabalhos de escavação dando Cirenius ordem de serem os cadáveres não seriamente mutilados, deitados em determinado lugar coberto de esteiras, as faces viradas para o solo; somente os gravemente mutilados deveriam ser queimados, segundo o hábito, na praça

destinada aos enterros, ou então, enterrados a oito pés abaixo do solo. Aos menos mutilados deveriam ser feitas as mesmas tentativas de ressurreição e caso algum voltasse à vida, seria trazido, sem demora, ao albergue.

Após dadas essas ordens, Cirenius afastou-se com seu séquito a fim de visitar outras partes da cidade. Muito admirou-se quando constatou que em parte alguma estava danificada uma casa particular; ao passo que não se via mais um templo pagão que não estivesse em escombros, com exceção de um, pequeno e fechado, com a inscrição "Ao Deus Desconhecido". Quando o grupo, seguido de grande multidão, havia atravessado a cidade que contava oitenta mil habitantes, Cirenius chamou José, dizendo: "No íntimo sinto vontade de rir sobre o efeito estranho do terremoto e da tempestade.

Vê, acompanhando essa ruela se acham construções bastante miseráveis, pedras secas sem cimento, pouco simétricas, colocadas umas por cima das outras, para formarem uma parede. Dever-se-ia supor que não tivessem firmeza bastante para resistirem ao tropel de um cavalo um pouco pesado.

Essas casas de formigas estão de pé, enquanto que os templos construídos para a duração de milênios, foram transformados em miseráveis montões de entulho. Que me dizes deste acontecimento singular? Não é evidente que a tempestade e o terremoto devem ter agido com bastante inteligência? Devo confessar, para minha grande satisfação, que, se teu Filhinho com Seus dedos onipotentes, não brincou junto à tempestade, em meio dos templos, eu não me chamo Cirenius."

Obtemperou José: "Guarda o que acreditas, pois deve ser realmente assim. Vamos agora para o cais, para vermos se não há algum trabalho para mim."

79. A Volta para a Vila

Chegando à beira-mar, onde estava fundado o porto, em parte pela

Natureza e em parte pela arte humana, Cirenius ficou bastante admirado. Não se descobria dano qualquer, com exceção de que no formidável navio de Cirenius, todos os ornamentos mitológicos estavam destruídos. Por isso, ele disse a José: "Pelo que vejo, teus filhos terão o que fazer, todavia recompensarei alguns consertos pequenos como se fizessem algo importante. A destruição dos ídolos foi bem a meu gosto e jamais colocarei algo semelhante em minha embarcação. Por isso, todo louvor e honra cabem a teu Deus."

Retrucou José: "Não te preocupes tanto com o lucro dos meus filhos, pois aqui viemos apenas para te prestar bom serviço. O Senhor, porém, te ajudou, de sorte que podes dispensar meu auxílio. Já vimos tudo e podemos voltar à casa e talvez amanhã passar uma vistoria no restante, pois já é bastante tarde."

Concordou Cirenius: "Sou da mesma opinião, pois sinto-me penalizado com o cansaço de Maria, e mandarei trazer uma liteira a fim de que seja levada à casa, com o Filhinho."

Imediatamente o Meninozinho Se manifestou dizendo: "Faze isto sem demora, pois a mãe cansou-se bastante, visto ter muito que carregar Comigo. Não tomes o rumo pela praça dos sacerdotes, conforme planejavas. Caso Eu e ela passássemos por lá, onde se acham cem dos soterrados, em esteiras, subitamente ressuscitariam resultando um julgamento para ti e o povo. Assim, ressuscitarão durante a noite, com ajuda humana e sob Minha influência secreta. Evita-se assim a aparência do milagre, enquanto todos serão poupados de um julgamento eternamente mortal para o espírito."

Sumamente satisfeito, Cirenius seguiu o conselho. A liteira foi trazida, sendo ocupada por Maria e o Filhinho; e outro caminho foi encetado, e todos, inclusive os três sacerdotes, chegaram rapidamente à vila.

80. Invejável Missão de Jacó

Sem delongas, José se dirigiu aos filhos ocupados com o almoço e disse: "Antecipastes o meu desejo. Temos, porém, mais três hóspedes, quer dizer, os sacerdotes que hoje de manhã foram condenados à morte. Quero servi-los especialmente bem, a fim de que se tornem nossos amigos reconhecendo nosso Pai nos Céus, o Qual nos escolheu para filhos, por meio da Aliança feita com Ele e nossos antepassados. Tu, Jacó, vai de encontro à mãe que muito se cansou, e leva o adorável Irmãozinho para o seu leito, visivelmente fatigado e com saudade de Seu berço."

Imediatamente, Jacó foi receber Maria que descia da liteira, e com grande amor e alegria ele apanhou a Criancinha que demonstrou a mesma alegria a Jacó, pois dava saltinhos nos braços dele, sorrindo, beliscando e puxando-o por onde podia. Os sacerdotes que devotavam o máximo respeito ao Pequenino, estranharam satisfeitos por terem descoberto Nele, algo de infantil. Um deles aproximou-se de Jacó perguntando em hebraico: "Estaria essa Criança milagrosa sempre tão alegre? Poder-se-ia afirmar que se excede um pouco, como as crianças comuns, mas geralmente apenas após os dois ou três anos."

Sem perda de tempo, o Pequenino respondeu em lugar de Jacó: "Sim, Meu amigo, gracejo igualmente com aqueles que Me amam, beliscando e puxando-os, e isto, porque também os amo. Todavia, não lhes faço mal nenhum. Não é assim, Meu querido Jacó, de modo algum te magôo quando te belisco e aperto?!"

Jacó, facilmente comovido até as lágrimas, respondeu: "Divino Irmãozinho, como me poderias fazer mal?" Respondeu a Criancinha: "Jacó, amas-Me de verdade. Mas também Eu te amo tanto, que por toda Eternidade não poderás compreender. Os Céus são vastos e inimaginavelmente imensos e contêm inúmeros e brilhantes mundos de luz, portadores de incontáveis seres de tua espécie; mas entre eles não há quem fosse mais feliz que tu. Ainda não Me compreendes; com o tempo Me entenderás. Dormir, agora não quero, enquanto as criaturas ao Meu re-

dor se encontram acordadas. Ficarei contigo.” Sensibilizado, Jacó chorou de felicidade, e o sacerdote que fizera a pergunta acima, quase se desfez de tanto respeito.

81. Promessa Feita a Roma

Cirenius, que também ouvira a palestra, instantaneamente se dirigiu para perto do Meninozinho, dizendo: “Ó minha Vida! Certamente não me amas tanto, pois nunca me beliscaste e apertaste!”

Respondeu Ele: “Cirenius, não te preocupes com isto, pois todas as contrariedades que passaste por Minha Causa, foram beliscões e apertos dados por Mim, porque tanto te quero. Ainda hei de beliscar-te por muitas vezes, e por simples amor serei até bem mau. Contudo, não deves ter medo de Mim, pois nestas ocasiões, nada de prejudicial te sucederá, como até então. Entendes?”

Com profundo respeito, perplexo e comovido, Cirenius disse: “Sim, entendo muito bem o sentido de Tuas Palavras. Entretanto, gostaria que também me beliscasses e apertasses um pouco, como a teu irmão.”

Respondeu o Pequenino: “Certamente não serás mais pueril do que Eu? Julgas que com isso te amaria mais? Então estás muito enganado, pois é impossível amar-te mais do que te amo. Nem em eternidades, poderás conceber o grau e a intensidade do Meu amor para contigo.

Não se passará nem um século, e Roma entrará por diversas vezes em Minha fortaleza. O tempo ainda não é chegado, mas já te encontras na soleira, por muitos transitada dentro em pouco, – não física, mas espiritualmente, no Meu futuro Reino, para todo o sempre.”

Essas palavras causaram grande sensação entre todos, e Cirenius não sabia como interpretá-las. Por isso dirigiu-se a Maria neste sentido, e ela respondeu: “Caso se tratasse de uma criança comum, nós a entenderíamos. Sendo de Natureza superior, não A compreendemos. Guardemos todas as Suas Revelações dentro de nós; os tempos certamente as desvendarão.”

82. O Véu de Isis

Cirenius, atordoado de pensamentos profundos, chamou José e lhe relatou a palestra havida, perguntando ao mesmo tempo como deveriam ser interpretadas as Palavras do Meninozinho. José respondeu a Cirenius, por demais excitado: "Desconheces o mito que menciona um homem que pretendia levantar o véu de Isis?"

Surpreendido, Cirenius retrucou: "Conheço o mito, e o homem pereceu miseravelmente. Onde queres chegar com tua pergunta?" Disse José: "Apenas isto: Aqui se encontra mais que Isis! Por isso segue o conselho de minha esposa que obterás bons resultados, para sempre."

Maronius Pilla que estava presente, aduziu: "Sou mui ignorante nesses assuntos; mas desta vez me parece ter entendido aquele amigo." Disse Cirenius: "Feliz és tu, se estás convencido disto. Até agora não posso gabar-me do mesmo. Meu cérebro, em geral, não perde o tino, mas dessa vez não quer me prestar serviços normais."

Disse Maronius: "De minha parte entendo o assunto deste modo: Não devo estender a mão para coisas distantes demais, pois ela é curta para tanto. Seria de fato mui honroso ser-se um *Phaeton* feliz. Mas que pode o pobre mortal, se o Sol executa tão distante, o seu percurso? Tem que se contentar com a luz do mesmo e deixar, de boa vontade, o poder e a honra de guiá-lo, àqueles seres que certamente possuem braços mais compridos. Quanto ao comprimento do braço desta Criança, convencemo-nos ontem. Porventura não entendi perfeitamente o que aquele homem sábio externou?"

Cirenius deu razão a Maronius e acalmou seu coração. Voltou satisfeito para a vila, com José, onde se refez com a simples refeição. Os sacerdotes mal tinham coragem de abrir os olhos, pois julgavam que a Criança fosse Zeus ou até mesmo o Destino.

83. Cegueira Espiritual dos Sacerdotes

Após tomada a refeição e todos se tendo levantado da mesa, um dos sacerdotes aproximou-se de José perguntando: “Uranus, – ou no mínimo Saturnus como pai de Zeus! Certamente o és em pessoa, conquanto procuravas ocultar, na cidade, a tua divindade, com a intenção de nos experimentar se te reconheceríamos. Apenas por um lapso assim foi, e te pedimos perdão pela nossa grande cegueira. O pronunciamento de teu filho nos orientou e agora sabemos a quantas andamos. Indica-nos como fazer um sacrifício a ti, à tua esposa divina e ao teu filho, Zeus rejuvenescido através de tua onipotência.”

José estranhou a inesperada transformação dos sacerdotes, aos quais tinha explicado clara e explicitamente o erro de sua crença pagã. Por isso refletiu o que lhes dizer, mas a Criancinha pediu para ser levada junto de José e disse: “Deixa esses coitados e não os repreendas pois são cegos, dormem e sonham. Deixa-os ficar aqui por alguns dias, que Meus irmãos hão de despertá-los. Quando ouvirem vossa prece a Deus, desistirão de Uranus, Saturnus, e Zeus.”

Assim acalmado, José os convidou à sua casa até que fosse resolvida a situação de sua estadia. Os três sacerdotes, mal tinham coragem de respirar, de tamanho respeito, muito menos ousaram recusar o convite, pois ignoravam em que terreno pisavam. Embora aceitassem, murmuraram entre si: “Ah, se nos fosse possível fugir e nos esconder num cantinho qualquer desta Terra! Assim somos obrigados a permanecer na presença desses deuses evidentemente principais. Que sofrimento representa isto para nós, indignos!”

Percebendo tais conjeturas, Cirenius aproximou-se para solicitar-lhes satisfação; de novo, o Meninozinho interveio: “Meu Cirenius, fica aqui, pois não ignoro o que se passa com eles. Seu plano é fruto de sua cegueira e de seu medo tolo, nada mais visando que uma fuga para o mais longínquo esconderijo deste mundo. Não te exaltes, portanto. Nesta casa, deixa o julgamento Comigo, e podes estar certo que a ninguém

será feita uma injustiça." Satisfeito, Cirenius saiu com José, enquanto os sacerdotes se retiraram para o seu quarto.

84. Origem da Cidade de Ostracina

Após terem chegado ao ar livre, José e Cirenius encetaram uma palestra sobre assuntos diversos, enquanto Maria cuidava do Filhinho, e os filhos se ocupavam com a parte doméstica, assistidos pelos serviçais de Cirenius. Entre outros, ele fez a seguinte referência: "Ostracina e a grande área que ainda faz parte do Governo, contêm aproximadamente oitenta mil habitantes. Entre esses, existem poucos de tua crença e religião. Segundo meu conhecimento, são na maioria pagãos desde milênios. Têm seus templos nessa cidade remota, da qual o mito consta ter sido construída por ocasião das guerras dos deuses contra os gigantes da Terra, e isto, partindo do próprio Zeus, para prova da vitória sobre aqueles.

Mercúrio teve de colecionar os ossos dos gigantes para submergi-los no mar; desta maneira teria surgido essa área. Sobre a ossada, Zeus fez chover areia e cinzas, por um mês inteiro, e, às vezes, também pedras grandes e pesadas. Em seguida, teria Zeus mandado Ceres fertilizar esse país e construir uma fortaleza e uma cidade, perto do mar, como prova da grande vitória.

Zeus mesmo chamara um povo terráqueo que habitaria aquela cidade, para todos os tempos. Desta informação deduzirás que este povo, mais do que qualquer outro, está convicto de estar habitando a cidade construída pelos deuses. Por esta razão vês tantas casas escalavradas, pois ninguém tem coragem de remendar a obra dos deuses, para não pecar contra eles. Os templos teriam sido construídos por Ceres, com ajuda de Mercúrio e Apollo. Eis o mito e a firme convicção deste povo de boa índole que, não obstante sua pobreza, é mui hospitaleiro e excepcionalmente honesto. Que deverá ser feito, caso ele exija a reconstrução dos templos? Devem ser erigidos de novo, ou convém convertê-lo à tua dou-

trina? E se isto for feito, que dirão os povos vizinhos, que às vezes visitam esta cidade que desde tempos remotos parece mais uma ruína?"

85. Predição Sobre o Fim de Ostracina

Prosseguiu Cirenius: "Eis o ponto nevrálgico. Caso dispuseres de um conselho provindo de tua sabedoria verdadeiramente divina, externa-o. Realmente, por mais que eu reflita sobre esse caso, mais crítico e complicado ele se torna."

Retrucou José: "Facilmente podes sair desse embaraço. Dar-te-ei um bom conselho que demonstrará como deves agir. No coração participas de minha fé viva e, como eu, amas e honras o Deus Verdadeiro e Único. Todavia te digo: Enquanto te preocupas, Deus nada pode fazer por ti. Se entregares todas as tuas preocupações a Ele e te dedicares apenas a conhecer e amar cada vez mais Este Deus Verdadeiro, Ele te ajudará, e tudo que hoje te parece turvo, amanhã se tornará claro diante de ti.

Providencia que a cidade seja limpa dos escombros, apenas nos locais onde eventualmente seres humanos possam estar soterrados, o que ora está acontecendo. Todos os demais templos, sob cujos entulhos se encontram alguns ídolos de mau gosto, inúteis e quebrados, deixa ficar em ruínas. O que é destruído pelos elementos, para o povo ignorante, quer dizer o mesmo que destruído pelos deuses. Portanto, nem tentará reconstruí-los, pois terá medo de merecer grande castigo agindo contra a vontade dos deuses.

Sacerdotes, que o quisessem empreender, em benefício próprio, por meio do esforço e os recursos populares, seguindo uma ordem imaginária da parte dos deuses, não mais existem, e os que ainda vivem, nunca erigirão templos pagãos.

Por conseguinte, podes ficar despreocupado, o Senhor de Céu e Terra, fará o melhor para todos. Além disto, um destino semelhante atingirá mais algumas cidades que ficarão soterradas, nesta época; portanto

não chamará atenção quando esta cidade remota, dentro de dez anos, se tornar definitivamente uma ruína." Essa orientação deu grande conforto a Cirenius que voltou satisfeito à vila, em companhia de José.

86. Maria em Prece

Após terem chegado à sala de jantar, Cirenius disse a José: "Amigo, neste momento me ocorreu uma boa idéia. Não seria benéfico para a serenidade de meu coração, se eu consultasse os três sacerdotes no assunto que acabamos de discutir?"

Respondeu José: "És senhor aqui e podes fazer o que queres, para acalmar o teu coração, caso a minha palavra não te baste. Sou de opinião, de não haver muito que falar com eles, enquanto ainda me tomam por Uranus ou Saturnus, e a Criancinha por Zeus, em fase de rejuvenescimento. Se lhes perguntares sobre o que te preocupa, evidentemente te indicarão a mim e ao nosso Filhinho."

Cirenius, ouvindo o parecer de José, desistiu de seu plano e disse: "Agora tudo está claro para mim e meu coração acalmou-se plenamente. Dedicarei o meu tempo aos interesses do Estado e retornarei à cidade com o meu séquito. Amanhã à tarde, aqui voltarei. Caso necessite de qualquer conselho antes desta hora, solicitarei tua visita, na parte da manhã."

José abençoou a Cirenius e Maronius, e o primeiro acercou-se do berço, para beijar a Criancinha adormecida; em seguida levantou-se e saiu com lágrimas nos olhos. Durante o trajeto, ele virou-se para trás por várias vezes, pois aquela vila lhe representava mais que todos os tesouros deste mundo.

Também José lhe enviou suas bênçãos, enquanto ainda percebia algo do grupo de Cirenius. Em seguida voltou à casa e aproximou-se de Maria, que, segundo seu hábito, se encontrava profundamente recolhida numa prece a Deus. Percebendo José ao seu lado, ela levantou-se e disse: "Querido esposo, este dia me transformou, realmente! O mundo não

representa vantagem para a criatura."

Concordou José: "Tens razão. Todavia penso que, enquanto o Senhor estiver conosco, nada perderemos por meio do mundo. Por isso, tem ânimo, – amanhã, o velho Sol se levantará outra vez, novo e maravilhoso! Unicamente ao Senhor, seja dado todo louvor, eternamente. Amém."

87. Maria, Exemplo de Humildade Feminina

Maria, que nunca fora muito verbosa e também não queria ter a última palavra como é hábito das mulheres, estava satisfeita com a consolação simples e concisa de José. Deitou-se, recomendada ao Senhor pelo bondoso coração de José. Este, dirigiu-se aos seus filhos, dizendo: "A noite é magnífica e bela, vamos ao ar livre! Lá, no grande e santo Templo de Deus, vamos entoar um cântico de louvor e agradecimento ao Senhor pelos inúmeros benefícios prestados a nós e a nossos pais, desde o princípio do mundo!"

Imediatamente, os filhos de José deixaram tudo seguindo o seu pai, que os levou para uma pequena colina livre, a mais ou menos cem passos da vila. Sua altura era de aproximadamente vinte toesas e pertencia à propriedade de José.

Tal atitude foi percebida pelos três sacerdotes; supondo que os deuses, esta noite, se dirigissem eventualmente para o Olimpo, a fim de participarem de um conselho geral de todas as divindades, levantaram-se sem demora e seguiram secretamente a José.

Chegando à colina, ficaram debaixo de uma figueira para ouvir as possíveis resoluções dos supostos deuses no Olimpo. Qual não foi sua surpresa ao perceberem os ditos deuses de primeira categoria adorarem e louvarem com efusão a um só deus. Especialmente impressionante foi o salmo 90 de David:

"Senhor, Tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração.

Antes que os montes nascessem ou que Tu formasses a Terra e o mundo, Tu és Deus. Tu, que deixas morrer os homens e dizes: "Voltai, filhos dos homens!" Pois mil anos são aos Teus Olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os levas como uma corrente d'água, e eles são qual sono e como uma erva que pereceu. De madrugada floresce e em breve fenece e à noite é cortada e seca. Somos consumidos pela Tua Ira e Teu Furor nos dizima repentinamente. Puseste diante de Ti as nossas iniqüidades e nossos pecados ocultos colocaste na Luz diante de Tua Face. Por isso nossos dias se passam na Tua indignação e vivemos os nossos anos como se fora uma tagarelice. Nossa vida dura talvez setenta anos e quando muito chegamos aos oitenta, e se ela foi deliciosa, foi repleta de esforço e trabalho. Ela passa tão rápida como se levantássemos vôo. Quem acredita que sejas tão irado e quem teme este Teu furor? Ensina-nos a considerarmos nossa morte a fim de que nos tornemos prudentes. Volta-Te para nós, Senhor, e sê Misericordioso para com Teus servos. Farta-nos cedo com Tua Benignidade que havemos de louvar-Te e nos alegrar durante toda nossa vida. Alegra-nos de novo, depois de nos teres martirizado por tanto tempo em nossa infelicidade. Demonstra aos Teus servos as Tuas Obras e Tua Honra aos filhos deles. E Tu, Senhor, sê benigno conosco e protege a obra de nossas mãos, Amém."

Após terem os três sacerdotes ouvido claramente esse cântico, sem demora voltaram para o seu recinto, onde um deles disse: "Realmente, não podem ser deuses que desta maneira rezam a um só e reconhecem até mesmo a ira e cólera dele dirigida a eles."

Opinou um outro: "Isso não é tão importante, e sim, que essa oração fez referência plena a nós, – eis o pior! Agora calemo-nos, pois o grupo está voltando. Amanhã examinaremos mais profundamente o que ouvimos."

88. Morte de Joel por Cobra Venenosa

José então ordenou aos filhos terminarem os diversos afazeres e se recolherem, e ele também deitou-se, pois sentia cansaço físico. Desta maneira terminara este dia rico em acontecimentos. No próximo, levantou-se bem antes do surgir do Sol e despertou os filhos para o trabalho, pois dizia: “A hora matinal é de ouro, o que nesta fizermos, será, mais abençoado do que o esforço de todo o dia que segue.” Assim ele saiu com os quatro filhos mais velhos para o campo, cultivar a terra, ficando Jacó, com a Criancinha.

O filho mais velho era o mais assíduo no trabalho querendo superar os outros. No momento em que metia a enxada na terra, ele levantou uma cobra venenosa, que o mordeu na perna. Os três irmãos mais jovens acorreram depressa e mataram a cobra, mas a perna do irmão inchou a olhos vistos. Uma forte vertigem se apossou dele e dentro em pouco caiu morto.

José e os filhos menores começaram a chorar e pedir a Deus que ressuscitasse Joel, e José amaldiçoou a serpente dizendo: “De agora em diante nunca mais uma cobra há de rastejar neste solo! Carregai o irmão para casa, pois o Senhor quis tirar-me o primogênito!” E os três irmãos levantaram Joel, chorando, e José rasgou sua roupa seguindo-os com lamentações.

Chegando a casa, Maria, assustada pelas lamentações, veio ao encontro deles, com a Criança nos braços e acompanhada de Jacó. Ambos deram um grito de dor quando perceberam Joel morto e José com a roupa rasgada. Os três sacerdotes também acorreram e assustaram-se muito diante do cadáver. Um deles disse a José: “Só agora acreditamos realmente que és também apenas um ser humano, pois se fosses um deus, como poderia morrer o teu filho e como é possível não o ressuscitares imediatamente?”

A Criancinha, porém, disse: “Estais todos enganados! Joel está atordoado e dorme, mas não está morto! Apanhai uma cebola do mar para colocá-la na ferida e dentro em pouco melhorará.” Correndo, José foi buscar tal cebola, colocando-a na ferida de Joel que dentro em poucos momentos acordou e perguntou o que tinha sucedido com ele. Os pre-

sentes lhe contaram tudo, louvando a Deus pela salvação dele; os três sacerdotes sentiram grande respeito pela Criança, muito maior, porém, pela cebola!

89. Sacrifícios Agradáveis a Deus

Em seguida, José dirigiu-se com toda a família para o quarto e lá, louvou a Deus em voz alta durante uma hora; ao mesmo tempo fez a promessa de render um sacrifício a Jehovah, quando voltasse a Jerusalém. Mas a Criancinha disse a José: “Pensas realmente que o Senhor sentiria satisfação com isso? Enganas-te muito. Nem holocaustos, nem sangue de animais, nem tampouco farinha, azeite e cereais são do agrado do Senhor, e sim, somente um coração contrito, arrependido e humilde, que O ame.

Se tens algo de sobra, dá-o aos que estão sem vestes e sem alimento, que farás um sacrifício justo perante Deus. Dispenso-te de tua promessa e da obrigação com o Templo, pois tenho Pleno Poder para tanto. Eu, Pessoalmente, cumprirei a tua promessa em Jerusalém, de uma maneira que a Terra toda se saciará para a Eternidade.”

Então José tomou a Criancinha nos braços, beijou-A e disse: “Oh, meu queridíssimo pequeno Jesus! O Teu José Te agradece de todo o coração e reconhece a Plena e Santa Verdade do Teu Pronunciamento Maravilhoso, mas, Deus, Teu e nosso Pai, ordenou tal coisa para nosso cumprimento, através de Moysés, e os profetas. Terás, meu Filhinho, ainda que com Tua origem divina, sacra e maravilhosa, o direito de anular as Leis do Grande Pai que mora nos Céus, eternamente?”

A Criancinha respondeu: “José, mesmo que te dissesse Quem Sou, não Me acreditarias, pois vês em Mim apenas uma criança humana! Todavia te digo: Onde Eu estou, também o Pai está; onde não Me encontro, também o Pai está ausente. Agora estou aqui e não no Templo; como poderia, pois, o Pai Se encontrar no Templo? Entendeste? Vê, onde está o

Amor do Pai, também o Coração Dele está; mas o Amor do Pai está em Mim, portanto igualmente o Seu Coração. Ninguém tem o seu coração fora de si, nem o Pai; pois onde se encontra o Coração Dele, Ele também está! Entendeste?"

Estas palavras encheram José, Maria e os cinco filhos, de pressentimentos profundos e sublimes. Assim, saíram e louvaram no coração, o Pai, tão perto deles; Maria, entrementes, se aprontou para o preparo da refeição.

90. Jesus Ensina a Obediência

Dentro em pouco o desjejum estava pronto, pois consistia somente de leite fresco, temperado com mel e tomilho, e pão. Maria, pessoalmente, o serviu e convidou José, os cinco filhos como também os três sacerdotes.

José apresentou-se imediatamente, com a Criancinha nos braços, passou a Mesma para Maria e sentou-se à mesa. Em seguida, entoou um hino ao Senhor e quando terminou, perguntou como de hábito, se todos se haviam lavado. Maria, os cinco filhos e a Criancinha responderam: "Sim, estamos todos limpos." Prosseguiu José: "Então podeis começar." E dirigindo-se aos sacerdotes: "Qual é vossa situação? Também já vos lavastes?"

Os três retrucaram: "Não é hábito em nosso meio de lavar-se com água, pela manhã, mas sim, à noite. De manhã, embalsamamo-nos com azeite, a fim de nos defendermos contra o calor do dia."

Disse José: "Isto pode ser bom, e caso eu estivesse em vossa casa, faria mesmo. Como viveis agora em minha casa, observai os meus hábitos, melhores que os vossos." Os sacerdotes então pediram para serem poupados disto, e José quis dispensá-los da higiene; a Criancinha, porém, disse: "Em verdade, cada bocado se transformará em pedra no estômago deles, caso não se lavarem com água, antes de participar da mesa onde Me encontro!"

Essas palavras quebraram o hábito dos três sacerdotes que pediram

água e se lavaram. Em seguida, José os convidou à mesa; mas os sacerdotes se recusaram, pois estavam com receio da Criança. Esta, porém, disse: "Se vos recusardes de sentar à mesa e tomar conosco a refeição abençoada, morrereis!"

Imediatamente os sacerdotes se sentaram e comeram com grande medo da Criança. Terminada a refeição, José levantou-se de novo agradecendo a Deus. Os sacerdotes então perguntaram-lhe: "A que deus agradeces? Não é esta Criança, o Primeiro e Verdadeiro Deus? Como podes ainda pensar em outro?" Essa pergunta muito o surpreendeu, não sabendo o que responder. Mas a Criancinha disse: "José, não te preocupes em vão; pois se cumprirá o que eles disseram! Por ora não te inquietes, porquanto estás realmente orando a Um Só Deus e Pai!"

91. O Amor como Verdadeira Oração para Deus

José beijou a Criancinha e disse: "De fato, se não estivesse em Ti o Coração do Pai, nunca pronunciarias tais palavras! Onde, nesta Terra, existe uma criança de Tua idade, capaz de proferir palavras que jamais um sábio pronunciou? Por isso, dize-me se devo Te adorar na íntegra como meu Deus e Senhor?"

Esta pergunta de José surpreendeu a todos. Ela, com um sorriso meigo, disse a José: "Sabes, José, como deve o homem orar a Deus? Não o sabes perfeitamente. Por isto te digo: Em espírito e verdade, deve o homem orar a Deus, e não com os lábios como o fazem os filhos do mundo que pensam servir a Deus se por certo tempo movimentam os mesmos. Se queres orar em espírito e verdade, ama a Deus no teu coração e faze o bem a todos, amigos e inimigos, que tua prece será justa diante de Deus.

Alguém movimentando os lábios em certas horas e nesse percurso também pensa em vários assuntos mundanos de maior interesse do que Deus Mesmo, dize-Me, seria isto uma prece? Em verdade, milhares de tais preces serão ouvidas por Deus, da mesma maneira que a voz de quem

grita, será ouvida por uma pedra.

Se oras a Deus por amor, não precisas perguntar se Me deves adorar como Deus Santíssimo e Pai. Quem desta maneira ora a Deus, está igualmente orando a Mim, pois o Pai e Eu somos Um Amor e Um Coração."

Estas palavras transmitiram a todos o mais puro entendimento, percebendo por que Jesus deveria ser chamado um Filho de Deus. O peito de José encheu-se da mais pura felicidade celestial, e Maria também se deslumbrou com a Criança, guardando todas essas palavras em seu coração, no que os filhos de José a acompanharam.

Os três sacerdotes, porém, disseram a José: "Mui nobre sábio de todos os tempos! Queríamos falar contigo, particularmente, umas poucas palavras, no monte onde ontem à noite oraste de maneira tão comovente e edificante a teu deus, junto com teus filhos."

Imediatamente a Criança interferiu, dizendo: "Pensais que as Minhas orelhas sejam curtas demais para não alcançar vossa boca, na colina? Como estais errados, pois o Meu ouvido alcança a mesma distância que as Minhas mãos. Por isso, falai diante de Mim!"

92. O Templo no Coração

Os três sacerdotes muito se embaraçaram, não sabendo o que fazer, pois não tiveram coragem de revelar a José os seus anseios na presença da Criança. Esta, porém, fitou-os e disse com voz bem firme: "Porventura quereis fazer um ídolo também de Mim? Pretendeis erigir naquela colina, um templo e colocar no mesmo uma escultura igual à Minha Pessoa em um altar de ouro, para fazerdes sacrifícios à vossa moda. Experimentai fazer tal coisa. Digo-vos, o primeiro que der apenas um passo neste sentido ou estender um dedo só, será morto no mesmo instante. Se quiserdes erigir-Me um templo, edificai em vossos corações, um templo vivo!

Estou vivo e não morto, por este motivo desejo templos vivos e não mortos! Se de fato credes que em Mim resida a Plenitude Divina, em

Pessoa, não sou Eu um templo vivo diante de vós? Por que deveriam existir além de Mim, uma estátua e um templo de pedra?

O que vale mais: Eu, ou tal templo insignificante com uma escultura Minha? Quando o Vivo Se encontra convosco e entre vós, para que finalidade boa e útil serviria o morto? Tolos e cegos, não teria mais valor se Me amásseis do que erigindo mil templos de pedras para neles afiardes vossos lábios, durante mil anos, diante de figuras esculpidas, e munidos de indumentárias debruadas?

Se aparecesse diante de vós, um pobre, sem vestes e desprovido de alimento, e dissésseis: Vede um semideus como aparecem às vezes tais seres do Alto; façamos uma estátua dele para colocá-la em um templo, a fim de adorá-la! Acaso seria isto de qualquer proveito ao pobre, mesmo se fizésseis a sua imagem de ouro puro? Não seria de utilidade muito maior, se désseis vestes a ele como manda vosso amor e lhe oferecêsseis comida e bebida?

Acaso não é Deus muito mais vivo do que qualquer homem na Terra, porque tudo tem vida apenas por Ele? Poderia Deus estar cego quando criou o Sol e te deu a visão? Ou surdo, dando-te o ouvido, e ser desamoroso Quem te deu a sensibilidade? Que pensamentos e palavras seriam esses!

Deus é, por conseguinte, a Vida mais perfeita, em Pessoa, portanto o Amor mais perfeito; como podeis então querer adorar e honrá-Lo como a um morto? Meditai sobre isto, a fim de que vossa cegueira se cure!" Este discurso arrasou os três sacerdotes, pois entenderam a Santa Verdade e neste dia não pronunciaram uma só palavra.

93. Cura de uma Cega

Após essa manifestação de respeito, os sacerdotes voltaram para o seu quarto e lá permaneceram até o pôr-do-Sol. Não conversaram e cada um meditou sobre as palavras Daquela Criança que falou tão maravilhosamente. José, fervorosamente, louvava a Deus em seu coração, agrade-

cendo pela grande Graça que dele fez pai de criação, do Filho de Deus. Após ter honrado e louvado a Deus, acompanhado de Maria e filhos, e ela ter tratado devidamente a Criancinha, Esta foi de novo entregue a Jacó. Em seguida, Maria consertou a roupa rasgada de José, que então saiu para o campo com os filhos para cultivarem a terra.

Maria, entretanto, deu uma limpeza à mobília da casa, a fim de que se apresentasse limpa para a recepção dos hóspedes que haviam prometido voltar à tarde. Quando terminou, ela mais uma vez foi verificar se nada faltava à Criança. Esta, porém, quis tomar o peito e um banho com água limpa e fria. Imediatamente Maria fez tudo isso, e quando terminou de dar o banho, uma cega entrou no quarto de Maria, queixando-se muito de sua infelicidade.

Maria lhe disse: "Vejo que és muito infeliz, mas como poderia eu te ajudar?" Respondeu a cega: "Ouve-me. Nesta noite sonhei de modo extraordinário. Vi que tinhas uma criança muito luminosa que desejava o peito e um banho. A água era muito limpa, e após teres dado o banho à criança, a água se encheu de estrelas luminosas.

No mesmo momento lembrei-me de minha cegueira e estranhei muito de ser capaz de ver tal coisa. Então me disseste: "Mulher, toma esta água, lava os teus olhos – e verás!" – Quando quis tocar a água para lavar os meus olhos, acordei e me encontrei ainda cega.

Hoje de manhã, porém, alguém me disse: "Vai e procura, que encontrarás a mulher com a criança, pois chegarás a casa alguma, senão à dela." Aqui estou, no destino de meu medo, preocupação e perigo!"

Prontamente Maria deu a água do banho à cega que lavou sua face e no mesmo momento deixou de ser cega. Não sabendo o que fazer de tanta gratidão e felicidade, quis divulgar tudo em Ostracina. Maria, porém, lhe proibiu expressamente tal coisa.

94. Predição com Relação a Maria

A mulher, então, pediu à Maria licença para permanecer em casa dela por algum tempo, a fim de servir à família na qual lhe acontecera tamanha Graça. Maria lhe disse: “Mulher, isto não depende de mim, pois também sou apenas serva do Senhor; espera que meu marido volte do campo que receberás resposta certa.”

A mulher então caiu aos pés de Maria com intenção de adorá-la como a uma deusa; pois considerou sua cura grande milagre em virtude de ter nascido cega. Proibindo-o com severidade, Maria se dirigiu para outro aposento. Então a mulher começou a chorar, pois estava convicta de ter ofendido a sua maior benfeitora.

Jacó, que no mesmo quarto brincava com a Criancinha, olhou para ela e disse: “Por que choras como se alguém te tivesse prejudicado?”

Respondeu a mulher: “Querido jovem! Ofendi aquela que me deu a luz dos meus olhos. Como poderia não chorar?”

Jacó retrucou: “Preocupa-te de outras coisas. A jovem mulher que te deu a água do banho é mais meiga que uma pomba e por isso não pode ofender-se. Ainda que alguém a quisesse ofender, não lhe seria possível. Por um insulto, ela o abençoa dez vezes pedindo o ofensor a sua amizade, de maneira tal que a pedra mais dura se comove. Tão boa é esta mulher. Por isso não te preocupes, pois te asseguro que neste instante ela está pedindo a Deus, por ti.”

De fato assim foi. Maria orava por essa mulher a fim de que Deus esclarecesse a sua mente, para o que ela, Maria, era apenas u’a mulher fraca. Ela era realmente da mais alta nobreza, não apenas de nascença como filha de rei, mas tinha grande prazer em ser humilhada por todo mundo, onde quer que fosse.

Após certo tempo, a boa e querida Maria estava de volta e sinceramente pediu desculpas à ex-cega de ter falado um pouco rude. Este comportamento de Maria fez com que a mulher quase morresse de amor por ela, e no êxtase de seu sentimento disse: “Oh, psique linda de meu sexo,

o que teu nobre coração me proibiu há pouco, povos inteiros te farão no futuro. De todas as mulheres do mundo, és a primeira que sem dúvida se acha em união com os mais altos deuses, pois ao lado de tuas virtudes divinas és igualmente querida, amável e bela!”

Maria, porém, respondeu: “Querida, após a minha morte, os homens poderão fazer comigo o que quiserem; mas durante a minha vida, tal não deve acontecer.” Neste instante, José voltava com seus filhos e Maria lhe apresentou a mulher e contou tudo que se tinha passado.

95. Passagem Romântica da Curada

Quando a mulher percebeu ser José o marido de Maria, ela aproximou-se dele, perguntando se poderia ficar em sua casa. Disse-lhe José: “Se recebeste tal Graça conforme me contou minha mulher em tua presença, e por esta razão desejas demonstrar-te grata a esta casa, podes ficar.

Possuo terreno bastante grande e tenho diversos animais domésticos, como também uma casa espaçosa. Assim não faltará trabalho, havendo igualmente bastante lugar para moradia. Além disso é minha mulher de constituição um pouco fraca e poderás prestar bons serviços, ajudando-a vez por outra em seus afazeres domésticos. Todas as tuas necessidades serão providas, entretanto não posso dar-te dinheiro, pois também não o possuo. Caso estejas satisfeita com esta proposta, podes ficar se for do teu agrado, mas não por qualquer suposto dever.”

Estas palavras tornaram a mulher sumamente feliz, pois era uma pobre órfã. Assim externou sua gratidão à casa, na qual recebera tanto benefício. Em seguida, José lhe perguntou o lugar de nascimento, idade e religião. Respondeu a mulher: “Nasci em Roma e sou filha de poderoso patrício. Minha aparência não corresponde à minha verdadeira idade, pois conto apenas vinte anos. Nasci cega. Um sacerdote deu o conselho aos meus pais de transportar-me para Delfos, onde pela misericórdia de Apollo haveria de recuperar a luz dos meus olhos.

Meus pais, muito ricos, amavam-me sobremaneira, pois era filha única; seguiram este conselho alugando um navio para tal viagem. Apenas três dias em alto-mar levantou-se fortíssima tempestade que impeliu o navio para esta região numa incrível velocidade. A aproximadamente duzentas toesas do litoral, o navio foi jogado por cima de um recife, segundo me foi contado posteriormente. Todos pereceram, inclusive meus bons pais, com exceção de um marinheiro que me salvou.

Nunca se apresentou uma ocasião para eu voltar à minha cidade natal. O marinheiro também morreu aqui, cinco anos atrás, e agora sou uma mendiga abandonada nesta cidade, e emagrecida pela miséria e imensa tristeza. Mas tendo recebido uma grande Graça por parte dos deuses e alcançado a luz dos meus olhos, posso igualmente ver os meus benfeitores, portanto quero esquecer toda a minha aflição." Esta narração fez todo mundo chorar e José disse: "Pobre órfã, sê tranqüila, pois aqui hás de encontrar por muitas vezes, os teus pais."

96. Suposição Quanto à Divindade de José

A mulher não entendeu bem o que José quis dizer, falando do encontro de vários pais e perguntou-lhe: "Bom e querido homem, em cuja casa me sucedeu Graça tão maravilhosa, o que significa eu encontrar aqui, muitas vezes, os meus pais perdidos?"

Respondeu José: "Serás tratada em minha casa, a vida inteira, da mesma maneira que meus filhos. Conhecerás aqui o Único Deus Verdadeiro, o Mesmo que te criou e agora te deu a luz dos olhos. Conhecerás o teu Deus, e Senhor, em Sua Essência e serás ensinada por Ele, pessoalmente!

Dentro em breve encontrarás em minha casa, um romano distinto que solucionará os teus assuntos em Roma. Trata-se de Cirenius, um irmão de Augusto. Certamente conheceu os teus pais e caso o peça, ele se empenhará em Roma em favor do teu caso. Não representa isto, os teus pais, várias vezes, quer dizer, física e espiritualmente?

Caso estivessem vivos, poderiam fazer mais por ti? Porventura poderiam ter dado a luz aos teus olhos e demonstrar-te o Único Deus Verdadeiro? Teus genitores teriam te sustentado durante toda a vida; aqui, serás sustentada eternamente, caso aceitares este benefício. Quem tem mais valor, teus pais físicos devorados pelo mar, ou os atuais, aos quais o mar tem de obedecer, em Nome do Deus Único?"

A mulher silenciara de tanto respeito e amor para com José. Tendo ouvido alhures, boatos de que nos arredores de Ostracina habitasse Zeus, julgava encontrar-se na presença do mesmo. José descobriu imediatamente sua ilusão e lhe disse: "Minha filha e serva, não me tomes por mais do que sou, muito menos por algo que não existe. Sou um ser humano igual a ti; isto te deve satisfazer por ora, pois com o tempo se fará maior clareza em ti. – Agora trazei o almoço, em seguida trataremos de outros assuntos. Assim seja."

97. José Adota a Ex-Cega

Sem demora, os filhos de José trouxeram o almoço, e este observou: "Que há com os três sacerdotes? Almoçarão conosco ou em seu aposento? Perguntai-lhes e será feito o que lhes agrada." Inquiridos neste sentido, os sacerdotes nada falaram, mas deram a entender que antes do pôr-do-Sol não falariam nem tomariam alimento.

José concordou dizendo: "Se eles disto fizeram caso de consciência, seria crime não deixá-los cumprirem sua promessa. Sentemo-nos à mesa, em Nome do Senhor, para nos saciarmos com gratidão com aquilo que Deus nos deu."

A mulher, porém, disse: "Bom anfitrião, és por demais generoso e não me sinto digna de comer à tua mesa. No limiar da casa aceitarei com gratidão o que me deres em tua bondade. Além disso, minha roupa muito rasgada e o corpo sem trato não se prestam para a mesa de um senhor como tu!"

Disse José aos filhos: "Levai quatro cântaros grandes com água ao quarto de Maria. Tu, minha esposa, faze a higiene dela, penteia seus cabelos e dá-lhe tuas melhores vestes. Quando estiver condignamente arrumada, conduze-a aqui a fim de que participe sem acanhamento de nosso almoço."

Dentro de meia hora, a determinação de José foi cumprida e ao invés de uma criatura gasta, viu-se, bem arrumada, uma moça simpática, tímida e mui grata, em cuja fisionomia apenas se denotavam vestígios da antiga tristeza. Seus traços eram de grande beleza, e seus olhos traduziam profunda humildade e amor.

José alegrou-se muito com esta filha e disse: "Senhor, agradeço-Te por teres escolhido a mim para salvador desta pobre. Em Teu Santíssimo Nome quero aceitá-la como filha." Dirigindo-se para os filhos, prosseguiu: "Vede vossa pobre irmã, cumprimentai-a como irmãos."

Eles o fizeram com grande alegria e no fim, também a Criancinha falou: "Aceito-a como vós, porquanto esta obra de caridade Me dá muita alegria."

98. Perigo do Conhecimento de Segredos Divinos

Quando a moça ouviu a Criancinha pronunciar estas palavras, estranhou e disse: "Que milagre! Como é possível esta criança falar qual deus?" E aproximando-se da Mesma, prosseguiu: "Que criança extraordinária e milagrosa és tu! Sim, és a mesma criança luminosa da qual sonhei tão milagrosamente que recebera o banho pela mãe e cuja água me restituiu a luz dos olhos. Criança divina, tu me deste a luz dos olhos, és meu Salvador, o verdadeiro Apolo de Delfos. Em meu coração, és mais do que todos os deuses de Roma, da Grécia e do Egito. Que espírito elevado e divino deve habitar em ti, que tão cedo libertou tua língua e por teu intermédio se demonstra tão santificado e poderoso! Salve a todos os homens que vivem como eu em grande treva e aflição! Aqui está o

Sol dos Céus que restituirá aos cegos a luz como aconteceu a mim. Ó Roma, grande conquistadora deste mundo, eis aqui sorrindo para mim o herói que fará de ti um montão de escombros! Erguerá Sua Bandeira sobre tuas muralhas e hás de morrer! Serás aniquilada como palhas secas são dispersas pelo vento."

Estendendo Sua mãozinha, a Criança demonstrou desejo de ser acolhida pela moça. Ela o fez com imensa alegria, acariciando e beijando-A. A Criancinha se entreteve com seus cabelos fartos, falando-lhe em surdina: "Acreditas, querida irmã, nas palavras proferidas por ti, quando Eu ainda Me encontrava nos braços do meu irmão?"

Respondeu ela em voz baixa: "Sim, meu Salvador, minha Luz, meu Sol da Aurora, acredito ainda mais após teres-me perguntado!" Retrucou a Criancinha: "Ainda bem que em teu coração acreditas no que disseste, todavia te digo, por ora guarda acima de tudo esta tua confissão. Jamais o inimigo de toda vida aguçou seus ouvidos como precisamente neste tempo. Por isto silencia a Meu respeito, e não Me denuncies, caso não queiras ser morta para sempre por este inimigo!"

A moça o prometeu com firmeza e enquanto brincava com a Criancinha, ela tornou-se tão maravilhosamente jovem e bela que todos estranharam e a moça não sabia mais o que fazer de tamanha alegria a ponto de soltar gritinhos de júbilo encantador.

99. Cirenius Entusiasmado com a Judia

Durante este seu êxtase, chegou Cirenius, em companhia de Maronius Pilla, para visitar José conforme prometera na véspera. José e Maria o receberam com grande alegria e cordialidade e o romano disse: "Distinto amigo e irmão, que aconteceu que estais tão alegres?"

Indicando a jovem, José respondeu: "Eis aí, com a Criancinha nos braços e imersa em sentimentos de êxtase, o objeto de nossa satisfação." Cirenius fitou a jovem mais de perto e disse: "Tomaste-a para babá? De

onde vem essa bela moça israelita?"

Respondeu José a Cirenius que ardia de curiosidade: "Um milagre a trouxe para esta casa. Chegou cega, com aparência de velha e paupérrima mendiga. Em virtude do poder milagroso da Criancinha, ela recebeu a visão e percebemos ser uma jovem de apenas vinte anos e órfã. Por isto adotei-a como filha sendo esta a verdadeira razão de nossa alegria."

Cirenius que fitava a moça com agrado sempre crescente, enquanto a moça em sua felicidade nem tinha percebido a presença dele, não obstante o esplendor de sua pessoa, disse a José: "Como lastimo ser nobre patrício romano. De fato estimaria muito ser judeu para poder pedir em casamento essa linda judia. Sabes que sou solteiro e sem prole. O quanto não significaria para mim uma mulher, abençoada por ti."

Sorrindo, José perguntou: "Que farias se esta jovem não fosse judia, mas romana de família nobre igual a ti? E se fosse filha única de um patrício, cujos pais pereceram no mar por ocasião de uma viagem a Delfos?"

Estupefato, Cirenius olhou para José e disse após breve silêncio: "O que me dizes? Rogo te expliques mais minuciosamente, pois o caso me interessa de perto." Retrucou José: "Nobre amigo, tudo a seu tempo, tem um pouco de paciência, pois a moça te contará tudo pessoalmente. Dize-me, porém, como está o caso dos cadáveres escavados debaixo dos escombros?"

100. Tríplice Direito de Casamento em Roma

Disse Cirenius: "Não te preocupes com os cadáveres, pois nesta noite ressuscitaram mais ou menos duzentos, e hoje pela manhã me ocupei de seu tratamento. Caso houver ainda outros, incólumes, farei o mesmo com eles. Eis tudo em poucas palavras e nem de longe de tamanho interesse como esta jovem que segundo tua afirmação, é filha de patrício romano acidentado. Deixa-me apurar a situação desta jovem a fim de que possa fazer o necessário pelo bem desta órfã. Como já disse, sou

solteiro e não tenho filhos; poderia ela encontrar melhor sustento se eu, como irmão do Imperador, dela fizer minha esposa? Por este motivo a vida desta moça me preocupa cada vez mais. Dá-me oportunidade para palestrar com ela.”

Opinou José: “Afirmas ser solteiro, entretanto em Tyro alegaste a mim, pessoalmente, que és casado sem ter filhos com tua esposa. Como devo entender isto? Sei que podes tomar uma segunda, caso a primeira seja estéril; mas como tu, homem casado, podes ser solteiro, escapa à minha compreensão. Explica-me isso com detalhes.

Esboçando um leve sorriso, Cirenius disse: “Caro amigo, vejo que desconheces as leis de Roma, portanto devo te dar explicação mais minuciosa. Nós, romanos, temos uma tríplice lei conjugal, duas sem compromisso e apenas uma obrigatória. Dentro das duas leis não obrigatórias, posso casar-me até mesmo com uma escrava, sem ter esposa legal, mas apenas uma concubina lícita e continuo solteiro podendo a qualquer momento tomar uma esposa legítima de boa família.

A diferença entre as duas leis não obrigatórias consiste no seguinte: No primeiro caso, posso tomar uma concubina sem a menor obrigação de fazê-la minha esposa.

No segundo caso, posso me unir à filha de família conceituada com o consentimento dos pais, caso eu concorde de fazê-la minha esposa legítima se tiver com ela três filhos vivos, dos quais no mínimo um seja homem.

No terceiro caso, aplica-se a lei obrigatória, a qual estipula que um sacerdote deve me unir à esposa legítima diante do altar de Hymen, e em seguida estarei casado e não mais solteiro. Assim, segundo as leis em vigor, nem as núpcias, nem o casamento examinativo, mas somente o verdadeiro termina com o estado de solteiro. Desta maneira, podemos contrair *Nuptias Capere, Patrimonium Facere e Uxorem Ducere*, mas somente o último anula o estado de solteiro. Assim, ainda estou livre, tanto mais quando não tenho filhos com a concubina; e se os tivesse, também seria solteiro, pois filhos do concubinato não têm direito à paternidade, a não ser que os adote com o consentimento do Imperador. Agora sabes de tudo e te peço explicação mais minuciosa da vida desta moça, pois estou

realmente resolvido a me casar com ela."

Disse José: "Se assim é, eu, pessoalmente, irei informar e preparar a jovem a fim de que tal proposta não a perturbe ou aniquile."

101. Tullia, Prima e Ex-Paixão de Cirenius

Incontinenti, José aproximou-se da moça ainda ocupada com a Criancinha, puxou-a levemente pela manga e disse: "Querida filha, de fato ainda não observaste quem se encontra aqui? Levanta os olhos e vê..." Neste instante a moça despertou de sua felicidade e viu o formidável Cirenius. Levando um verdadeiro susto, ela perguntou inquieta: "Querido pai José, quem é este homem que ofusca tanto? Que quer e de onde vem?"

Respondeu José: "Não tenhas medo, minha filha Tullia. É ele o bondoso Cirenius, um irmão do Imperador e Governador da Ásia e de parte da África. Certamente regularizará da melhor maneira os teus interesses em Roma, pois te tornaste mui querida dele, à primeira vista. Vai ao encontro dele, pede para te dar atenção, conta-lhe toda a história de tua vida e fica certa que não encontrarás ouvidos surdos."

Retrucou a jovem: "Querido pai, para tanto não tenho coragem, pois sei que tal senhor, nestas ocasiões, costuma examinar tudo com máxima severidade e caso encontre um ponto impossível a comprovar, imediatamente ameaça com a morte. Assim me aconteceu certa vez em minha pobreza quando também um senhor começou a estudar a minha procedência. Após lhe ter contado tudo, ele pediu provas exatas. Não podendo apresentá-las em minha completa solidão e absoluta pobreza, ele me ordenou a silenciar rigorosamente e ameaçou-me de morte se continuasse a falar disto para quem quer que fosse. Rogo-te não me traíres, senão estarei certamente perdida."

Nisto, Cirenius, que ouvira a conversa, pôs-se à frente de Tullia dizendo: "Ó Tullia, não temas aquele que deseja tudo fazer para tua completa felicidade. Dize-me apenas o nome de teu pai, caso te lembres, não

necessito saber mais. Se o esqueceste, nada temas; continuarás igualmente querida para mim, pois és agora uma filha do meu melhor amigo."

Enchendo-se de mais coragem, Tullia disse a Cirenius: "De fato, se teu olhar suave está me enganando, o mundo inteiro é uma mentira. Por isto quero te dizer como se chamou meu bom pai. O nome dele era Victor Aurelius Dexter Latii; se és irmão do Imperador, este nome não te pode ser estranho."

Cirenius comoveu-se visivelmente e disse com voz entrecortada: "Oh Tullia, ele era irmão de minha mãe. Sei que teve com sua esposa legítima uma filha que nasceu cega, a qual amou sobre tudo. Quantas vezes tive inveja da felicidade dele que no fundo, era desgraça. Para ele, a cega Tullia significava mais que o mundo inteiro. Eu mesmo me encantei de Tullia quando tinha apenas quatro a cinco anos, e muitas vezes jurei a mim mesmo: Um dia, esta e nenhuma outra deve tornar-se minha legítima esposa.

E agora, encontro essa mesma magnífica Tullia aqui, em casa de meu amigo divino. Ó meu Deus, isto é uma recompensa grande demais para um pobre mortal, pelo pouco que eu, um nada, fiz para Ti, ó Senhor." Sumamente emocionado, Cirenius caiu numa cadeira e só após algum tempo controlou-se o bastante para poder continuar a palestra com Tullia.

102. Evangelho Matrimonial

Depois de refeito, Cirenius disse à moça: "Tullia, não me queres dar a tua mão e tornar-te a minha esposa legítima, se te pedisse do fundo do meu coração?" Disse ela: "Que me farias, caso te recusasse isto?"

Respondeu Cirenius um pouco alterado, porém sempre de bom coração: "Sacrificaria tudo Àquele a Quem carregas nos teus braços e em seguida me afastaria com muita tristeza."

Prosseguiu Tullia: "O que farias se pedisse o conselho Daquele a

Quem carrego nos meus braços e caso Ele me desaconselhasse de aceitar a tua proposta, recomendando-me continuar fiel a esta família que me acolheu tão amavelmente?"

Esta pergunta fez Cirenius hesitar por um instante, todavia respondeu um pouco encabulado: "Neste caso, minha excelente Tullia, certamente teria que desistir do meu desejo, sem protesto. Contra a Vontade Dele a Quem obedecem todos os elementos, o ser humano nunca pode reagir. Inquire a Criancinha, a fim de que conheça sem demora a minha situação."

A Criancinha então ergueu-se imediatamente e disse: "Não sou um senhor das coisas do mundo, por isto, de Minha parte, estais livres em assuntos mundanos. Se alimentardes amor puro no coração, um pelo outro, não deveis rompê-lo. No casamento, para Mim vale nenhuma outra lei senão aquela que está escrita em vossos corações com letras flamejantes. Se desde o primeiro encontro vos sentistes atraídos e vos unistes por esta lei viva, não deveis separar-vos, caso não quiserdes pecar diante de Mim. Não considero nenhum laço matrimonial mundano, mas somente o do coração; quem rompe este, é um verdadeiro adúltero perante Mim.

Tu, Meu Cirenius, voltaste o teu coração com sentimento forte para esta filha, por isto não deves mais afastá-lo dela. Tu, minha filha, à primeira vista te entusiasmaste no coração por Cirenius, por isto, diante de Mim, já és a esposa dele.

O que vale diante de Mim, não é consentimento nem dissuasão, mas somente o conselho de vossos corações. A este conselho permanecei fiéis, não querendo tornar-vos verdadeiros adúlteros. Maldito aquele que por razões mundanas desaconselha em coisas de amor, que vem de Mim. O que é mais: O amor vivo que vem de Mim, ou a razão mundana que vem do inferno? Que seja igualmente maldito o amor, cujo motivo é o mundo!" Estas palavras da Criancinha fizeram com que todos se apavorassem e ninguém teve coragem de dizer algo mais sobre o casamento.

103. Razão e Amor

Como todos estivessem compenetrados e consternados com o discurso da Criancinha, ela de repente abriu a boca dizendo: “Por que estais todos tristes ao Meu redor? Nada de mal fiz. Dei-te, Meu Cirenius, o que teu coração almejava, e assim também a ti, querida Tullia, – que mais quereis?

Deveria Eu aprovar o adultério vivo, quando os homens aplicam o castigo de morte pelo adultério morto? Que desejo seria este? Acaso não vale mais o que se passa na vida, do que o que está julgado pela morte? Penso, que deveis regozijar-vos por isso e não estardes tristes. Quem ama, o faz no coração ou na cabeça? Vossas leis matrimoniais provêm da cabeça e não do coração. A vida, porém, só está no coração e de lá se expande para todas as partes do homem, – conseqüentemente, também para a cabeça que em si não tem vida, mas é morta. Não é tanto mais justo respeitar as leis vivas e eternas do coração? Se já sancionais com a morte as leis provindas da cabeça, as quais junto com a cabeça estão mortas, quanto mais justo é respeitar-se as leis vivas e eternas do coração.

Por esta razão rejubilai-vos que Eu, o Vivo entre vós, observo as leis da vida; se não o fizesse, a morte eterna desde muito tempo vos teria tragado. Mas vim ao mundo, a fim de que fossem por Mim destruídas todas as obras e leis da morte e para que tomem o seu lugar, as antigas leis da vida. Quando vos demonstro antecipadamente quais as leis da vida e quais as da morte, – o que faço de mal para ficardes tristes tendo medo de Mim como se trouxesse a morte, em vez da Vida?

Oh, ignorantes! Em Mim, a antiga vida eterna vos visitou, por isto regozijai-vos e nunca vos entristeçais. E tu, Meu Cirenius, toma a mulher que te dei, e tu, Tullia, toma o marido que Eu te encaminhei com rigor; nunca deveis abandonar-vos. Se a morte um dia tiver separado os vossos corpos, a parte sobrevivente deve ficar livre, todavia o amor deve persistir eternamente. Amém.”

Estas palavras da Criancinha causaram grande espanto em todos e

Tullia disse, toda trêmula de profunda veneração: "Oh, homens, esta Criança não é humana, mas a Divindade Mesma. O homem não pode falar deste modo, e sim, somente Deus. Somente Deus, como a razão da vida, pode conhecer as leis da vida e despertar as mesmas em nós. Estávamos mortos, como podíamos encontrar as leis da vida e consolidar as mesmas? Ó Criancinha Santíssima, só agora percebo claramente o que antes só pressentia vagamente: És o Senhor de Céu e Terra, desde eternidades. Por isto Te dedico toda a minha adoração!"

104. Conflito Sentimental de Cirenius

Essa linguagem sublime de Tullia muito entusiasmou Cirenius que dela se aproximou, ainda com a Criancinha nos braços. Profundamente comovido, ele Lhe disse: "Minha Vida, Verdadeiro Amor do meu coração, já que me uniste com tanta misericórdia a esta moça, eu, pobre pecador, rogo-Te me dares Tua Bênção, à qual ficarei fiel durante toda minha vida."

Imediatamente a Criancinha ergueu-Se e disse: "Meu querido Cirenius, abençôo-te junto à tua esposa Tullia. Mas terás de me dar em troca a mulher com a qual até agora te achavas comprometido. Caso não agires deste modo, cairias no pecado do adultério, pois a amaste e ainda a amas muito. Se Ma entregares inteiramente, também Me entregarás o teu pecado. Esta é a razão pela qual vim ao mundo, a fim de aceitar todos os pecados e apagá-los por meio do Meu Amor, diante de Sua Presença eternamente divina. Que assim seja!"

No começo, Cirenius hesitou um pouco, ouvindo esta intimação, pois a mulher dele era uma escrava grega sumamente bela e adquirida por muito dinheiro. Devido à sua grande beleza, ele muito a amava não obstante não ter tido filhos com ela. Conquanto ela contasse trinta anos, era ainda tão bela que fora adorada qual Venus pelos pagãos. Por isso, essa intimação era um tanto forte para Cirenius que preferia não

tivesse sido pronunciada.

A Criancinha não se deixou influenciar por isso, insistindo em Seu pedido. Ao percebê-lo, Cirenius obstou: "Ó minha Vida, vê, minha mulher, a bela Eudócia criou fortes raízes no meu coração e hei de sentir grande falta dela. Se fosse possível, preferia entregar-Te Tullia a perder a outra."

A Criancinha sorriu para o romano e respondeu: "Porventura Me tomas por negociante, capaz de regatear sobre uma palavra pronunciada? Afirmo-te, caso Me dissesses: Faze desaparecer Céu e Terra!, daria ouvidos a esse pedido do que revogar uma palavra pronunciada. Em verdade te digo: Sol, Lua, as estrelas, a Terra deixarão de existir, envelhecendo qual veste e perecerão, porém jamais as Minhas palavras.

Por esta razão, mandarás trazer Eudócia para então receberes a Tullia, abençoada por Mim! Se, no entanto, te opuseres, farei morrer Eudócia e jamais te darei Tullia. O que fizeres, terás que fazer livremente; uma atividade coagida não tem valor perante Mim. Se Eudócia morrer, serás julgado pela morte dela e não poderás te tornar marido de Tullia. Se sacrificares a Eudócia, serás verdadeiramente livre e Tullia poderá tornar-se tua esposa legítima. Duas esposas não podes ter conforme a Minha Ordem, pois no princípio foram criados um só homem e uma só mulher. Faze o que te disse, a fim de que não te atinja um julgamento."

Tais palavras levaram Cirenius à súbita resolução de mandar buscar Eudócia na cidade, pois a tinha trazido de Tyro, mas fez com que ninguém a visse para não ser tentado pelos seus grandes encantos. Até o momento não quis confiá-la a nenhum outro que ao filho mais velho de José e a Maronius Pilla.

Ambos, acompanhados da guarda pessoal de Cirenius, foram à residência do mesmo e prontamente trouxeram a bela Eudócia à casa de José. Ela muito estranhou e não sabia por que Cirenius, pela primeira vez, mandara buscá-la por homens estranhos.

105. Vitória Espiritual de Cirenius

Quando Cirenius viu Eudócia na presença de Tullia, percebeu que a primeira era muito mais bela e lhe era doloroso separar-se dela para sempre. Mais uma vez ele perguntou à Criancinha, se não podia ao menos mantê-la como serva e companheira de Tullia.

A Criancinha disse: "Meu Cirenius, podes tomar tantas servas quantas quiseres, menos a Eudócia, que deves deixar aqui porque Eu o quero, para o teu bem!"

Eudócia, ao perceber como a Criancinha respondia categoricamente a Cirenius, ficou horrorizada e disse: "Por amor de todos os deuses, o que representa isto? Um menor dá ordens àquele, diante de cujo pronunciamento temem a Ásia e o Egito? E o grande soberano ouve timidamente a Criança que ordena com tanta firmeza e se submete a ela? Tal não será tão fácil como julga! Seria para ti, poderoso Cirenius, verdadeira desgraça, se te deixasses comandar por um menor! Sê, portanto, homem e romano!"

Ouvindo tais palavras de Eudócia, o romano irritou-se dizendo: "Sim Eudócia, precisamente agora te demonstrarei que sou homem e romano! Ainda que esta Criança com a qual Tullia se distrai, **não** fosse de origem divina e me falasse desta maneira, eu A escutaria. Ela, porém, é da mais sublime linhagem, portanto quero obedecer-Lhe, em que quer que seja. O que preferes: Fazer o que quer a mais sublime Criança, ou morrer eternamente?"

Tais palavras produziram grande impressão sobre Eudócia que, embora chorosa porque tinha que de repente perder tanto luxo, compreendeu que um conselho de um deus não pode ser modificado, por isto resignou-se.

Maria, porém, dirigindo-se a Eudócia disse-lhe: "Não fiques triste por causa desta troca. Perdeste apenas um simples esplendor, para receberes um outro, maior. Também sou filha de rei, no entanto, desde muito tempo passou-se a magnificência real e agora sou serva do senhor, o que

representa uma realeza maior do que todos os reinos do mundo." Essa afirmação teve grande efeito sobre a moça que começou a se ambientar no lar de José.

106. O Menino Jesus em Palestra com Eudócia

Eis que Eudócia perguntou a Maria como sucedera que esta Criança fosse tão milagrosa e de natureza tão divina, e qual a razão por que Cirenius se tornara tão dependente de Sua palavra. Com muita amabilidade Maria respondeu: "Querida Eudócia, coisas há que não podem ser precipitadas, cada uma precisa de certo tempo, e com paciência se obterá bom resultado. Quando tiveres passado algum bom tempo comigo, aprenderás tudo. Por enquanto acredita que esta Criança é maior do que todos os heróis e deuses de Roma!

Não percebeste anteontem o poder da tempestade? Vê, ela originou-se da mão Daquele com Quem Tullia ainda está entretida. O que o poder daquela tempestade fez com os templos da cidade, podia ser feito igualmente com a Terra toda.

Por enquanto sabes o bastante e não convém saberes mais por causa de tua salvação; tão logo amadureceres, tomarás posse de outros conhecimentos. Por isso te peço, em virtude de tua salvação, silenciares diante de todos; caso falares destas coisas, serás julgada." Deste modo acalmada, Eudócia começou a meditar seriamente sobre o que ouviu.

Entrementes, Maria se aproximou de Tullia, retirou a Criança dos seus braços e disse: "Este meu Filhinho já te abençoou e por isso serás feliz para sempre. Lá está a pobre Eudócia que até agora nunca sentiu o imenso benefício da bênção Dele. Por isso quero deitar a Criancinha também nos braços de Eudócia, a fim de que sinta o poder emanado por Ela." Entregando o Pequenino a Eudócia, Maria lhe disse: "Eis minha Salvação e igualmente a tua. Toma-A nos teus braços por algum tempo e sentirás como é doce ser mãe dessa Criança."

Com grande respeito Eudócia tomou-A no colo, sem ter coragem de fazer um movimento sequer. O Pequenino sorriu e disse: “Eudócia, não Me temas. Não sou teu destruidor, mas Salvador. Dentro em pouco Me conhecerás melhor, e não mais Me temerás, amando-Me como Eu te amo.” Tais palavras terminaram com o medo de Eudócia que começou a acariciar e beijá-Lo.

107. Cirenius Recebe Oito Órfãos para Educação

Eis que Cirenius disse a José: “Nobre amigo e irmão, em tua casa se deu a minha maior felicidade em todo sentido; dize-me, que recompensa exiges de mim? Deixa-me saber como posso retribuir ao menos um pouco o tudo que fizeste para mim. Não consideres essa vila, por demais insignificante, como recompensa para ti.”

Retrucou José: “Oh, irmão e amigo, que pensas de mim? Julgas ser eu vendedor de caridades, que faz o bem somente para ser recompensado? Estás bem errado supondo tal coisa de mim. Desconheço fato mais miserável do que um benfeitor e uma caridade pagos. Maldito seria eu e malditos dia e hora do meu nascimento se aceitasse de ti apenas uma só moeda.

Recebe com alegria tua mulher, a Tullia purificada. O que fizeres para ela e a outros pobres, considerarei sempre como recompensa para as minhas ações junto de ti. Poupa esta casa com qual quer donativo, pois o que tenho dá para todos. Por que querer mais? Talvez esperas a exigência de uma mensalidade para Eudócia? Não te preocupes. Aceito-a como filha e a educarei dentro da Graça de Deus. Onde existe um pai que se deixaria pagar pela educação de sua filha? Afirmo-te, Eudócia vale mais do que o mundo inteiro e não existe recompensa que correspondesse ao seu valor. O grande prêmio para tudo que faço, repousa nos braços de Eudócia.”

Percebendo o altruísmo de José, Cirenius disse comovido: “Em verdade, perante Deus e todos os seres humanos, és o único homem entre os homens. Seria inútil louvar-te com palavras, pois estás acima de qualquer

expressão humana. Já sei o que fazer para demonstrar-te minha grande estima. Far-te-ei um presente que certamente não me recusarás. Mantenho em Tyro, três moças e cinco moços de parentes bem pobres, já falecidos. Enviarei esses jovens para aqui, a fim de serem educados por ti. Podes estar certo de que assumirei a responsabilidade de sua subsistência. Recusar-me-ás também isto? Não, José, meu nobre irmão, certamente não o farás!"

Afirmou José, muito comovido: "Não, irmão, isso nunca te recusarei. Manda-os aqui o mais cedo possível, pois serão providos do melhor."

108. Dúvidas Quanto à Cerimônia Conjugal

Cirenius, contentíssimo com a promessa de José, opinou: "Mui distinto amigo, eis que se cumpriram todos os meus desejos e nada mais me fica para desejar. Existe somente uma condição fatal ao lado de minha felicidade, quer dizer, a divina Tullia tornou-se, com a Bênção de Deus, minha legítima esposa; acontece, ser eu romano e em consideração ao povo tenho que receber a bênção oficial de um sacerdote. Tal consagração só pode ser feita por um sumo-sacerdote do Hymen, com que unicamente se torna a união legal. Como conseguirmos isso aqui, onde além dos três sacerdotes não existe outro?"

Respondeu José: "Por que te preocupas com algo que nada significa? Quando voltares para Tyro encontrarás sacerdotes de sobra que te abençoarão contra pagamento, caso deres importância a tal consagração. Todavia será melhor continuares como és, isto é, senhor sobre a tua própria lei. Lembro-me de ter ouvido por um romano, que existe em Roma uma lei secreta, que diz:

Caso um homem escolhesse uma moça, em companhia de um mudo, um tolo ou de uma criança e estes se mostrando conformes com a escolha, o casamento se tornaria perfeitamente legal. Apenas deve o sacerdote em apreço receber um aviso a respeito, ocasião em que não deve faltar

uma pequena indenização monetária.

Caso tal lei existir, o que nos falta? Manda buscar os três sacerdotes que vivem comigo, que testificarão na presença de uma Criança de apenas quatro meses que te sorriu e te abençoou, que escolheste a Tullia. Se tens este testemunho inocente e dispões de mais algum ouro, de que mais necessitas para todo o povo romano?"

Cirenius deu um salto de alegria e disse para José: "Meu nobre irmão, tens plena razão. De fato existe tal lei, somente não me lembrei dela no momento. Agora tudo está na melhor ordem; manda chamar os três sacerdotes que terei uma séria conversa com eles a respeito desse assunto." José mandou então entrar no aposento os sacerdotes ainda mudos.

109. Matrimônio de Cirenius e Tullia

Eles se apresentaram sem demora e um deles disse: "Somente a ordem do Governador fora capaz de nos soltar a língua, pois hoje de manhã fizemos a promessa de silêncio e jejum. Mas como disse, à noite rompemos nosso voto porque obrigados a isto pelo Governador. Queira ele algum dia pagar por isso!"

Cirenius obtemperou: "Não vos obriguei a coisa alguma, mas se isso inquieta vossa consciência, com prazer aceito a obrigação. Encontro-me em casa Daquele ao qual realmente cabem tais compromissos e assim creio que na execução deste, não passarei tão mal como tolamente julgais."

Disse José a Cirenius: "Oh, irmão, a prova já foi feita, dize aos sacerdotes o que desejas deles." Um deles antecipou-se a Cirenius perguntando em que poderiam ser úteis e o Governador esclareceu o assunto, ao que eles retrucaram: "A lei está certa, inclusive a ação, no entanto, nosso testemunho não será considerado válido por sermos somente sacerdotes auxiliares."

Cirenius explicou que neste caso, pela falta de um sumo-sacerdote, cada auxiliar seria obrigado a exercer ofício e juízo de um sumo-sacerdo-

te. Eles obstaram: “Está certo. Mas quando dois dias atrás devíamos exercer o poder sumo-sacerdotal, condenaste-nos. Se novamente exercêssemos o mesmo diante de ti, acaso não nos julgarias outra vez?”

Respondeu Cirenius, algo alterado: “Naquela ocasião vos condenei porque praticastes direito sumo-sacerdotal de modo ilegal; no presente caso, a lei é de vosso lado. Caso agirdes de acordo, naturalmente não precisais temer minha condenação. Em compensação vos proporcionarei um donativo que garantirá vossa subsistência. E um sacrifício para Roma também não se fará esperar.”

Disseram os três sacerdotes: “Pois bem, no entanto não mais pertencemos aos deuses e não queremos relações futuras com o paganismo de Roma. Seria válido nosso testemunho, caso forem informados em Roma que nos convertemos para a religião israelita?”

Retrucou Cirenius: “Sabeis tanto quanto eu que qualquer testemunho é válido em Roma quando acompanhado de dinheiro. Por isso fazei o que estou pedindo. O resto não vos toca, pois será minha incumbência.”

Essa afirmação convenceu os sacerdotes de fornecerem o atestado desejado por Cirenius e assim consagrá-lo. Somente após a entrega do documento, Cirenius estendeu sua mão a Tullia fazendo-a sua esposa legítima, entregando-lhe um anel. Em seguida mandou trazer da cidade roupas régias.

110. Sofrimento Moral de Eudócia

Dentro em breve chegaram os trajes para Tullia, sendo ela vestida como já fora mencionado. Maria tomou seu vestido de volta, lavou-o e guardou o mesmo para seu uso. Se bem que Cirenius quisesse por isto presenteá-la igualmente com roupas régias, ela e José rejeitaram tal coisa, solenemente.

Quando Eudócia viu Tullia em seu esplendor, afligiu-se a ponto de suspirar intimamente. A Criancinha então disse-lhe baixinho: “Eudócia, não suspires por causa do mundo, mas em virtude de teus pecados, assim

obterás melhores resultados. Eu sou mais que Cirenius e Roma. Se tens a Mim, tens mais do que o mundo inteiro. Se quiseres Me possuir integralmente, terás de arrepender-te do teu pecado pelo qual te tornaste estéril. Arrependendo-te por Amor a Mim, reconhecerás – à medida do teu amor – Quem Sou em verdade. Então serás muito mais feliz do que a própria esposa do Imperador.

Vê, o Imperador deve manter uma forte guarda, a fim de não ser expulso do trono. Eu, sou suficiente para Mim. Espíritos, sóis, luas, planetas e todos os elementos Me obedecem, ainda assim não necessito de guardas e até mesmo Me deixo carregar em teus braços, apesar de seres pecadora!

Acalma-te e não chores mais, pois recebeste o que foi tirado de Tullia quando esta recebeu as vestes reais. Isto é infinitamente mais do que estas vestes douradas, sem vida e trazendo a morte, enquanto estás carregando a Vida e jamais saborearás a morte, caso Me ames.” Essas palavras tiveram um efeito tão benéfico para a alma de Eudócia, que começou a chorar de grande alegria e sublime êxtase.

Maria percebeu que os olhos de Eudócia estavam banhados em lágrimas de alegria e foi ao encontro dela perguntando: “Amável Eudócia, que tens, pois vejo lágrimas doces em teus olhos?” Respondeu a outra, após profundo suspiro de felicidade:

“Oh, mãe mais feliz de todas as mães deste mundo, teu filhinho falou tão milagrosamente que, em verdade, nenhum ser mortal em sua fama mundana seria capaz de pronunciar palavras tais, mas somente deuses! Meu peito transborda de pensamentos profundos e pressentimentos sublimes. Quais estrelas brilhantes sobem dentro de mim de uma profundidade secreta e por isso choro de felicidade.”

Retrucou Maria: “Eudócia, tem paciência. Após as estrelas virá também o Sol, em cuja luz somente verás onde te encontras. Agora calemonos, pois Cirenius se dirige para cá.”

111. O Menino Jesus Abençoa o Casal

Quando Cirenius e Tullia chegaram perto de Eudócia, ainda com a Criança em seus braços, ele disse à Mesma: "Minha Vida, meu Todo! Somente a Ti devo a minha felicidade maravilhosa. O que fiz para Ti, foi insignificante e me recompensas tão extraordinariamente, transformando-me no homem mais feliz deste mundo. Como posso, eu, pobre pecador, agradecer-Te na justa medida?"

Erguendo Sua mãozinha direita, a Criancinha disse: "Meu querido Cirenius Quirinus, abençôo a ti e a tua esposa Tullia, a fim de que vivais felizes um com o outro, neste mundo. Todavia acrescento: Nunca te consideres por demais feliz em tua sorte, mas toma o mundo com sua alegria por palco de ilusões, que aproveitarás a vida com sabedoria justa.

Tudo neste mundo é exatamente o oposto daquilo que parece. Unicamente o amor, caso se origine do fundo do coração, é verdadeiro e justo. Onde perceberes vida sem amor, não existe vida, mas a morte; onde tens impressão de morte em virtude do silêncio do verdadeiro amor, lá habita a vida e não há quem possa destruí-la.

Ignoras quão frágil é a base em que te encontras. Eu o sei e por isso te oriento de tudo. Faze aqui uma escavação de mil toesas apenas que encontrarás um enorme abismo que te devoraria. Por isso não te aprofundes por demais na Terra e não te regozijes com as descobertas na profundeza terráquea; pois onde quer que alguém nela cave bem profundo, prepara-se o próprio extermínio. Não confies no ponto onde te encontras; não é sólido e pode te devorar, caso pretendas fazer uma mina.

Reflete bem que tudo neste mundo pode matar-te, pois carrega a morte dentro de si, com exceção do amor, caso preserves a sua pureza! Se o misturas com coisas mundanas, torna-se pesado podendo igualmente matar-te física e espiritualmente.

Mantém-te, portanto, dentro do amor puro e altruístico, ama teu Deus, Único, Pai e Criador, acima de tudo e os seres humanos, teus irmãos, como a ti mesmo, que alcançarás com tal amor, a vida eterna. Amém."

Essas palavras sumamente sábias encheram Cirenius como também a todos os presentes, de tal veneração que tremeram em todo corpo. José, porém, aproximou-se de Cirenius e disse: “Irmão, acalma-te e volta à cidade com a bênção desta casa. Silencia por enquanto sobre tudo que viste e recebeste hoje. Amanhã poderás voltar para comemorar o banquete nupcial.”

E assim Cirenius dirigiu-se imediatamente à cidade com Tullia e seu cortejo.

112. Os Anjos Ajudam na Ordem Doméstica de José

Quando Cirenius, altas horas da noite, encaminhou-se para a cidade, José disse aos seus filhos: “Ide tratar de nossa organização doméstica. Abastecei gado e burros e preparai um bom jantar para nós. Durante a alegre refeição cabe-me adotar e abençoar a minha nova filha.”

Os filhos de José se retiraram imediatamente a fim de executar as ordens do pai; mas qual não foi sua surpresa ao encontrarem no estábulo diversos jovens de roupa branca, entretidos com os animais. Então os filhos de José perguntaram quem dera ordem para tanto e qual era seu senhor.

Responderam: “Somos sempre servos do Senhor e foi Ele Quem nos ordenou de agir assim; eis o motivo de nossa atitude.” Prosseguiram os filhos de José: “Quem é vosso senhor e onde mora? Por acaso é Cirenius?” Retrucaram: “Nosso Senhor é também vosso e mora convosco, – mas o Nome Dele não é Cirenius.”

Então os filhos de José concluíram tratar-se evidentemente do pai deles e opinaram: “Se assim é, vinde conosco a fim de que nosso pai, dono desta casa, confirme se realmente sois servos dele.”

Retrucaram os jovens: “Ordenhai primeiro as vacas, em seguida vos acompanharemos para nos apresentarmos ao vosso Senhor.” Os filhos apanharam os vasilhames para o leite e o produto era três vezes maior do que em ocasiões de especial trato das vacas. Muito se espantaram, não

encontrando explicação por que motivo desta vez deram tanto leite. Terminada a tarefa, os jovens disseram: “Bem, como acabastes vosso trabalho, vamos à casa onde mora vosso e nosso Senhor. Acontece que vosso pai mandou preparar igualmente um bom jantar que deve ser feito antes de entrarmos no aposento dele.”

Sem demora, os jovens seguiram para a cozinha onde já se encontravam outros, muito ocupados com o preparo de um delicioso jantar. Para José a demora era demasiada, por isso foi inspecionar o que faziam. Grande foi a surpresa dele quando encontrou a cozinha repleta de cooperadores e perguntou o que significava aquilo.

Responderam-lhe os jovens: “Não te preocupes, José, pois o que existe e acontece, existe e se faz realmente pelo amor de Deus. Deixa-nos primeiro preparar o jantar, então saberás os pormenores pelo Próprio Senhor.”

113. Veneração dos Anjos Diante do Meninozinho

José voltou para o quarto e contou a Maria e a Eudócia o que viu na cozinha. Ambas estranharam muito e Maria disse: “Ó Grande Deus, será que não estamos seguros por nenhum momento de Tuas visitações? Nem bem uma sai pela porta, que cem novas entram pelo quarto. Senhor, não queres nos proporcionar sossego? Por acaso temos de fugir novamente e desta vez, dos romanos? Que significa este fenômeno?”

Disse José: “Querida Maria, não te inquietes em vão. Somos todos andarilhos neste mundo, e nosso guia é o Senhor. Onde Ele quiser nos levar, seguiremos com devoção à Sua Santa Vontade, pois só Ele sabe o que é melhor para nós. Receias de cada vez que Ele nos mande algo inesperado, eu, porém, me regozijo, pois sei que o Senhor sempre zela pelo nosso bem.

Hoje de manhã, Ele me mandou uma prova dura, e me entristeci muito. Mas a tristeza não perdurou, pois o morto foi despertado e agora vive. Faze como eu e te sentirás melhor do que com teu medo infantil, e

inútil é tua timidez.”

As palavras de José acalmaram Maria que cheia de curiosidade foi verificar os novos cozinheiros. Neste instante entraram os filhos de José munidos dos pratos e atrás deles seguiam todos os jovens com muito respeito. Quando chegaram perto da Criancinha, subitamente ajoelharam-se adorando-A.

Ela então ergueu-Se e disse aos jovens: “Levantai-vos, arcanjos de Meus Céus infinitos. Atendi vosso pedido. Vosso amor deseja servir-Me também aqui, na Minha simplicidade terrena. Eu, vosso Senhor desde eternidades, nunca precisei dos vossos serviços.

Como vosso amor é tão potente, ficai durante três dias e servi esta casa. Mas além daqueles que aqui estão, ninguém deve saber quem sois. Agora tomai a refeição, em companhia de Meu pai de criação, Minha genitora e esta filha que Me tem nos braços, com os três viandantes e Meus irmãos.”

Em seguida, os jovens se levantaram, Maria tomou o Filhinho e todos se sentaram à mesa, entoaram com José o cântico de louvor, alimentando-se cheios de felicidade e alegria.

Os arcanjos, presentes nos jovens, choraram de êxtase e disseram: “Em verdade, passaram-se eternidades diante de nossos olhos cheios de delícias supremas, mas todas essas eternidades maravilhosas são superadas por este momento, onde nos alimentamos à mesa do Senhor, sim, à mesa dos Seus filhos, entre os quais Ele Se encontra em plenitude. Oh, Senhor, permita que também nós nos tornemos Teus filhos!”

114. Maria Palestra com Zuriel e Gabriel

Após o jantar e todos tendo entoado, com José, um cântico de louvor ao Senhor, um dos jovens disse a Maria: “Maria, agraciada entre as mulheres desta Terra, não mais te lembras de mim? Não sou aquele que no Templo contigo brincou tantas vezes e sempre te trazia um bom prato

e uma bebida doce?”

Maria hesitou e disse: “Sim, reconheço-te; és Zuriel, um arcanjo. Por diversas vezes gracejaste comigo, pois me falavas sem deixar- te ver e somente após te implorar durante horas me davas tal alegria.”

Respondeu o jovem: “Mãe bendita, tal foi a Vontade do Senhor, Que te ama sobremaneira. Assim como o teu coração, moradia do amor, bate incessantemente animando e provocando todo o teu ser, também o Amor do Senhor constantemente instiga e excita seus amados; mas justamente por isso produz a vida, tornando-a resistente para a Eternidade.” Maria muito alegrou-se com esta explicação, louvando a grande Bondade do Senhor.

Outro jovem igualmente dirigiu-se a ela, dizendo: “Virgem agraciada! Reconheces também a mim? Não deve ter passado mais de um ano que te visitei em Nazareth!”

Maria o reconheceu pela voz e disse: “Sim, sim, és Gabriel! Em verdade, não existe igual a ti, pois foste tu quem trouxe ao mundo a maior das mensagens, anunciando a salvação a todos os povos!”

Respondeu o jovem a Maria: “Oh, virgem, no princípio erraste. Em minha pessoa, o Senhor começou a Se servir dos meios mais modestos para a execução da maior obra. Por isso sou apenas o mais simples e menos importante no Reino de Deus. De fato, trouxe à Terra a mensagem mais sublime e grandiosa, mas isto não quer dizer que não haja quem se iguale à minha categoria, pelo contrário, sou o mais simples no Reino de Deus.” Eis que Maria e José ficaram admirados da grande humildade do jovem.

A Criancinha, porém, disse: “Sim, este anjo tem razão. No princípio, o maior Me era o mais próximo; revoltou-se, e quis ser igual a Mim, pretendendo superar-Me e assim se afastou de Mim. Por esta razão construí Céu e Terra estabelecendo a ordem de que somente o menor estará mais próximo de Mim. Agora escolhi para Mim toda simplicidade deste mundo; por isso, apenas aqueles serão os maiores que como Eu, no mundo e por si próprios são os mais modestos. Tu, Meu Gabriel, tens razão e também a Minha Mãe está certa, pois és o maior porque em teu íntimo

és o mais insignificante!" Nem bem a Criancinha dissera tais palavras a Gabriel, todos os jovens se ajoelharam, adorando-A.

Eudócia, porém, refletiu muito, pois não sabia o que fazer desses jovens tão belos. Ouvira que foram chamados arqui-mensageiros, e isto, do Reino de Deus; mas ela tomava a Palestina e o Alto Egito como tal. Por isso perguntou se se tratava de emissários. Um dos jovens lhe disse: "Eudócia, tem paciência. Ficaremos aqui por mais três dias e nos conheceremos melhor!" Eudócia se contentou com isto e dentro em pouco retirou-se para dormir.

115. Um Assalto Frustrado

José, porém, disse: "Já anoiteceu, por isso opino, estar na hora de dormir." Concordam os jovens: "Sim, pai José, tens razão; todos vós ainda presos ao físico, deveis aproveitar o descanso fortificante. Sairemos para vigiar a tua casa. O inimigo de toda vida astuciosamente descobriu que o Senhor mora aqui; por isto resolveu um assalto durante esta noite. Aqui estamos para proteger este lar e caso o inimigo aproximar-se, ele será muito maltratado!"

José, Maria, Eudócia, que ainda estava acordada, os três sacerdotes e os filhos de José assustaram-se muito com esta notícia e José disse: "Se as coisas andam assim, não quero repousar, mas vigiar junto convosco, a noite inteira."

Responderam os jovens: "Podeis todos ficar despreocupados, somos bastantes e também temos força para transformar toda a Criação em nada, caso o Senhor o deseje. Como podemos ter medo de um punhado de assassinos pagos e covardes? O caso é o seguinte: Uns amigos do sacerdócio extinto descobriram por meio do esforço de Satanás que Cirenius passou a ser grande amigo dos judeus por intermédio desta família. Por isto tramaram uma conspiração secreta jurando assaltar esta casa durante a noite e assassinar a todos que se encontrem na mesma. Prevendo este

plano já por algum tempo, aqui chegamos para proteger-vos. Por isso podes ficar sossegado; amanhã verás como trabalhamos para ti, durante a noite."

Ouvindo tal garantia de proteção por parte dos jovens, José louvou a Deus; em seguida indicou a Eudócia o quarto dela, abençoando-a como sua nova filha e assim foi ela a primeira a deitar-se.

Maria dirigiu-se com a Criancinha ao mesmo quarto e deitou-A junto de si no mesmo leito. Os três sacerdotes também se encaminharam ao quarto deles, enquanto José e seus filhos permaneceram na sala de refeição acordados.

Os jovens saíram e se acomodaram ao redor da casa. Por volta de meia-noite ouviu-se um ruído de armas, no caminho para a cidade. Dentro em poucos minutos a casa inteira era cercada por trezentos homens armados. Quando tentaram penetrar, os jovens se levantaram e num instante estrangularam o grupo inteiro, com exceção de um homem. Foi algemado e conduzido a um aposento como testemunho para o dia seguinte. Desta maneira, o lar de José foi salvo milagrosamente continuando em paz, e seguro de qualquer assalto futuro.

116. Respeito dos Anjos Diante de Jesus, no Banho

De manhã, muito antes do levantar do Sol, já havia grande atividade na casa de José. Os jovens tomaram conta do estábulo e da cozinha, junto com os filhos de José, pois muita coisa tinha que ser feita para o banquete nupcial de Cirenius.

José, em companhia de alguns jovens, Zuriel e Gabriel, saiu de casa, inspecionou os cadáveres, dizendo aos anjos: "Que faremos com eles? Deveriam ser enterrados antes que Cirenius chegasse da cidade."

Obstaram os anjos: "Não te preocupes, José, pois justamente o Governador deve certificar-se do poder que reside em tua casa. Estes cadáveres ficarão aqui até ele chegar, podendo mandar tirá-los."

José contentou-se com esta informação e voltou à casa, em companhia dos dois anjos. Quando entraram no quarto, Maria estava justamente dando banho à Criancinha, no que ela recebia alguma assistência de Eudócia. Os anjos ficaram de pé no maior respeito, com as mãos cruzadas sobre o peito. Após estar lavada e vestida de roupa limpa, a Criancinha chamou a José e disse:

"No solo que pertence a esta casa, ninguém há de perder a vida. A razão pela qual te chamei se prende a esta água que deves guardar. Quando Cirenius chegar da cidade e vir os estrangulados, tomarás esta água borrifando-a sobre eles que despertarão para serem apresentados ao tribunal do Estado. Antes, deves amarrar as mãos de cada um no dorso, a fim de que, uma vez despertados, não apanhem armas para se defenderem."

José imediatamente executou a ordem da Criancinha, com ajuda dos dois anjos, e no momento em que amarrava as mãos ao último cadáver, Cirenius chegava em pleno esplendor e com grande séquito. Vendo os cadáveres atados, ele ficou horrorizado, e aflito perguntou o que acontecera.

José, após informá-lo de tudo, mandou trazer a água e borrifou os cadáveres; todos se levantaram como de um sono profundo. Cirenius, sem demora, mandou conduzi-los à prisão estadual. Quando os despertados e único sobrevivente foram levados sob forte guarda, Cirenius penetrou no quarto, com sua esposa, e ali louvou com ênfase o Deus de Israel.

117. Poder Milagroso dos Anjos

Este acontecimento deixou Cirenius algo mal-humorado não sabendo o que fazer com aqueles traidores. Aproximou-se de José e palestrou com ele a respeito. José respondeu: "Tem bom ânimo, meu irmão no Senhor! Nenhum dos teus cabelos será tocado. Neste mundo és certamente o meu maior amigo e benfeitor; mas de que proveito me foi a tua amizade nesta noite? Esses assassinos pagos poderiam massacrar-me jun-

to com a minha família, sem que soubesses algo antes de chegar aqui esta manhã, nada mais encontrando de minha pessoa! Quem foi meu salvador? Quem há tempos teria descoberto os planos secretos dos maus elementos e Quem me mandou assistência em tempo justo? Foi o Senhor, meu e teu Deus. Sê, portanto, de bom humor, pois também estás na Mão protetora de Deus Que não admitirá que um só cabelo te seja tocado."

Cirenius, ao lado de Tullia ainda ocupada da Criancinha, agradeceu sensibilizado a José por este consolo. Ao mesmo tempo percebeu os dois jovens magníficos e mais alguns dentro da cozinha. Por isso perguntou a José de onde vinham, tão belos e delicados, e se igualmente eram vítimas salvas.

Retrucou José: "Cada senhor tem seus servos, entretanto sabes que minha Criancinha também é um Senhor! Justamente estes são Seus servos que durante a noite guardaram esta casa do extermínio. Não tentes adivinhar sua procedência; nada conseguirias, pois são incrivelmente poderosos."

Disse Cirenius: "Seriam semideuses como existem em nossa doutrina tão cheia de fábulas? Como é isto? Será que também vós tendes, ao lado do Deus Único, tais semideuses destinados a servirem aos homens como também ao Deus Principal?"

Retrucou José: "Irmão, estás bem enganado. Nunca falamos de semideuses, mas sim, de espíritos bem-aventurados, os quais agora são anjos do Senhor, mas outrora viveram nesta Terra, igual a nós. Silencia de tudo que acabas de ouvir, do contrário sofrerás um prejuízo físico."

Com o dedo sobre os lábios, Cirenius jurou silenciar até a morte. Nisto, os dois jovens dele se aproximaram, dizendo: "Vem conosco, a fim de que te demonstremos nossa força."

Cirenius os acompanhou e viu que u'a montanha, bem no fundo, desaparecia em conseqüência de uma palavra dos anjos. Só então Cirenius reconheceu a razão pela qual tinha de silenciar, o que fez durante toda a vida, e todos os que estavam com ele.

118. Finalidade dos Anjos

Após esta prova de poder, os dois anjos reconduziram Cirenius ao quarto onde estavam José, Maria com a Criancinha, Tullia, Eudócia e os três sacerdotes, Maronius e outros acompanhantes de Cirenius. José aproximou-se do último, perguntando: "Então, irmão e amigo, o que dizes destes servos do Senhor?"

Respondeu o Governador: "Prezado irmão, entre eles e o Senhor quase não existe diferença, pois são tão poderosos quanto Ele! Recentemente a Criancinha destruiu com um gesto, a grande estátua de Zeus; estes servos destruíram toda uma montanha por meio de uma única palavra. Que diferença há então entre Senhor e servo?"

Respondeu José: "Meu amigo, entre os dois existe uma diferença imensa! O Senhor faz tudo isto de Si Mesmo, desde Eternidades; os servos Dele somente o poderão fazer quando Ele o quiser. Tal não sendo o caso, eles conseguem tão pouco quanto tu e eu, e sua própria força não é capaz de reduzir a pó, um átomo do raio solar."

Respondeu Cirenius: "Compreendo; o que acabas de dizer é certo e não precisa de explicação maior. Mas se tudo é apenas o Poder do Senhor e os servos não tendo força própria, para que servem?"

Disse José: "Aqui está a Criancinha! Dirige-te a Ela com tua pergunta, e te dará a melhor resposta."

Cirenius assim fez e a Criancinha levantou-Se e disse: "Cirenius, agora és marido e nesta noite te uniste à tua esposa, a fim de receberes um filho. Afirmo-te que terás doze filhos. Dize-Me, para que te servirão e para que finalidade queres ter filhos? Não poderias muito bem efetuar os teus negócios sem eles?"

Perplexo, Cirenius hesitou e após certo tempo disse, algo embaraçado: "Com referência aos meus negócios estaduais, tudo corre dentro de sua ordem, sem precisar de filhos. Mas no meu coração se manifesta uma forte necessidade de possuí-los e esta necessidade se chama amor!"

Disse a Criancinha: "Bem, se portanto tiveres filhos, não os incluirás

em teus negócios, por simples amor, dando-lhes poder e força e fazendo deles ajudantes poderosos, somente porque são teus filhos?”

Respondeu Cirenius: “Sim, Senhor, certamente farei tal coisa.” Retrucou a Criancinha: “Então, se tu como ser humano ages deste modo com teus filhos, por que Deus, o Santo Pai, não agiria de maneira idêntica com os Seus filhos, por infinito Amor?”

Esta resposta explicou tudo a Cirenius e o encheu e a todos com o máximo respeito, e ele evitou indagações posteriores.

119. Vestes Festivas dos Anjos

Entrementes, os filhos de José entraram avisando: “Pai, o desjejum está pronto. Se quiseres, aprontaremos a grande mesa para servi-lo.”

Disse José: “Está bem, meus filhos. Apanhai vossas vestes novas, pois vamos celebrar o banquete nupcial de Cirenius. Deveis participar da mesa, de vestes festivas. Fazei o que é bom e conveniente.”

Sem delongas, os filhos cumpriram as ordens de José. Os dois anjos também se puseram à frente de José, dizendo: “Pai José, que te parece, nossa vestimenta presente é de uso diário. Porventura devemos usar veste nupcial?”

Respondeu José: “Sois anjos do Senhor e vossa veste é a mais bela; para que serviria outra?” Retrucaram eles: “Não queremos contrariar alguém; o que ordenaste aos teus filhos, também queremos fazer, apresentando-nos à tua mesa em vestes nupciais. Permite sairmos, para trocar de roupa.”

Disse José: “Fazei o que vos parece necessário, por causa do Senhor, porquanto sois servos Dele e sabeis da Sua Vontade.”

Os dois anjos saíram e dentro em pouco voltaram junto com os filhos de José e todos os outros jovens, vestidos de roupa luminosa nas cores da aurora; suas fisionomias, pés e mãos resplandeciam como o Sol nascente. Cirenius e todo o seu séquito assustaram-se diante deste esplendor e indizível majestade.

O Governador, aflito, apressou-se para dizer a José: “Agora acabo de ver a infinita Glória de tua casa. Deixa-me sair, pois esta magnificência me consome. Por que ordenaste aos teus filhos de mudarem de roupa? Sem ela também os servos do Senhor teriam ficado em sua simplicidade anterior e sem brilho, o que me era tão simpático.”

José, igualmente impressionado com tanto brilho, reanimou-se e ordenou aos filhos para reporem as roupas comuns. Tanto eles quanto os jovens as trocaram voltando em sua simplicidade anterior.

Eis que Cirenius sentiu-se mais à vontade e sentou-se à mesa com sua esposa e seu séquito. Assim, ele ocupou a parte superior da mesa com seus acompanhantes; José, Maria com a Criancinha, Eudócia, os filhos de José e os anjos ocuparam a parte inferior, e após o cântico de louvor de José, todos se alimentaram. Alguns oficiais e seu capitão opinaram que se encontravam à mesa dos deuses no Olimpo, e não sabiam o que fazer de encantamento, pois ignoravam a organização doméstica de José.

120. Comemoração da Páscoa

Finalizado o saboroso desjejum que durou cerca de uma hora, José declamou o cântico de louvor e todos se levantaram. Tratando-se de um ante-sábado, quer dizer, duma sexta-feira, em que sempre se comemorava a Páscoa dos judeus, José andava um tanto preocupado, pois não sabia de que maneira celebrar tais datas em meio de tantos romanos. Haveriam de visitá-lo tanto no sábado quanto em outro dia qualquer; por isso estava inquieto diante de celebração de sábado tão importante.

Eis que os jovens o cercaram, dizendo: “Dá-nos atenção, homem justo, mas inutilmente preocupado! Sabes que em tal época se encontravam em Jerusalém igualmente os anjos de Deus como arcanjos, querubins e serafins, habitando sempre o Santíssimo, como tu e tua mulher o sabem. Informado de que seguimos apenas o Senhor e não ao Templo em Jerusalém, e Ele atualmente morando aqui, nós também aqui estamos

para festejar a Páscoa contigo e não no Templo, inteiramente abandonado. Como poderias celebrar a Páscoa de maneira mais digna do que nós? Faremos amanhã a mesma coisa que hoje, e assim será justo. Age da mesma forma que festejarás conosco o sábado e a Páscoa de maneira justa, na Presença do Senhor do sábado e de todas as festas. Pergunta à mui sublime Criancinha e te dirá a mesma coisa!"

Obstou José: "Está tudo bom e justo; mas que acontece com a Lei de Moysés? Terminará?"

Retrucaram os jovens: "Enganas-te. Porventura Moysés alguma vez decidiu que a Páscoa teria de ser celebrada em Jerusalém? Não teria determinado a Páscoa somente onde o Senhor estivesse com a Arca? Agora, Ele não está mais com a Arca, e sim, contigo e com tua família! Dize-nos, onde, com justiça, deveria ser celebrada a Páscoa segundo Moysés?"

Respondeu José: "Se assim é, a festa terá de ser celebrada aqui. Mas que fazer com os inúmeros pagãos presentes?"

Disseram os anjos: "Filho justo de David, não te preocupes com isto e faze o que fizermos, e tudo estará em ordem."

Neste instante a Criancinha chamou por José, momento em que os anjos se ajoelharam e Ela disse: "José, a ordem de hoje será mantida amanhã e depois; não te preocupes com os pagãos, ainda melhores do que os circuncisos. A circuncisão em si não tem valor, e sim, a circuncisão do coração. Estes romanos têm coração nobre, por isso festejo agora a Páscoa com eles e não com os judeus." Tais Palavras restituíram o equilíbrio a José, e com alegria entregou todos os cuidados com a festa da Páscoa, ao critério dos anjos.

121. Dificuldades Diante dos Feriados da Páscoa

Após a determinação dos festejos e José se tendo conformado com tudo, Cirenius dele se aproximou e disse: "Hoje sou teu hóspede até a noite; amanhã, darei uma pequena festa em minha casa e convido toda a

tua família, na esperança de não me negares esta prova de amizade! Tal convite não visa qualquer indenização, mas é sinal de grande amor e estima que tenho para com todos vós.

Fixei a minha partida para depois de amanhã, pois não posso permanecer aqui durante tanto tempo como planejei de início. Negócios urgentes me levam a modificar meu plano. Por esta razão desejo convidar-te à minha casa, conforme mereces."

Novamente José hesitou sem saber qual atitude tomar, pois tratava-se do sábado pascal que ele, ao menos este, desejava festejar em casa. Por isto disse a Cirenius: "Amanhã, nós judeus, temos a festa mais importante, a qual cada judeu tem de comemorar no mínimo dentro de seu lar, já não podendo viajar para Jerusalém. Teria de me censurar muito, infringindo esta nossa principal Lei, razão pela qual não posso te prometer algo nesta questão. Se quiseres vir aqui e celebrar a festa planejada em minha casa, que afinal também é tua, ser-me-á sumamente agradável."

Retrucou Cirenius: "Mas, meu irmão, será possível seres menos crente do que eu, pagão desde nascença segundo tua afirmação? Quem é teu Filhinho? Não é o Senhor, Autor de todas as Leis, desde início? Estes jovens, não são eles os Seus servos desde origem? Não teria Ele, que tão majestosamente repousa nos braços da jovem mãe, o direito de determinar as Leis? Caso Ele me atendesse, estimarias a tua festa acima de Sua Palavra Divina?"

Eis que a Criancinha Se ergueu, dizendo: "Cirenius, falaste a verdade, mas silencia de tudo. Amanhã seremos todos teus convidados, pois onde Me encontro, será a verdadeira Páscoa. Sou Eu o Libertador dos israelitas do Egito." Ouvindo isto, José desistiu de sua Páscoa e aceitou o convite do Governador.

122. Preocupações com o Destino dos Amotinados

Após esta determinação com a qual José estava satisfeito, ele pergun-

tou a Cirenius como andava a remoção dos escombros do templo e dos exumados. Respondeu o romano: “Isto não deve ser tua preocupação, pois neste sentido já foram tomadas as melhores disposições conforme meu critério. Os escombros foram retirados até a última pedra, os sacerdotes, mortos, foram enterrados e depois de amanhã levarei os salvos para Tyro, onde tomarei medidas certas a respeito deles. Opino que tal problema foi resolvido da melhor maneira.”

Confirmou José: “De fato, um pai não poderia ter tomado melhores providências e estou plenamente satisfeito. Mas que farás com os assassinos que assaltaram a minha casa, ontem à noite?”

Disse Cirenius: “Como réus de alta traição merecem a pena de morte. Sabes que não sou amigo de derramamento de sangue, e sim, seu maior antagonista. Por isso dispensei-os da pena de morte e decretei sua escravidão pelo resto da vida. Penso que tal castigo não será demasiado grande especialmente havendo possibilidade de libertação para os regenerados. Também eles me acompanharão para Tyro, onde aguardarão disposições futuras.”

Concordou José: “Também neste caso agiste segundo a Ordem Divina e só posso louvar-te como Governador verdadeiramente sábio. Existe algo mais que aflige o meu coração. Qual teu conselho a respeito dos três sacerdotes auxiliares?”

Respondeu Cirenius: “Cuidei igualmente deles. Maronius que atualmente pensa como eu, ficará com eles fazendo-os seus funcionários para cargo por mim determinado. Se o meu entendimento fosse mais profundo, certamente seria capaz de tomar medidas mais justas. Assim, ajo segundo meu bom critério e penso que teu Deus e Senhor abençoará a minha boa vontade, ainda que não provinda da melhor compreensão.”

Retrucou José: “Ele já abençoou o teu entendimento e tua vontade, por isso tomaste as melhores medidas. Mais uma pergunta: Quando me mandarás as cinco crianças de que me falaste?” Respondeu Cirenius: “Será minha primeira preocupação chegando a Tyro. Hoje é um dia sumamente agradável; por isto vamos lá fora e louvemos o Senhor ao ar livre.” Tal convite entusiasmou José a ponto de movimentar a casa toda.

123. Encontro com Feras e a Maneira pela Qual Foram Domadas

Cirenius com seu séquito, Maronius com os três sacerdotes, José com Maria e o Meninozinho, os dois anjos (Zuriel e Gabriel) e Eudócia formaram o cortejo. Maria e Eudócia estavam montadas em dois jumentos, conduzidos pelos dois jovens. Os demais ficaram em casa com os filhos de José ajudando-os no preparo de pão e de um bom almoço, o qual todavia apenas foi servido à noite.

Fora da cidade existia u'a montanha coberta de cedros de aproximadamente quatrocentas toesas de altura. Os pagãos a veneravam qual santuário, razão por que nunca fora abatida uma árvore. Existia apenas um caminho feito pelos sacerdotes que levava ao cume, onde se erigiu um templo aberto do qual se apreciava vasto panorama encantador. Em virtude da arborização espessa da extensa montanha, aí vivia uma alcatéia de feras que tornava a escalada insegura e perigosa.

Os três sacerdotes conheciam esta particularidade da montanha, por isso se aproximaram de Cirenius quando este já havia alcançado o pé da mesma, avisando-o de tal fato.

Disse Cirenius: "Não percebeis eu não ter medo? E por que deveria tê-lo? Entre nós Se encontra o Senhor de todos os Céus e mundos, inclusive dois dos Seus servos onipotentes!"

Os sacerdotes se animaram com as palavras do romano e recuaram; entrementes o cortejo avançava rapidamente monte acima. Quando o grupo havia caminhado meia hora em plena floresta, subitamente saltaram três leões da mata espessa trancando a passagem a Cirenius. Imediatamente, os dois jovens se adiantaram e ameaçaram as feras que abandonaram o local, rugindo. Todavia não voltaram para a mata, mas acompanharam o grupo à margem do caminho sem fazerem mal a alguém.

Passada mais meia hora de subida, veio ao encontro do grupo toda uma caravana de leões, panteras e tigres. Vendo os dois jovens (Zuriel e Gabriel), esta caravana pavorosa dividiu-se, ficando às duas margens do

caminho deixando passar o grupo.

Para muitos do séquito de Cirenius este encontro inspirava tamanha veneração e respeito que nem se atreveram a respirar. Quando viram as feras se deitarem, tremendo, na proximidade do Meninozinho, os medrosos pagãos começaram a pressentir Quem realmente Se ocultava na criança.

124. Os Ofídios no Cume da Montanha e o Saneamento por Maria e Seu Filhinho

A alcatéia de feras não se afastou continuando seu caminho, rosnando vez por outra. Eudócia, ao lado de Maria, como também Tullia ao lado de Cirenius que andava à frente dos jumentos, sentiram ligeiro desmaio, olhando este espetáculo. José e Maria lhes inspiravam tanta coragem que em breve todo medo passou.

O cortejo avançava sem obstáculos até o cume. Lá, porém, ao chegarem à clareira maravilhosa, onde se encontrava um templo, apresentou-se novo impedimento. Havia por perto verdadeiro ninho de ofídios venenosos. Às centenas estavam se banhando ao sol, ao redor do templo.

Quando esta bicharia percebeu o grupo, começou a sibilar. O séquito de Cirenius estarreceu de pavor. Principalmente Tullia, a pé, passava mal, quase perdendo o juízo, pois previu com grande pavor o fim de sua existência. Não somente as pessoas demonstraram seu receio, pois os três leões começaram a rugir aconchegando-se o mais possível aos humanos. Cirenius não se impressionou com o espetáculo; o mesmo o incomodava em virtude de sua esposa e de seu séquito. Por isso virou-se para José, dizendo: "Irmão, pede aos dois servos do Senhor que ameacem essa bicharia."

José, porém, respondeu: "Não é preciso, pois minha mulher é mestra neste assunto; deixemo-la adiantar-se com seu animal e verás como os ofídios dela fugirão."

Maria, com o Menino nos braços, avançou com o animal e quando

as víboras avistaram-na, subitamente fugiram, velozes, e não mais se viu uma sequer. O séquito de Cirenius estranhou o fato e muitos se perguntaram: "Não será ela a Hygea da qual se diz que todas as serpentes lhe obedecem?"

Ouvindo tal indagação, Cirenius respondeu: "Que falais de Hygea que nunca existiu? Aqui há mais do que Juno a qual também nunca viveu; eis a mulher que Deus, o Altíssimo, escolheu para este nobre sábio." Todos ficaram perplexos sem terem coragem de fazer outras perguntas.

125. O Templo Perigoso e o Enxame de Moscas Pretas

Depois que o cume da montanha desta maneira foi saneado, Cirenius disse aos seus empregados: "Ide varrer o templo e cobri o altar com panos limpos, para nele depositar os alimentos trazidos. Em seguida tomaremos uma pequena refeição." Imediatamente o pessoal de Cirenius cumpriu suas ordens. Após tudo pronto, ele convidou a José e Maria, a fim de participarem da pequena merenda.

José, porém, obstou: "Manda imediatamente retirar tudo do templo, antes que o mesmo desmorone. Esta construção é demasiadamente antiga e estragada, e serviu outrora aos sacerdotes para atos vergonhosos. É sustentada apenas por alguns espíritos malignos. Se eu entrar com minha mulher e o Meninozinho, os espíritos maus fugirão, e o templo desmoronará sobre nós, em escombros fumegantes. Rogo-te seguir o meu conselho que lucrarás muito."

Cirenius arregalou os olhos, mas seguiu o conselho de José sem demora. Nem bem os seus empregados tinham executado apressadamente esta tarefa, quando se avistou um grande número de moscas pretas que fugiam do templo com zumbido feroz. Entrementes José havia avisado aos empregados que fugissem igualmente, do contrário haveriam de se prejudicar, e bastou eles estarem a alguns passos do templo quando este desmoronou sob grande estrondo.

Todos se espantaram, pasmados, inclusive os três leões fugiram a pouca distância, voltando mais tarde. Todos se perguntaram pela razão deste acontecimento, mas entre os pagãos ninguém era capaz de dar explicação, com exceção de Cirenius.

Quando o grupo se havia refeito do susto, Cirenius indagou a José onde havia um lugar seguro para servir a merenda. E José apontou-lhe um gramado debaixo de uma figueira silvestre, cheia de flores e frutos. Imediatamente Cirenius mandou que se servisse a merenda naquele gramado.

126. O Incêndio do Palácio Imperial

Sem demora, José e sua família se acomodaram e se serviram após ele ter abençoado os alimentos. Nisto foi imitado pelos dois jovens e o resto do grupo. Enquanto se deleitavam alegres e felizes, Maronius que se encontrava ao lado de Cirenius, viu surgir uma imensa coluna de fumaça sobre a cidade de Ostracina, dando-se o mesmo à beira-mar, mais distante.

Chamando a atenção a Cirenius, este percebeu tratar-se de seu palácio em chamas, e supunha que igualmente seus navios estivessem queimando. Como que fulminado por mil raios, ele saltou gritando: "Por Deus, – que vejo? Seriam esses os frutos de minha bondade aos miseráveis habitantes daquela cidade? Realmente, transformarei minha bondade em ferocidade de tigre, e haveis de pagar vosso crime como jamais uma fúria pagou no mais ínfimo inferno! Vamos, amigos e irmãos, não podemos continuar aqui! Temos que castigar esses miseráveis!"

O séquito de Cirenius saltou incontinenti, recolhendo tudo às pressas. Somente José e sua família continuaram sentados calmamente e ele nem dava atenção à zona incendiada. Percebendo-o, Cirenius se dirigiu para ele com aspereza, dizendo: "Que amigo és tu, a continuares sentado no momento de minha desgraça? Sabes perfeitamente eu não poder passar sem ti por essa trilha, em virtude das inúmeras feras. Levanta-te, portanto, e trata de minha segurança, do contrário provocarás minha amar-

gura igualmente contra ti!"

Impassível, José respondeu: "Romano irado, precisamente agora não te acompanharei! Que farias se dentro de duas horas chegasses lá em baixo? Não teriam as chamas destruído tudo? Quanto à vingança, sempre haverá tempo! Não fosse tua reação, eu teria falado aos dois jovens que imediatamente acabariam com o incêndio. Agora, podes pessoalmente abrandar o fogo com a tua ira!"

127. Amizade Sincera de José. O Poder de Vontade dos Anjos Apaga o Incêndio

Essas palavras de José, pronunciadas com tamanha severidade, muito impressionaram a Cirenius, não sabendo o que retrucar tampouco se animava a dizer qualquer coisa. Por isso, virando-se para Tullia disse: "Vai e expõe àquele homem tão sábio, a minha desgraça e a conseqüente irritação. Pede-lhe perdão e promete que no futuro não hei de repetir momentos tão dolorosos para ele. Apenas por esta vez não me deixe sem socorro!"

José ouvira as palavras de Cirenius, por isso se aproximou e disse: "Até hoje não necessitamos de intermediários e sempre externamos com franqueza e reciprocidade nossas questões. Para que fim deveria ser tua esposa medianeira como se nós não nos bastássemos?

Porventura julgas eu ser capaz de me aborrecer? Enganas-te muito, pois minha severidade foi simples fruto de meu grande amor para contigo. Mau seria o amigo que em caso de necessidade não fosse capaz de pronunciar uma palavra de rigor. Se na questão que tanto te preocupa houvesse algo de real, podes estar certo que chamaria tua atenção, como sempre fiz. Trata-se de simples obra de ilusão por parte dos maus espíritos enxotados daqui, empregando essa ação de vingança cega. Eis tudo.

Se me tivesses falado antes de te irritares, nem teria sido preciso levantar-te. Tu, porém, confiaste em teus sentidos irritando-te por coisa alguma. Senta-te com calma e observa com sangue frio o incêndio que

dentro em pouco terminará!"

Essa informação teve para Cirenius o mesmo efeito que tem para o gado, uma cancela nova; entretanto acreditava no que José havia dito, muito embora nada entendesse do assunto.

Virando-se para os jovens, na presença de Cirenius, José disse: "Dirigi também vós o olhar para o local onde os enxotados descarregam sua ira, a fim de que haja um fim para a paz de meu irmão." Os anjos assim fizeram, – e imediatamente nada mais se viu do incêndio. Só então Cirenius compreendeu o sentido das palavras de José, voltando ao seu bom humor; no entanto seu respeito pelos dois jovens e José crescia consideravelmente.

128. Os Prometidos Puxões do Senhor. Os Fenômenos Maravilhosos Dentro da Natureza

Após tudo ter voltado à ordem e calma, o Meninozinho ergueu-Se dizendo: "Ouve-Me, coração cheio de nobreza! Ainda estás lembrado como Eu dava puxões nos cabelos de Jacó, e também querias que te fizesse o mesmo? Eu to prometi e cumpro Minha promessa, pois todas as pequenas surpresas que passaste desde então, nada mais são do que os puxões pelos cabelos.

Se futuramente se repetirem, lembra-te de Minhas Palavras, nada temas e não te tornes irado. Não hás de perder um fio de cabelo sequer. A quem trato deste modo é amado por Mim e não necessita temer algo, nem neste nem no outro mundo!"

A essa explicação do Meninozinho, os olhos de Cirenius se encheram de lágrimas, não sabendo o que fazer de tamanho amor e gratidão. Os pagãos presentes ouviram igualmente o discurso e se admiraram sobremaneira que uma criança de três meses pudesse se expressar tão sábia e claramente. Alguns se viraram para José indagando a respeito dessa possibilidade.

Dando de ombros, José redarguiu: "Caros amigos, muitos fenôme-

nos maravilhosos surgem vez por outra, na vasta Terra, mormente nos domínios da vida. Passam-se diante de nossos olhos; mas quem poderia determinar as Leis ocultas empregadas pelo Criador?

Realmente, nós, os maiores milagres, pisamos diariamente inúmeros milagres, sem dar-lhes atenção! Quem de nós saberia como surge essa obra de milagres infinitos, como sejam: a erva, a árvore, o verme, o mosquito e o peixe na água? Só nos resta observá-los e louvar e adorar o Grande e Santo Mestre Criador!"

A explicação de José acalmou plenamente os pagãos que a partir daí fitaram a Natureza toda de olhos diferentes, espalhando-se por todos os lados da montanha.

Cirenius, todavia, se dirigiu secretamente a José perguntando se ele realmente ignorava a razão de tudo. E ele o confirmou dizendo: "Investiga junto ao Meninozinho que te dará a melhor informação!"

129. Resposta dos Anjos a Respeito da Natureza Misteriosa do Menino Jesus

Com toda humildade, Cirenius se dirigiu para o Meninozinho dizendo: "Minha Vida e meu Ser, conquanto se saiba Quem és, é inacreditavelmente milagroso que Tu, criança de três meses, possas falar tão perfeita e sabiamente. Por isto desejava receber neste monte, onde fatos tão maravilhosos sucederam, uma pequena orientação. Não poderias elucidar-me com poucas palavras?"

O Meninozinho respondeu: "Ao lado de José se encontram os dois servos que te informarão." Repetindo Cirenius sua dúvida aos dois jovens, estes responderam: "Eis uma questão puramente celeste; ainda que te informemos, não serás capaz de concebê-la.

Criaturas ainda presas à Natureza, ou seja, à matéria do mundo, não conseguem assimilar o puramente celestial. Eis o que se dá contigo; na maior parte vivendo dentro da matéria, não poderás conceber nossa ex-

plicação. Desejas orientação, e ela te será dada a Mando do Senhor; a compreensão não te podemos facultar pelo motivo acima.

Ouve, pois: Dentro de Sua Condição humana, o Meninozinho por muito tempo seria incapaz de falar. Isto será mais ou menos possível dentro de um ano. No Coração Dele, porém, habita a Plenitude da Divindade eterna e onipotente.

Se, pois, Se expressa sumamente sábio, não o faz a Criança, e sim a Própria Divindade, nela, dirigindo-Se à tua alma despertada. Ouves as palavras como ditas pelo Meninozinho, entretanto as ouves dentro de ti mesmo, dando-se fato idêntico com todos que O ouvem falar.

A fim de que possas convencer-te, podes postar-te à distância que quiseres, onde a voz natural não poderia ser ouvida, todavia o Meninozinho se dirigirá a ti, e tu O ouvirás tão bem quanto em Sua Presença direta. Vai, e faze essa experiência!”

Embora nada entendesse a respeito, Cirenius se afastou a uns mil passos. Súbito, ouviu a chamada do Meninozinho que dizia claramente: “Cirenius, volta depressa, pois debaixo do local onde te encontras, existe uma caverna cheia de tigres que começam a te farejar! Volta, antes que sejas visto!” Esbaforido, Cirenius voltou, pretendendo prosseguir nas indagações, mas na realidade ignorava o que perguntar, pois esta experiência era por demais fantástica.

130. Testemunho Claro Dado pelos Anjos a Respeito da Natureza e da Encarnação do Senhor

Os dois jovens silenciaram. Cirenius, cuja curiosidade foi despertada, não conseguiu acalmar-se de sorte que se voltou para eles, após algum tempo de reflexão: “Elevados servos de Deus, desde Eternidades! Vossa explicação é por demais milagrosa envolvendo todo meu ser, e não consigo satisfazer-me com ela.

Reconheço perfeitamente ser homem simples e natural e isento de

qualquer sabedoria elevada que mal vê um palmo adiante daquilo que apalpa; porventura não seria possível proporcionar-me um entendimento um pouco maior? Peço com toda humildade me abrirdes uma capacidade certamente ainda oculta, para que possa entender mais claramente, ao menos o que me revelastes."

Ambos responderam: "Caro amigo e irmão, pedes algo impossível antes do tempo, pois enquanto palmilhares na carne, jamais conceberás fatos da Sabedoria Divina.

Imagina que Deus, o Senhor, ora habitando em Sua Plenitude infinita e eterna nesta Criancinha, teria à disposição incluindo esta Terra, miríades de corpos cósmicos, maravilhosos e imensos, cuja parte mais ínfima avistas à noite quais estrelas, – entretanto escolheu esse planeta estéril, o mais miserável sob todos os pontos de vista. Isso foi do Agrado Dele, ao Eterno Senhor do Universo; realizou-o conforme ocorre diante de nossos olhos!

Presumes que para tanto necessitou de nosso conselho ou talvez de nosso consentimento? Seria engano tremendo. Desde Eternidades ele age segundo Sua Vontade e não houve quem fosse Seu conselheiro. Quem poderia perguntar: "Senhor, por que fazes isto? Ele é em Si, a máxima Perfeição, a mais elevada Sabedoria, o mais profundo Amor e Meiguice, o Poder e a Força máximas; basta um simples pensamento de destruição dentro de Seu Âmago, – e num átimo tudo cairia no caos!

Ainda assim, deixa-Se acariciar qual criatura fraca, nos braços de uma judia. Ele, que desde Eternidades supre fartamente com alimento utilíssimo, mundos e seres de inúmeras espécies, sorve neste planeta ínfimo, o alimento dos fracos seios de uma virgem de quinze anos!

Ele, a Vida Básica de toda vida, vestiu a veste da morte, do pecado e Se ocultou na carne e no sangue. Que te parece? Porventura não desejas elucidação maior a respeito? Como não consegues concebê-lo em sua profundeza, nada mais pode ser acrescentado acerca da fala prematura desta criança sublime. Procura amá-La com todas as tuas forças, sem jamais traí-La que hás de encontrar algo neste amor que todos os Céus nem em Eternidades seriam capazes de revelar!"

Essas palavras inundaram Cirenius de tamanho respeito diante da Criança, que se atirou chorando: “Ó Senhor, não mereço a Graça que aqui recebo!” E Ela retrucou: “Levanta-te Cirenius, e não Me traias! Conheço o teu coração; amo e abençôo-te!” E Cirenius ergueu-se tremendo de amor e respeito.

131. Fuga dos Leões Diante da Iminência do Temporal

Entrementes voltaram, de feições preocupadas, os que se haviam espalhado no planalto, pois perceberam do lado sudoeste do Egito levantarem-se nuvens densas e negras, geralmente prenúncio de grandes temporais, enquanto do lado oposto tudo estava límpido. Essas pessoas, portanto, recomendavam a volta rápida.

Cirenius discordou: “Quando estiver na hora exata, nossos sábios poderosos hão de nos orientar; enquanto se mantiverem calmos, não nos preocuparemos.”

Maronius e o capitão, porém, disseram: “Tens razão, mas sobe essa pequena elevação e verificarás que estamos certos. Parece que todas as fúrias incendiaram a Terra!”

Cirenius então perguntou a José que dormia um pouco: “Ouviste o aviso que acabo de receber?” José respondeu: “Me encontrava adormecido e ignoro do que se tratava.” O romano prosseguiu: “Acompanha-me até o cume e descobrirás o nosso assunto.”

Ao chegarem ao planalto, Cirenius apontou a José o aspecto ameaçador do temporal que se aproximava. José, porém, obtemperou: “Que queres fazer? Fugir? Dentro de um quarto de hora, o temporal está sobre nós. Para chegarmos a Ostracina levaremos hora e meia, correndo. E antes de atingirmos a parte superior da floresta, a tempestade nos terá alcançado. Que será, se dentro da caverna insegura uma alcatéia de feras nos cercar, coisa comum em tais ocasiões?

Se além disto torrentes de chuva nos pegarem arremessando-nos

para a planície, – qual será nossa ação? Fiquemos, portanto, aqui no alto, onde apenas ficaremos encharcados, enquanto na mata, muitos desastres nos poderão ocorrer."

Satisfeito com esse conselho, Cirenius voltou com José para debaixo da figueira. O séquito do romano mostrou-se bastante preocupado, mormente quando viu os três leões se refugiarem nas matas. Virando-se para José, o próprio Maronius disse: "As três feras que se tornaram nossas amigas, fugiram em virtude do pressentimento da calamidade que nos espera. Não seria aconselhável fazermos o mesmo?"

Contestou José: "Não deve o homem aprender do animal, mas do Próprio Senhor da Natureza. Sou de opinião que tenho mais inteligência do que o irracional. Por isto aguardarei aqui a tempestade e só depois hei de partir, – caso vier!" Todos se acalmaram, porém bastante ansiosos, em virtude do temporal.

132. O Temporal Serena à Palavra Poderosa do Menino Jesus

Não demorou nem um quarto de hora, quando subitamente o cume começou a se envolver em neblina tão densa que escureceu tudo. O séquito romano caiu em lamúrias, dizendo: "Eis o resultado! Zeus há de nos castigar, pois os mortais não se devem aproximar dos deuses em demasia, caso queiram caminhar sãos e salvos pela Terra!"

Gracejando, Cirenius redarguiu: "Deixai-me em paz com vossos deuses. Encontrei Um melhor que não afirma: Longe Dele, longe do raio! Pelo contrário: Afastado Dele, afastado da vida, – e bem perto do raio mortal! Essas neblinas não me assustam; pois sei que estamos bem longe do raio mortífero!"

Nem bem Cirenius terminara de falar, quando um raio estoura precisamente diante do grupo, acompanhado de inúmeros outros. O romano quedou algo perplexo, e seus companheiros o provocaram: "Então,

agradou-te isto à tua anterior assertiva?”

Ele respondeu: “Perfeitamente. Trata-se apenas de um espetáculo barulhento no qual ninguém de nós perdeu a vida. Segundo me parece, vossos deuses percebem aqui o irmão do Imperador, – e mais Alguém! Por isto nos dão esta honra!”

Um capitão ainda bastante dominado pelo politeísmo virou-se para Cirenius, dizendo: “Não gracejeis, Alteza. Facilmente poderia Mercúrio, veloz, avisar Zeus, – e todos nós estaríamos perdidos.”

Prosseguindo em seu bom humor Cirenius disse: “Caro capitão, senta-te com calma. Mercúrio foi seqüestrado para sempre por parte de Zeus, e este recebeu de uma Juno bem diferente, tamanha bofetada que perdeu os sentidos! Neste ponto podes estar calmo, pois a partir de então, Zeus não agirá mais com raios e trovões!”

Neste momento preciso começou a trovejar e relampejar tão horrivelmente, a ponto que o capitão observou: “Vossa Alteza há de se arrepender dessa injúria contra os deuses!”

Disse Cirenius: “Hoje, por certo que não; talvez amanhã se ainda me sobrar bastante tempo. Se eu temesse os deuses como tu e outros tolos, não falaria deste modo, justamente debaixo deste mar de fogo! Compreendes?” Com isso, o capitão se viu despedido e não se atreveu a dirigir palavra à Alteza imperial.

Neste instante um raio caiu entre o grupo de José, Maria e os dois jovens. Erguendo-Se, o Meninozinho disse: “Dá-te a conhecer, monstro!” A este mando, todas as nuvens se dissiparam e o Céu estava inteiramente limpo. Em compensação, via-se quantidade de bichos rastejarem no solo.

Foi o bastante os dois jovens dirigirem o olhar para o solo, e parte dos répteis se intrometeu na mata, outra foi destruída. Este fato fez silenciar a todos que vinham em companhia de Cirenius, pois não havia explicação para o mesmo.

133. As Leis da Natureza e Seu Legislador

Após longo intervalo provocado pela estupefação, o capitão se aproximou com modéstia de Cirenius e disse: "Sei que V. A. muito se dedicou às ciências naturais, como é de hábito entre as cabeças ilustres de Roma. De minha parte, fui mais soldado que sábio qualquer; todavia essa aparição me leva a pensar.

Entretanto não descubro outra base senão a ação milagrosa explicável pelo estranho poder desse Menino judeu. Não haveria realmente outro motivo? Não existiriam leis ocultas em a Natureza capazes de realizar isto, à semelhança daquelas responsáveis pela chuva, saraiva e neve? Dá-me pequena explicação, para que também possa entender alguma coisa."

Cirenius respondeu: "Tiveste pouca sorte em te dirigires a mim, neste assunto, pois entendo tanto quanto tu. Certo é, que tal aconteceu dentro de uma lei. A sua constituição só pode ser do conhecimento do Grande Legislador da Natureza. Escapa ao menos do meu alcance se aos mortais assiste qualquer direito de indagação a respeito!"

Contesta o capitão: "Eis aqui o sábio judeu, seu Filhinho milagroso e os dois jovens sumamente estranhos que nos desconcertaram pela manhã com suas vestes luminosas. Que tal, se nos dirigíssemos a eles neste problema?"

Retruca Cirenius: "Tenta, se tiveres coragem. Não a sinto dentro de mim, pois vejo nitidamente que se trata de pessoas inteiramente diversas de nós."

Diz o capitão: "Propriamente não me falta coragem; mas se esta é a opinião de V. A., não quero fazer papel de traidor e me satisfaço com minha ignorância."

Nisto José se dirige para Cirenius, dizendo: "Irmão, vamos tratar da partida, pois o Sol está-se pondo!" Dentro em pouco tudo estava organizado e a volta se fez sem empecilhos. Após duas horas de marcha o grupo chegava à vila.

134. Relato de Joel. Os Leões como Guardas de Cirenius

Lá chegando todos são amavelmente recebidos pelos filhos de José, inclusive pelos jovens, e os primeiros demonstraram ao pai tudo que fizeram durante a ausência dele, cumprindo rigorosamente suas ordens. Ao mesmo tempo relatou o filho mais velho o que acontecera de extraordinário na zona de Ostracina.

“Principalmente”, diz ele, “o incêndio da residência assustou a todos os moradores. Mas quando se empenharam em sustá-lo, o fogo violento apagou repentinamente não deixando vestígio qualquer.

Em seguida percebemos que a montanha começou a se encobrir de nuvens de fogo e milhares de raios se cruzavam. Lembramo-nos então do Monte Sinai na época da grande Revelação de Deus para nossos antepassados, que talvez tivesse o mesmo aspecto.

Conquanto os jovens nos confortassem, passamos por forte susto ao vermos três leões colossais saltarem de lá, dirigindo-se para nós. Os jovens explicaram: Nada temais; essas feras procuram proteção na Morada Daquele a Quem todos os elementos obedecem!

Assim foi. Os leões se recolheram na cocheira, onde ainda se encontram. Quando, após serenar a tempestade, fomos verificá-los, em companhia de alguns jovens, as feras se levantaram dando demonstração de submissão e amabilidade.”

Disse José: “Muito bem, meu filho, a tudo isto também assistimos e estendeste o relato além do necessário. Tratai da mesa, que os acontecimentos nos deixaram um tanto enfraquecidos.” Dentro em pouco tudo estava arrumado com ajuda dos jovens.

Entrementes Cirenius objetou: “É realmente estranho que as feras aqui tivessem procurado agasalho em vez de se esconderem nas cavernas. Talvez ficarão protegendo a casa, como se tem visto exemplos semelhantes dessa espécie.”

Diz José: “Para mim tudo está bem, o que for do Agrado do Senhor;

é bem possível que eles te acompanhem para proteção de teu navio.” Concorda o romano: “Sinto como tu, muito embora o Senhor me poderá proteger sem eles.” Nesse instante, os leões apareceram, rodearam Cirenius dando mostras de amizade. E ele disse: “É realmente estranho, basta falares algo que acontece instantaneamente.”

Eis que os jovens se manifestaram: “Esses três leões hão de te prestar bons serviços durante a noite. O Senhor conhece os melhores meios pelos quais socorre alguém. Tais feras já serviram por várias vezes aos Desígnios de Deus; por isto também foram escolhidas agora, para te servirem, num assunto que te espera. Amém!”

135. O Atentado e o Julgamento dos Criminosos

Terminada essa palestra, os leões se retiraram para a cocheira. Cirenius ainda queria estender o assunto com José, mas os filhos deste anunciaram o almoço, para o qual todos foram convidados pelo anfitrião. Após a refeição abençoada que durou cerca de uma hora, José agradeceu a Deus e estendeu sua bênção sobre todos os convivas.

O Menino Jesus então chamou Cirenius para perto de Si, dizendo: “Hoje à noite serás assaltado no dormitório por uma quadrilha de traidores. Por isto dou-te os três leões que ficarão contigo. Quando a quadrilha penetrar no recinto, será atacada e estraçalhada pelas feras, enquanto nada sucederá a ti. Não as receies, pois reconhecem em ti o seu mestre!”

Com ênfase, Cirenius agradeceu ao Meninozinho, cobrindo-O de beijos, no que era imitado por Tullia que todavia ignorava o assunto entre os dois. À noite, Cirenius se despediu com o seu cortejo, repetindo seu convite para o dia seguinte. Ao passar pelo limiar da casa, os três leões o esperavam e acompanharam o romano até sua residência.

Cirenius e a esposa se recolheram, enquanto as feras rodearam o leito de olhos fixos para a porta de entrada. Os empregados continuaram a entrar e sair por algum tempo, sem que os leões lhes dessem atenção.

Por volta da segunda ronda, vinte homens disfarçados penetraram de passos leves aproximando-se do leito. Quando, a cinco passos tiraram seus punhais, os leões se atiraram sobre eles, com rugir tremendo, estraçalhando-os instantaneamente, sem que um sequer pudesse fugir. Não esperavam tal ataque e a confusão foi tão grande que não houve tempo para defesa. Deste modo, Cirenius foi salvo milagrosamente pelos três leões e muito se admirou ao deparar com os cadáveres estraçalhados, em seu dormitório.

136. Descoberta do Traidor. Julgamento Feito pelo Leão

Cirenius despertou imediatamente a criadagem, a fim de prestar declaração como tamanha traição fora possível. Assustados diante do quadro, os empregados responderam: "Senhor justo e poderoso, sejam os deuses testemunhas de que nada sabíamos a respeito e merecíamos a morte se tivéssemos participado ou, ao menos, tido conhecimento."

Ordenou Cirenius: "Retirai os corpos que devem ser enterrados em praça pública, como exemplo aterrador para os que porventura ainda estejam com as mesmas idéias!"

A criadagem, apavorada pelos leões que ainda vigiavam o leito, disse: "Senhor, não temos coragem de tocar em algo, pois essas feras nos assustam e poderiam repetir o que fizeram a esses homens!"

Disse Cirenius: "Quem de vós for honesto, que se adiante e se convença de que essas feras furiosas também respeitam a fidelidade!" Todos se adiantaram com exceção de um, e os leões nada lhes fizeram. Então Cirenius perguntou ao que ficara atrás: "Por que não te aproximas, vendo que teus camaradas não foram importunados pelos leões?"

Respondeu ele: "Senhor, sê misericordioso, tenho peso na consciência. Desde ontem de manhã, soube desse assalto e não te informei porque fui subornado com cem libras de prata. Imaginei que serias salvo de

qualquer maneira, como aconteceu ao homem sábio, na vila. Assim, aceitei a prata."

Levantando-se com ímpeto, Cirenius exclamou: "Será preciso que todo homem honesto tenha um demônio entre seus empregados e amigos? Miserável! Enfrenta a Justiça de Deus! Se fores agraciado, não te condenarei; caso contrário, já recebeste tua condenação!"

Apavorado diante daquela sentença, o criminoso perdeu os sentidos. Eis que o leão se levantou, agarrou o desfalecido pela mão, arrastando-o com todo cuidado para perto de Cirenius, onde o culpado ficou deitado, sem se mexer.

Em seguida, a fera saltou para dentro do recinto, apanhou um fardo e o rasgou em mil pedaços, aparecendo as cem moedas de prata que o empregado recebera para guardar silêncio. Cirenius acompanhava tudo, admiradíssimo. Voltando para o criminoso, o leão agarrou-o pelo braço e arrastou-o para o lugar onde anteriormente estava o fardo.

Lá ele aplicou ao aturdido algumas chicotadas com sua cauda, fazendo-o voltar a si. Isto feito, o animal dirigiu-se para perto dos outros, mantendo-se inteiramente calmo. A criadagem então resolveu remover os corpos, e Cirenius louvou o Deus de Israel, por tê-lo salvo tão milagrosamente. Dentro de uma hora o dormitório estava novamente limpo.

137. Feliz Encontro com a Sagrada Família

Tullia despertou de um sono repousante apenas quando não mais havia vestígios dos acontecimentos noturnos. Cirenius lhe perguntou se havia dormido bem, o que a esposa confirmou em virtude do passeio cansativo na montanha.

Prosseguiu Cirenius: "Foi uma grande felicidade para ti, pois se estivesses acordada nesta noite, teu susto teria sido grande. Há uma hora atrás este recinto tinha aspecto horrível!" Ao assombro de Tullia, Cirenius lhe apontou os três leões, dizendo: "Aqui vês os reis da força, da ira e da

crueldade animal, quando atiçados; não há quem se salve deles num deserto. Entretanto existem criaturas piores que eles! Durante essa noite, fomos protegidos por esses três animais contra a ira humana, pois estraçalharam vinte homens dentro deste recinto!

O Filhinho divino de meu amigo havia me informado de algo que sucederia durante a noite, sem entrar em minúcias. Nada te disse a respeito, por amor a ti, querida! Agora tudo está passado, pois o Deus de Israel nos salvou do extermínio horroroso. Por isto O louvaremos durante toda a vida! Vamos, já que estás pronta, receber a sagrada família na entrada da cidade!"

Assim, Cirenius deu ordens à criadagem para preparar tudo condignamente, e o empregado traidor deveria acompanhá-lo. Neste instante, Maronius apareceu com os três sacerdotes avisando a chegada dos visitantes. Largando de tudo, Cirenius correu de coração palpitante ao encontro de José, que já se achava aos pés da escada, com Maria, o Menino Jesus e Seu acompanhamento celeste.

138. Amor e Piedade Valem Mais que Justiça

Abraçando a José, com o maior carinho, Cirenius o informou em breves palavras do que acontecera durante a noite, e o amigo respondeu: "Sabia disso antes que acontecesse. Houve uma coisa que devias ter evitado: o sepultamento em público dos corpos estraçalhados.

Agiste dentro do critério político, quer dizer, refrear o povo de tais tentativas. Esse recurso é insustentável. Nada neste mundo tem menos duração que susto, pavor e tristeza. O efeito de tal meio é tão fraco, como o meio em si. O homem que se livrar desses três emblemas do Julgamento através de sua força mental, irrita-se e se atira com fúria redobrada sobre o inclemente juiz.

Procura conduzir os homens com amor, que sempre dura, e trata de ocultar diante do povo tais exemplos necessários, porém horríveis, que

hás de desfrutar do amor popular. Uma gota de piedade, em todas as oportunidades, vale mais que um palácio cheio de justiça rigorosa e justa.

A piedade melhora inimigo e amigo; a justiça severa, conquanto boa, desperta o orgulho no juiz; o culpado e condenado se enche de raiva tramando somente sua vingança. O que fizeste não pode ser desfeito; mas para o futuro guarda esse princípio que vale mais que puro ouro!"

Abraçando-se novamente com José, Cirenius agradeceu ao ensinamento como um filho agradece ao pai. Em seguida, todos se dirigiram para o dormitório que, segundo o hábito romano, constituía de grande salão. Os romanos afirmavam que durante o sono, o homem costumava exalar a moléstia. Não havendo suficiente espaço para se espalhar, ela volta tornando-o realmente enfermo. Por este motivo, os romanos abastados mantinham até mesmo fontes em seus dormitórios espaçosos, que purificavam o ar e atraíam os maus humores.

Assim, também no castelo de Cirenius, o dormitório constituía o maior salão e tinha duas fontes com vasta piscina, na qual navegavam duas liliáceas (planta). O solo era de mármore preto e marrom, e a sala toda de antigo fausto egípcio. Aí, pois, se encontrava o grupo, ventilando assuntos da era primitiva, enquanto a criadagem se esforçava por organizar os salões de gala.

139. Remorso do Traidor

Em um canto estava igualmente o empregado traidor, arrependido do ato contra seu senhor. Mas ninguém dele se lembrava em virtude das palestras interessantes, e os demais empregados estavam tão atarefados com os arranjos da mesa e das refeições que não lhe davam atenção.

Repentinamente os três leões se levantaram, dirigiram-se para este empregado e começaram a lamber-lhe as mãos como sinal de compaixão. Maronius, o primeiro a perceber a estranha atitude das feras, chamou a atenção de Cirenius, pois temia que viessem a sentir apetite de

carne humana.

Notando a atitude peculiar do empregado traidor, Cirenius lembrou-se de contar o fato a José, e este redarguiu: “Eis a prova daquilo que te aconselhei há pouco, demonstrando que uma gota de piedade vale mais que um palácio cheio da melhor justiça! As três feras te deram bom exemplo; vai e faze coisa melhor como homem.

A caminho para cá, ouvi de um desses servos do Senhor, que elogiaste esses animais, à tua mulher. Como é possível que precisamente eles te demonstrem o que devias ter feito de início? Vê, deste modo o Senhor ensina os homens, constantemente. Nada no mundo acontece em vão; até mesmo da movimentação de um átomo solar poderás aprender verdadeira sabedoria. Pois é guiado e mantido pela mesma Sabedoria e Onipotência de Deus que regem e sustentam o Universo! Tanto mais poderás considerar esse fato como forte aviso do Senhor que te indica claramente o que deves fazer. Vai erguer o pobre que caiu por três vezes, é um irmão mui triste e arrependido. Foi o Próprio Senhor a trazê-lo junto de ti, a fim de que se torne um teu irmão mui fiel!”

Sem demora, Cirenius socorreu o empregado, sustentou-o pelos braços e disse: “Irmão, agiste mal contra mim; percebendo teu arrependimento, eu te aceito novamente. De agora em diante não serás empregado, mas um irmão fiel, ao meu lado!” Essa atitude partiu o coração do homem que desatou a chorar e se lastimar de sua atitude pecaminosa para com tanta nobreza humana.

140. Inveja por Parte dos Empregados de Cirenius

Sentindo o grande reconhecimento e remorso do empregado, Cirenius o confortou, dizendo: “Todos nós somos falíveis perante Deus e Ele nos perdoa, caso reconhecermos nossas faltas. Todavia é Deus Santo, enquanto nós, apenas grandes pecadores. Se, portanto, o Santo perdoa, por que não deveríamos nós, pecadores, perdoar as nossas faltas?

Enquanto não se tiver rebaixado para verdadeira fúria, a Graça de Deus estará com a criatura; tornando-se, porém, verdadeiro demônio, Deus retira Sua Graça entregando-a ao Julgamento do inferno. Essa é a razão pela qual os vinte companheiros que te subornaram foram estraçalhados pelos leões, pois eram realmente demônios. Foste poupado por teres sido tentado, cego e ignorante de tua ação.

Deus, o Senhor, não retirou Sua Graça de ti, mas te abriu os olhos facultando-te a compreensão do erro. Uma vez que te arrependeste, Ele te perdoou. Por isso, também eu te perdôo e te considero meu amigo e irmão. Vem comigo para junto do grupo sublime onde receberás a bênção por parte de meu grande amigo!"

As palavras de Cirenius tiveram o melhor efeito sobre o empregado; assim confortado ele acompanhou o romano, debulhando-se em lágrimas. José o abençoou dizendo simplesmente: "O Senhor esteja contigo!" Em seguida, Cirenius mandou trazer vestes especiais para o empregado, deu-lhe nome honroso e um verdadeiro beijo fraternal. Chamando a criadagem, apresentou-o e ordenou que fosse obedecido em tudo.

Os colegas retrucaram: "Que juiz és tu, se elevas o traidor e nos rebaixas que sempre te fomos fiéis?" Disse Cirenius: "Porventura é de vossa alçada eu sendo bom e misericordioso? Quem de vós passou alguma necessidade? No entanto, nenhum arriscou a vida para mim. Ele, foi sempre o último em vosso meio e por minha causa pôs em risco a própria vida, pois através de sua atitude, fiquei livre de meus inimigos. Por acaso não merece essa graduação?"

Satisfeita com a explicação, a criadagem voltou a seus afazeres. Um dos jovens do Céu, porém, observou: "Assim será no Reino do Céu, havendo maior alegria com um pecador arrependido, do que com noventa e nove justos que nunca pecaram!"

141. Preparativos para o Desjejum Festivo. Discurso do Menino Jesus

Entrementes, os empregados avisaram a Cirenius que o desjejum estava preparado. Certificando-se de que tudo estava em ordem, o romano convidou a todos para o grande salão. José muito se admirou, julgando encontrar-se em um pequeno templo de Salomon. O arranjo foi obra de Maronius Pilla, que, como ex-prefeito de Jerusalém, conhecia perfeitamente o templo.

Sumamente satisfeito, José disse: "Realmente, meu irmão Cirenius, não podias ter tido idéia mais feliz. Falta apenas o Santíssimo e a Arca da União, pois o reposteiro aí está!"

Retrucou Cirenius: "Penso que trazes o Santíssimo, Vivo, – por que haveria de existir artificialmente?" Eis que José se lembrou do Menino Jesus e de Maria. Nisso, a Criança chamou a Cirenius para perto de Si, enquanto os anjos se prosternaram, e disse-lhe: "Muito fizeste para proporcionar uma alegria ao homem mais puro do mundo; mas por pouco esqueces algo de importante!

Ofereces, hoje, um banquete especial no qual se reúnem as iguarias mais raras de três continentes. Fizeste bem, porque jamais um lar recebeu honra maior, em toda a Eternidade e em mundo qualquer! Abrigas Aquele diante do Qual todos os exércitos celestes ocultam sua face!

José te fez saber que o Santíssimo neste templo está vazio. Isto não pode ser. Manda teus empregados convidar pobres, cegos, coxos, aleijados e enfermos, fazendo-lhes servir uma mesa no Santíssimo, copiado do original, onde os Meus servos os aguardarão! Deste modo, o Santíssimo se tornará vivo, representando-O melhor do que a atual Arca em Jerusalém! Os leões poderão ser alimentados com três cabras."

Cirenius beijou o Menino Jesus e cumpriu Suas Ordens. No decorrer de uma hora, o Santíssimo estava repleto, e os leões, nutridos.

142. Discussão Amistosa Entre Cirenius e José

Após tudo organizado, José levantou os olhos para o Céu e agradeceu a Deus. Terminada a oração, ele tomou assento com sua família, na parte inferior da mesa regiamente enfeitada. Imediatamente Cirenius acorreu, dizendo: “Não, amigo, isto não é possível, pois esta festa diz respeito a ti, e não a mim. Permite que te leve pessoalmente à parte superior, servida com baixelas de ouro. Nesta parte ficará meu pessoal; assim foi por mim ordenado!”

Protestou José: “Justamente por ser teu amigo sincero, ficaremos aqui, onde nada perderás. Quanto aos teus colegas de Estado, te prejudicarias, caso não se sentassem na cabeceira. Deixa estar. No mundo, o mundo deve ter preferências; no Reino de Deus será o caso inverso: os últimos serão os primeiros à mesa de Abraham, Isaac e Jacob!”

Disse Cirenius: “Ora, irmão, com tanta satisfação esperei esse dia em que te pudesse dar honras régias como filho de Rei que és. Metade de minha alegria se foi porquanto vejo precisamente a ti, a quem tudo isto diz respeito, em lugar inferior. Senta-te ao menos no centro, mais perto de mim!”

Contestou José: “Mas, meu irmão, serás infantil? Sabes perfeitamente, eu ser obrigado a permanecer sempre dentro da ordem que o Senhor prescreve em meu coração. Porventura queres que me sobreponha acima dela? Faze sentar na cabeceira os dignitários e notabilidades; como anfitrião podes ficar onde quiseres, pois todos os lugares te competem. Pelo serviço de ouro, teus amigos conhecerão os assentos preferidos e se sentirão honrados com essa deferência, enquanto ocuparás um menos importante.”

Finalmente Cirenius entendeu as palavras de José e tomou lugar com Tullia, no centro da mesa, e os demais convivas se organizaram conforme combinado. A alegria de José era especial por lhe ter sido possível permanecer na Ordem de Deus, num banquete tão luxuoso.

143. Curiosidade do Capitão com Referência à Divindade

Durante a refeição que durou cerca de uma hora, muitos assuntos foram ventilados. Um capitão que estivera presente durante o passeio na montanha, perguntou no fim, a um dos três sacerdotes: “Possuímos uma doutrina politeísta povoada de deuses, entretanto jamais vi ou percebi algo de um deus. Quem poderia afirmar, atualmente, ter visto Zeus ou qualquer outra divindade? Se somos iguais àqueles que na era primitiva teriam tido convivência com deuses, não compreendo por que nos abandonam dessa maneira. Não poderias dar-me explicação como ex-sacerdote?”

Respondeu ele: “Peço-te por tudo neste mundo não me importunares com assuntos tão fúteis! Nossos deuses nada mais são que efemérides surgidas do pântano de nossa ignorância. Ela não nos facultando outra coisa, apegamo-nos a essas criações divinizando-as e lhes construímos templos, onde veneramos tais produtos de nossa tolice.

Certamente existe Um Deus Verdadeiro que sempre fora Santo, e nós, seres impuros, não podemos vê-Lo em nosso coração, mas fitar Suas Obras. Se quiseres orientação a respeito desse Deus Único, dirige-te àquele judeu honesto, capaz de te satisfazer.”

O capitão se contentou com a resposta, pois era a que sempre procurou. Dirigindo-se para José, ele repetiu sua indagação; e este retrucou: “Bom homem, tudo tem seu tempo. Quando estiveres amadurecido, receberás explicação. Por ora satisfaze-te com essa promessa.”

144. O Menino Jesus Estabelece Condições

O capitão se tendo conformado com a promessa, José disse a Cirenius: “Irmão, vamos verificar o Santíssimo!” E o romano se alegrou com o convite do amigo; o Menino Jesus, porém, ergueu-Se dizendo: “Fiel

sustentador de Meu Corpo! Acabaste de dizer ao capitão à procura de Deus: Tudo tem seu tempo; quando estiveres amadurecido, receberás explicação. Por ora satisfaze-te com essa promessa. – As mesmas palavras digo a vós todos!"

José e Cirenius se olharam com assombro, sendo que o embaraço de um ultrapassava o do outro. Virando-se para Maria, José objetou: "Que bonito, o Menino dando-me ordens, embora ainda use fraldas! Que fará aos dez, aos vinte anos?"

Respondeu Maria: "Admira-me tua ignorância, pai José. Os próprios anjos demonstram pela imensa humildade Quem é esse Menino! Tantos milagres que nos rodeiam são provas invulneráveis dessa grande Verdade. Eu, tua fiel esposa e serva, percebo perfeitamente o sentido das palavras de nosso Filho. Faze o mesmo, e tenho certeza que outra aragem se fará sentir."

Disse José: "Que devo fazer?" – Respondeu Maria: "Orienta o homem que procura Aquele que julga tão longe, enquanto está tão perto dele!"

Fitando José com amável sorriso, o Menino lhe disse: "Querido José, ela tem razão; vai orientar o capitão. Aos que pedem, procuram e batem deve-se abrir a Porta há tanto tempo fechada, que conduz para o Meu Reino. Não é preciso que Me apontes com o dedo, porquanto o Meu Tempo ainda não chegou, e sabes que tudo tem o seu tempo!"

José beijou o Menino Jesus e em seguida procurou o capitão para orientá-lo acerca do conhecimento desejado, e o romano ouvia com grande satisfação.

145. A Natureza do Messias. O Templo Vivo no Coração da Criatura

Tendo deste modo recebido os princípios básicos da Doutrina Divina, inclusive algumas referências do Messias, o capitão meditou bastante,

para em seguida perguntar quando era esperado tal Messias.

Respondeu José: “O Messias, pelo qual todas as criaturas serão libertas do jugo da morte e que reunirá a Terra decaída ao Céu, já está presente!”

Prosseguiu o capitão: “Dize-me então onde está e como se poderá reconhecê-Lo.” Disse José: “Não me é permitido apontá-Lo abertamente. Quanto às provas de Sua Personalidade, posso orientar. Primeiramente, será o Messias o Filho Eternamente Vivo da Divindade Suprema, até então Desconhecida de ti.

Concebido por uma virgem pura, milagrosamente, quer dizer, pelo Poder Único do Altíssimo, nascerá com toda Plenitude da Onipotência Divina. E quando viver fisicamente na Terra, Seus servos e mensageiros celestes descerão, secretamente e também visivelmente para muitos, a fim de servi-Lo.

Através de Palavras e Ações trará a felicidade para os que O seguirem pela prática, inflamando seus corações por Ele. Os que não quiserem aceitá-Lo, serão julgados pelo Seu Verbo poderoso que Ele escreverá com traços indeléveis no coração de cada um. Suas Palavras não serão semelhantes às do homem, mas cheias de Força e Vida, e quem As guardar no íntimo e praticá-Las, jamais há de sentir a morte.

Sua Índole será meiga qual cordeiro e delicada qual pomba; todavia todos os elementos obedecerão ao Seu mais leve Hálito. Bastará ordenar de modo suave aos ventos, que se desencadearão, açoitando os mares até suas profundezas. Passando Seu Olhar por sobre as águas em fúria, voltarão a serenar qual espelho.

Se soprar sobre a Terra, ela abrirá os antigos túmulos para entregar à vida, todos os mortos. O fogo será refrigério para quem alimentar o Verbo do Messias, vivamente, no coração. Eis, caro capitão, as provas essenciais do Messias que te facilitarão descobri-Lo. Não me é permitido estender-me a respeito.”

Essa explicação teve impressão mui forte sobre o romano, que voltou junto do sacerdote com quem palestrara anteriormente, dizendo: “Ouviste o que aquele sábio judeu acabou de me dizer?” Respondeu o outro: “Cada palavra penetrou profundamente em minha alma extasiada!”

Prosseguiu o capitão: "Mas qual será o fim de nossos deuses, se o Messias, tão estranho para mim, aparecer em plena atividade de Sua Onipotência?"

Retrucou o sacerdote: "Não sentiste há três dias a força do tufão? E na montanha, não viste o repentino desaparecimento do antigo templo de Apolo e as provas subseqüentes? O mesmo se passará dentro em breve em Roma: os templos serão dizimados a pó.

E onde ainda se fizerem oferendas a Zeus, hás de ver pouco mais tarde um montão de escombros; em compensação, os homens construirão templos vivos no coração! Neste, cada qual poderá, semelhante ao sacerdote, oferecer um sacrifício vivo, quando quiser. É apenas isto que te posso dizer; querendo maiores conhecimentos, terás que procurar os que lá se encontram!"

146. O Amor, Chave Principal da Verdade

Dirigindo-se novamente para José, o capitão relatou os ensinos do sacerdote perguntando o que deveria deles deduzir. Com paciência, José respondeu: "Considera tudo conforme te fora transmitido; o resto deves esperar do efeito, pois o Reino do Céu, do Messias, não consiste de perguntas e respostas, mas unicamente de paciência, amor, meiguice e completa conformação na Vontade Divina. Nada se consegue de Deus pela força e muito menos pela teimosia. Quando o Senhor achar por bem, certamente te levará a revelações mais elevadas.

Procura dirigir um sentimento vivo para Deus que te revelei abertamente; por esse sentimento chegarás mais depressa onde desejas realmente estar. Por tal amor te será dado de uma vez, muito mais do que o resultado de milhões de indagações fúteis!"

Disse o capitão: "Está bem, sábio amigo! Agirei deste modo, entretanto terás que me dizer como se pode amar teu Deus quando é tão desconhecido."

Retrucou José: “Deves amar a Deus como irmão ou, talvez, como noiva. Pelo amor ao próximo amarás também a Deus. Procura sempre fazer o bem, que receberás a Graça de Deus. Sê misericordioso para com todos, que hás de achar a verdadeira e viva Misericórdia com Deus.

Além disso, sê resignado em todas as situações, meigo e paciente, e foge do brio, orgulho e inveja como da peste; então o Senhor despertará uma chama poderosa em teu coração, e a forte luz dessa chama espiritual afugentará toda treva da morte. Assim, hás de encontrar em ti mesmo, uma revelação que te explicará todas as tuas indagações, vivamente. Eis o justo caminho para a Luz e a Vida de Deus, o verdadeiro amor para com Ele!”

Tendo recebido doutrinação tão positiva, o capitão suspendeu demais indagações, para meditar. Nesse instante, os jovens abriram o reposteiro e José percebeu que havia chegado o momento de penetrar no Santíssimo. Já de longe, da parte mais afastada desse imenso salão, ouviam-se exclamações de gratidão partindo dos pobres ali saciados. Quando o pomposo séquito de Cirenius, José, Maria e o Menino Jesus se aproximaram, os necessitados não se contiveram despertando lágrimas de piedade.

Havia centenas de enfermos, cegos, coxos, aleijados etc. Eis que Maria orou em silêncio, apanhou o lenço que usava para o Filhinho e passou-o nos olhos cegos. Instantaneamente lhes voltou a visão. A essa ação, as exclamações de louvor e gratidão pareciam não ter fim. Por isso, o grupo se retirou por algum tempo.

147. Cura dos Enfermos e Ensino pelos Anjos

Passado certo tempo, o grupo voltou ao Santíssimo, cópia do original, sendo novamente recebido com as maiores aclamações. Os enfermos bradavam: “Mãe maravilhosa que ajudaste aos cegos, pedimos-te que também nos libertes de nossos grandes sofrimentos!”

Disse Maria: "Por que chamais a mim? Não vos posso socorrer, pois sou como vós, simples serva, fraca e mortal, do Senhor. Este, que carrego em meus braços, poderá ajudar-vos, pois Nele habita a plenitude da Onipotência Divina!" Não dando atenção ao conselho dela, os necessitados aumentavam seus brados: "Ó mãe sublime, ajuda-nos e afasta de nós o sofrimento!"

Eis que o Menino Jesus Se ergueu, estendeu Sua Mão sobre os enfermos e todos se curaram no mesmo instante. Então os anjos se aproximaram, recomendaram calma e silêncio, transmitindo-lhes a chegada do Reino de Deus na Terra.

Este acontecimento despertou o capitão de sua meditação profunda, e seguiu o grupo ao grande salão. Imediatamente acercou-se de José e perguntou: "Bom amigo, que aconteceu? Não percebo um enfermo, sequer. Foram eles curados por um milagre, ou teria sido o estado anterior apenas disfarce?"

Disse José: "Dirige-te a eles mesmos, saberão relatar melhor do que eu o que lhes sucedeu." O romano seguiu o conselho de José, pois as indagações eram seu fraco. Em toda parte, a resposta era uma só, quer dizer: "Fui curado por um milagre!" Pedindo orientação do curador, os pobres informaram: "A cura surgiu daquele grupo, e segundo nos parece, a pequena judia traz tal poder. Somente os deuses sabem como isso se realiza!"

Com isso, o romano não aumentou seu conhecimento, e José lhe aconselhou: "És bastante rico e poderás cuidar desses necessitados, por amor a Deus; assim hás de receber maiores elucidações."

148. Concorrência Caritativa entre os Dois Romanos

Sem mais delongas, o capitão procurou Cirenius e lhe disse: "Certamente V. A. ouviu o conselho que me foi dado pelo sábio judeu, e resolvi executá-lo pontualmente. Por isso peço autorização de poder adotar to-

dos esses pobres e tratá-los como meus filhos."

Retrucou Cirenius: "Caro amigo, sinto muito em não poder proporcionar-te esse elevado prazer, pois acabo de tomar ao meu encargo esses infelizes. Não te entristeças por isto, porquanto hás de encontrar muitos outros, nos quais poderás aplicar o conselho dado, recebendo o mesmo prêmio."

O capitão se curva diante de Cirenius, volta para junto de José e diz: "Que posso fazer se o Prefeito tomou a dianteira? Onde encontrarei necessitados, pois aqui se acham todos da cidade de Ostracina?"

Com leve sorriso José respondeu: "Bom amigo, não te preocupes; sempre houve na Terra, carência de tudo, menos de pobres. Não é preciso que sejam cegos, coxos, aleijados etc.; visita as famílias e te convencerás de sua miséria de vários aspectos, tendo oportunidade para aplicar o teu supérfluo. Essa cidade é de modo geral mais ruína do que centro de prosperidade. Basta fazeres uma busca nas moradias semidestruídas e perceberás a futilidade de tua tristeza pela carência de pobres."

Obtempera o romano: "Tens razão. Acontece que aqueles pouca orientação poderão fornecer a respeito do Messias, pois são todos hereges como eu. Ao passo que os daqui passaram tanta coisa milagrosa podendo revelar-me muitos assuntos."

Disse José: "Julgas estar a revelação espiritual com os pobres? Enganas-te muito; ela se baseia unicamente no amor e no teu espírito. Se praticares esse sentimento, receberás uma luz da chama do amor, nunca porém da boca de um pobre." Com essa explicação o capitão se conformou, nada mais perguntando a respeito de sua ação futura.

149. A Caridade Feita em um Sábado

Em seguida, Cirenius deu ordens ao capitão no sentido de equipar um navio que levaria os pobres para Tyro, no dia seguinte. O capitão porém observou: "Segundo me parece existe apenas um velho navio

cartaginês bastante avariado no porto. Nessa cidade não há um engenheiro naval, mas simples carpinteiros capazes de construir apenas uma balsa, em caso de necessidade. É, portanto, duvidoso como consertarmos o velho navio cartaginês."

Respondeu Cirenius: "Não te preocupes; consultarei o sábio judeu, mestre de carpintaria, e estou certo que me dará o melhor conselho neste assunto." Cirenius dirigiu-se portanto a José que disse: "Amigo e irmão, não haveria dificuldade, não fosse hoje nosso maior sábado no qual não podemos executar qualquer trabalho. Talvez haja alguns carpinteiros não sujeitos à nossa lei, aos quais poderei dar orientação do serviço."

Nisto, o Menino Jesus Se ergueu dizendo: "José, a consagração do Sábado não consiste na ociosidade, e sim, nas boas obras. Bem que Moysés ordenou religiosamente a consagração do Sábado, classificando qualquer serviço desnecessário e pago, como vilipêndio e um horror para Deus; no entanto, jamais proibiu a aplicação da Vontade de Deus. Em parte alguma se lê nas Escrituras que se deva deixar perecer um irmão, no Sábado.

Eu, Senhor do Sábado, digo: Fazei o bem, igualmente no Sábado, que o tereis comemorado da melhor maneira possível. Se tu, José, não te atreveres a transgredir apenas aparentemente a Lei de Moysés, através do fácil reparo daquele navio, Meus servos o farão imediatamente!"

Disse José: "Filhinho divino, tens razão; acontece eu ter envelhecido dentro da Lei e não quero transgredi-La nem pela aparência."

Eis que o Menino chamou os jovens e disse: "Ide vós, cumprir a Minha Vontade; José considera a Lei acima do Legislador, e o Sábado mais do que o Senhor do mesmo!"

Na velocidade de um pensamento, os jovens abandonaram o salão e consertaram num instante o navio, voltando imediatamente. Todos se admiraram e muitos não acreditaram que a nave estivesse em ordem. Entretanto, chegaram mensageiros do porto, avisando Cirenius do fato, e todo o grupo se dirigiu à margem, estranhando a habilidade dos jovens.

150. O Precioso Navio

Cirenius analisou minuciosamente a nave e calculou que, em caso de necessidade, ela comportaria cerca de mil pessoas; além disso certificou-se da extraordinária solidez e elegância, pois não dava impressão de navio consertado, e sim, inteiramente novo. Não havia uma fenda, e a madeira não apontava idade, galhos, fibras etc.

Juntando-se ao grupo à margem, Cirenius disse a José: "Não me admiro do milagre, pois sei que para Deus tudo é possível; para Ele tanto faz criar um mundo ou um navio como esse. E a Terra não deixa de ser uma nave que transporta inúmeras criaturas no mar do Infinito.

Dá-me o que pensar teres feito de mim o teu grande devedor e não sei como poderei saldar minha dívida. Esse navio que anteriormente valia nem uma libra de prata, subiu no valor acima de dez mil libras de ouro. Pode ser usado até mesmo para uma viagem à Britânia e Índia, circunavegando toda a África. Se aprecias o ouro, garanto-te que o receberás dentro de sete dias. Sei, porém, que ele é um horror para ti, e me entristece eu ser obrigado a dever algo ao meu melhor amigo!"

Comprimindo a mão de Cirenius contra o peito, José quis responder, mas as lágrimas embargaram-lhe a voz. Em compensação, o Menino Jesus Se ergueu e disse sorrindo: "Caro Cirenius Quirinus, em verdade te digo: Se tivesses acolhido apenas um pobre em Meu Nome, terias feito mais do que o valor de dez mil navios iguais a esse! No entanto, cuidaste de várias centenas, dentro de pouco tempo, e Eu seria obrigado a te dar muitos navios para te recompensar materialmente.

Para Mim, uma criatura vale mais que um mundo inteiro de tais embarcações. Por isto não te preocupes em virtude de tua suposta dívida. O que fizeres aos necessitados, terás feito a Mim. Não receberás o prêmio em vida; mas quando morreres, despertarei a tua alma e serás idêntico a esses Meus servos que repararam a nave!"

Chorando, Cirenius afirmou que de agora em diante empregaria sua vida a bem da Humanidade sofredora. O Menino Jesus levantou Sua Mãozinha e disse: "Amém!", e abençoou o romano e a nave.

151. O Capitão em Busca de Necessitados

Todos voltaram, pois, ao castelo de Cirenius, onde um bom almoço os esperava; somente no fim do mesmo, o Prefeito percebeu que o capitão não se encontrava no meio dos convivas. A parte romana da mesa ficou naturalmente intrigada com a ausência, e Cirenius se dirigiu a José, neste sentido.

José respondeu: "Não te inquietes. Ele está à procura de necessitados na cidade. Na realidade se empenha mais na descoberta da luz interna do que nos pobres, no entanto não prejudica seu intento, pois na própria procura se abrirá o caminho justo."

Satisfeito, Cirenius louvou no íntimo o bom capitão. Enquanto os colegas se entretinham em conjeturas com a ausência do mesmo, o capitão se apresenta sendo imediatamente crivado de perguntas. Embora fosse ele próprio amigo de indagações, não gostava de responder. Por isto dirigiu-se para Cirenius pedindo desculpas pela falta durante o almoço.

O Prefeito lhe estendeu a mão e disse: "Se estivéssemos diante do inimigo e abandonasses o campo para realizar **este** teu intento, não te caberia responsabilidade alguma. Percebo que fazemos mais na caridade em uma só pessoa, do que ganhando todos os reinos para Roma.

Deus sente mais Satisfação com **uma** criatura do que com um mundo inteiro e por isto Ele considera mais valioso quando cuidamos de um irmão, material e espiritualmente, tornando-nos benfeitores da Humanidade, em vez de enfrentarmos o pior inimigo e conquistarmos as glórias de heróis neste mundo louco!"

O Menino Jesus acrescentou: "Amém! Assim está certo, Meu Cirenius. Prossegue neste caminho, o mais seguro para a Vida Eterna. O amor é a vida, e quem tem amor, terá, *ipso facto*, a vida!" Em seguida abençoou a Cirenius e ao capitão, com o olhar.

152. Cirenius, Predecessor de Paulo

Terminado esse assunto, os anjos abriram novamente o reposteiro e todos voltaram para junto dos necessitados, onde o Menino Jesus também os abençoou com o Olhar. Em seguida voltou-Se para Cirenius e disse com voz adorável: “Caro Cirenius, esses Meus servos que ora vês como adolescentes delicados, supervisionam toda a Criação, em Meu Nome. Sóis e mundos lhes obedecem ao mais leve aceno, cabendo-lhes poder ilimitado.

Assim como entreguei a esses servos todo o Cosmos, para que seja mantido em sua ordem, entrego-te esses mundos muito mais importantes da vida. Pois esses irmãos, valem mais que um Universo cheio de sóis e corpos cósmicos. Uma simples criança no berço tem mais valor que toda matéria no Espaço Infinito!

Considera, portanto, a grandiosidade dessa dádiva e a grande responsabilidade que assumes. Guia esses necessitados com todo amor, meiguice e paciência, no justo caminho para Mim, que jamais poderás medir a imensidade do prêmio que te aguarda!

Eu, teu Senhor e Deus, destino-te para predecessor no reino dos pagãos, a fim de que receba aceitação fácil aquele que Eu enviarei aos gentios. No futuro enviarei igualmente um precursor para os judeus que enfrentará uma situação dura. O que ele fizer com dificuldade, tu farás dormindo, razão por que a Luz será tirada dos filhos e entregue a vós, com toda abundância.

Como Criança, deposito em ti, a semente que no futuro Me dará a árvore, produtora de frutos nobres para o Meu Reino. A figueira que plantei em tempos de Abraham, em Salém, cidade construída com Minhas Próprias Mãos, em Melchisedek, – será amaldiçoada por ter apenas produzido folhas!

Sempre fui obrigado a passar fome! Por muitas vezes mandei estrumar a árvore em Salém, por bons jardineiros, – entretanto não produz frutos!

Por este motivo, a cidade que Minhas Mãos erigiram para os Meus

filhos, há de ruir por vós, estrangeiros, antes de passar um século; o filho de teu irmão usará a espada contra Salém!

Assim como agora acolhes esses necessitados para filhos, também aceitarei a vós, forasteiros, como Meus filhos, que expulsarão os outros! Guarda essas Palavras e age de acordo, em segredo; de Minha Parte sempre te abençoarei com a coroa invisível de Meu eterno Amor e Graça, Amém!" Todos silenciaram e os anjos estavam prostrados, sem que alguém tivesse coragem de se mover.

153. A Divindade no Menino Jesus

Passado algum tempo, Cirenius disse a José, em particular: "Amigo, ouviste como o Meninozinho pronunciou abertamente: "Eu, teu Senhor e teu Deus?" Se além disso considero Sua Onipotência e os servos celestes que se prosternam sempre que Ele fala, – este Menino Jesus é realmente o Deus Único e Criador de todos os mundos! Que me dizes?"

A essa explicação de Cirenius, o próprio José parou perplexo: reputava o Menino como Filho perfeito de Deus, mas não a Própria Divindade. Por isto expressou esse pensamento prosseguindo: "Os judeus se consideram filhos de Deus desde Abraham e seus descendentes. Além disto sempre houve profetas, pelos quais Deus falava na primeira pessoa, por exemplo: Sou o Senhor, teu Deus, que impele o mar fazendo com que suas ondas se revoltem. Meu Nome é Zebaoth. Deito Minha Palavra em tua boca e te protejo debaixo da sombra de Minhas Mãos para que Eu plante o Céu e funde a Terra, dizendo a Zion: Tu és Meu povo!

Se, pois, o profeta falava na primeira pessoa como se fosse o Próprio Senhor, era apenas o Espírito de Jehovah que usava aquele instrumento. O mesmo deve ocorrer aqui. Deus desperta nessa criança, um profeta de grande poder, falando em idade tão tenra como fez pelo menino Samuel."

Cirenius se conformou. O Menino, porém, chamou a ambos e disse a José: "Realmente sabes que o Senhor falou pela boca dos profetas, geral-

mente na primeira pessoa; porventura ignoras o que disse em Isaías (63):

> *Quem é este que vem de Edom, com vestidos tintos de Bozra? Ornado com a sua vestidura, que marcha com sua grande força? Sou Eu, Que ensino justiça, poderoso para salvar. Por que estás vermelho em tua vestidura e os teus vestidos como quem pisa o lagar? Eu pisei o lagar, só, e dos povos ninguém houve Comigo. Eu os pisei em Minha Ira e os destruí em Meu Furor. Por isto, seu sangue se aspergiu sobre Minhas vestes e resolvi um dia de vingança. Chegou o ano de salvar os Meus. Olhei em redor de Mim, não havendo quem Me ajudasse; espantei-Me, e ninguém Me susteve; Meu Braço teve que Me ajudar, e Meu Furor Me susteve. Por isto atropelei os povos em Minha Ira e os embriaguei em Meu Furor, derribando sua força por terra!*

José, conheces Aquele que vem de Edom e ora fala contigo: Sou Eu, Quem ensina justiça, poderoso para salvar?" A essas palavras, José cruzou as mãos no peito, adorando o Menino Jesus.

Cirenius, disse simplesmente a José: "Irmão, a essa dissertação sumamente sábia, tenho impressão de estar certo no meu conceito." E José concordou: "Realmente, tanto mais deves silenciar, caso queiras viver!" O romano gravou essa advertência no coração e a considerou por toda sua vida.

154. Aflição Amorosa do Capitão

Após essa cena, aproximou-se o capitão perguntando ao Prefeito quantos soldados deveria destacar para o serviço noturno no castelo, pois sabia que Cirenius mandaria transportar para bordo, sua bagagem e mantimentos para centenas de pessoas.

Respondeu Cirenius: "Caro amigo, se fosse cuidar disto apenas agora, a situação estaria mal. O suprimento dos pobres que embarcarão neste navio novo, será feito a pleno contento de todos. Não percebeste com que rapidez a antiga nave foi consertada? Da mesma maneira será feito o abastecimento e não há necessidade de destacar serviço especial. Quanto aos meus próprios navios, acham-se supridos para a duração de um ano para mil homens no máximo."

Admirado com essa orientação e sabendo que o Prefeito primava pela ordem militar, o capitão prosseguiu: "Quem são esses jovens? Magos, feiticeiros egípcios, semideuses ou astrólogos da Pérsia?"

Retrucou Cirenius: "Nada disto está certo. Desejando informação, dirige-te a um deles." Seguindo o conselho do superior, o capitão perguntou a um deles: "Meu jovem, sumamente amável, belo, encantador, infinitamente delicado, cuja perfeição chega a paralisar a minha língua, – sim, – mas, – que ia perguntar?"

Responde o jovem de beleza celeste: "Deves sabê-lo. Pergunta, amigo das perguntas; com prazer hei de responder-te." Inteiramente embevecido da imensa formosura do anjo, o romano não consegue pronunciar palavra. Somente após se ter cansado de fitá-lo, ele pede um beijo do mesmo. O anjo assim faz, dizendo: "Para que haja uma união eterna entre nós! Procura contato com aquele sábio judeu que receberás muitos conhecimentos!"

A essas palavras, o capitão se apaixona de tal modo pelo jovem, de sorte que esqueceu o assunto abordado. Esse sentimento involuntário o martirizou até a noite e representava pequeno castigo para a tendência inquiridora do romano. Mais tarde se viu liberto e perdera toda vontade de se aproximar de tal jovem.

155. José Prediz uma Aventura para Cirenius

À noite foi preparada uma ceia e em seguida se tomaram providên-

cias para a viagem. No íntimo, Cirenius e seu séquito estavam algo preocupados porque o navio novo não tinha sido carregado nem suprido. Um jovem dele se acercou e disse: “Quirinus, nem intimamente deves te afligir, pois tudo já está em ordem. Trata apenas da boa ordem de teu palácio durante a tua ausência; do resto nós cuidaremos em Nome do Senhor, Deus, Zebaoth.”

Cirenius, então chamou o capitão entregando-lhe a chefia e organização do palácio. Em seguida, passou novamente ao coronel a plenipotência sobre o exército acampado nesta cidade. Finda esta decisão, o Prefeito virou-se para José e disse: “O quanto não devo a ti e especialmente a este Menino divino! Como serei capaz de pagar essa grande dívida? Salvaste minha vida e me deste Tullia! Nem posso enumerar os extraordinários benefícios recebidos durante a minha curta passagem aqui!”

Retrucou José: “Amigo, quanto tempo faz que eu me encontrava em grande aflição e apareceste como anjo salvador, em Tyro? Deste modo, uma mão lava outra no grande corpo da Humanidade. Não toquemos mais no assunto. Já é noite, e a vila dista uma hora da cidade, portanto temos que partir. A Bênção do Senhor está contigo e teus companheiros, e podes embarcar sem susto. Leva os três leões a bordo que te prestarão bons serviços, porquanto haveis de enfrentar uma tempestade que vos lançará à costa de Creta, onde os piratas vos atacarão. Nesta ocasião os leões te auxiliarão.”

Cirenius assustou-se com essa expectativa; José, porém, o confortou dizendo que ninguém havia de se prejudicar.

156. José Ordena Silêncio

Em seguida se aproximam Maronius Pilla e os três sacerdotes e agradecem por todos os benefícios recebidos, e José os adverte de silenciar de tudo a que assistiram. Tullia, igualmente comovida, se ajoelha diante de Maria debulhando-se em lágrimas de gratidão. Maria, com o Filhinho

nos braços, diz: “Levanta-te e sê abençoada em Nome Daquele que repousa nos meus braços! Agradece-Lhe em teu coração que hás de encontrar tua salvação! Contém, porém, tua língua e não nos traias; quando vier o tempo, o Próprio Senhor Se revelará diante do mundo!”

Dirigindo-se para Cirenius, José acrescentou: “Amigo, muitos do teu séquito foram testemunhas de vários milagres; recomenda-lhes silêncio, pelo próprio bem deles, pois quem denunciar essa questão puramente divina, será atingido pela morte. Além disso, não te esqueças de enviar as oito crianças de que me falaste.”

Respondeu o Prefeito: “Será minha primeira tarefa. Tenho outro assunto a resolver. Ainda neste ano terei que ir para Roma, por causa de Tullia. Meu irmão, Cesar Augusto, certamente me fará perguntas por já ter ouvido algo de minha parte. Até que ponto posso orientá-lo nesse segredo divino?”

Diz José: “Podes relatar-lhe certos acontecimentos, sob sigilo. Adverte-o, porém, de que continuará sendo Imperador, caso mantiver essa condição, inclusive seus descendentes. Mencionando, apenas, uma sílaba sequer, Deus há de castigá-lo. E se se rebelar contra o Todo Poderoso, ele e Roma sucumbirão!” Sumamente grato pela orientação Cirenius se despede após ter sido abençoado por José, que seguiu com a família para a vila.

157. Repentina Perda de Fala do Menino Jesus

Fora da cidade, Maria entregou o Meninozinho a Jacó, pois estava cansada de carregá-Lo o dia todo, enquanto Jacó estava feliz de poder levar o seu Irmãozinho querido. Abrindo os olhinhos, Este disse: “Porventura também Me amarias tanto, caso Eu Me tornasse muito pesado?”

Respondeu Jacó: “Ainda que tivesses o meu peso, eu Te carregaria de todo coração!” Respondeu o Meninozinho: “Meu irmão, agora naturalmente não Me tornarei pesado; mas tempo virá, em que serei um jugo

pesado. Por isto fazes bem em te acostumares desde já ao Meu Peso, com amor, e quando vier tal época, suportarás Meu Peso total tão facilmente como ora, que sou Criança!

Afirmo-te, quem não Me carregar primeiro qual fraca criancinha, sucumbirá futuramente debaixo de Meu Peso total. Quem Me carregar no coração como ora Me transportas em tuas mãos, Me sentirá em idade madura igualmente como peso leve!"

Jacó, não entendendo o sentido dessas Palavras Sublimes, disse: "Irmãozinho querido, porventura Te deixarás carregar quando fores homem?"

Respondeu o Meninozinho: "Amas-Me com todas as tuas forças, e isto Me basta, pois tua ingenuidade Me é mais agradável que a sapiência dos sábios que calculam e predizem, enquanto seu coração é mais frio que gelo. O que hoje ainda não compreendes, assimilarás em tempo justo.

Por enquanto sou Criança, todavia falo contigo qual homem. Se continuasse deste modo, seria um ser duplo: para os olhos, uma criança; para os ouvidos, um homem. Isto não pode ser. Ficarei mudo para todos, durante um ano. Tu, ouvirás Minha Voz no coração.

Quando novamente falar, teus olhos Me verão mais crescido; teus ouvidos ouvirão apenas coisas pueris. Revelo-te isto, para que não te aborreças Comigo. Amém!" Com isto, o Meninozinho perdeu a fala, portando-Se como qualquer outro.

158. Gabriel Aponta a Atividade da Natureza, no Sábado

Chegando à vila, José mandou que os filhos cuidassem dos animais e se recolhessem em seguida. Obedientes, eles se prontificaram para executar essas ordens, no entanto, voltaram, dizendo: "Pai, que coisa extraordinária, os animais já foram tratados sem que os vasilhames se esvazias-

sem! Como foi isso?"

Após José se ter convencido do fato, ele indaga aos jovens se foram eles os autores desse trabalho no sábado. Eles o confirmam. José, preocupado, retruca: "Como podeis desrespeitar esse santo dia, como servos do Senhor?"

Disse Gabriel: "Homem honesto, como é possível fazeres pergunta semelhante? Porventura o dia de hoje é diferente do de ontem? O Sol não surgiu e se pôs igual nos outros dias? E o vento não soprou de manhã, ao meio-dia e à noite? Não viste o vaivém das ondas quando estivemos à beira-mar? Porventura não te moveste, alimentaste, entretanto não impediste a pulsação do teu coração?

Homem temeroso do sábado, tudo que existe e acontece no mundo é conseqüência do poder auferido por Deus, sendo por nós dirigido. Se descansássemos durante um dia, por acaso não sucumbiria a Criação total?

Temos que celebrar o Sábado apenas pela nossa atividade no amor para com Deus, e não pelo ócio! O verdadeiro repouso no Senhor consiste portanto, no justo amor para com Ele e na constante atividade, para conservação da Ordem eterna. Todo resto cheio de tolice humana é um horror para Ele. Pondera isto e não receies em fazer o bem em um sábado, que te tornarás semelhante ao Criador!" Após esse discurso, todos os anjos se prosternaram diante do Meninozinho e em seguida desapareceram. José gravou as palavras no coração e deixou de ser tão zeloso em um sábado.

159. Desassossego pelo Desaparecimento dos Anjos

Com a ausência súbita dos jovens, Eudócia perguntou a Maria quem eram realmente, pois era pagã e desconhecia os segredos extraordinários do Céu. O fato de em tal ocasião também os pagãos verem os anjos se baseava no temporário abrir da visão interna, de sorte que o desapareci-

mento dos anjos nada mais era do que o fechar da visão. Por isso, Eudócia tinha impressão de despertar de um sonho profundo, sentindo-se plenamente natural, e tudo que ocorrera durante o dia tomava o cunho de sonho mui vivo. Eis a explicação de sua pergunta pagã.

Maria então respondeu: "Eudócia, continuaremos juntas por algum tempo, esclarecendo-se tudo que ora ainda te parece estranho. Por hoje vamos dormir, pois estou bastante cansada."

Eudócia se conformou externamente, mas em seu coração crescia a curiosidade. José, porém, aconselhou que todos se recolhessem, recomendando a Jacó o preparo do berço que devia ser levado para junto do leito de Maria, após o Meninozinho acomodado.

Também Eudócia retirou-se para o seu quarto, sem poder conciliar o sono. Seu temperamento forte estava por demais agitado com o desaparecimento dos jovens, pois se enamorara de Gabriel e não conseguia conformar-se com a sua ausência.

Quando todos estavam dormindo, ela se levantou e abriu a janela. Eis que Gabriel aparece e diz: "Tens de acalmar o teu coração! Não sou humano como tu, e sim, um espírito e mensageiro de Deus! Adora o Meninozinho, pois é o Próprio Senhor e acalmará o teu coração!" Com isto, o anjo desapareceu, e Eudócia se sentiu aliviada.

160. Sonho de Eudócia e Testemunho do Senhor

Uma hora antes do surgir do Sol, todos estavam de pé em casa de José, e o Próprio Menino Jesus batia os pezinhos dentro do berço dando gritinhos de felicidade. Jacó se entretinha a seu modo, com o Senhor do Universo, mexendo com as mãos enquanto cantava e assobiava.

Maria ainda estava dormindo; por isso, José, que se achava absorto em sua prece matinal, lhe fazia reprimendas por causa do barulho. Desculpando-se, Jacó disse: "Meu pai, vê como o Senhor de Céus e Terra Se distrai com meu passatempo. Como pode desagradar-te? Garanto que a

mãezinha não estaria dormindo tão bem se eu e meu Irmãozinho não fizéssemos barulho. Peço que me perdoes e não me faças futuras reprimendas se na minha obrigação pareço, às vezes, alegre em excesso, entretanto agrado ao Senhor!”

Disse José: “Sim, está bem, agrada-me ver como cuidas do Meninozinho. No futuro deves evitar barulho quando alguém se acha dormindo e outra pessoa concentrada orando a Deus.”

Jacó agradece pela advertência e em seguida pergunta: “Quando oras para Deus como acabas de fazer, a que Divindade realmente te diriges? Segundo meu conhecimento a respeito deste Meninozinho, não pode haver outro Deus maior e mais verdadeiro, em virtude dos testemunhos mais evidentes, do Céu.

Se consta nos profetas: Quem é Aquele que vem de Edom, de vestes vermelhas de Bozra? Ornado com a sua vestidura, que marcha com sua grande força? Sou Eu, Que ensino justiça, poderoso para salvar!

Essas palavras foram ditas, ontem, pelo Meninozinho, referindo-as a Si. Quem é Ele? Não existe criatura humana que possa afirmá-lo de si! Existe somente Um Deus! Quem, portanto, é essa Criança que diz: Eu o Sou, Que ensina Justiça, Poderoso para salvar!?”

Perplexo, José disse: “Realmente, meu filho Jacó, tens razão. Levas mais vantagens junto ao berço, do que eu no meu cantinho.”

Neste momento, aparece Eudócia, bela como a aurora, ajoelha-se diante do berço para adorar o Meninozinho. Passada meia hora, ela se levanta e diz: “Sim, – Tu O és, não existe Outro além de Ti! Durante o sonho desta noite, vi um Sol no Céu, estava vazio e tinha pouca luz. Em seguida vi na Terra, essa Criancinha que brilhava como milhares de sóis; Dela se projetava um raio poderoso para aquele Sol vazio, iluminando-o totalmente.

Neste raio vi, subirem e descerem, os anjos que aqui estiveram, e suas faces estavam constantemente voltadas para esse Meninozinho! Ah, que maravilha foi aquela!” Esse relato fez com que José saísse de vez de seu canto de oração e daí em diante, dava toda atenção ao Filhinho, e orava seguidamente ao lado do berço.

161. Cura do Cego, por Jacó

Entrementes, Maria despertara. Sem demora levantou-se e foi ao quarto contíguo para se lavar e mudar de roupa, voltando dentro em pouco, qual anjo, tão bela, boa e dedicada à Vontade do Senhor. Cumprimentou e beijou a José e a Eudócia, fato que despertava no bom velho sempre algumas lágrimas de alegria. Em seguida, Maria se ajoelhou cheia de amor junto ao berço, alimentando a Criancinha enquanto orava.

Após o Meninozinho bem alimentado, Maria mandou preparar um banho, como sempre. Alegrezinho, Ele batia as perninhas e fazia ouvir sons inarticulados. Uma vez vestido, Maria perguntou como Ele estava passando e se as roupinhas frescas Lhe agradavam. Todos estranharam que ela não recebesse resposta. Insistindo, Maria pediu que o Meninozinho falasse qualquer coisa. Ele, porém, animava Sua Vozinha infantil sem articular uma palavra sequer.

Aflitos, Maria e José conjeturaram que os anjos talvez tivessem levado o Filhinho divino para o Céu, durante a noite, deixando uma criança comum dentro do berço. A hipótese da troca de crianças era muito comum em judeus. Ambos, assustados, analisaram o Pequenino, sem descobrirem o menor vestígio de dessemelhança.

Eis que Maria disse: "Guardai a água do banho e trazei um doente, pois ela sempre teve força milagrosa. Se o enfermo se curar, o Filhinho é o Mesmo; caso contrário, Deus houve por bem trocá-Lo!"

Nesse momento, Jacó fez menção de falar; conteve-se, porque o Irmãozinho o proibiu pela voz interna. Imediatamente, José mandou o filho mais velho para a cidade, e dentro de uma hora ele voltava com um cego. Maria então lavou-lhe os olhos com a água do banho, – e o cego continuou cego!

Essa experiência entristeceu a Maria, José, os quatro filhos e Eudócia; somente Jacó continuou o mesmo, tomou o Meninozinho nos braços e começou a brincar com Ele. O cego reclamou, julgando que tivesse sido vítima de troça. José o consolou dizendo que lhe prometia o sustento

vitalício como indenização da suposta brincadeira. Quando José percebeu a alegria de Jacó ele o reprimiu como sendo pecado contra ele, pai.

Jacó respondeu: "Estou alegre porque sei a quantas ando; ao passo que andais tristes pela falta de conhecimento. Porventura ignorais que não se deve experimentar a Deus?" Terminando de falar, Jacó dirigiu o hálito sobre o cego que no mesmo instante se curou. Naturalmente foi Jacó motivo de grande admiração, pois ninguém sabia o que pensar.

162. Jacó É Inquirido por José

Após algum tempo, José dirigiu-se ao filho, para saber de onde lhe vinha o poder milagroso do hálito. Jacó respondeu: "Querido pai, ouvi uma voz dentro de mim que dizia: Sopra o teu hálito sobre o cego que receberá novamente a sua visão. – Eu acreditei, assim fiz e o homem enxerga!"

Prosseguiu José: "Deve ser conforme dizes; mas de onde veio a voz?" Disse Jacó: "Não vês Aquele Que em meus braços brinca com meus cabelos? Creio ter sido Ele Quem falou milagrosamente comigo!"

Disse José: "Julgas tratar-se ainda da mesma criança? Não poderia ter sido trocada?"

Respondeu Jacó: "Quem poderia ou qual seria o poder capaz de trocar o Altíssimo? Os próprios anjos se prosternavam sempre quando o Meninozinho falava milagrosamente, dando provas de Quem Se ocultava Nele. Para mim, é Ele o Mesmo, tão certo quanto nunca acreditei em troca de crianças."

Insistiu José: "Acabas de me dar uma prova de fé não mui convincente, pois o próprio David dizia: Por que se amotinam os gentios, e os homens falam tão inutilmente? Os reis da Terra se levantam, e os príncipes consultam juntamente contra o Senhor e Seu ungido, dizendo: Rompamos as suas ataduras e sacudamos de nós a sua corda!

Vê, meu filho, tais palavras são espirituais; os reis representam os

poderes, e o país é o grande reino das forças invisíveis. Qual é sua intenção e de que falam? Porventura não existe a possibilidade de porem suas mãos no Senhor?”

Respondeu Jacó: “De fato, caso o Senhor o permitisse. No início do salmo consta: Por que se amotinam os gentios, e os homens falam tão inutilmente? – Não teria sido intenção de David apontar a incoerência de tais poderes, contra o Senhor? – Mais adiante se lê: Aquele que habita nos Céus, deles Se ri e zombará. Há de lhes falar em Sua ira, e Seu furor os assustará!

Caro pai, creio que essas duas estrofes do grande cantor de Deus justificam suficientemente a minha fé, pois patenteiam que o Senhor será sempre Senhor, não podendo haver troca com Ele!” José se admirou da sabedoria de seu filho, voltando com todos os seus à aceitação da Criancinha verdadeira, louvando e glorificando a Deus.

163. Chegada das Crianças de Tyro

Entrementes, tudo voltava ao ritmo de antanho. José e seus filhos faziam pequenos utensílios de madeira que vendiam por preços módicos na cidade. Maria e Eudócia cuidavam da casa, confeccionavam vestidos e também executavam bordados artísticos para famílias ricas. Maria era bastante hábil na tecelagem artística e tricotava vestidos inteiros, enquanto Eudócia era boa costureira. Deste modo, a família ganhava o necessário para, em caso de emergência, poder suprir os pobres.

Passados três meses, chegavam as oito crianças de Tyro, naturalmente acompanhadas de amigos de Cirenius e traziam a importância de oitocentas libras de ouro como ajuda de custo.

Mas José protestou: “Aceito as crianças; mas o ouro recuso, pois nele repousa a maldição do Senhor. Devolvei-o ao Prefeito que saberá por que não quero e não posso aceitá-lo. Transmiti-lhe igualmente minha bênção e saudação, e dizei-lhe que o acompanhei em espírito durante a viagem de

volta, sendo testemunha de tudo que lhe ocorreu. Sempre que um perigo o ameaçava, eu o abençoei. Que não se aflija pela perda dos três animais na Ilha de Creta; pois foi da Vontade do Senhor que assim acontecesse!"

Os amigos de Cirenius receberam o ouro de volta e retornaram rápidos a Tyro. José agradeceu o acréscimo dessas crianças, abençoou-as e entregou-as aos cuidados de Maria, exímia professora que no Templo se havia aperfeiçoado em várias matérias. Assim, as crianças aprendiam grego, hebraico e romano, pois naquele tempo era preciso que quase todos falassem e, caso necessário, também escrevessem em tais idiomas. A língua romana tinha a mesma importância do francês de hoje e não podia faltar numa educação superior.

164. Cura do Menino Obsedado

A partir de então nada de milagroso sucedeu em casa de José, período este que durou um ano inteiro, durante o qual o Meninozinho aprendera a andar, falar e brincar com as demais crianças. Naquele tempo apareceu na casa de José, uma família de mouros, com um menino bastante enfermo. Essa gente ouvira na cidade que naquela vila se encontrava um médico milagroso que curava todas as moléstias.

O menino contava dez anos e era vítima de um espírito mau que não lhe dava descanso, dia e noite, fazendo com que o ventre se inchasse sob dores insuportáveis. Logo em seguida, impelia-o para a água, ou para o fogo. Nem bem chegara à casa de José, o espírito se aquietou. José então perguntou ao pai, que entendia grego, qual era o caso do filho dele. E o outro relatou tudo desde o começo.

José resolveu chamar Jacó, que, como adolescente de dezesseis anos, se ocupava com o Irmãozinho, e lhe transmitiu a aflição daquela família. Jacó se voltou intimamente para o Menino Jesus, falando-Lhe do caso. O Menino então falou em voz alta e em hebraico: "Meu irmão, Meu Tempo ainda está longe. Vai e toca o menino enfermo, cuja geração traz o

sinal de Cain, com o dedo indicador da mão esquerda na região do plexo solar, e o espírito se afastará para sempre!"

Jacó fez conforme lhe fora dito. Eis que o mau espírito sacudiu o menino, gritando: "Que queres tu comigo, tenebroso? Para onde irei, pois me enxotaste de minha morada, antes do tempo?"

Respondeu Jacó: "O Senhor assim o quer! Lá onde o mar é mais profundo, habitarás no lodo para sempre! Amém!" No mesmo instante, o espírito abandonou o menino que se curou. Os mouros queriam indenizar a José, que nada aceitou, mas louvou a Deus pela cura milagrosa. A família voltou entrementes à sua pátria.

165. Cristóforo e o Menino Jesus

Novamente passou-se um ano em plena calma, sem qualquer nota milagrosa, pois o Meninozinho evitava tudo que pudesse dar motivo para tanto, através de Sua Força interna. Era esperto e brincava com os outros quando dispunham de tempo. Afora disto, apreciava a companhia de Jacó com o qual palestrava inteligentemente quando a sós.

Vivia naquela zona um imigrante judeu que praticava a pescaria. Seu porte era enorme e sua força gigantesca. Em um ante-sábado após o desjejum, Jacó tomou a Mão do Irmãozinho e com permissão de José visitou o judeu, que morava a uma hora de distância. A atitude de Jacó se prendia ao repetido convite daquele homem e por ter o Meninozinho lhe dado ordem secreta.

Lá chegando, o pescador muito se alegrou e serviu um peixe bem preparado. Jacó o apreciou e também dava pedacinhos escolhidos para o Irmãozinho. A satisfação do pescador foi tão grande que se comoveu profundamente. Jacó não queria demorar-se mas o judeu insistiu que ficasse o dia com ele.

"À noite", disse ele, "carregar-te-ei para casa, com teu irmãozinho. Demoraste tanto para vir, porque foste obrigado a dar a volta em redor

desse estreito do mar, bastante raso. Eu meço quase duas toesas, e a água mal me dá até a cintura. Por isto, tomarei a ti e a teu irmão nos braços, atravesso o estreito e dentro de um quarto de hora estareis era casa, com mais uma boa porção de peixes."

Nisso, o Meninozinho falou: "Jonatha, tens boa vontade; mas se porventura Me tornar pesado demais com Meu irmão?" Jonatha sorriu dizendo: "Ainda que fôsseis cem vezes mais pesados, seria coisa fácil carregar-vos."

Retrucou o Pequenino: "Podemos fazer uma experiência. Tenta carregar-Me, sozinho, sobre o estreito que não mede cinqüenta toesas, ida e volta, e veremos se tua força suportaria o peso de ambos."

Imediatamente Jonatha aceitou a prova, tomou o Meninozinho no braço e atravessou o estreito. A ida foi sofrível, conquanto ele se admirasse sumamente do peso da Criança. Na volta, Ela Se tornou tão pesada que Jonatha foi obrigado a apanhar uma forte viga para suporte, chegando à margem com o máximo esforço.

Após fazer sentar o Meninozinho na praia, onde Jacó os esperava, o judeu disse: "Por Jehovah, que é isso? O mundo inteiro não pode pesar mais que essa Criança!"

E o Pequeno retrucou: "Por certo, pois carregaste muito mais do que o mundo inteiro!" Perguntou o judeu: "Como posso compreendê-Lo?" Interveio Jacó: "Caro Jonatha, toma dos peixes e nos acompanha por terra e passa a noite em nossa casa. Amanhã serás esclarecido." Jonatha apanhou três barris dos melhores peixes e acompanhou a ambos ainda na parte da manhã até a casa de José que o recebeu com muita satisfação, pois eram amigos de infância.

166. Devoção e Amor de Jonatha

Em seguida, Jonatha entregou a José os três barris de peixes e lhe disse: "Bom amigo, dize-me que filho tens? Deve, no máximo, contar

três anos, mas fala tão inteligentemente qual adulto. Era minha intenção de prender comigo tanto Jacó quanto o pequenino, e à noite os traria de volta atravessando o estreito. Quando expressei esse plano, o pequeno me disse: "Jonatha, tua vontade é boa; mas talvez nos tornemos mui pesados. – Compreendes que pude apenas sorrir, ciente de minha força descomunal. Então ele me desafiou para uma prova em que deveria carregá-lo sozinho pelo estreito. A ida foi suportável; na volta, porém, tive que apanhar um pau para me apoiar e ainda assim cheguei à margem com grande dificuldade. Ao perguntar a Jacó como era possível que o irmãozinho fosse mais pesado que um mundo, este respondeu que eu havia realmente suportado mais que um mundo inteiro. Que vem a ser isso?"

Respondeu José: "Se pudesses calar, pois do contrário tua vida correria grande risco, poder-te-ia contar certas coisas!" Como Jonatha jurasse por Deus e todos os Céus, José conduziu-o para a colina, onde lhe relatou o que se prendia ao Meninozinho. Sumamente comovido, o judeu caiu de joelhos e adorou-O, que no momento brincava em companhia dos outros. No final da prece, ele disse: "Que bem-aventurança sublime! Meu Deus, meu Criador me visitou! Carreguei nos meus braços Aquele que mantém mundos e Céus! Agora entendo Suas Palavras: Suportaste mais que um mundo inteiro!" Tamanho foi o êxtase de Jonatha, que emudeceu durante uma hora.

167. Alimento Predileto de Jesus

Quando terminou sua meditação, José lhe disse: "Sei que habitas com teus três ajudantes, na cabana. Naturalmente não hás de pescar hoje, no ante-sábado. Por isso deves ficar aqui, incluindo o dia de amanhã."

Obstou o judeu: "Ficaria com prazer, não fosse o Meninozinho divino. Sou pecador de corpo e alma, pois desde que vivo entre pagãos, nem mais pensei nas Leis de Moysés. Vês, portanto, não ser admissível minha presença junto ao Altíssimo!"

Protestou José: “Teu motivo é justo, mas não posso aceitá-lo. Se o Senhor Se demonstra tão magnânimo para com todos os gentios, sê-Lo-á ainda mais contigo que és judeu arrependido. Basta que O ames, e podes estar certo que Ele te amará sobre tudo.

Essas oito crianças, inclusive Eudócia, são pagãs, entretanto o Meninozinho com elas brinca e as ama. Do mesmo modo te aceitará com amor tratando-te como Seu melhor amigo!” Jonatha animou-se e acompanhou José à mesa, onde todos aguardavam a chegada dele. Maria tomou o Pequenino e sentou-se como sempre ao lado de José. Como o Filhinho não quisesse tomar o mingau de leite, Maria se atemorizou julgando que estivesse sentindo-Se indisposto.

O Menino Jesus, porém, disse: “Por que te preocupas Comigo? Jonatha trouxe um alimento muito melhor que Me satisfará realmente!” Maria entendeu tratar-se dos peixes, trazidos à mesa por último.

O Pequenino protestou: “Maria, não Me entendeste. Não Me refiro aos peixes conquanto fossem melhores que o leite de ontem, coalhado, que Joel usou para o Meu mingau, em vez de apanhar leite fresco.

A grande humildade e o amor de Jonatha, muitas vezes demonstrados a Mim, conquanto não Me conhecesse, é o alimento de que falei. Jonatha é homem forte, fisicamente; o amor no seu coração é ainda mais poderoso! E este amor para Comigo, é o alimento forte que ora Me sacia! Mas também Me servirei de seus peixes; o mingau azedo, Eu rejeito!” – Jonatha tanto se alegrou que começou a chorar copiosamente.

168. Condescendência de Jesus para com Joel

Só então, Maria experimentou o mingau constatando-o azedo e coalhado. Por isso chamou Joel ainda ocupado na cozinha e disse com severidade: “Experimenta o mingau! Porventura tens tão pouco respeito diante de teu Irmãozinho, teu pai José e diante de mim, sua fiel esposa, a ponto de fazeres tal coisa? Por que aproveitaste leite dormido e azedo que

pode ser tomado quando frio, nunca porém fervido tornando-se prejudicial, mormente para crianças?"

Nesse momento, também José provou o mingau e se aprontava para uma forte reprimenda contra Joel. Mas o Meninozinho Se ergueu e disse: "Ó criaturas, por que haveis de querer ultrapassar-Me em tudo? Não fora suficiente o que Eu observei a respeito de Joel? Quereis julgá-lo de modo total? Pensais Eu Me alegrar com vossa severidade? Nunca! Aprecio apenas amor, meiguice e paciência!

De fato mereceu Joel punição em virtude de seu desleixo, razão por que o castiguei com Minha observação. Foi o bastante; para que motivo acrescentar maior advertência? Todo pai age bem quando castiga os pequeninos malcriados, com o relho; os filhos adultos deve tratar qual professor, sábio e manso. Somente quando um filho se volta contra o genitor, deverá ser ameaçado. Caso se arrependa, será recebido em paz; do contrário, convém expulsá-lo da casa paterna e do próprio país.

Joel nada fez de mal, apenas o prazer da pesca não lhe proporcionou o tempo suficiente de ordenhar a cabra. De agora em diante não o fará mais, por isso será perdoado!" Chamando Joel para perto de Si, o Meninozinho disse: "Se Me amas como Eu te amo, não entristeças os teus pais!"

Joel começou a chorar, caiu de joelhos e pediu perdão ao Irmãozinho, a Maria e a José, que disse: "Levanta-te, meu filho, o que o Senhor perdoa, ser-te-á perdoado por nós! Agora podes verificar os peixes." E o Menino Jesus acrescentou, ligeiro: "Vai, sim, do contrário eles ficarão torrados, tornando-se sem gosto; pois Eu Mesmo quero saboreá-los."

Essa manifestação de cuidado fez com que todos se sentissem alegres, enquanto os olhos de Jonatha se enchiam de lágrimas de emoção.

169. Predição Acerca da Divinização de Maria

Dentro em pouco Joel trazia os peixes fritos no espeto. Imediata-

mente José serviu a todos, com exceção do Meninozinho que participaria do prato de Maria. Entretanto, Ele, dessa vez protestou, exigindo uma porção inteira.

Eis que José afirmou: “Meu filhinho, isso seria demais para Ti, e além disto, passarias mal. Não vês eu ter servido uma porção maior para a Tua mãezinha porque precisa alimentar-Te? Acalma-Te que não serás prejudicado!”

Disse o Meninozinho: “Isto Eu sei, – e muita coisa mais que tu ignoras! Ainda assim teria sido conveniente se tivesses dado uma porção inteira ao Senhor! Porventura sabes quem foi Melchisedek, Rei de Salém? – Não o sabes. O Rei de Salém foi o Próprio Senhor; mas com exceção de Abraham, ninguém deveria sabê-lo. Por isso, ele se curvou até o solo e Lhe ofereceu o dízimo, de livre e espontânea vontade.

José, Eu sou Melchisedek, e tu és semelhante a Abraham! Qual a razão de não Me quereres dar o dízimo desses bons peixes? Por que Me restringes à Mãe? Quem teria feito o peixe e o mar? Foi Maria ou Eu, Rei de Salém desde Eternidades?

Aqui estou em Minha Posse eterna, e tu pretendes não Me servir uma porção inteira de peixes? Coisa curiosa! Eis a razão pela qual os homens, no futuro, servirão à Minha Mãe, porções muito maiores do que a Mim. E Eu terei que esperar por aquilo que ela receber, e a Ordem de Melchisedek estará longe!”

José, não sabendo o que retrucar, repartiu sua porção, dando a maior parte ao Meninozinho, que disse: “Quem algo Me der guardando uma parte para si, não Me conhece! Querendo dar, que Me dê tudo, – do contrário não o aceito!” Com satisfação José passou sua parte para o Filhinho.

Este ergueu Sua Destra, abençoou ambas as partes e disse: “Quem tudo Me dá, ganha centuplicado! Toma o peixe, José, e te serve! O que sobrar será Meu!” José assim fez, comendo bastante. Uma vez saciado, tantas foram as sobras que serviriam para doze pessoas, e o Meninozinho alimentou-Se das mesmas.

170. Indagações Tolas de Jonatha

Após essa cena que provocara lágrimas de alegria e arrependimento a Jonatha, ele se vira para José e diz: “Dize-me sinceramente o grau de tua felicidade considerando a grandiosidade de tua missão! O que sentes ao fitar o Meninozinho e teu coração dizendo: Eis aqui, Deus, Jehovah, Zebaoth, que falara com Adam, Henoch, Noé, Abraham, Isaac e Jacob; que salvara nossos antepassados do jugo duro daquele país, por intermédio de Moysés, determinando Ele Próprio a Lei no deserto, alimentara durante quarenta anos o grande povo onde nada crescia senão cardos e abrolhos, e que falara pela boca dos profetas! Qual a sensação em Presença Daquele que criou Céus e Terra, os anjos, o primeiro casal de nosso planeta e o vivificou com Seu Hálito eternamente vivo? Porventura não é paralisada a tua língua diante do Meninozinho, em virtude do grande respeito do Eterno?”

Responde José: “Tua pergunta se justifica. Mas que farei? Tenho que aceitar essa situação suportando o máximo como se fora o mais simples, pois do contrário não poderia subsistir. Deus é sempre Deus, – nós, suas criaturas! Ele é tudo, e todos nós, – nada! Essa relação é justa. Porventura poderias modificá-la ainda que por pensamentos mui elevados?

Se meu coração fosse do tamanho dessa Terra, minha cabeça tão grande como o Céu, e emitindo pensamentos que fariam estremecer todos os anjos, – que utilidade teria para Aquele que comporta em Sua Destra todo o Infinito? Porventura, eu, com isto, me tornaria mais homem, e Deus, menos Deus?

Tua indagação é fútil. Tudo que posso fazer se consome no amor para com esse Meninozinho prestando-Lhe qualquer serviço que venha a necessitar. Desisto de todo engenho de pensamentos grandiosos por saber que o mais elevado seria um nada diante da Grandiosidade de Deus!” Essa resposta modificou o curso de idéias de Jonatha evitando posteriores indagações dessa ordem.

171. Explicações de Jesus Sobre o Cap. 7, 15 de Isaías

À noitinha deste ante-sábado, Jacó levou o Irmãozinho para o monte predileto de José, no que era imitado por este e Jonatha. De quando em quando, Jacó dava pedacinhos de pão, molhados no pote de mel, na boquinha do Pequenino, pois era o alimento predileto além de pão com manteiga. Tendo deixado o potezinho no banco, para se entreter com Ele na grama, apareceram algumas abelhas e moscas, a fim de se entregarem ao doce conteúdo. Ao percebê-lo, José disse a Jacó: "Tampa o potezinho, do contrário darão conta do mel!"

Imediatamente Jacó acorreu com o Pequenino querendo enxotar os insetos, que todavia não lhe obedeciam. Eis que Este disse: "Dá-Me o potezinho, pois quero ver se a abelha e a mosca também a Mim não obedecem!" Tomando o potezinho nas mãos, Jesus Menino emitiu três vezes um "xô, xô, xô", – e no mesmo instante os insetos sumiram. Novamente Jacó Lhe ofereceu um pedacinho de pão com manteiga e mel, que Ele saboreou com satisfação.

Jonatha, que havia abordado a sabedoria egípcia através dos hieróglifos, percebera a ocorrência com os insetos, indagou a José se nela havia algum sentido mais profundo. Respondeu o amigo: "Não propriamente, pois nem em todas as pequeninas ações se oculta um conhecimento. Sempre que se expuser o mel, os insetos hão de se apresentar. Bem que se podia usar o fato, como milhares de outros, para interpretação espiritual, – mas em si, nada de melhor contém."

Nisto o Meninozinho correu para junto de José e disse alegre: "Desta vez, caro José, deste um golpe errado! Por acaso não consta em Isaías: Manteiga e mel comerá, até que Ele saiba rejeitar o mal e escolher o bem. Na verdade, antes que este menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra de que te enfadas será desamparada dos seus dois reis. O Senhor, porém, fará vir sobre ti e sobre o teu povo e a casa de teu pai, dias tais, que nunca vieram desde que Ephraim se desviou de Judá, pelo rei d'Assyria. Em tal época há de acontecer que o Senhor enxotará as moscas, no extre-

mo dos rios do Egito, e as abelhas na Assyria!

Vê, José, o sentido dessas palavras também se oculta nessa ação; mas o tempo para a revelação ainda não chegou, muito embora não diste muito. Porventura conheces o filho da profetisa que se chamava *Maher-sha-lal-hash-baz** e que nascerá de uma virgem que o chamará de “Emmanuel”? Eu Sou tudo isto! Todavia não o compreenderás completamente até que Eu, *Maher-sha-lal-hash-baz* e Emmanuel, das alturas, chamar Pai e Mãe.” Terminando de dizer isto, o Meninozinho correu novamente para junto de Jacó, enquanto José e Jonatha muito se admiraram da relação entre o fato anterior e as palavras do profeta.

172. Respeito e Humildade Exagerados de Jonatha

Após se ter refeito do discurso do Meninozinho, Jonatha disse a José: “Muito embora tivesse o firme propósito de permanecer dois dias em tua companhia, não posso cumpri-lo. Tudo se tornou por demais elevado e tenho a impressão de me encontrar em um deserto em que tudo que vejo diz: Aqui, não há lugar para tua pessoa, mas somente para espíritos!

Ou, então, como se estivesse em uma montanha mui íngreme em cujo cume, o fascínio do panorama seduz os sentidos; mas não demora, e o ar puro diz: Homem preguiçoso e impuro, volta para tua pátria mal cheirosa! Pois aqui, onde flutuam os espíritos mais puros do éter rarefeito, não há pouso para uma alma impura!

Quão puro não fora o grande profeta Moysés; no entanto, o Senhor lhe disse quando pedia para vê-Lo: “A Mim, teu Deus, não podes ver e continuar vivo!” Aqui Se encontra o Próprio Senhor na plenitude de Sua Glória, o Anunciado por todos os profetas! Como poderia eu suportar Sua Presença visível, porquanto sou velho pecador contra a Lei moisaica?”

Retrucou José: “Conheces a Lei principal. Por que hás de preferir

* *Interpretação da tradutora: Rouba logo, presa iminente*

afastar-te, em vez de cumpri-la em verdade? Ama o Senhor com todas as tuas forças e não mentalizes constantemente os teus pecados, para te tornares mais agradável a Ele. Espera que o Meninozinho te despeça. Isto acontecendo, saberás seres indigno Dele.”

Neste momento o Pequenino Se aproximou dizendo: “José, tens razão em admoestar a Jonatha, tão teimoso em não querer ficar conosco, muito embora Eu o queira muito!” E virando-Se para o pescador, prosseguiu: “Jonatha, desejas realmente afastar-te? Que de mal te sucede aqui?”

Respondeu ele: “Meu Deus e meu Senhor, sou grande pecador na Lei.” Obtemperou o Meninozinho: “Não descubro pecados em ti. Pecador é aquele que não tem amor! Tu, porém, tens amor, portanto não és pecador diante de Mim. Eu te perdoei os pecados, razão por que sou Senhor acima de Moysés, desde Eternidades!” Chorando de emoção, Jonatha resolveu ficar e se aproximou do Meninozinho para acariciá-Lo.

173. O Peso da Lei Moisaica

Entrementes, o Menino Jesus virou-Se para o pescador e disse: “Experimenta carregar-Me agora, pois certamente serei mais leve!” Com alegria e amor, Jonatha O tomou nos braços, achando-O leve qual pluma. Por isto disse-Lhe: “Meu Deus e meu Senhor, como posso compreender esse fenômeno? À beira-mar foste pesado qual corpo cósmico; aqui és uma pluma!”

Respondeu o Pequenino: “Jonatha, isto acontecerá com todos, pois Meu grande peso não vem de Mim, mas da Lei de Moysés. Enquanto conhecias apenas a Lei e Me carregavas no ombro, foi o peso da Lei a te cansar qual mundo. Agora acabas de reconhecer a Mim, o Senhor de Moysés e da Lei, e com isto, o peso da mesma não se encontra mais Comigo.

Deste modo sucederá no futuro com todos os sustentadores da Lei. Em verdade te digo: Os justos pela Lei hão de chorar e ranger os dentes; o Senhor, porém, participará da mesa dos pecadores, curando-os e acei-

tando-os para Seus filhos.

Hei de procurar os perdidos, curarei e salvarei os enfermos e aprisionados. Os justos pela Lei terão que se afastar de Minha Casa, sem justificação. Publicanos e pecadores serão louvados em Minha Casa, enquanto sobrecarregarei, diante de Mim, o justo com fardo pesado.

Uma prostituta Me ungirá, e a culpa da adúltera hei de escrever na areia, e os pecadores poderão tocar-Me. Amaldiçoado será o legislador e escriba que tentar atingir-Me. Os que forem mortos pelo peso da Lei, serão por Mim tirados de suas tumbas; diante dos comedores das letras da Lei reduzirei a entrada da porta para a vida, qual fundo de agulha!"

Apavorado com tais palavras, José disse: "Meu Filhinho, que coisas horrorosas estás proferindo? A Lei também foi dada por Deus; como poderia um pecador ser melhor que um justo?"

Respondeu o Meninozinho: "Se bem que Deus tivesse dado a Lei, não foi dada para a razão, e sim, para o coração. E o próprio Moysés destinou a Lei total para o amor de Deus! A Lei subsistiu, – o amor extinguiu-se de há muito! Uma Lei sem amor, de nada vale, e quem a mantém sem amor, é escravo morto da mesma. Por isto prefiro um pagão e livre pecador, a um escravo morto e manietado pela Lei." José silenciou para meditar a respeito deste ensinamento. O Meninozinho, por sua vez, voltou a tagarelar com Jonatha e Jacó, sobre coisas infantis.

174. A Face Divina. A Natureza da Lua

Como se fizera noite e a Lua surgisse sobre Ostracina, Jonatha admirava sua forma perfeita e sua iluminação, em silêncio. Percebendo sua atitude, José perguntou: "Que acabas de descobrir na Lua que te leva a fitá-la com tanta atenção?"

Respondeu o velho pescador: "Realmente, nada de especial percebo, descontando as antigas manchas que sempre me despertam a mesma curiosidade a respeito da Lua que muda constantemente. Se tiveres al-

gum conhecimento, peço me informares, pois aprecio tais noções."

Disse José: "Nesse ponto sou tão pouco instruído quanto tu. Mas o Meninozinho saberá mais do que eu, e podes inquiri-Lo." Jonatha repetiu sua indagação com certo receio e o Menino Jesus respondeu: "Se Eu te demonstrar a Lua, hás de querer ver também o Sol e as inúmeras estrelas. Dize-Me, quando terminará tua vontade de ver e saber? Muito saber dá peso na cabeça e a vida se torna incômoda, ao passo que muito amor para com Deus e os irmãos dá um sabor agradável à vida e afasta todo temor da morte.

Tal amor é em si, a vida eterna; quem a possuir, verá futuramente toda Criação. Os verdadeiros amantes de Deus hão de ver Sua Face, ou seja, Sua Criação surgida de Sua Sabedoria e eterna Onipotência. Sabedoria e Onipotência representam a Face Divina, assim como o Amor é Sua Natureza intrínseca desde Eternidades! No que diz respeito à Lua, é ela um satélite da Terra e possui montanhas, vales, flora e fauna, e seres de tua espécie.

A face que avistas é deserta e não possui água nem fogo. Somente a outra, que não podes ver, assemelha-se à Terra. Sua luz provêm do Sol, e sua mutação se origina de sua posição que se modifica a cada minuto, de acordo com sua revolução em volta da Terra. As manchas são locais mais fundos e escuros de provação. Estás satisfeito com a orientação da Lua?" Jonatha o confirmou e entregou-se à meditação.

175. O Eclipse Lunar

Quando Maria e Eudócia haviam terminado seus afazeres caseiros, dirigiram-se para a colina, e o Meninozinho correu ao encontro daquela mãe sublime. Maria ergueu o Menino bastante pesado, em seus braços algo cansados, acariciou-O e disse gracejando: "Como és pesado, hoje! Certamente foste mui guloso e abusaste de mel, manteiga e pão!"

Retrucou o Pequenino: "O potezinho de mel que Jacó teria facil-

mente escondido em sua mão, não podia ser motivo para tal! Tão pouco o pedacinho de pão que não convinha expor ao vento, pois podia ser levado qual folha seca. Confesso que estou realmente com fome e anseio pelo jantar! José e Jonatha já devoraram a Lua inteira, no entanto ainda têm fome, muito embora não cresçam mais. Como podia Eu estar satisfeito com merenda de moscas, pois ainda tenho de crescer?"

Diz Maria: "Hoje és realmente travesso! Se José e Jonatha tivessem ingerido a Lua, ela não iluminaria tão maravilhosamente!" Contestou o Pequenino: "Minha Mãe, Eu não sou travesso! Tu que não Me entendeste! Procura os dois que te darão para provar algo da Lua."

Maria sorriu, aproximou-se de José e perguntou por que razão, ele e Jonatha estavam tão entretidos na observação da Lua. Ele mal se vira para o lado dela e diz: "Não me perturbes, pois quero decifrar algo, em companhia de Jonatha. Jesus nos deu alguns tópicos que devem ser trabalhados."

Maria fita o Meninozinho que, sorrindo, diz: "Não percebes como José e Jonatha anseiam pela Lua? Espera com paciência e manda Jacó apanhar um pedacinho de pão e uma laranja. O apetite de José e Jonatha na absorção da Lua também estimulou o Meu."

Mandando Jacó cumprir o desejo do Pequenino, Maria perguntou ao Filhinho quando terminaria o estudo do satélite, ao que Ele respondeu: "Presta atenção, dentro em pouco se dará um eclipse lunar que durará cerca de três horas. Como desconheçam a causa, julgarão que realmente devoraram a Lua, especialmente o velho pescador. Com isto terminará o estudo. Hei de instruí-los como sempre faço quando necessário. Antes disto, terão sua surpresa vendo ruir por terra seus cálculos."

Nem bem o Meninozinho terminara de falar, a Lua acabava de receber uma mancha lateral. Ambos os amigos então percebem como o eclipse crescia constantemente. Assustado, José se vira para o Filhinho e diz: "Que se passa com a Lua?" E Ele responde: "Não vês que estou comendo? Espera Eu terminar com a laranja, – como vós fazeis com a Lua, então hei de falar mais." José se cala; mas quando a Lua desaparece totalmente, os dois homens se apavoram julgando Jonatha, ter ele realmente ingerido o satélite. Diante da escuridão, todos se dirigiram para dentro

de casa.

176. Prosseguimento do Estudo da Lua

Lá chegando, Jonatha disse: “José, qual o resultado desse acontecimento? A Lua toda sumiu! Por várias vezes ouvi dizer de pagãos inteligentes que o homem não devia contar os astros nem observá-los com muita atenção, pois facilmente podiam cair por terra. E caso uma criatura descobrisse sua estrela-guia, e essa caísse, a pessoa estaria perdida.

A Lua também pode ser sujeita a essa lei, e como a observássemos, ela caiu em partículas, pois vi quantidades de meteoros. Ou talvez nos tornamos lunáticos, o que seria uma grande praga! Uma coisa é certa: a Lua não mais existe, sem que pudesse positivar o seu paradeiro.”

Disse José: “Já ouvi falar de obscurecimento, tanto da Lua como do Sol, e facilmente poderia ser o caso, muito embora nunca tivesse assistido a semelhante coisa. Além disto consta que vez por outra os anjos de Deus se entregam a limpar essas luzes celestes como fazemos com os lampiões, e durante esse período, a Terra obscurece um pouco. A lenda que um dragão comece a tragar esses astros é demasiado tola e faz parte do paganismo ignorante.”

Durante as conjeturas dos dois amigos, a Lua surge do outro lado, sendo observada pelas crianças, chamando a atenção, dos adultos. Os dois amigos se sentem aliviados, e José pergunta ao Meninozinho como isto era possível. Ele responde: “Esperemos que a pobre Lua surja da sombra projetada pela Terra, e veremos se houve modificação. A Terra é uma esfera, redonda como a laranja que comi; ela flutua livremente no Espaço infinito, razão por que os raios solares a iluminam por todos os lados. Assim sendo, a Terra projeta uma sombra que obscurece a Lua quando essa passa à sua frente. É só.”

177. Jesus, Professor de Ciências Naturais

Passado algum tempo de silêncio, Jonatha disse para José: “Quem poderia imaginar que a Terra fosse uma enorme esfera? Nesse caso habitamos apenas sua superfície? Mas, qual é o objetivo do mar? Faria parte da esfera?”

Retruca o Meninozinho: “A fim de que não sejais prejudicados em vosso sono, darei explicação a respeito. Jacó, traze-Me uma laranja!” Com o fruto na Mão, Ele prossegue: “Eis a Terra. Quero que essa laranja se assemelhe, em escala diminutíssima, à Terra, contendo montanhas, vales, rios, lagos, mares e lugarejos povoados. Que assim seja!”

No mesmo instante todos vêem o planeta em pequenas dimensões despertando admiração total. José prontamente descobriu Nazareth e Jerusalém extasiando-se com a extraordinária precisão. Eudócia achou Tebas, Roma e etc. O estudo dos locais conhecidos durou mais de uma hora, e a própria Maria se regozijou com as descobertas. As oito crianças pareciam estarrecidas diante do fenômeno.

O Meninozinho então explicou qual professor de geografia, a natureza do planeta, com todas as minúcias, e todos O entenderam. Terminada a explicação, Ele disse para Jacó: “Dependura a esfera em algum lugar apropriado, a fim de que os interessados possam se instruir no dia de amanhã. Agora vamos cear, pois estou com fome enquanto vos satisfizestes com a Terra e a Lua.”

178. Partida de Jonatha

Após terem tomado a ceia, Jonatha disse a José: “O espaço em tua casa deve ser reduzido, por isso deixa-me aproveitar a noite serena para seguir para minha choupana, onde se encontra um grande leito para mim. Uma hora antes de surgir o Sol, estarei de volta.

Protestou José: “Se esta é a tua única preocupação, podes ficar sem

susto, pois logo à entrada existe um vasto recinto no qual mandei arrumar um bom leito, bastante grande.”

Retrucou o amigo: “És realmente mui bondoso para comigo, e sei que a acomodação será ótima. Acontece que uma força poderosa me atrai à minha casa, de sorte que prefiro voar a andar.”

Disse José: “A vontade é tua, portanto podes ficar ou não.” Incontinenti, o pescador se despediu com humildade do Meninozinho que lhe disse: “Jonatha, se queres ir a todo transe, vai; mas não esqueças a volta. Todavia te digo que tua pesca noturna com a grande rede não te trará resultado. Em compensação, hei de impelir para dentro da rede, uma baleia que te atormentará até de manhã, rasgando teus melhores apetrechos. Ainda assim, não conseguirás pegá-la, pois todo o teu esforço será por ela desfeito por um simples fustigar de sua cauda!”

Ouvindo tal orientação, Jonatha mudou de idéia, dizendo para José: “Neste caso fico, pois minha intenção era trazer-te um grande barril dos melhores peixes. Peço-te mostrares o meu quarto que hei de dormir com toda calma.”

Interveio o Meninozinho: “Assim Me agradas mais do que ocultando o teu coração. Todavia, podes voltar para casa, pois hoje, à meia-noite, Me prestarás um serviço importante.” O pescador se levantou, e ligeiro seguiu seu caminho, após ter sido abençoado por todos.

179. Salvamento de Cirenius

Eram mais ou menos dez horas da época de hoje, quando Jonatha chegou à casa onde os três empregados ainda estavam ocupados, inclusive os familiares, e ouviu-os dizerem: “Foi ótimo o patrão ter viajado dando oportunidade para demonstrarmos nossa eficiência. Pescamos enorme quantidade de peixes variados que certamente darão motivo de alegria para ele!”

No mesmo instante Jonatha se apresenta e elogia a todos pelo gran-

de zelo, mandando que partissem os peixes grandes para serem defumados com ervas aromáticas; os menores deveriam ser guardados nos barris.

O primeiro empregado então disse: “Patrão, isto já foi feito, de sorte que tudo está na melhor ordem!” Convencendo-se da veracidade, Jonatha exclamou: “Essa não é uma pesca comum, e uma força superior deve ter colaborado. Por isto esperaremos até meia-noite para ver se tal força superior não venha a necessitar de auxílio.

Certamente vistes o eclipse lunar, prova certa de desgraça para alguém. Aprontai o grande barco a vela, munido de dez remos fortes!” Nem bem os empregados tinham executado essa ordem, quando um poderoso vento começou a revolver o mar. Por isto Jonatha disse: “Não temos tempo a perder. Chamai vossos dez filhos postando-os nos remos. E tu, mestre pescador, toma do leme, enquanto trabalharei com os grandes remos dianteiros! As velas devem ser recolhidas porque temos vento contrário! Vamos para alto-mar, em Nome do Altíssimo!”

Após terem remado cerca de uma hora, lutando contra as vagas enormes, começaram a ouvir fortes gritos de pavor. Desdobrando suas energias, Jonatha alcançou dentro de um quarto de hora, um grande navio romano que havia adernado em um banco de areia. Imediatamente foram atiradas fortes escadas de cordas e todas as pessoas, em número de cem, foram salvas, inclusive Cirenius, Tullia e Maronius Pilla.

180. Feliz Salvamento

Virando-se para Jonatha, Cirenius pergunta pelo nome do local e dele mesmo. Responde o pescador: “Deves ser forasteiro, pois este lugarejo tem sua forte característica.” Protesta o Prefeito: “Há muita semelhança entre uma zona e outra, e na luz do luar, às vezes nem se conhece a própria pátria. A dificuldade aumenta, mormente quando a alma passou por grande susto. Podes, portanto, adiantar onde nos encontramos.”

Obtempera Jonatha: “Certamente conheces a regra que proíbe di-

zer-se de pronto, onde se encontra quem fora salvo. Se o local de destino dista muito, ele se entristece após passado o perigo; se for informado que em virtude de uma súbita mudança do temporal fora impelido ao local desejado, tal alegria poderia custar-lhe a vida. Por isto deve o salvador de náufragos, ser reservado, no início."

A estas palavras, Cirenius apenas disse: "És bom e bastante inteligente; manda remar depressa para atingirmos terra firme." Prosseguiu o pescador: "Eis aí a baía, dentro de um quarto de hora havemos de chegar à margem, pois o vento nos favorece."

Ao pisarem terra firme e o bote sendo atracado, Cirenius agradeceu em voz alta, ao Deus de Israel pelo salvamento de todos. Jonatha muito se alegra com essa manifestação, pois desconhecia o Prefeito, e disse: "Amigo, regozijo-me duplamente por ter salvo um israelita, porquanto também sou filho de Abraham."

Cirenius protestou, dizendo: "Sou romano, entretanto conheço a Santidade de teu Deus, ao Qual me confesso." Disse Jonatha: "Tanto melhor. Amanhã falaremos a respeito, pois hoje convém descansardes. Minhas cabanas são espaçosas e arejadas, palha também não falta, de sorte que podeis vos acomodar, enquanto verificarei o estado de vossa embarcação."

Incontinenti, Jonatha e seus empregados conseguem chegar junto do navio que é amarrado ao barco deles e com segurança é levado à margem. Após esse trabalho que durou cerca de duas horas, Jonatha voltou à casa, em pleno dia, descansando com os empregados durante três horas. Quando desperta fortalecido, ele louva a Deus, no filhinho de José, recordando-se daquilo que Ele havia predito.

Em seguida manda matar e preparar trinta atuns, no que também ajuda com os serventes. Uma vez pronto o almoço, ele se dirige às cabanas para acordar os hóspedes. Cirenius foi o primeiro a se levantar e imediatamente indaga pelo navio. Sendo convidado a verificar pessoalmente o estado do mesmo, ele acompanha Jonatha e agradece comovido, dizendo: "Tua ação deve ser recompensada regiamente!"

Disse Jonatha: "Amigo, deixa disso. É preferível acompanhar-me para o almoço." Subentende-se que todos saboreassem e elogiassem os

peixes especiais, ao que Jonatha retrucou: "Não mereço tal louvor, e sim, um Outro! Fui apenas simples instrumento Daquele que me avisou de um serviço importante para esta noite. Tal foi a Vontade do Altíssimo. A certeza de ter cumprido essa Santa Vontade por amor a Deus, é a máxima recompensa, e nem se foras rei, poderias auferir-me maior. Trata de organizar o teu navio, e quando eu souber o local de teu destino, poderei ser útil."

Disse Cirenius: "Sou Prefeito e irmão do Imperador, e meu destino é Ostracina, no Egito." A essas palavras, Jonatha cai de joelhos pedindo perdão por qualquer falta de sua parte. Enquanto Cirenius tenta erguer o pescador, aproxima-se José com todos os seus, à procura de Jonatha cuja promessa de voltar junto dele, não se efetuara.

181. Encontro Comovedor do Menino Jesus e Cirenius

José, porém, não entrou na cabana de Jonatha, mas mandou avisá-lo de sua chegada. Este, então, pede licença a Cirenius para receber o vizinho que acabara de chegar.

Retrucou o Prefeito: "Não te preocupes comigo. Tão logo tiver mudado de roupa, procurar-te-ei." Entrementes José caminhava à beira-mar, a fim de observar o navio. Jonatha o alcança, ambos se abraçam e o pescador toma nos braços o Meninozinho que corria ao encontro dele.

Nessa altura José perguntou: "De onde vem esse navio formidável? Desses, se vê apenas em Roma." Jonatha o esclarece de tudo, e José indaga se os salvos não haviam declinado sua procedência. O velho pescador respondeu: "Sabes ser proibido falar-se demais; enquanto os socorridos não tiverem partido, não se deve pronunciar seus nomes, pois poderia prejudicá-los numa futura viagem."

Eis que o Meninozinho disse: "Jonatha, teu coração é nobre e não oculta falsidade. Tua superstição terás que abolir. Todavia convém calar-se neste caso, pois dentro de alguns instantes tudo será esclarecido." No mesmo momento, aparece Cirenius e seu séquito, e todos se dirigem em

direção ao navio, isto é, ao ponto onde se encontra José. Estupefato, ele se vira para Tullia e diz: “Vê aquele grupo! Não se parece com aquele que deu motivo para nossa viagem? Nosso hospedeiro tem um menino nos braços, idêntico ao que já conhecemos!”

Neste instante o Pequenino pede para descer ao chão e corre ao encontro de Cirenius que O observa com atenção. A três passos distante do mesmo, Ele diz: “Cirenius, querido Cirenius, não vês como vim ao teu encontro? Por que não fazes o mesmo?”

Reconhecendo o Menino Jesus, o Prefeito e Tullia caem de joelhos e ele exclama: “Meu Deus, meu Senhor! Quem sou, para que Tu, meu Criador e minha Vida, que és Tudo para mim, venhas ao meu encontro neste lugar estranho?”

Responde o Pequenino: “Caro Cirenius, Minha Presença determina o local acertado, portanto estás no local do teu destino. Lá vem José, Maria, Eudócia, Meus irmãos e teus filhos adotivos.” Retrucou Cirenius: “Isto é por demais felicidade para mim!”, e começa a chorar de profunda emoção.

182. A Bênção da Cruz

Nessa altura, também José se aproxima com Maria, e ambos choram de alegria por reverem o amigo após dois anos de ausência. O Meninozinho então diz a Cirenius: “Basta curvares o teu coração, com amor, diante de Mim, enquanto os teus joelhos se mantêm retos. Não Me deves trair por tal atitude perante o teu séquito que ainda não Me conhece. Imita a atitude dos outros, inclusive tua esposa.”

Cirenius e Tullia se erguem, e ele, tomando Jesus em seus braços, diz a José: “Sê bem-vindo de todo coração! Quantas vezes a saudade se apossou de mim. Os negócios de Estado se avolumaram no decorrer desses dois anos de forma tal, que nunca tive tempo de cumprir essa exigência do coração.

Mesmo agora, em que isto pude fazer, quase sucumbi, não tivesse esse

Menino divino mandado um salvador! Quanta perseguição, traição etc., tive que suportar durante esse tempo. Mas sempre me lembrei que o Menino Jesus me havia dito que costumava puxar e beliscar os que Ele amava.

Realmente foram essas tempestades em redor de minha alma, nada mais que carícias de nosso Senhor. Sempre que uma onda se erguia contra mim, ameaçando tragar-me, era ela dizimada por outra, mais poderosa, restando apenas espuma. O mesmo ocorreu aqui. Após grande perigo que tentava tudo tragar, cheguei incólume, e me encontro em tua companhia abençoada."

Disse José: "A todo momento estava ciente do que te acontecia, e louvava no íntimo o Senhor por te querer tanto. Observa a Leste a cidade e reconhecerás tua própria residência. Que cuidem de teus navios, para seguirmos para lá, onde teremos tempo para palestras mais calmas."

183. Aventuras de Cirenius

Convencendo-se da exatidão do local, Cirenius disse: "Antes de seguir o teu conselho, temos que resolver dois assuntos. Primeiro, há a indenização régia de meu salvador; segundo, quero ser informado da possibilidade de ter sido lançado a essa costa. Desde Tyro percebi que um forte vento de Oeste se transformava em verdadeiro tufão que me impeliu durante dez dias, em alto mar! Quando ontem por volta de meia-noite, senti finalmente solo firme debaixo dos pés, supus encontrar-me perto das colunas de Hércules (Gibraltar). Ao invés disso, estou precisamente onde queria estar. Dá-me explicação a respeito."

Disse José: "Antes disso, manda examinar o teu navio; em seguida te darei informação, com a Graça do Senhor." Disse o Prefeito: "Me pareces tão estranho. Qual é tua intenção? Sempre deste grande importância ao sábado, e não compreendo por que me queres forçar para um trabalho. Esse Menino nos meus braços, certamente organizou o meu navio, razão, por que O amo acima de tudo. E foi Ele quem me proporcionou o salva-

mento. Não hei de me preocupar com a embarcação, mormente hoje."

Diz o Meninozinho, beijando o Prefeito: "José acaba de te experimentar em Meu Nome, porque querias indenizar a Jonatha, em vez de acompanhá-lo para a vila. Não deves recompensá-lo, pois Eu Mesmo sou sua recompensa. Segue com José para a vila, onde tudo te será esclarecido."

184. A Maneira pela qual o Senhor Conduz os Seus

Quando todos, com exceção da criadagem de Jonatha, se encontram na vila, José incumbe os filhos para prepararem um bom almoço, para o qual o primeiro entregou o carregamento dos peixes de qualidade. Entrementes, o grupo de amigos seguiu para o conhecido monte, onde se acomodou nas sombras de roseiras, mirtos e papiros. Eis que Cirenius se dirige para José perguntando se agora estava disposto a fornecer a desejada explicação.

Disse José: "Podes ouvir-me, pois aqui há tempo suficiente. O vento do Oeste representa a Graça divina que te impeliu com ímpeto para Aquele que seguras nos braços. Muitos há que desconhecem essa Graça e sua ação.

O mesmo se deu contigo. Não percebias a intenção da Graça do Senhor, julgando houvesse esquecido de ti. Somente quando julgavas estar perdido, Ele te salvou do perecimento. Essa foi e será eternamente a Ação do Senhor para com aqueles que se encaminharam para Ele e assim agirem no futuro.

Por que Ele teria usado esse meio? Pelo seguinte: Quando correu o boato em Tyro que pretendias viajar para cá, um grupo de amotinadores pagos queria assaltar-te em alto-mar. Eis que o Senhor mandou um forte vento que impeliu o teu navio com tamanha velocidade a não ser possível alcançá-lo. Os adversários, porém, não desistiram da perseguição, o que motivou que Ele transformasse Sua Graça em tufão fazendo com que eles se afogassem todos, enquanto tua embarcação encontrou lugar seguro.

Compreendes agora tua viagem marítima?”

185. Motivo Principal da Encarnação do Senhor

Após ter ouvido o relato de José, Cirenius se vira para o Meninozinho e diz: “Então foi tudo aquilo apenas manifestação de Tua Graça? Tu, cujo Nome minha língua jamais será digna de pronunciar, como deverei agradecer e louvar-Te? Que poderei eu, criatura tola, retribuir a Ti, Senhor, protegendo-me mais que ao Teu Próprio Coração?”

Responde o Pequenino: “Caro Cirenius, Meu Amor para contigo seria muito maior, se não tivesses o hábito de suspirar desse modo, diante de Mim. Que vantagem nos traz isto? Será melhor se fores alegre e Me amares como a todos, em teu coração.”

Diz Cirenius com ternura: “Ó minha Vida, então não posso orar para Deus, o meu Senhor?” Responde o Menino Jesus: “Certamente, mas não por meio de exclamações intermináveis, e sim, apenas em teu espírito, isto é, no amor para Comigo, e em Verdade, cuja Luz é projetada pela chama do amor.

Julgas Eu engordar e Me tornar mais poderoso e crescido através de tais orações? A fim de que os homens Me adorassem com seu amor, poupando as movimentações de sua língua, Eu Me projetei de Minha Natureza infinita para este Corpo. A oração labial degrada o adorador tanto quanto o adorado, por ser algo sem vida e pertencente aos pagãos.

Qual é tua atitude ao te encontrares em companhia de bons amigos e irmãos? Alegras-te e os cumprimentas segundo vosso hábito. Faze o mesmo Comigo, que jamais exigirei algo diferente.

Agora sê alegre e ocupa-te de teus filhos, para saberes o que já aprenderam. Assim terás alegria muito maior que se estenderá também para Mim, do que suspirando e exclamando sucessivamente.” Cirenius prontamente agiu deste modo, e sua satisfação foi grande ao receber resposta concisa dos filhos adotivos a todas as perguntas de conhecimentos gerais.

Os pequeninos também se sentiram mui felizes, pois Cirenius os presenteou, e louvou o mestre.

186. Forma e Natureza do Globo Terrestre

Nisto se aproxima o menino mais velho dos filhos adotivos de Cirenius e diz: “Pai Quirinus Cirenius, como soubemos responder a todas as questões feitas por ti, e sabendo o quanto te devemos pelo ensino, não estarias disposto a aceitar uma pequena retribuição de nossa parte?”

Sorrindo diante dessa oferta, Cirenius disse: “Caro Sixtus, teu oferecimento muito me agrada, todavia deves descrever o objeto, a fim de saber se posso aceitá-lo ou não.”

Disse o menino: “Não se trata de um objeto, e sim, de uma nova ciência, da qual certamente não tens idéia.” Disse o Prefeito: “Neste caso, podes presentear-me o quanto quiseres, que aceitarei tudo de bom grado.”

Prosseguiu o menino Sixtus: “Presumo não teres tido relato fiel da configuração do nosso globo, e desejava saber qual tua opinião a respeito.” Algo perplexo, Cirenius diz após certo tempo: “Tua pergunta me provocou grande embaraço, pois não posso fornecer-te resposta certa. Alimentamos várias hipóteses acerca da natureza de nosso planeta; tratando-se da realidade do mesmo, hipóteses de nada adiantam. Fala tu, para que possa julgar com critério.”

A um aceno de José, o menino apanhou com cuidado, o globo terrestre que o Meninozinho Jesus havia formado de uma laranja. Ao verificá-lo, Cirenius disse admirado: “Será este o presente mencionado? Havias dito que não se tratava de um objeto, e sim de uma explicação científica.”

Retrucou o garoto: “Realmente assim é; todavia não posso dá-lo a ti como presente por não ser meu. No entanto é ele necessário para que me possas entender.” Assim, começou Sixtus a discorrer sobre a natureza do globo com ajuda do modelo, de forma tal a provocar a maior admiração em Cirenius. Ao terminar, o Menino Jesus lhe disse: “Assim é. Para que

possas manter uma recordação a respeito, esse pequeno orbe será teu, até que em Meu Reino recebas um maior!”

187. A Ordem Divina

Sumamente contente com essa oferta, Cirenius diz, após ter analisado o globo de todos os lados: “José, eis uma prova evidente para todos nós, a respeito do Criador. Que seria mais difícil ao Onipotente: criar um mundo enorme, ou um pequeno para orientação do real? Creio que não haverá diferença.

Meu Deus, que plenitude infinita de perfeições variadas deve existir em Ti, por Te ser tão fácil a realização de tais milagres! Quem se aprofundar em Tua Natureza intrínseca, já é feliz na Terra. E quem Te ama no coração, pode-se considerar feliz para sempre.

Quão desprezível se me apresenta a ação fútil dos materialistas! Meu pobre irmão Augusto! Se possuísses o meu atual conhecimento, teu trono abalado te repugnaria! – Meu pequenino Jesus, minha Vida, meu Amor, não poderias demonstrar ao meu irmão, através de Tua Onipotência, quão fútil e terrivelmente imundo é o trono dele?”

Respondeu o Pequenino: “Cirenius, observa as criaturas da Terra, e hás de encontrar boas e más, em comparação a ti. Julgas que assim também sejam com relação a Mim? O leão é cruel e não poupa quem quer que seja, em sua ira. Porventura observaste essa atitude dele, frente a Mim? No teu íntimo respondes: De modo algum, pois o rei do deserto salvou-me a vida por duas vezes.

O mesmo acontece com teu irmão; não pode ser como tu, nem tu como ele. Dentro de Minha Ordem eterna fora necessário que Eu criasse seres de toda espécie, de sorte que teu irmão é o que é, e tu o que és. Se ele falasse: Senhor, desconheço quem sou e o que faço, pois Tua Força está em mim levando-me a agir segundo sua finalidade! – teu irmão seria justo como tu, e não haveria motivo para te preocupares com ele. No

Além serão reveladas as obras de cada um.

188. Prova Dolorosa de Cirenius

Enquanto Cirenius novamente se entretinha com o estudo do globo, o Meninozinho pediu para descer ao solo, a fim de pular um pouco no monte. O Prefeito o faz com cuidado e diz: “Minha Vida, minha Salvação e meu Ser! Posso soltar-Te apenas de minhas mãos, jamais, porém, de meu coração! Lá, vives somente Tu, pois és, unicamente, o meu amor! Realmente, eu tendo a Ti, o mundo inteiro me vale tanto quanto nada!”

Erguendo-Se do solo, o Menino Jesus diz: “Obrigas-Me a ficar contigo, muito embora quisesse correr um pouco, e isto, porque Me amas tanto! Se tivesses estudado constantemente o pequeno globo, tua companhia ter-se-ia tornado um pouco enfadonha; voltando teu coração inteiramente para Mim, impossível Eu Me separar de ti. Mas que dirá a tua esposa, ao saber que amas unicamente a Mim?”

Retruca o Prefeito: “Senhor, eu tendo apenas a Ti, que me interessam minha esposa e o mundo inteiro? Tudo isso não vale a menor moeda! Qual seria a felicidade maior do que amar-Te acima de tudo e ser correspondido nesse afeto sublime? Por isto, prefiro desprezar antes a Tullia do que renunciar ao Teu Amor!”

Diz o Pequenino: “Caso Eu te experimentasse em tua afirmação, julgas continuar neste sentimento?” Retruca Cirenius: “Segundo o meu atual estado de sentimento, poderias dizimar o mundo sob os meus pés e tirar-me a Tullia, por mil vezes, se fosse possível, – meu amor para Contigo seria sempre o mesmo!”

Neste instante, Tullia cai por terra, fulminada! Todos os presentes se assustam sobremaneira, e um deles traz suco de limão e água fresca, a fim de socorrê-la, todavia todos os esforços são inúteis. Vendo Tullia realmente morta, Cirenius cobriu o seu rosto de tristeza.

O Meninozinho, porém, lhe disse: “Cirenius, que se passa contigo?

O mundo ainda está inteiro, tua companheira não morreu por mil vezes, entretanto dás impressão de quem tivesse perdido tudo! Porventura não continuas tendo a Mim? Como podes sentir tamanha tristeza?"

Dando um profundo suspiro, Cirenius disse: "Ó Senhor, ignorava o quanto me foi cara a Tullia enquanto era minha, pois sua perda demonstra o seu valor! Por toda minha vida hei de sentir essa tristeza por ela que foi companheira tão digna e fiel!"

Eis que o Meninozinho dá um suspiro dizendo: "Ó criaturas caprichosas, como é fraca a constância de vosso coração! Sendo essa vossa atitude em Minha Presença, o que será Eu não mais estando em vosso meio? Cirenius, o que representei Eu para ti, há bem pouco, e o que sou agora?

Ocultas o teu rosto diante de Mim e do mundo, e teu coração está de tal modo entristecido que mal ouves a Minha Voz. Realmente te digo: assim ainda não Me mereces! Quem amar a sua esposa mais do que a Mim, não Me merece, porquanto sou mais que uma mulher, criada pela Minha Onipotência! Aconselho-te refletires melhor, futuramente, do contrário jamais hás de ver o Meu Semblante na Terra!"

Em seguida, o Meninozinho aproximou-Se de José e disse: "Manda levar a morta para o quarto e deitá-la no catafalco!" Inquiriu este: "Filhinho, ela não voltará a viver?"

Retrucou o Pequenino: "Não Me perguntes e faze o que Te disse, pois o Meu Tempo ainda está longe para chegar. Essa criatura enciumou-se quando Cirenius confessou o seu amor para Comigo. O ciúme e o juramento de amor a mataram tão velozmente!"

José cumpriu as ordens do Filhinho, enquanto os demais procuravam consolar o romano em virtude da súbita perda de sua esposa. Cirenius desvendou o rosto e falou qual herói: "Caros amigos, não me consoleis em vão; já encontrei o meu consolo no próprio coração, e não podeis dar-me um melhor. O Senhor foi Quem me deu essa criatura tão digna e acaba de ma tirar, pois é Ele o Senhor de toda vida. Por isto, tudo Lhe deve ser sacrificado, e Seu Nome Santo, eternamente louvado!

Não deixou de ser um golpe duro para o meu coração sentimental, no entanto, sinto-o mais vivificador para o meu espírito. Com isto, o

Senhor libertou-me, e eu Lhe pertenço inteiramente, livre de todos os laços terrenos, tornando-Se Habitante único de meu coração!"

Nisto, o Meninozinho Se aproximou novamente do Prefeito e disse: "Amém, assim será para sempre. Os anos terráqueos em que ainda agiremos na Terra, passarão qual sopro; em seguida estarás onde Eu estarei eternamente, entre os que Me amarem como tu! Assim será, para sempre!"

189. O Menino Jesus Elogia o Romano

Entrementes, os filhos de José vinham anunciar o preparo da refeição, e este inquiriu Cirenius se estava disposto a participar da mesma, não obstante sua tristeza. O romano respondeu: "Presumes eu sentir fome? Como poderia isto acontecer em companhia Daquele pelo Qual miríades de seres são constantemente saciados? Quanto à minha suposta tristeza, declaro da plenitude de meu amor para com o meu Criador: Como seria possível eu sentir tristezas na Presença Dele?

Se deitares uma semente de trigo no solo, onde se deteriora, Ele faz surgir cem! O mesmo se dá aqui. Quando tira **um**, restitui mil! Tirou-me a ciumenta Tullia, em compensação deu-Se a Si Mesmo a mim! Que recompensa infinita, por uma perda tão insignificante! Ao invés de minha esposa posso chamá-Lo eternamente meu, em meu coração!"

Retruca José: "Realmente engrandeceste diante do Senhor; foste pagão, e te tornaste melhor que muitos israelitas, e confesso que teu coração e tua boca me envergonham, pois nunca vi tamanha submissão à Vontade do Senhor!"

Nisto, o Meninozinho se ergue e diz: "José, sei por que te escolhi; todavia, nunca foste maior diante de Mim do que agora, quando confessaste tua fraqueza diante de um pagão. Tendo prestado testemunho a Cirenius de ser ele melhor que muitos israelitas, afirmo ser ele mais que Abraham, Isaac, Jacob, Moysés, os profetas, David e Salomon! As ações deles eram justas pela fé e o grande temor de Deus no coração. Cirenius

é o primeiro que foi despertado pelo Meu Amor, e isto vale mais que a antiga União, morta, enquanto ele é inteiramente vivo!

Conheces a maravilha do Templo em Jerusalém, obra da sabedoria salomônica; entretanto é ele morto como seu construtor que dava preferência às mulheres! Cirenius acaba de construir, com grande renúncia, um templo novo e vivo, para Mim, onde viverei eternamente, valendo mais que toda sabedoria de Salomon! A esta altura, Cirenius começou a chorar de felicidade, enquanto José e Maria gravavam essas palavras no fundo do coração, pois eram cheias de força e vida.

190. Ressurreição de Tullia

O Meninozinho, em seguida, disse a Cirenius: "Saciaste o teu coração para todo o sempre; no entanto, teu corpo está faminto, e necessitas de fortalecimento assim como também Eu tenho necessidade do mesmo. Voltemos à casa, onde saborearemos um bom peixe trazido por Jonatha. Confesso preferir peixes ao mingau sem sabor dos judeus, de sorte que já antegozo meu pedacinho.

Após o jantar, terás que brincar Comigo e com os teus filhos. Ainda não és velho, e poderás pular e saltar um pouco." Essa linguagem infantil tanto alegrou o romano, a ponto de esquecer a falecida, conquanto muitos aí a choravam e chegavam até mesmo a temer pelas faculdades mentais dele. O próprio Maronius o inquiriu a respeito de seu estado de saúde.

Tomando da palavra, o Meninozinho respondeu no lugar de Cirenius: "Não te preocupes com Meu amigo, que nunca esteve tão livre de loucura como agora. Desejava que fosses tão sadio como ele, pois em tal caso não farias semelhante pergunta em Minha Presença. Vamos à mesa, quiçá te cure um bom pedaço de peixe."

Passada a refeição, apreciada por todos, o Pequenino pediu ser levado ao ar livre, para brincar com Cirenius e os demais meninos. Maria, porém, obtemperou: "Meu Filhinho, agora não é possível brincares. Primeiro, é

sábado; segundo, temos um defunto que exige respeito e discrição."

Retrucou o Pequenino: "Mulher, que espírito te faz falar deste modo Comigo? Seria o sábado mais do que Eu, – e a morta, mais importante que Minha Vontade? A fim de que vejas, estar Eu acima de ambos, e não podendo ela impedir a Minha Alegria, – que desperte!"

A essas palavras, a defunta se ergueu do leito mortuário e se dirigiu para o refeitório. O Meninozinho mandou que lhe dessem algo para comer, e em seguida acompanhou o romano ao ar livre, enquanto os demais se admiravam da ressurreição.

191. Competição de Corrida entre Cirenius e Jesus

Uma vez fora de casa, o Meninozinho disse a Cirenius: "Qual será a distância daquela árvore até aqui?" Respondeu o romano: "Cerca de duzentos passos." Prosseguiu Jesus: "Vamos apostar corrida para nos certificarmos quem corre mais!"

Protestou Cirenius: "Senhor, com a força natural chegarás por último até a árvore." Disse o Pequenino: "Façamos a experiência!" Ambos se metem a correr com toda a energia, e Jesus era o primeiro a chegar. Quase sem fôlego, Cirenius disse: "Senhor, sabia que não havias de correr naturalmente portanto ganharias a aposta. És carregado por forças invisíveis, enquanto a mim, apenas meus pés preguiçosos carregam."

Disse Jesus: "Enganas-te, Cirenius; pois teus pés são animados tanto quanto os Meus, por forças invisíveis. A diferença existe em Eu ser um Mestre, tu, apenas um aluno das forças. Vamos apostar quem chega primeiro diante da casa."

Rápido, Cirenius se curvou, apanhou o Pequenino e correu com Ele em direção à casa. Lá chegando, Jesus sorriu e disse: "Isto foi divertido, provando tua perícia. Descobriste o Mestre e apanhaste-O, tornando-te igualmente mestre. Eis o ensinamento: No futuro, ninguém se fará mestre por seu próprio esforço; somente quando aceitar o Mestre, ele o será

em virtude dessa aceitação.

Pouca importância tem quem pode correr mais velozmente; entretanto, deve cada um se esforçar para alcançar a meta por Mim determinada, em primeiro lugar. Quem iniciar a carreira da vida com o esforço próprio, será o último. Mas quem agir como tu, na segunda corrida, será o primeiro a chegar ao destino! Agora passemos a um outro jogo, para nos divertirmos de fato!"

192. O Jogo Educativo

Em seguida, o Menino Jesus Se vira para Sixtus, filho mais velho de Cirenius, e diz: "Faze dez covinhas, com distância de um palmo no caminho pisado. Já sabes sua finalidade. Depois trarás as dez bolinhas feitas de barro por Jacó para nosso divertimento. Já sabes como deve ser feito o jogo, pois foste tu a Me ensinar."

Sixtus faz imediatamente o que o Meninozinho ordena e quando tudo está pronto Ele diz para Cirenius: "Podes soltar-Me para te mostrar e explicar como funciona este jogo. As demais crianças nada devem opor à Minha Explicação dada a ti.

Trata-se do seguinte: Deves postar-te a três passos desta covinha e em seguida jogar uma bolinha. Se conseguires jogá-la dentro da décima, portanto última covinha, serás rei do jogo. Se atingires a nona, serás um ministro; na oitava serás um marechal de campo; na sétima serás governador; na sexta um juiz; na quinta um sacerdote; na quarta um lavrador; na terceira serás pai, na segunda serás mãe e na primeira um filho. Tão logo as covinhas estiverem ocupadas, explicarei o prosseguimento do jogo."

Sorrindo, Cirenius apanhou a bolinha, atirando-a pelo trajeto e ela rolou diretamente na primeira covinha. E o Meninozinho perguntou: "Estás satisfeito com tua posição? Do contrário poderás, como principiante, fazer mais dois lances."

Disse Cirenius: "Minha vida, meu Jesus, ficarei onde estou." Con-

clui o Meninozinho: “Bem, que todos então façam o seu jogo, que serei o último a jogar.”

As crianças começam a jogar suas bolinhas sem ocupar todas as covinhas, pois às vezes duas ou três caem nas mesmas covinhas. No final o Meninozinho fez o seu jogo e caiu, como sempre, na décima.

Isto aborreceu uma menina que disse: “É preciso que o pequeno Jesus se torne sempre um rei?!” E Este respondeu: “Por que te zangas, se jogaste antes de Mim e és tão desajeitada? Não te enraiveças Comigo, do contrário farei surgir um camundongo que tanto te apavora.” A menina nada mais disse e se satisfez sozinha na segunda covinha.

No entanto, a nona, oitava, sétima e sexta covinhas estavam desocupadas, levando Cirenius a dizer para Jesus: “Minha vida, ainda não temos ministro, marechal, governador, nem juiz. Quem assumirá estes cargos importantes?”

Responde o Meninozinho: “Eu Mesmo os ocuparei porque ninguém o fez, pois todos os cargos desocupados têm que ser assumidos por alguém, contando pela covinha do rei. Se a do ministro estivesse ocupada, os três demais postos seriam dele. Assim não sendo, as quatro covinhas são da responsabilidade do rei. Como todas as covinhas acabam de ser ocupadas, passemos ao jogo em si.”

192A. Prosseguimento do Jogo

Prossegue o Meninozinho: “Como sou Rei, todos terão que Me obedecer; portanto, ouvi Minhas leis. A covinha do sacerdote deve ser sábia, séria e boa. Se tu, ou algum outro, rir, será destituído de seu ofício fazendo jus ao castigo.

Tu, covinha do lavrador, sê ativa; se fores indolente, hás de passar fome. Tu, covinha do pai, sê amorosa para com teus filhos e educa-os com justiça, do contrário serás ridicularizada por eles. Tu, covinha maternal, sê caseira e cheia de temor de Deus, a fim de que os filhos que ainda

alimentas ao seio, se tornem sábios. E tu, minha covinha infantil, boazinha e querida, continua como és, isto é, constante professora dos sábios, para a Sabedoria em Deus.

Tais são as leis que devem ser cumpridas estritamente. Alguém querendo receber uma Graça de Mim, terá que vir de joelhos! Agora ide e agi, e deixai-Me sozinho. Tu, Cirenius, terás de acompanhar pai e mãe, por seres criança."

Começa então o jogo, e uma menina, e um garoto como sacerdote, se postam com gravidade em um ponto mais elevado. Em seguida, se afastam duas meninas e um menino como lavradores, ocupando-se no solo num trabalho aparentemente muito importante. Outro casal, segurando-se pela mão, representam o pai, por ser o pai, no coração, igualmente mãe, a fim de se tornar justo progenitor. Em seguida, encaminhou-se a mãe, sozinha; no final, saiu o filho, isto é, Cirenius.

A mãe, porém, receou dirigir-se ao filho, para dar-lhe sábios ensinamentos. Por isto, ela voltou junto ao Rei e pediu-Lhe a Graça de lhe conceder outro posto. O Rei a enviou aos sacerdotes que começaram a rir, ao verem a mãe correr junto deles. Imediatamente, o Rei chamou os sacerdotes, destituiu-os do cargo e incluiu-os entre os lavradores.

Os lavradores, por sua vez, começaram a discutir e arengar levando o Rei a ajustá-los e criando a paz entre eles. Eis que se apresentou novamente a mãe pedindo outro posto. E o Rei disse: Como representas o amor em sua sabedoria, deves ser o sacerdote!

Nisto se manifesta o pai queixando-se de não ter mulher, porquanto a mãe se tornara sacerdote. E o Rei disse: Toma o filho, e sê o que é a mãe! – Assim foi. Todavia o sacerdote começou a exigir fortes manifestações de respeito, por parte dos lavradores, e tudo caiu em confusão, levando o Rei a convocar a todos, dizendo: "Vejo que sois desunidos, por isto faremos outra jogada!"

193. Cirênius Se Encontra na Covinha do Ministro. Insatisfação da Garota. Recurso Eficaz do “Rei”. O Milagre do Camundongo

Cirenius foi novamente o primeiro a atirar a bolinha que atingiu a nona covinha, provocando a seguinte observação dos filhos adotivos: “Pai Cirenius, isto foi demais! Pular da criança ao ministro, na primeira tirada! Numa outra tentativa certamente alcançarás a covinha real!”

Retrucou Cirenius: “Meus filhos, já me dou por satisfeito com essa posição. Chegou vossa jogada. Tomai as bolinhas e procurai atingir a covinha infantil, a mais apropriada para vós!”

Sixtus foi o primeiro a jogar, penetrando na covinha das crianças, para sua grande alegria. A menina mais velha atirou a bolinha na covinha maternal. Revoltada, queixa-se ela de ser novamente a mãe! Jesus Menino, apanhou a bolinha, devolveu-a à menina e disse: “Joga outra vez, insatisfeita! Trata, porém, de não te tornares novamente mãe.”

Ela faz outra tentativa caindo sua bolinha na mesma cova. Por isto começa a chorar de raiva. Eis que Jesus Menino dela se aproxima e diz: “Ó criatura dominadora! Realmente, em ti não se oculta a natureza original da mulher! Que farei contigo, natureza ofídica e pata de leoa? Que apareça um camundongo para te martirizar, a fim de que modifiques tua atitude para Comigo!”

A menina cai de joelhos e exclama chorando: “Querido Jesus, peço-Te não chamares camundongo ou rato, que me apavoram horrivelmente! Prefiro ser mil vezes, mãe, a ver um ratinho, apenas!”

Retruca Jesus Menino: “Por esta vez te pouparei o camundongo; mas se continuares a resmungar, virão dez para farejar os teus pés!” A menina, então, se aquietou observando com paciência o jogo das outras crianças, e até mesmo não criticou, quando outra menina ocupou a covinha de pai, fato que sempre a aborrecia, pois devia ser ocupada por um rapaz. No final, ela arremessou sua bolinha que caiu na covinha das crianças. Com raiva, chegou a morder os lábios. Jesus sorriu, apanhou um

pequeno galho com o qual tocou todas as bolinhas, soprou por cima das covinhas, e no mesmo instante se encontrava um camundongozinho, em cada cova.

Vendo esses animaizinhos, a menina começou a gritar de horror e fugiu. Nisto apareceu José, dizendo: “Meu filho, que fizeste com ela, a ponto de gritar desta forma?” Respondeu o Pequenino: “É, como sempre, invejosa; por isso, a assustei com alguns ratinhos!” José sorriu e foi acalmar a menina, enquanto as outras crianças continuavam o jogo, pois nada percebiam dos bichinhos.

194. Palestra entre Jesus e a Menina Teimosa

Após certo tempo, a menina voltou, e Jesus Menino perguntou-lhe se queria continuar o jogo. Retrucou ela: “Quero assistir apenas, pois facilmente me aborreço e temo tua reação com ratos e camundongos.”

Disse o Meninozinho: “Por que és tão tola a te aborreceres com coisas sem importância? Satisfaze-te com teu destino, que jamais serás importunada por bichinhos. Observa a Mim. Sou sempre o último a jogar e não Me queixo, muito embora Me caiba a primazia. Por que te lastimas, se, como menina, devias ser a própria paciência?”

Retruca ela: “Que culpa me cabe se tenho essa têmpera? Sou como sou, por isto prefiro não brincar, evitando que me castigues com camundongos.”

Virando-Se para o outro lado, Jesus Menino disse de Si para Si: “Vê, os filhos do mundo reagem contra Ti e criticam Tua Obra, neles mesmos, por não Te conhecerem! Aguardemos mais duas jogadas, e os filhos do mundo hão de pensar de Ti, de modo diferente!”

Voltando-Se novamente para a menina, prosseguiu: “A quem atribuis a culpa de teu aborrecimento e a insatisfação de teu atual destino?” Respondeu ela: “Realmente, quando começas a fazer perguntas, não encontras fim tornando-Te horrivelmente incômodo! Como posso saber a quem cabe responsabilidade de ser eu como sou? Tu mesmo és pequeno

profeta e menino prodígio que podes falar com Deus. Se for possível, pergunta a Ele que saberá melhor da razão de minha índole.”

Aproximando-Se dela, Jesus Menino disse: “Falarias de modo diferente se Me conhecesses. Vê o Sol. Que idéia fazes dele e de quem recebe o seu brilho?”

Perdendo a paciência, a menina disse: “Por que havias de escolher a mim, para me martirizar com tuas perguntas? Lá se acham mais sete crianças, às quais não importunas. Aproxima-Te delas e procura importuná-las com tuas questões contínuas!”

Esclarece o Pequenino: “Aquelas são sadias e dispensam remédios; tu és enferma na alma, por isto tinha vontade de ajudar-te se não fosses tão obstinada! Guarda bem: Se um anjo dos Céus de Deus tivesse a Graça de ser inquirido como acabo de fazer contigo; incendiar-se-ia de imensa felicidade, a ponto de destruir a Terra toda com o fogo de seu amor! Afasta-te de Mim, não te quero mais por seres tão obstinada e teimosa!” A menina se afastou e chorou sozinha, enquanto Jesus prosseguiu a dirigir Seus amiguinhos, como Rei.

195. Terceira e Quarta Jogadas

No decorrer da segunda jogada, surgiram novas arengas entre os competidores. O ministro era por demais temido, de sorte que o general, o prefeito e o juiz não se atreviam a reagir contra ele, mas, intimamente reclamavam contra tal ordem. Havia justamente algumas meninas que faziam papel de prefeito e juiz, e não estavam satisfeitas porquanto nada podiam fazer sem o consentimento do ministro. Apenas Sixtus, na covinha das crianças, estava inteiramente contente.

Jesus Menino percebeu essa desunião, convocou a todos, distribuiu as bolinhas e organizou a terceira jogada, na qual Cirenius caiu na covinha de rei, e o Menino Jesus, na covinha das crianças, e todas elas sentiram uma grande alegria que o Meninozinho de dois anos e quatro meses,

também tivesse a sorte delas.

E a menina teimosa voltou e Lhe disse: “Eis o lugar certo para ti, e me alegro que também ingressaste nessa covinha enfadonha!” E o Pequenino respondeu: “Vê, a covinha de ministro ainda está vazia. Atira uma bolinha, talvez tenhas sorte de ingressar lá.” Ela assim fez e conseguiu realmente jogar a bolinha na covinha de ministro. Toda rubra de alegria por ver satisfeita sua ambição, ela disse gracejando: “Vê lá, meu Jesus, se fores desobediente, hei de castigar-Te.”

E o Menino Jesus retrucou: “Sabes que as crianças são livres da lei; portanto queria saber tua intenção para Comigo.” Disse ela: “Aguarda o início do jogo, e saberás se o ministro tem poder sobre crianças.”

Cirenius, como rei, distribuiu o jogo, e todos se dirigiram aos seus lugares, para executarem seu ofício. O ministro, porém, instigava os sacerdotes contra o Menino Jesus, para evitarem que Ele Se achegasse do magistrado. Assim também as outras classes não davam ouvidos ao Pequenino, que Se queixou junto dele da perseguição. E o rei respondeu: “Ó Senhor, não tenho muita prática nessas regras que não impediram se estabelecesse a desordem, de sorte que eu podia convocar os pequenos, para uma nova jogada.”

Disse Jesus: “Sim, Cirenius, uma nova e última! Chama as crianças, para fazermos a última experiência!” Uma vez distribuídas as bolinhas, o jogo é feito e todas, inclusive Cirenius, atiram as bolinhas na covinha das crianças; somente Jesus atingiu a de rei.

Eis que Sua covinha começou a se tornar incandescente e Sua Bolinha iluminava qual Sol. E Jesus apanhou a bolinha radiosa e a deitou na covinha de pai e disse: “Cirenius, percebes o sentido deste jogo?” Respondeu o romano: “Ó Senhor, minha Vida, como poderia entendê-lo?” E o Pequenino retrucou: “Ouvi-Me, todos vós, pois hei de esclarecê-lo totalmente.”

196. Diversas Tentativas de Salvação

Qual professor sábio de uma sinagoga, Jesus começou a falar: "Eis o significado desse jogo: Desde a Criação, e mesmo antes dela, Deus foi Senhor de Eternidades. O primeiro jogo: Os espíritos primitivos despertam e não querem submeter-se à Glória de Deus, não havendo ordem no jogo, que durou de Adam até Moysés.

A menina teimosa é o amor e o mundo, sendo que este despreza o amor. Em tempos de Noé, ele é punido com ameaças, assim como a menina é castigada com os camundongos. Mas o mundo não se emenda, e cai novamente na idolatria, exigindo altares, divindades visíveis e cerimônias.

Eis que o Senhor convoca novo jogo dando-se um segundo lance. No início parece equilibrar-se; bastou, porém, os homens virarem as costas para Moysés, e criou-se o bezerro de ouro! Com isto, a menina começa a brigar de verdade, sendo castigada realmente. Deste modo foi o dilúvio antes uma forte ameaça do que um castigo verdadeiro.

A punição do povo no deserto, foi realmente um castigo, pois se dera pelo fogo, como outrora em Sodoma. Após o lance, portanto, começa o jogo, inicialmente equilibrado, em virtude do temor; pois neste jogo falta a mãe, o amor, que se afastou porque não lhe foi permitido dominar. Esse jogo moisaico durou até hoje, triturado através de revoltas e o constante pavor.

Novamente o Senhor convoca o pequeno grupo; o lance é feito, e o Senhor Se torna criança. Eis que se aproxima o amor demonstrando certo prazer pela posição impotente do Senhor. O amor faz o seu lance conseguindo alcançar o primeiro degrau do trono.

Lá, o amor persegue o Senhor até a morte, não Lhe dando paz durante mil e novecentos anos, instigando todos contra Ele. Eis que o domínio mundial percebe não ser possível continuar-se neste molde.

Dá-se, então, um último lance! O Senhor volta a ser o antigo Soberano; a posição Dele é cheia de zelo apaixonado, e Seu Lance cheio de Graça! E todo povo, desde o estado infantil, reconhecerá o Pai quando

Ele Se aproximar com todo Seu Poder de amor! Será o último lance, pois o Pai será eternamente Pai! – Eis o sentido deste jogo. Agora segui-Me à casa, para vermos o que faz Tullia!"

197. Quadro Profético do Culto Mariano em Roma

Quando o grupo infantil volta à casa, não houve quem o observasse, pois todos estavam ocupados com Tullia. Alguns a consolavam, outros, dela cuidavam com excessivo zelo, temendo uma possível recaída total. Inclusive Maria e Eudócia dela se ocupavam e lhe traziam toda sorte de fortificantes e refrigerantes, enquanto os filhos de José se entretinham com a ceia.

Somente José e Jonatha, sentados em um recinto à parte, se levantaram, para receberem as crianças e Cirenius. O Menino Jesus Se aproximou de José, dizendo: "Quanto tempo essas tolas irão consolar e confortar a Tullia ressuscitada? Já vive há bastante tempo e não morrerá antes de sua época."

Disse José: "Que importa? Deixemos-lhes esse prazer que nada perdemos com isto." Retruca Jesus: "Realmente assim é. Uma coisa, porém, é certa: Se a ressuscitada merece tamanha admiração, o Ressuscitador não devia ficar para trás!"

Obtempera José: "Não resta dúvida, meu Filhinho. Mas que devo fazer? Se Te apresentar como Ressuscitador, denunciar-Te-ia antes do tempo aos que ainda não Te conhecem. Se lhes incutisses na alma tal conhecimento de modo milagroso, estariam julgados. Deixemo-los, portanto, como são, enquanto continuaremos isolados, em espírito e verdade. Quando se tiverem cansado com a romana, virão de modo próprio, para nos fazerem companhia."

Conjetura o Menino Jesus: "Eis um quadro do futuro. De igual modo, os que se acharem sob nosso teto, hão de se entreter com a romana morta, em virtude das coisas materiais, e Maria terá muito que fazer

com a romana e os romanos. No entanto, os que se acharem em nossa casa não serão companheiros, e sim, o que são hoje, isto é, pagãos que não Me considerarão, mas unicamente a Maria!

Meu grupo verdadeiro será pequeno e oculto, para todos os tempos da Terra! Tullia foi mendiga cega e conseguiu a visão através da Minha Água Viva, e só então se tornou primeira dama do grande reino pagão. Como fosse ciumenta, a morte a atingiu. Novamente foi despertada; agora vive sem tomar conhecimento de Minha Pessoa. Porventura devo chamar-lhe a atenção para Mim, por intermédio de um julgamento? Esperarei por algum tempo, para ver se a romana não se anima a levantar-se e aproximar-Se de Mim, Seu Ressuscitador. – Compreendeste o quadro, José?"

198. Importância Universal da Encarnação do Senhor

Respondeu José: "Meu Filhinho divino, compreendi perfeitamente; mas devo confessar que fizeste uma predição não mui agradável. Se antes e após Tua Vinda à Terra, a maior parte da Humanidade continuará a ser pagã, – para que finalidade se deu a Tua Encarnação? Para que tamanha degradação de Tua Eterna Santidade? Pretendes socorrer somente a alguns? Por que não a todos?"

Disse o Meninozinho: "Ó José, que quantidade de perguntas tolas! Nunca observaste o Céu estelar? Vê, cada estrela que avistas é um corpo cósmico no qual habitam criaturas livres como aqui. E inúmeros existem que jamais foram vislumbrados pelos mortais, e a todos eles se destina a Minha Vinda! O como e o porquê, conceberás com máxima clareza, em Meu Reino.

Portanto não te admires Eu ter feito tal predição a respeito dos homens desta Terra; possuo inúmeros e todos necessitam de Minha Descida dos Céus, pois Minha Própria Ordem eterna, da qual surgiram todos os mundos, deles necessita.

Dar-se-á, portanto, na Terra o que te anunciei. Todavia, a finalidade eternamente santa desta Minha Descida dos Céus, não será em vão. Todos os mundos, sóis e planetas têm suas órbitas infinitamente variadas. Em toda parte regem outras leis e outra ordem. No final, todos se enquadram em Minha Ordem Original correspondendo à grande finalidade principal, como os membros do corpo físico e suas aptidões.

O mesmo sucederá com as criaturas terráqueas que no final reconhecerão em espírito que existe apenas Um Deus, Um Senhor, Um Pai e Uma Vida perfeita, somente Nele! Como e quando? Essa resposta fica com Aquele que acaba de falar-te a respeito.

Antes, porém, muitos ventos terão que soprar sobre o solo da Terra, muita água jorrará do Céu e muita madeira será queimada, até que se possa dizer: Eis **Um** rebanho e **Um** Pastor, **Um** Deus e apenas **Um** Homem entre inúmeros. **Um** Pai e **Um** Filho dos inúmeros e infinitos!"

Esse discurso do Menino Jesus provocou pavor entre Cirenius, Jonatha e José, e o último disse: "Meu Filhinho, Tuas palavras se tornam cada vez mais incompreensíveis, maravilhosas e apavorantes! Quem entenderia a sua profundeza? Fala conosco segundo nosso entendimento, do contrário sucumbiremos!"

O Pequenino sorriu e disse: "José, precisamente hoje estou disposto a fazer revelações que vos provoquem arrepios e haveis de perceber que em Mim habita o Senhor de Eternidades, encontrando-Se em vosso meio!"

199. Prosseguimento das Revelações de Jesus

E o Menino Jesus prosseguiu: "José, que Me dirás se os filhos do mundo se apoderarem do Senhor e O matarem com ajuda de Satanás; se for arrastado diante da justiça do mundo, onde o espírito do inferno age a bel prazer? E essa justiça irá pregar na cruz, o Senhor de toda Glória; que dizes a isto? Se Lhe suceder o que predisseram os profetas, cujas palavras são de teu conhecimento; qual tua opinião a respeito?"

Quando os três amigos ouviram tais palavras do Meninozinho, assustaram-se sobremaneira, e José protestou com violência: “Meu Jesus, Filhinho divino, tal horror não pode suceder a Ti! A mão que ousar tocar-Te será amaldiçoada, e a alma dessa criatura pagará seu ultraje com os piores martírios!”

Cirenius e Jonatha concordam com José, e o primeiro diz: “Se isto for possível, serei, a partir de hoje, o pior tirano! Duzentos mil soldados experimentados obedecem às minhas ordens, e basta um aceno, para levarem morte e destruição ao mundo! Antes que um diabo atrevido aponha suas mãos nesta Criança, mandarei matar todas as criaturas da Terra!”

O Meninozinho sorriu e disse: “Neste caso, sobrariam teus soldados; quem os levará para o outro mundo? Caro Cirenius, quem conscientemente pratica injustiças, é pecador pela ação maldosa; mas quem ignora o que faz, será perdoado pela injustiça praticada. Somente quando alguém souber o móvel de sua ação e não se opuser ao mal ao ser coagido, torna-se escravo do inferno e atrai para si o julgamento.

O inferno sabe perfeitamente ser mais fácil tratar-se com instrumentos cegos do que com elementos conscientes; por isto mantém constantemente os cegos a seu soldo, e serão precisamente estes que pregarão o Senhor da Glória, à cruz!

De que modo poderias castigar o cego que se ferisse na estrada e na queda até mesmo quebrasse mãos e pés? Por isto convém desistires de teu poderio que provocaria antes desgraça do que benefício na Terra! Estejas certo que Aquele que os homens matarão em sua cegueira, não será morto em Espírito, Força e Poder, pois ressuscitará em breve, em virtude de Sua Onipotência, e somente com isto abrirá o caminho para a vida eterna, para todas as criaturas!”

As palavras alteradas de Cirenius haviam despertado a atenção do grupo que rodeava a Tullia, mas Jesus o afastou dizendo: “O que se passa aqui, não se presta para vós, cegos!”

200. Triste Predição para o Futuro do Senhor

Entre os que foram rejeitados encontravam-se também Maria, Eudócia e Jacó, e a primeira insistiu para entrar e se aproximando de Jesus, disse: “Meu Filhinho, como és terrível! Se desde já me expulsas, que farás quando fores homem? Não podes ser tão mau com aquela que Te carregou no ventre, com imenso pavor e martírio!”

O Meninozinho fitou a Maria com amor e disse: “Por que Me chamas de teu filho? Esqueceste o que o anjo te disse? Como devias chamar Aquele que iria nascer de ti? Disse ele: Será Filho de Deus e Se chamará Filho do Altíssimo! Se assim é, como Me chamas de teu Filhinho? Se fosse Eu teu filho, dedicar-te-ias mais a Mim do que a Tullia! Não sendo Eu teu filho, está ela mais próxima ao teu coração que Eu!

Quando volto à casa depois de pular e brincar lá fora, ninguém Me recebe de coração ardente e braços abertos, sendo qual pão de cada dia para empregados e serventes; mas quando aqui chega uma bisbilhoteira da cidade, é imediatamente recebida com todas as honras!

O mesmo se deu com Tullia que de Mim recebeu a vida e é por vós tratada com a máxima atenção, a ponto de vos inclinardes diante dela! A Mim, o Doador da Vida, nem dais atenção! Estaria isso dentro da ordem? Não sou mais importante que qualquer bisbilhoteira semelhante a Tullia? Alegrai-vos, Meus futuros seguidores! O que se passa Comigo, será também vosso destino! Vossos mecenas vos levarão a um canto qualquer, quando receberem visitas dos bisbilhoteiros!” – Essas palavras penetraram profundamente no coração de Maria e daí por diante mudou de atitude.

201. Queixas do Menino Jesus

Jacó, que também tinha ouvido as queixas de Jesus Menino, Lhe disse: “Meu querido irmãozinho Jesus! Quando Te irritas Te tornas insu-

portável! Talvez queiras dar também a mim, admoestação semelhante à que aplicaste à Mãezinha? Então hei de chorar porque não me convidaste para o jogo, pois participaria de todo coração!"

Respondeu o Meninozinho: "Não te preocupes com esta possibilidade, porquanto conheço tua constante atenção para Comigo. Além do mais, é nossa sorte muitas vezes, a mesma. Ao voltares de um passeio, até mesmo da cidade, onde tiveste compras a fazer levando-Me contigo, não há quem nos receba. Saímos sem acompanhamento e voltamos sem ser notados. Mas se nos atrasarmos um quarto de hora, a reprimenda é bastante forte e também não temos direito de nos mexer. E caso as palestras atinjam vários assuntos, porventura fazemos parte dos que merecem algumas palavras?

Se um conhecido anuncia sua visita para determinado dia, todos se alegram três dias antes, estendendo o assunto por três dia após. Tanto a recepção como a despedida são cordiais, da parte de toda a família. Durante a visita de tal mexeriqueiro, a ordem é a seguinte: Jacó, leva o Meninozinho lá para fora! – Obedecemos, naturalmente, e não nos é permitido voltar até que o referido visitante se digne despedir-se, sendo levado até a porta, por todos os acompanhantes.

Somente quando vêm Cirenius e Jonatha, crescemos em importância, caso assuntos mais interessantes não o impeçam. Por isso não te preocupes por Eu te dizer algo que te ferisse; encontramo-nos em pé de igualdade quanto ao conceito e amor! Se passamos o dia todo sem nos mexer, dizem que somos comportados; e esta observação representa toda nossa recompensa! Estás satisfeito com isto? Eu não!"

Ao ouvirem essas palavras, José e Maria se atemorizaram. O Meninozinho os acalmou e disse: "O passado passou! É preciso mudar algo para o futuro!"

202. Diferença entre Aparência e Prudência

Em seguida, José se dirigiu para o Meninozinho: “Presta atenção ao que digo, pois não o faço por Tua causa, mas pelos que aqui estão. Sei perfeitamente que conheces a fundo os meus pensamentos mais ocultos e não necessito informar-Te.

É verdade que, às vezes, manifestávamos indiferença para Contigo; entretanto, era apenas uma máscara de nosso respeito e amor, a fim de que não fosses conhecido antes do tempo perante o mundo cruel. Quem melhor do que Tu conhece o mundo? Portanto saberás que nossa atitude tinha que ser essa mesma, para nossa segurança. Assim Te peço que perdoes certa aparente frieza de nosso coração que todavia se incendeia em Tua Presença. Para o futuro, agiremos abertamente segundo nosso sentimento.”

Eis que respondeu o Menino Jesus: “Falaste certo, José; entretanto existe grande diferença entre máscara e prudência. A máscara esfria a alma, enquanto a prudência a esquenta. Para que fim usar a máscara, se a prudência tem ação satisfatória? Para que a simulação, onde a sabedoria natural oferece milhares de recursos de segurança?

Porventura não sou o Senhor a Quem obedece o Cosmos total, a um simples aceno, porquanto é apenas um pensamento fixado, qual palavra pronunciada por Minha Boca? Se sou o Senhor Único e Verdadeiro, como poderia tua simulação psíquica, ser de maior efeito que um mundo cheio de Minha Onipotência? Basta um sopro de Minha Boca, – e a Criação visível deixaria de existir! E achas Eu necessitar de tua simulação para proteger a Mim e a ti, da perseguição do mundo? De modo algum!

Não sou levado pelo medo a ocultar-Me diante do mundo, mas unicamente por causa do julgamento ao qual ele seria submetido, caso Me reconhecesse em sua maldade. Sede, no futuro, bastante prudentes, em virtude da salvação do mundo; mas deixai-Me em paz com a máscara que em sua melhor posição não deixa de ser criação do inferno. E tu, Maria, volta ao teu amor primitivo; do contrário, hás de sentir muita tristeza por Me haveres tratado com frieza através da máscara de teu cora-

ção!" Essas palavras partiram o coração de Maria que apertou o Filhinho, acariciando-O com todo calor de seu afeto maternal.

203. A Enorme Diferença entre o Amor Humano e o Amor de Deus

Depois de se ter entregue a esse carinho sublime por certo tempo, Maria perguntou toda medrosa: "Meu Jesus, hás de me amar novamente, Tua serva, como eu Te amarei por todo o sempre?"

Sorrindo com amor, o Meninozinho disse: "Que pergunta mais tola! Se Eu não te amasse **mais** do que tu a Mim, que seria de ti? Ainda que Me amasses com o calor de todos os sóis, tal amor comparado ao Meu Amor, nada representaria, pois amo em Minha Ira, o homem mais perverso. Minha Ira é Amor mais intenso que teu sentimento mais elevado. Se assim é, o que vem a ser o Meu Amor que te dedico?

Como te poderia ter escolhido para Minha Genitora, se não te amasse mais do que toda Eternidade compreenderia? Vês quão fútil foi tua pergunta? Agora chama a Tullia, pois tenho coisas importantes a falar-lhe."

Imediatamente Maria obedeceu trazendo a esposa de Cirenius amedrontada para junto do Meninozinho, que lhe disse: "Tullia, ressuscitada, ouve-Me! Em tempos passados existia um grande rei, solteiro, de beleza masculina e dotado de sabedoria divina. Certo dia resolveu o seguinte: Procurarei uma esposa em um país estrangeiro, onde não sou conhecido. Desejo uma criatura que me ame porque sou homem sábio, e não em virtude de minha descendência régia!

Assim partiu ele para uma cidade distante e em breve fez conhecimento de uma família, cuja filha ele escolheu. Ela muito se agradou com isto, pois descobrira no pretendente uma profunda sabedoria. O rei, porém, pensou: Tu me amas porque meu físico e minha sabedoria te prendem; todavia quero certificar-me se me queres em verdade.

Hei de me disfarçar de mendigo, importunando-te seguidamente,

sem saberes ser eu o mendigo. Trará ele uma prova minha como se fora meu amigo íntimo, todavia tão pobre quanto eu. Então haveremos de ver se me amas realmente.

O plano foi prontamente executado, pois passado algum tempo, em que o rei viajara aparentemente, o mendigo visitou a moça dizendo-lhe: “Estimada filha dessa família abastada, minha situação é mui diferente da tua, que sou pobre. Quando teu noivo viajou, eu me encontrava no portão da cidade e lhe pedi um óbolo.

Ele parou e respondeu: Amigo, aqui nada tenho para te dar, senão este presente de minha noiva mui rica. Apresenta-lhe o mesmo em meu nome, que te dará sem dúvida o que necessitas, quer dizer, o mesmo que havia de dar a mim. Quando eu voltar dentro em breve, eu lhe restituirei tudo, por mil vezes!” – Ouvindo isso, a moça se sentiu mui feliz e auxiliou o mendigo. Decorridos alguns dias, ele voltou e se fez anunciar à moça. Ela mandou que ele voltasse oportunamente, pois estava com visita.

Novamente o mendigo voltou à residência e pediu ser levado à presença da filha da casa, todavia foi informado de que ela saíra com amigos, – e ele se afastou com tristeza. Ao chegar ao portão, ela entrava em meio dos amigos, sem lhe prestar atenção. Então ele se adiantou e disse: “Se és noiva de meu amigo, – que amor é este se não dás atenção ao amigo dele?”

Ela respondeu: “Quero distração; mas quando ele voltar, será novamente amado!” – No dia seguinte, o mendigo a procurou de novo e encontrou-a de bom humor, pois estava rodeada de companhia alegre. Então o mendigo perguntou: “Porventura amas o teu noivo que viaja a negócios por tua causa, no entanto estás tão alegre?”

Expulsando o mendigo, a moça retrucou: “Que exigência é essa? Não basta eu amá-lo quando aqui está? Quem sabe se ele me ama?” – Nesta altura, o mendigo atirou para longe sua veste rota e disse à moça espantada: “Aquele que tinha viajado, sempre continuou aqui para analisar o teu amor. Mas tu, pouco te lembravas dele, e o amigo que te apresentou a prova de tua promessa foi expulso e escarnecido, porquanto a sociedade mundana te agradava mais.

Eis que aquele se encontra diante de ti, sendo o grande Rei a Quem

pertence o mundo inteiro. E agora te devolve mil vezes tudo que lhe deste; em compensação te vira as costas para sempre e jamais hás de ver o Seu Semblante!”

Conheces o rei e mendigo, Tullia? Sou Eu, – e tu és a filha! No mundo serás feliz; o que vem depois, é dito pela parábola. Dei-te a vida e uma grande felicidade, – e tu não queres lembrar-te de Mim? Romana, cega de nascença! Dei-te luz e não Me reconheceste. Dei-te um homem dos Céus, e tu querias tirar dele, a parte do amor que Me cabe.

Eras morta, e Eu te ressuscitei; em compensação aceitaste os elogios do mundo e não Me consideraste. E agora, que te mandei chamar, tremes diante de Mim qual adúltera. Dize-Me, que farei contigo? Deveria Eu continuar a mendigar diante de tua porta? Não! Isto não farei, mas receberás a tua parte e então estaremos quites!” Essas palavras encheram a família de José, de pavor. O Meninozinho, porém, quis ser levado ao ar livre por Jacó e não voltou até altas horas da noite.

204. Alimento Predileto de Jesus

Passado algum tempo, Tullia se refez e começou a chorar amargamente, dizendo: “Ó Senhor, por que recebi nesta casa a visão e por que me tornei a esposa de Cirenius, para sofrer tanto em minha suposta felicidade? Por que ressuscitaste a falecida, voltando a vida ao coração? Porventura nasci para o martírio, precisamente eu, enquanto milhares vivem felizes e desconhecem a lágrima da dor?”

Tocada de compaixão, Maria consolou a romana com as seguintes palavras: “Tullia, não deves altercar com o Senhor, meu e teu Deus! É do feitio Dele expor a duras provações os que Ele ama. Reconhece isso em teu coração e desperta de novo o teu amor para com Ele que há de esquecer Sua Ameaça e te aceitará em Sua Graça.

Por muitas vezes ameaçou os malfeitores fazendo anunciar seu extermínio para o próximo dia, por intermédio dos profetas, demonstran-

do o local onde os cães haviam de lamber o seu sangue. Mas se os malfeitores faziam penitência, Ele dizia ao profeta: Não vês sua atitude de contrição? Por este motivo não os castigarei!

Quando Jonas foi determinado por Deus a anunciar o extermínio aos ninivitas que se afundaram em todos os vícios, Jonas se negou dizendo: Senhor, sei que mui raramente executas a ameaça pronunciada pelo profeta; por isto não seguirei nessa incumbência, para não perder o meu prestígio de profeta perante os ninivitas dos quais certamente Te apiedarás! – Como vês, até mesmo aquele profeta alimentava certa dúvida da Ira de Deus! Aconselho-te fazeres o que fizeram os ninivitas que serás aceita com Amor!"

Essas palavras proporcionaram coragem a Tullia que começou a fazer a introspecção descobrindo quantidade de erros. Por isto disse: "Ó Maria, somente agora vejo claramente por que o Senhor me castigou dessa forma. Meu coração está cheio de pecados e impurezas. Como poderei purificá-lo? E como poderei atrever-me a amar o Santo de todos os Santos, de coração tão maculado?"

Disse Maria: "Justamente por isso tens que amá-Lo em teu conhecimento de culpabilidade arrependida; pois apenas tal amor purificará o teu coração perante Ele, o Santo de todos os Santos!"

Quando, tarde da noite, o Meninozinho regressou à casa com Jacó, procurou imediatamente Maria pedindo algo para comer, e ela lhe deu pão, manteiga e mel. Ele, então, disse: "Vejo ainda outro alimento, do qual desejo me saciar. Trata-se do coração de Tullia; podes dar-Me o mesmo, pois que o preparaste para Mim!" Neste instante, Tullia caiu diante do Senhor e chorou.

Maria, porém, disse: "Tem piedade com a coitada, que tanto sofre, Senhor." Respondeu Jesus: "De há muito dela Me apiedei, do contrário não a teria ressuscitado. Foi ela quem não quis perceber a Minha Misericórdia preferindo discutir intimamente Comigo ao invés de aceitar-Me. Uma vez que inclinou seu coração para Mim, fiz-lhe o mesmo que aos ninivitas."

Em seguida, Jesus Se aproximou da romana e disse: "Tullia, estou

bastante cansado e Me lembro como Me senti bem quando há tempos Me carregavas em teus braços macios. Vem e repete o mesmo, para sentires como é sublime carregar-se nos braços o Senhor da Vida!"

Esse desejo do Meninozinho partiu o coração de Tullia que, com o mais elevado sentimento O tomou em seus braços macios, e disse chorando: "Ó Senhor, como é possível seres tão Magnânimo após ameaça tão horrenda?"

Respondeu Jesus: "Por te teres despido da velha Tullia que Me era repugnante, vestindo uma nova, digna de Mim. Sê calma, pois já te quero muito!" – Essa cena despertou profunda emoção entre todos.

205. Sentido Profundo das Variadas Lágrimas

Quanto mais tempo Tullia segurava o Pequenino em seus braços, mais profundamente reconhecia seus erros vitais, vertendo lágrimas de arrependimento. Ele, então, ergueu-Se dizendo: "Querida Tullia, não Me agrada que chores constantemente, enquanto Me tens em teus braços. Sê alegre e feliz, pois não sinto contentamento com as lágrimas vertidas sem razão. Julgas que possam purificar teu coração dos pecados praticados perante Mim?

Que tolice! Bem que as lágrimas correm sobre tuas faces embaçando os teus olhos, prejudicando-te. Sobre teu coração elas não correm nem purificam o mesmo; muitas vezes até mesmo o trancam, não podendo entrar nem algo bom nem mau. Isto provoca a morte do espírito que habita no coração; pois uma criatura triste anda sempre ofendida sendo incapaz de qualquer assimilação.

Três qualidades de lágrimas foram por Mim depositadas no olho da criatura: a lágrima da alegria, a lágrima da compaixão e a lágrima da dor. Somente essas são por Mim consideradas; as lágrimas da tristeza, do arrependimento e da revolta que surgem da auto-piedade, são frutos do próprio eu e não têm valor perante Mim.

A lágrima da tristeza se origina de uma alma ofendida e exige ressarcimento; este não aparecendo, tal temperamento facilmente se transforma em ódio oculto e finalmente em sentimento de vingança.

A lágrima do arrependimento é de origem semelhante e aparece apenas após o pecado quando teve como conseqüência um bom castigo. Neste caso, ela deixa de ser vertida por causa do pecado, e sim, da punição. Também essa lágrima não melhora o coração; pois a criatura não foge do pecado por amor a Mim, mas de medo do castigo, o que é pior que o próprio pecado.

Quanto à lágrima da ira, não merece Eu perder uma palavra a respeito, pois é água da fonte que se origina no inferno. Essa não é a lágrima que umedece teus olhos, e sim, a lágrima do arrependimento. Eu, porém, te aconselho: enxuga-a, pois vês que não Me agrada!"

Tullia obedece e diz: "Ó Senhor, como és Sábio e Bom! Não fosse eu pecadora, e seria alegre e feliz! Acontece que prestei sacrifícios em Roma, a um ídolo, a mando do Imperador, e essa ação rói o meu coração qual verme maldito!"

Diz Jesus: "Esse pecado te perdoei, antes que o tivesses praticado. Foste invejosa pelo amor que Cirenius Me tem; e tal foi pecado grave. Acabo de te perdoar tudo, de sorte que não alimentas erro algum, por Me amares de novo. Sê, portanto, feliz e alegre!" Tullia e toda a família de José se encheram de alegria e se dirigiram à ceia.

206. Medo Fútil de Eudócia

Depois da ceia, José e o Meninozinho abençoaram os hóspedes, e Jesus acrescentou: "Recolhei-vos todos, e não vos assusteis se durante a noite um pequeno temporal atacar nossa casa. Ninguém levará prejuízo, pois sabeis que entre vós habita Quem é Senhor, inclusive das tempestades!"

Após essas palavras que causaram apreensão entre os marinheiros

de Cirenius, um deles obtemperou: “Esse Menino é verdadeiro profeta, pois prediz coisas más; seria, portanto, aconselhável atracarmos a nave de Cirenius, à margem.”

A isto levantou-se Jonatha e disse: “Nada de preocupações. O Senhor também saberá proteger a embarcação; além disto, disponho de pessoal mais entendido na náutica do que vós, portanto serão aptos de por a seguro o navio do Prefeito.” Com isto, todos se recolheram.

Maria arrumou um leito macio para o Filhinho, deitou-O e encostou o berço perto de sua cama, na qual ela costumava dormir com Eudócia. Esta, sentindo grande temor da tempestade prevista, disse: “Maria, não seria possível deitarmos o Pequenino entre nós duas, pois estou com pavor da tempestade? Ele certamente nos protegeria contra qualquer perigo!”

Como o Meninozinho ouvira a preocupação de Eudócia, sorriu e disse: “Minha filha, às vezes és bem inteligente; outras, terrivelmente tola. Julgas Eu poder proteger-te apenas quando em teu colo? Que engano! Meu Braço é muito mais longo que pensas. Ainda que estivesses no fim do mundo, Eu te protegeria tanto quanto aqui. Dorme em paz, que hás de levantar amanhã com saúde.”

207. José Amaldiçoa a Tempestade

Passadas duas horas e todos se tendo recolhido, um forte furacão começou a sacudir a casa, despertando a todos com sua violência. Como fosse acompanhado de milhares de raios e trovões horrendos, atemorizaram-se, pois além da fúria do temporal ouvia-se também o uivo de milhares de animais selvagens que aumentava o pavor de todos, procurando proteção no recinto, onde se encontravam José, Cirenius e Jonatha.

Uma vez feita a iluminação, os três amigos procuravam acalmar os medrosos. A tempestade aumentando, esse conforto de nada valia, mormente porque alguns tigres começavam a forçar as janelas protegidas de grades. Irritando-se com esta situação, José dirigiu as seguintes palavras

aos elementos em fúria: "Cala-te, monstro, em Nome Daquele que aqui habita, o Senhor de Eternidades, e desiste de importunar os que necessitam de repouso! Amém!"

Essas palavras foram de tal maneira pronunciadas que sua impetuosidade apavorou a todos, mais do que a fúria do temporal que todavia não passava, levando José a aumentar sua ameaça contra os elementos. De nada frutificou, pois o tufão continuava na mesma. Tomado de ira, José amaldiçoou o tufão desobediente.

Neste instante, o Meninozinho despertou e disse para Jacó que se encontrava junto do berço: "Dize a José que retire sua maldição; pois desconhece a quem amaldiçoou. Amanhã reconhecerá o motivo justo do temporal que passará dentro de alguns minutos." E assim foi.

208. Benefício do Tufão

No dia seguinte, José se levantou muito cedo, como sempre, e distribuiu o serviço entre os filhos. Em seguida foi verificar os danos causados pelos elementos encontrando quantidade de ossos e manchas de sangue humano. Grande foi o susto dele, sem poder atinar com a causa. Mais adiante, descobriu grande número de punhais e pequenas lanças, manchadas de sangue.

Com essa descoberta começou a perceber o benefício do tufão e dos animais selvagens. Imediatamente mandou recolher a ossada e as armas, pelos filhos, e passada hora e meia, havia um grande monte de ambos os vestígios de luta, debaixo de uma árvore.

Somente depois do desjejum, José levou os dois amigos para verificarem o achado tão estranho. Cirenius, levando as mãos à cabeça, exclamou: "Mas o que vem a ser isto? Esqueletos e armas ensangüentadas! José, não tens um pressentimento do motivo dessa abominação?"

José retrucou: "Amigo, trata-se de piratas ou amotinadores que perseguiram teu navio. Vamos primeiro atar fogo a tudo isso, para de-

pois analisarmos a causa." Por volta de meio-dia um enorme monte de lenha fora arrumado num lugar apropriado, onde esqueletos e armas foram queimados.

209. Palavras Proféticas de Jesus

Após decorridas algumas horas em que tudo fora consumado pelo fogo, cena que os demais hóspedes não perceberam pela Vontade do Senhor, com exceção dos empregados de Cirenius, – eis que aparecem Tullia, Maronius Pilla, os demais militares do séquito romano, Maria e Jacó que conduzia o Irmãozinho.

Maronius Pilla que era dotado de especial olfato, percebeu imediatamente o cheiro de fumaça e disse a José: "Não percebes o cheiro de fumaça?" Conduzindo-o para o fundo da casa, José lhe apontou o local de incêndio e explicou: "Para que não chamasse a atenção, tudo foi entregue ao fogo. Cirenius te informará, pois foi testemunha de tudo."

Entrementes, o Meninozinho pediu para ser levado ao local, em companhia de José, Cirenius, Jonatha e Jacó, e quando lá chegaram, Jesus correu três vezes em volta do sítio do incêndio, apanhou um punhal meio queimado, entregou a Cirenius e disse: "Com isto foram vencidos os teus inimigos, e sua intrepidez virou cinza. Eis em Minha Mão, o último resto inimigo que se tornou imprestável. Entrego-o a ti para prova que não deves aplicar vingança nos teus oponentes, – e deles ainda existem alguns.

De igual modo, imprestável e escorificado como esse punhal, deve ser toda tua ira e a dos teus poucos inimigos. Estes, partiram de Tyro e queriam aniquilar-te. Eu, conhecendo o momento preciso do perigo, fiz surgir nesta noite, em tempo justo, um temporal que enxotou das montanhas, os animais selvagens que atiraram os amotinadores em tremendo pavor, a ponto de se verem desprotegidos ao serem atacados.

O mesmo sucederá no futuro: Um fogo poderoso, vindo do Alto, se

atirará sobre os vilipendiadores, dizimando-os a pó e cinza. O Senhor, porém, passará três vezes pelo local do incêndio, sem que alguém Lhe pergunte: Que estás fazendo, Senhor? – Somente na terceira volta, será tirado da Terra, o último raio da Ira!" Todos arregalaram os olhos diante desse discurso, pois não entenderam o seu sentido.

210. O Grande Apetite do Menino Jesus

Passado algum tempo, José perguntou ao Meninozinho, como deveria entendê-lo. E Ele respondeu : "Investigas em vão, pois existem muitas coisas que não vos são reveladas enquanto viveis na Terra. Quem após essa vida, ingressar em Meu Reino, será orientado na plena luz. Por isso, não perguntes por coisas que não te dizem respeito. Manda trazer terra, para cobrir o local de incêndio."

Após os empregados de Cirenius concluírem esse trabalho, os filhos de José anunciaram o almoço para os hóspedes, e o Próprio Jesus falou para José: "Vamos ao almoço, que estou bastante faminto, e três peixes grandes foram preparados."

Retrucou José: "Isto é ótimo. Mas, será que serão suficientes para mais de cem pessoas?" Disse o Pequenino: "Como ainda perguntas, se viste os grandes exemplares! Cada um pesa além de cem libras, portanto é o bastante para duzentas pessoas. Sinto grande apetite, mormente dos bons peixes do Mar Mediterrâneo!"

A caminho para a vila, Cirenius inquiriu o adorável Meninozinho, se esse Mar era realmente o mar central da Terra. E Ele respondeu: "Se é ou não, sou sempre obrigado a vos falar segundo vosso entendimento, caso queira ser compreendido. Após a refeição podes estudar o pequeno globo e saberás se é viável tal expressão."

Passado isso, o Meninozinho correu na vanguarda com Jacó, para alcançar depressa a mesa, e quando José chegou, foi por Ele recebido com um sorriso, pois já tinha em Mãos, um pequeno pedaço de peixe. José se

alegrou intimamente; apenas disse para manter as boas maneiras: "Filhinho querido, que pedaço enorme! Serás capaz de comê-lo?"

Aumentando o sorriso, Jesus respondeu: "Não te preocupes, pois teus antepassados já cuidaram que Meu estômago não viesse a ser prejudicado tão facilmente. Por muitas vezes Me serviram os pedaços piores e maiores." Naturalmente José compreendeu o sentido das palavras do Meninozinho.

211. O Jejum como Castigo

Entrementes, José deu graças pelo alimento perguntando ao Filhinho se também já tinha orado. Sorrindo, Ele virou-Se para Jacó e disse: "Agora é que vamos passar mal, pois esquecemos da oração, muito embora tivéssemos comido do peixe. Fala tu da melhor maneira possível, do contrário levaremos o castigo de jejum!"

Algo encabulado, Jacó começa: "Caro pai José, peço-te perdão porque esqueci, inclusive o meu Jesus, de orar!" A essas palavras, José cerrou o cenho e disse: "Se esquecestes de orar, podeis igualmente esquecer de comer, até a noite. Entrementes passeai um pouco ao ar livre!"

Sorrindo para o irmão, Jesus obtemperou: "Pronto! Não te disse que o resultado seria o jejum? Espera um pouco que falarei algumas palavras a José que talvez desista da punição."

Jacó então falou intimamente: "Senhor, faze o que achares melhor, que seguirei o Teu Exemplo!"

Virando-Se para José, Jesus disse: "José, estarias falando sério?" Respondeu ele: "Claro, pois quem não ora, não deve comer!" Sorrindo de novo, o Pequenino opinou: "Que dureza! Se Eu fosse tão severo quanto tu, muitos passariam por essa punição, porquanto hoje se alimentam sem terem orado! Queria, ao menos, ouvir de ti, por que e para quem Eu realmente deveria orar, bem como tu e o coitado do Jacó!"

Respondeu José: "Deves orar a Deus, o Senhor, Teu Santo Pai, por ser Santo, Santo!" Confirmou Jesus: "Tens razão. Mas acontece que desconhe-

ces o Pai de toda Glória, ao Qual te diriges em prece! E por muito tempo não hás de reconhecê-Lo, pois nisto te impede a venda do antigo hábito!”

E virando-Se para Jacó, Jesus prosseguiu: “Vamos lá fora, e verás ser bem possível conseguir-se algo para comer, ao ar livre, sem oração!” E ambos correram alegres para o jardim.

212. Aflição de José

Quando Jesus e Jacó já estavam lá fora, Maria dirigiu-se para José dizendo: “Às vezes és mui severo para com nosso Filhinho divino como se fosse adulto! Que esperas de uma criança comum de dois anos e pouco? Quem seria capaz de submetê-la a uma educação tão rigorosa? Ainda que vez por outra A ames sobremaneira, às vezes és tão severo como se não A amasses!”

A essa reprimenda de Maria se juntam Cirenius, Jonatha, Tullia, Eudócia, Maronius Pilla, e o Prefeito acrescenta: “Não sei o que deduzir de ti. Uma vez me ensinas reconhecer no Meninozinho o Próprio Ser Supremo, em seguida exiges Dele Mesmo orar a Deus! Como devo concatenar isso?

Se o Meninozinho é o Ser Supremo, como podia orar a Deus? E na hipótese que Ele não fosse Aquele que reconheço e sempre venero, – tua atitude seria tola diante de um menor! Quem poderia exigir uma rigorosa oração de uma criança de dois anos?

Por isto deves perdoar-me, se te digo como pagão: Deves ser três vezes cego se não fores capaz de apreciar o Filhinho sempre de modo igual. Realmente, não me alimentarei, caso Jesus e Seu irmão não se encontrarem aqui, ao meu lado! Não é ridículo se pedes a Bênção de Deus, o Senhor, e ao mesmo tempo O expulsas da mesa por não ter orado, segundo teu hábito? Foi este o motivo pelo qual o Filhinho perguntou a Quem deveríeis Ele, tu e Jacó orar! A meu ver, não percebeste o sentido daquela indagação do Pequenino!”

Essas observações penetraram profundo no coração de José que se dirigiu para fora a fim de buscá-los. Sua procura, todavia, foi em vão, pois os dois irmãos se haviam afastado, sem que alguém soubesse seu destino.

213. José na Pista Certa. A Verdadeira Oração

Aflito, José chamou os filhos mais velhos e disse: "Ajudai-me a procurar a Jesus e Jacó; pequei contra o Meninozinho e meu coração sente-se aflitíssimo!" Os irmãos imediatamente se entregaram a procurar o Irmãozinho, durante uma hora, sem encontrá-Lo. Cada vez mais apreensivo, José se distanciou da vila, chorando copiosamente pela sua atitude condenável. Eis que ouviu uma voz, dizendo: "José, homem justo, não chores e não te deixes afligir pelos homens. Eu, a Quem procuras com tamanha aflição, estou mais perto de ti do que julgas. Segue em frente que hás de encontrar Quem te fala e a Quem procuras!"

A essas palavras milagrosas, José se ergueu consolado e prosseguiu a andar em frente, durante meia hora, chegando a considerável monte de aproximadamente cento e setenta toesas. Então pensou: Devo subir, com este calor?

A voz falou de novo: "Sim, pois somente no cume, teus olhos verão o Senhor, a Quem não percebeste quando Se encontrava à tua mesa!" A essas palavras, José se dirigiu morro acima. Mas quando se aproximava do topo, deparou que estava envolto de neblina densa, admirando-se do fato de um morro pequeno apresentar neblina nesta época, quer dizer, por volta da Páscoa.

No mesmo instante apareceram de dentro da neblina, Jesus e Jacó, e o Primeiro disse: "José, vem Comigo até o cume desse morro e lá te certificarás que o tempo ainda não chegou em que o Senhor deva jejuar, por não ter orado! Vem!"

José seguiu o Pequenino; chegando ao topo, a neblina dissipou-se, vendo-se em cima uma cruz de cedro, finamente polida, uma ovelha

assada, uma taça de vinho aromático e um pão do melhor trigo.

Sumamente admirado, José disse: "De onde fostes buscar isto tudo? Foram os anjos os portadores, ou terias Tu, ó Senhor, criado essa maravilha?" Olhando para o Sol, Jesus respondeu: "José, também essa luz terrena se alimenta à Minha mesa. Em uma hora, ela necessita mais do que o globo que te acolhe, entretanto, nunca sentiu fome e sede! Possuo inúmeros e infinitamente maiores hóspedes dessa ordem!

Porventura julgas que jejuarei se Me expulsas da mesa, porque não quero adorar a Mim Mesmo, fora do tempo? O Senhor não necessita disto! Vem tu à Minha Mesa e te alimenta Comigo; mas desta vez, sem tua oração habitual! A verdadeira oração, é o Amor para Comigo; se o possuis, podes sempre poupar os teus lábios!" José se aproximou e alimentou-se à verdadeira Mesa do Senhor, achando o sabor celestial.

214. O Evangelho da Cruz

Após essa refeição celeste, José disse a Jesus: "Meu Deus e Senhor, eu, pobre velho, peço que me perdoes se Te ofendi e volta comigo à casa, pois sem Ti, não poderei voltar. Ainda que o fizesse, todos haveriam de se voltar contra mim com palavras duras!"

Concordou o Meninozinho: "Sim, irei contigo porquanto não pretendo aqui erigir uma morada para Mim. Exijo apenas que carregues esta Minha Mesa em teus ombros. Não temas o seu peso que há de te comprimir um pouco, sem curvar-te, muito menos enfraquecer-te!"

A essas palavras, José apanhou a cruz polida, e Jacó, os restos da refeição, e assim encetaram a volta, com o Meninozinho entre eles. Passado algum tempo, José perguntou: "Amado Jesus, a cruz pesa bastante. Não poderíamos descansar um pouco?"

Retrucou o Pequenino: "Já carregaste pesos muito maiores, como carpinteiro, não por Mim impostos. Naquela hora não querias descansar antes de ter transportado o carregamento ao destino.

Agora carregas, pela primeira vez, um pequeno peso para Mim, e desejas repousar após mil passos dados? Ó José, suporta o Meu leve jugo, sem esmorecer, que hás de encontrar o justo prêmio em Meu Reino!

Nesta cruz perceberás o Meu peso e sua leve pressão traduzirá o Que Sou neste mundo, para ti. Mas quando o deixares, em Meus Braços, esta cruz se transformará em um carro fogoso no qual ascenderás diante de Mim, sumamente feliz!"

Ouvindo essa predição, o velho José beijou o pesado madeiro, carregando-o sem tréguas; realmente não lhe parecia mais tão pesado, de sorte que facilmente o levou até a vila. Lá, todos estavam na maior expectativa e grande aflição de que lado José e Jacó deveriam surgir.

Quando finalmente os três surgiram, todos correram ao encontro deles, e Maria tomou o Pequenino abraçando-O com efusão. Cirenius muito se admirou que José carregasse no ombro o símbolo do pior vexame e vergonha. Jesus, nos braços de Maria, respondeu: "Em verdade, esse símbolo do maior vexame se transformará em prova de máxima honra! Se não Me seguires com ele como fez José, não ingressarás no Meu Reino!" Essas palavras obrigaram Cirenius a calar.

215. Dieta de Moysés e Dieta do Senhor

Em seguida, todos voltaram à casa, para a refeição, pois ninguém tinha se servido, e os grandes peixes não tinham sido tocados. Como a procura de Jesus levasse várias horas e a noite se aproximava, os peixes estavam frios e não podiam ser ingeridos pelos judeus. Podiam ser esquentados, o que José ordenou aos cozinheiros.

Jesus, porém, protestou: "Deixa disto; a partir de agora podem os peixes ser ingeridos frios, uma vez que foram fritos. Para este fim manda trazer limões e azeite que lhes darão sabor melhor." Todos os hóspedes estavam curiosos para saborear esse prato novo, e Cirenius foi o primeiro a se servir, carregando o peixe com limão e azeite. Seu elogio foi efusivo,

animando os demais a seguirem o exemplo dele. O próprio José exclamou: “Realmente, houvesse Moysés saboreado peixe igual a este, certamente teria incluído esse prato em sua dieta, o que prova que não possuía tanto conhecimento da arte culinária como Tu, querido Jesus!”

Esboçando um sorriso mui amável, o Pequenino respondeu: “Caro pai José, na época de Moysés constava que a fome seria o melhor cozinheiro, e o povo teria ingerido, no deserto, carne crua para seu próprio prejuízo; por isto teve o profeta de prescrever a dieta que mandava cuidarem de alimentos frescos e cozidos.

Agora consta e sempre constará: O Senhor é o melhor cozinheiro, permitindo o saborear de peixe frio, com limão e azeite, e isto porque o peixe frio, porém bem frito é igual ao estado dos pagãos, o suco do limão, semelhante à força de contração vinda de Mim, e o azeite, semelhante à Minha Palavra dirigida a eles. Compreendes agora por que o peixe preparado deste modo, tem melhor sabor?” – Todos se comovem e se admiram acerca do profundo saber do Meninozinho.

216. Motivo por que o Mar Mediterrâneo Merece este Nome

Quando todos se haviam saciado, encetaram um passeio ao ar livre, pois o Sol ainda não tinha desaparecido, e o grupo de Cirenius estando ao lado do Prefeito, Jesus lhe perguntou: “Cirenius, não lembras da pergunta feita no local do incêndio quando Eu elogiei os peixes do Mar Mediterrâneo?”

Cirenius refletiu um pouco, sem conseguir lembrar-se do assunto; por isto disse: “Senhor, Tu, minha Vida, perdoa-me, mas confesso que esqueci por completo qual o tema.”

Cheio de Meiguice, Jesus prosseguiu: “Não Me perguntaste se o Mar Mediterrâneo se encontrava no centro da Terra, e Eu mandei que estudasses o pequeno globo, para te convenceres da realidade? Agora te-

mos tempo para estudar; toma o globo e descobre tu mesmo a resposta."

Quando Cirenius encontra o referido Mar, Jesus pergunta: "Achas realmente que seja este o centro da Terra?"

Respondeu o Prefeito: "Sou bom matemático, segundo Euclides e Ptolomeu, portanto sei pela planimetria que em uma esfera, qualquer ponto pode ser o ponto central porquanto corresponde com o centro do qual todas as linhas têm igual comprimento e dimensão. Segundo este princípio, este Mar pode ser o Mediterrâneo; no entanto, julgo que qualquer mar poderia sê-lo na mesma relação."

Retruca o Menino Jesus: "Tens razão; todavia aqui não se aplicam as relações de Euclides, podendo este Mar ser, exclusivamente, o Mar Mediterrâneo, pois o verdadeiro centro se encontra lá onde está o Senhor! O Senhor Se encontrando neste Mar, é ele o centro do mesmo. Eis outro cálculo e mais certo que o de Euclides!" Essa explicação despertou a atenção de Cirenius para pesquisar outros fatores científicos.

217. Simplicidade Infantil como Caminho para a Verdadeira Sabedoria

Percebendo Jesus que Cirenius pretendia prosseguir nas pesquisas, Ele disse: "Queres apossar-te da mão inteira quando apenas demonstrei um dedo, e isto é fútil, pois tudo necessita de tempo e sua ordem imutável. Ao descobrires uma árvore em flor, desejas saborear o fruto maduro. Isto é impossível porquanto todo vegetal tem o seu tempo e sua ordem. Tempo e Ordem vêm de Mim desde eternidades, de sorte que não posso agir contra Mim Mesmo.

Amo-te dentro da plenitude de Minha Força Divina, todavia não te posso presentear um minuto sequer do tempo fugaz que corre constantemente qual rio e não encontra paz até que tenha alcançado as grandes margens da Eternidade imutável.

É, portanto, fútil toda tua pesquisa em Minhas Profundidades, às

quais não te aproximarás um palmo, por este meio, antes que esteja no tempo. No fundo desejas saber por que existe o centro lá onde Eu Me encontro. Digo-te que ainda não o podes assimilar; por isto deves primeiro crer e nesta fé, provar a verdadeira humildade de teu espírito.

Quando o teu espírito tiver alcançado a verdadeira profundidade, em virtude da justa humildade, poderás projetar olhares conscientes em Minhas Profundidades. Se, porém, procurares elevar o teu espírito através das pesquisas, ele abandonará cada vez mais sua viva profundeza, e tu mesmo te afastarás de Minhas Profundezas, não mais podendo aproximar-te delas. Acrescento mais: A partir de agora será oculta aos intelectuais, toda sabedoria profunda, enquanto depositada no coração dos simples, fracos e órfãos. Torna-te qual criança, em tua alma, que então o tempo será justo para receberes a sabedoria verdadeira!"

Sumamente admirado diante deste ensinamento, Cirenius pergunta: "Se for assim, não convém pessoa qualquer ler ou escrever? Se tudo isto é dote dos que merecem, – para que o estudo cansativo?"

Respondeu Jesus: "Através de um estudo justo e humilde, será estrumado o campo para a sabedoria, o que está em Minha Ordem. Não deves, todavia, considerar o estudo como finalidade ou a própria sabedoria, mas unicamente como meio. Tão logo o campo estiver adubado, Eu semearei a semente da qual então germinará a justa sabedoria!"

218. A Cruz como Expressão de Amor de Deus para com os Homens

Após esta palestra educativa do Menino Jesus, José indaga qual a finalidade da cruz trazida por ele. E o Pequenino respondeu: "José, ela já encontrou seu dono e lugar. Vós mesmos costumais dizer ao comerciante: Tua mercadoria é boa e não ficará por muito tempo em teu armazém, pois em breve se apresentará um comprador.

Também Eu sou tal comerciante, trazendo boa mercadoria para a

venda. O comprador já se apresentou adquirindo-a para si, por Amor a Mim. E este comprador é Jonatha, o forte pescador. Porventura não deveria receber algo em troca dos peixes com os quais nos supriu tantas vezes?

Uma mão lava outra. Quem oferece água, receberá água. Quem ofertar óleo, ganhará óleo. Quem consolar, será eternamente consolado, e quem oferecer amor, receberá o mesmo. Jonatha deu-Me todo seu amor, por isto lhe dei o Meu Amor, nesta cruz.

Vós também Me destes amor, na água e no óleo; no entanto, te digo: Prefiro amor puro ao mesclado com água e óleo. A cruz tornou-se o Meu Amor mais elevado. Por isto a entreguei a Jonatha por alimentar ele um grande amor para Comigo; pois ama-Me por Minha Causa, e este amor é puro.

Ele Me amou sem saber Quem Sou; vós Me amastes menos, muito embora sabendo Quem realmente Sou. Tal amor estava misturado com muita água! Por isso não haveis de sofrer carência de água, em vossos olhos e neste mundo.

Cirenius Me amou com óleo, razão por que será ungido com o óleo da vida, assim como vós sereis saciados com a água da vida. Mas em Meu Recinto viverão somente aqueles que muito Me amarem!" Essa explicação atirou José em um grande pavor, e o próprio Cirenius arregalou os olhos.

Jesus, porém, acrescentou: "Não deveis julgar que Eu venha poupar-vos com a cruz; quem tiver coração livre, receberá igualmente a cruz livre!" Esta orientação acalmou tanto a José quanto a Cirenius.

219. A Carne, como Soldo do Pecado

A essa expressão de Jesus, Jonatha se ajoelhou diante do Mesmo, impulsionado pelo seu forte amor, chorando de alegria e gratidão. Virando-Se para os outros, o Meninozinho disse: "Vede quão poderoso é o amor de Jonatha para Comigo. Em verdade vos digo: De cada lágrima vertida por ele, surgirá um mundo para ele, em Meu Reino! Se bem que

demonstrasse o valor e a diferença das lágrimas, repito: Não existe lágrima maior, diante de Mim, do que a de Jonatha!”

Ouvindo tais palavras, o grande Jonatha se encorajou dizendo: “Senhor Poderoso de minha vida! Como posso eu, grande pecador, merecer tamanha Graça e Misericórdia de Ti?”

Respondeu Jesus: “Jonatha, como podes amar-Me com tanta intensidade se fores tão grande pecador? Por acaso não é o amor para Comigo, santo, como Eu Mesmo sou Santo em Minha Natureza Divina? Como poderias suportar tal amor santificado em teu coração, sendo grande pecador?

Porventura não se santifica e renasce toda a criatura através de seu amor para com Deus? Sendo compenetrado deste amor, dize-Me o que vem a ser o que chamas de pecado?

O físico de todas as criaturas é em si pecado, portanto sujeito à morte. Inclusive a Carne deste Meu Corpo é tributária do pecado, e terá que morrer igual ao teu.

Este pecado, porém, não é voluntário, e sim, apenas imposto, não havendo por isto débito para com o teu espírito, razão por que é determinado o teu valor, não segundo a tua carne, mas apenas pelo teu livre amor. No Além, não hás de ser perguntado: Como foi teu físico?, mas: Como foi o teu amor?

Ao atirares uma pedra para o alto, ela não se mantém nas alturas, pois cai imediatamente para o solo. Por quê? Porque a matéria telúrica a atrai como amor condenado, do qual a pedra está saturada.

Por que razão não caem do Céu, nuvens e estrelas? Porque são atraídas pelo amor celeste. Se, portanto, o teu coração é cheio de amor para com Deus, o Eternamente Vivo, para onde te levará este amor, unicamente livre e vivo?” Essa última questão preencheu os presentes com a maior felicidade, pois sabiam sua verdadeira situação espiritual.

220. Recurso Contra a Praga dos Insetos

Em seguida, opinou José: "Amigos, a noite é serena e poderíamos ir ao ar livre, antes de dormir. Os quartos estão saturados de calor e seria difícil encontrarmos repouso."

Confirmou o Meninozinho: "Sou da mesma opinião; apenas afirmo que seria mais agradável lá fora, caso não existissem tantos insetos." Disse José: "Se ao menos houvesse um meio para afastarem-se esses mosquitos!" Disse o Pequenino: "Como não? Pega uma vasilha com leite morno, e verás como milhares de insetos afluirão, deixando-nos em paz." Dito e feito. Nem bem fora depositada uma vasilha de leite ao ar livre, quando milhares de mosquitos já começaram a fazer verdadeira guerra.

Entusiasmado, Cirenius opinou: "Este recurso tão fácil será empregado também em Tyro, onde se dá o mesmo fato desagradável." Disse o Menino Jesus: "Este meio não pode ser usado em toda parte com o mesmo efeito, pois as condições não são as mesmas, mormente as daqui não são viáveis em outra parte. – Dirige teu olhar para o Céu que descobrirás neste instante, um cometa."

221. Comentário Pagão Acerca do Cometa

Após ter observado o grande cometa, Cirenius diz: "Que estrela interessante. É a primeira que vejo, conquanto já tivesse ouvido falar desses mensageiros de desgraça." A esta observação, aproxima-se Maronius Pilla e comenta: "Vede só! Não faz sete anos que se fechou o templo de Janus, levando todos a conjeturar: Agora, Roma terá uma paz eterna!, pois nunca o templo esteve fechado tanto tempo. Eis que temos novamente a prova horrorosa de que ele terá que ser aberto e dentro em breve haverá movimento nos grandes campos de Marte!"

Nisto, José pergunta ao romano se realmente tomava o cometa por mensageiro beligerante, e o outro responde: "Ó amigo, esta é uma verda-

de incontestável! Quer dizer: Guerra é guerra!" Nisto, Cirenius interrompe: "Eis que se juntaram duas potências! José ainda está preso aos ditames de Moysés, e Maronius Pilla não consegue livrar-se da superstição pagã!"

José protesta: "Julgo eu, ser Moysés mais credenciado que o templo de Janus, em Roma." Concorda o Prefeito: "Não resta dúvida. Mas se temos o Próprio Senhor, Jehovah em Pessoa, convém pôr de lado tanto um quanto outro! Segundo lendas antigas e infundadas, o cometa parece ser mensageiro de desgraças; todavia creio que nosso Senhor, Jesus em Sua Plenitude Divina, será igualmente Soberano daquele proprietário de desgraças. Não concordas?"

Disse José: "Sim, todavia não se pode comparar Moysés com Janus, ainda que na Presença do Senhor!" Responde Cirenius: "Nem é minha intenção. Mas se possuo o Senhor, Moysés e Janus são idênticos, ao menos para mim!"

Intervém o Menino Jesus: "Continua como és, Cirenius, pois quando se trata do Infinito, somem todas as grandezas, e o zero conta tanto quanto um milhão!" Essa resposta produziu um pequeno choque em José desistindo de fazer propaganda do profeta perante Cirenius.

222. Natureza dos Cometas

Entrementes aproximara-se Jonatha sempre em busca de conhecimentos e diz a José: "Eis outro assunto, onde o Senhor nos poderia ajudar como fez por ocasião do eclipse lunar. Que achas se O inquiríssemos a respeito?"

Diz José: "Basta experimentar. Quem confia no Senhor, tem base sólida. Pergunta ao Meninozinho que Se encontra no colo de Maria, e veremos qual será a resposta à tua questão."

O pescador se aproxima com humildade de Jesus, pretendendo externar sua pergunta. Mas o Menino Jesus Se antecede dizendo: "Jonatha, sei

o que desejas, mas isto não serve para ti. Apanha uma pequena tocha, dirige-te para o pote de leite que verás também lá um cometa, inclusive sua natureza básica.”

Jonatha obedece, e quando se aproxima com a tocha da vasilha de leite sobre a qual esvoaçavam milhões de insetos, descobriu realmente uma cauda mui comprida e consistente dos insetos em vôo, sendo que a vasilha formava a cabeça do cometa. Esse fenômeno é visto por muitos e todos se admiram da semelhança do mesmo e o cometa celeste.

O velho pescador indaga do Menino Jesus como devia interpretá-lo, e Ele responde: “Por enquanto deves entendê-lo como se apresenta. O segredo não pode ser revelado a todos. Amanhã haverá explicação.”

223. Interpretação Espiritual dos Cometas

Jonatha então começa a meditar sobre o fenômeno, sem conseguir atingir uma explicação razoável. Jesus, percebendo sua dificuldade, lhe diz: “Jonatha, o quadro da vasilha de leite se repete dentro de ti, e representa o teu coração cheio de amor, sobre o qual se encontra um enxame enorme de insetos.

Este enxame é formado de teus pensamentos ridículos acerca da natureza semelhante dos dois cometas. Mas, Meu amigo, quem poderia tomar o centro do cometa celeste por uma vasilha de leite, e sua cauda por um enxame de mosquitos?

Esses quadros são apenas interpretações, e não semelhanças perfeitas dentro da Natureza. Sabes o que vem a ser uma interpretação? O que seja uma vasilha, o leite dentro da mesma, e o enxame de insetos? Como o ignoras dar-te-ei explicação.

A vasilha representa o receptáculo para a aceitação de substâncias às quais se prende a verdadeira Força vital provinda de Mim, e o leite é tal substância que comporta a Força nutritiva da vida, em abundância.

Nos insetos, a força vital já se manifesta livremente; mas se não for

alimentada com a força vital, tornar-se-á fraca não podendo desenvolver-se para um grau mais elevado e perfeito.

Vê, o cometa nada mais é que um mundo neo-criado! O centro é o receptáculo para a aceitação das Forças nutritivas surgidas de Mim. Tal Força é aquecida, fortemente, por um fogo próprio dado por Mim, que se dissolve em vapores nutritivos.

A fim de que tais vapores, portadores de Força vital mais evoluída não se evaporem e sejam subtraídos ao novo corpo cósmico, são eles assimilados por uma infinidade de mônadas e por elas levados ao mundo neo-criado, para seu desenvolvimento mais aperfeiçoado. Eis a semelhança espiritual entre o cometa celeste e o vasilhame material. Não prossigas em tuas pesquisas, para que teu amor não enfraqueça!” Muitos tinham assistido a esta explicação, sem entendê-la; no entanto, acreditavam em sua veracidade.

224. Prejuízo do Excessivo Estudo das Obras de Deus

Cirenius, então, vira-se para o Menino Jesus, dizendo: “Mas por que seria prejudicial ao amor para Contigo, uma pesquisa mais profunda? Julgo o contrário: quanto mais profundamente se medita e descobre as Tuas Obras, maior se torna o amor para Contigo; pois isto já é o caso entre os homens que se estimam cada vez mais à proporção que descobrem maiores perfeições, entre si. Quanto mais não será o caso em relação a Ti, Senhor e Criador de todas as grandiosidades e glórias divinas.

Por isto queria pedir a Ti Mesmo, maiores explicações a respeito dessa estrela peculiar. Meu coração me diz que poderei amar-Te de modo perfeito apenas quando Te compreender mais profundamente em Tua Ação poderosa e milagrosa. E este é o motivo principal de nossa alma, para amar-Te, assim como precisei conhecer, primeiro, a índole de minha esposa antes de poder aceitá-la em meu coração.”

Sorrindo, o Menino Jesus respondeu: “Caro Cirenius, se continua-

res a proporcionar ensinamentos tão sábios, Eu, finalmente, tornar-Me-ia um homem bastante inteligente! Acabas de Me explicar coisas inteiramente novas.

Fizeste o papel de professor querendo provar-Me não ser viável a Minha advertência quanto ao excessivo estudo de Minhas Obras, em virtude do prejuízo para a alma na esfera de seu amor para Comigo. Como poderia Eu, neste caso teu aluno, ensinar-te coisas desconhecidas?

Se na esfera do amor conheces melhores motivos do que Eu, teu Deus e Criador, como podes pedir Dele ensinamentos mais profundos? Julgas Deus deixar-Se levar por meio de motivos razoáveis da parte dos homens, como se Ele fora juiz de leis terrenas?

Estás muito enganado, Cirenius. Somente Eu conheço Minha Ordem eterna, mãe de todas as coisas. Desta Ordem também tu surgiste, e o amor de teu espírito para Comigo é tua própria vida. Se pretenderes desviar este amor, de Mim para as criaturas, a fim de amar-Me mais fortemente, porquanto estou visivelmente Vivo diante de ti, – porventura teria base esse tolo aumento de amor? Quem ainda não Me conhece e não Me possui, pode elevar-se para Mim, através de tua explanação evolutiva; Eu Mesmo estando nos braços da própria criatura, de que serviriam esses teus graus de conhecimento?" Cirenius queda profundamente surpreso, e ninguém mais indaga pelo cometa.

225. Recolhimento da Natureza Divina em Jesus

Em seguida, o Meninozinho virou-Se para José, dizendo: "Durante esses dois dias fiz o anfitrião e todos Me obedeceram. Mas a partir de agora entrego-te esse encargo e tudo será feito segundo tuas determinações. Passarei a ser novamente igual a todas as crianças, pois também Eu tenho que crescer para salvação de todos.

Não espereis, nem para o futuro, outros milagres evidentes, neste país. No entanto, não fraquejeis na fé e confiança no Meu Poder e Força;

pois Sou e Serei eternamente o que Fui desde Eternidades.

Não temais o mundo, que nada é perante Mim; convém temerdes desviar-vos de Mim, pois seria a morte de vossa alma! Reassume, José, o leme doméstico, com justiça e segurança, em Meu Nome! Tu, Cirenius, volta amanhã para Tyro, onde te esperam negócios importantes. Meu Amor e Minha Graça te acompanham, de sorte que podes estar calmo. Quanto ao resto, combina com José, anfitrião competente."

Em seguida, o Meninozinho chamou Jacó e disse: "Entre nós, continuará a condição primitiva que já conheces. E assim será, Amém!" José, muito entristecido, implorou o Filhinho de continuar em Sua Manifestação divina. Este, porém, respondeu de modo infantil e sem vestígio de atitude especial. Não demorou a ficar com sono sendo preciso Jacó levá-Lo para cama.

O grupo continuou palestrando até altas horas da noite, acerca do motivo da transformação de Jesus Menino; um indagava do outro, sem que alguém conseguisse formular resposta concisa. Finalmente José falou: "Sabemos de nossas necessidades e com isto temos que nos satisfazer. Já é tarde e será melhor nos recolhermos."

226. Jonatha, Fornecedor de Peixes

No dia seguinte, os filhos de José iam cumprir ordens no sentido de prepararem o desjejum; no entanto encontraram a despensa inteiramente vazia. José, informado a respeito, vê-se no maior embaraço. Enquanto procurava resolver a situação, aparece Jonatha na porta do quarto e pergunta do motivo da preocupação do amigo. Naturalmente se sente feliz em poder socorrê-lo, sugerindo que dois filhos o acompanhassem à casa, pois possuía cerca de cem quilos de peixe defumado. A oferta foi um verdadeiro bálsamo para o coração de José.

Não se passaram nem duas horas quando Jonatha voltava com quatro rapazes, trazendo o carregamento de peixes, defumados e frescos, in-

clusive dez pães de trigo. Feliz com o presente, José agradece a Deus e abraça o amigo. Em seguida há grande movimento na cozinha, onde os filhos de José se entretinham com a refeição. Maria e Eudócia não demoraram a aparecer para ordenhar as vacas, e dentro de meia hora tudo estava pronto para atender mais de cem pessoas.

227. Os Servos Verdadeiros e os Servos Falsos de Deus

Uma vez posta a mesa e todos os hóspedes já de pé, José procurou Cirenius, a fim de saber se estava pronto para o desjejum. O Prefeito agradece e diz: “Amigo, sei que tua despensa não tem o suprimento necessário para servir centenas de pessoas, durante vários dias. Por isto enviarei os meus servos à cidade para fazerem as compras indispensáveis.”

Retrucou José: “Poderás assim agir com teus marujos. Quanto a mim, tal cuidado será inútil, pois minha despensa está suprida de tudo, e o desjejum já pronto.”

Disse Cirenius: “Se nada mais houvesse que me provasse tua incumbência especial, este fato seria motivo de demonstrar teu incrível desinteresse. Nisto se conhecem os verdadeiros servos de Deus: seu desinteresse pessoal, enquanto os falsos serão sempre avessos ao bem do próximo. Os servos justos, servem a Deus no coração, onde encontram o prêmio supremo. Os servos falsos, servem a um ídolo modelado segundo sua maldade, por causa do mundo. Por isto esperam o pagamento do mundo, exigindo recompensa exagerada.

Como pagão de nascença, sei muito bem a maneira pela qual os sacerdotes romanos se fazem pagar a cada passo. Até eu mesmo tive que pagar cem libras de ouro, por um simples conselho, ao sumo sacerdote. Teria sido ele verdadeiro servo de um deus?

Tu me acolheste durante três dias e quais não foram os ensinamentos que recebi em tua casa, todavia nada aceitas! Nem mesmo para meus oito filhos adotivos queres receber indenização. Não se torna evidente o as-

pecto dos servos verdadeiros?"

Disse José: "Irmão, nada mais digas a respeito e vem à mesa, que o desjejum será servido."

228. Cena Idílica entre o Menino Jesus e Cirenius

Diante do desjejum especialmente preparado, Cirenius expressa sua admiração, pois era de estranhar que a essa hora tivesse sido trazida tamanha quantidade de peixes frescos.

Apontando para Jonatha, José disse: "Quando se tem por amigo um tão grande mestre pescador, basta estender-se a mão, e os peixes aparecem." Confirmou o Prefeito: "Não resta dúvida, mormente quando Alguém Se acha em casa da pessoa!"

Erguendo suas mãos, José exclamou: "E este Alguém, nós jamais havemos de merecer! Que Ele abençoe esse bom desjejum, para fortalecer nosso corpo e nosso amor para com Ele, o Santíssimo!" Todos se sentem comovidos com essas palavras, louvando a Deus dentro do Meninozinho ainda adormecido.

Nem bem os hóspedes começaram a se servir, o bom odor dos peixes desperta Jesus Menino que pula da caminha correndo nuzinho para a mesa, onde se encontrava a mãezinha, e pedia algo para comer.

Maria tomou-O ao colo e disse para Jacó: "Vai apanhar uma camisinha limpa!" No entanto, o Pequenino não queria deixar-Se vestir. Algo irritada, Maria disse: "Meu Filhinho, não fica bem estares nu à mesa, por isto ficarei zangada se não Te deixares vestir!"

Cirenius, comovido até às lágrimas diante do quadro do Meninozinho tão delicado, disse a Maria: "Amável mãezinha, dá-me o teu Filhinho para que possa acariciá-Lo inteiramente nuzinho! Quem sabe se algum dia ainda terei essa felicidade imensa?"

Sorrindo para Cirenius, o Pequenino foi entregue ao romano que chorava de alegria e felicidade quando Ele começou a espernear em cima

de seus joelhos. O romano imediatamente perguntou ao Meninozinho, que pedaço de peixe desejava comer; e Ele respondeu: "Dá-Me a parte branca, sem espinhos."

Depois de Se ter saciado, Ele exclamou: "Como foi gostoso! Agora podes vestir-Me, pois quando estou com fome, gosto de comer antes de Me vestir!"

229. Maria É Severa Apenas por Amor

Em seguida, Cirenius repetiu sua indagação se porventura o Menino Jesus desejava outro pedaço de peixe, e Ele retrucou simplesmente: "Gostaria de mais um pedacinho, mas não tenho coragem porque a mãezinha Me repreenderia."

Diz Cirenius: "Menino adorável, se for dado por mim, ela nada dirá." Opina Jesus: "Sim, enquanto estiveres presente; mas quando te afastares, serei duplamente repreendido. Não podes imaginar a que ponto Minha Mãe se zanga quando faço algo contrário ao que ela quer!"

Prossegue Cirenius: "Que tal se eu a censurar, não achas que seria mais condescendente para Contigo?"

Diz o Pequenino: "Não faças isto, pois seria pior quando te afastares!" Opina Cirenius: "Se ela é tão mazinha, como podes amá-la tão profundamente?" O Meninozinho responde: "Ela assim é pelo grande amor que Me tem, pois tem imenso pavor que Me suceda algo. Por isto tenho que amá-la tanto. Ela merece o Meu Amor em virtude de sua boa intenção. Esse é o motivo de sua zanga, caso Eu comesse mais um pedacinho de peixe. Muito embora não Me prejudicasse, não quero contrariar sua boa intenção.

Posso muito bem renunciar e cumprir a ordem de Minha Mãe, quando for preciso; mas assim não sendo, posso fazer o que quero e não Me importo se ela Me repreende. Não havendo necessidade de Eu comer mais um pedaço de peixe, renuncio para não haver motivo de zanga,

quando estiveres ausente.”

Disse Cirenius: “Se tens tamanho respeito de Tua Mãe terrena, por que não deixaste que ela te vestisse? Não se zangará quando eu não estiver presente?”

Disse Jesus: “Certamente, mas não importa; pois já te disse que às vezes faço o que quero, sem perguntar se Minha Mãe concorda ou não. Todavia pode ela zangar-se Comigo por ter intenção e vontade boas.” A esta altura Maria disse sorrindo: “Espera quando estivermos sozinhos que hei de zangar-me Contigo por teres acusado a mãezinha junto de Cirenius!”

Respondeu Jesus Menino: “Não estás falando sério. Percebo imediatamente quando estás deveras zangada, pois ficas toda rubra, enquanto agora és alva como Eu.” A esta observação, todos se riem, e o Meninozinho os acompanha com um sorriso. Maria O toma em seus braços, acariciando-O a torto e a direito.

230. Gratidão de Cirenius

Entrementes o desjejum estava terminado. Quando José acaba de fazer sua prece de agradecimento, Cirenius lhe diz: “Teu mérito para comigo e meu irmão Julius Augustus Quirinus Caesar em Roma, é de tal forma positivo que jamais o poderei recompensar à altura. Sei que não aceitas pagamento imperial e pensei o seguinte: Neste ano, a colheita de trigo será mui escassa, no entanto, tua casa está repleta. Nove pessoas pertencem a mim, e tua família conta oito cabeças.

Não somente os depósitos de trigo e as despensas estão vazios, também a situação de forragem é precária. Além disto, vossa vestimenta é reduzida. Sei perfeitamente ser ridículo querer-se ajudar o Senhor do Infinito, ao Qual é facílimo criar miríades de mundos, com uma simples palavra. Além disto, não pode Ele praticar constantemente milagres que se tornariam um julgamento para as criaturas. Por este motivo hás de aceitar, desta vez, o necessário para teu suprimento.”

Disse José: "Talvez tenhas razão; mas antes de aceitar algo de ti, tenho que consultar o Próprio Senhor." Neste instante, o Meninozinho acorreu e disse para José: "Aceita a oferta de Cirenius, para que possas suprir-te de víveres!"

Assim, Cirenius entregou a José a soma de mil libras de prata e setenta de ouro, e disse satisfeito: "Agora, meu coração se sente aliviado. Mas partirei somente amanhã, pois o meu grande amor não permite ausentar-me." Isto naturalmente muito alegrou a José.

231. Preocupações de José e Bom Conselho de Jesus

Como José não possuísse cofre apropriado para guardar a grande importância, Cirenius mandou comprar um belíssimo, de cedro, no valor de dez libras de prata. Uma vez guardada a importância, José observou: "Pela primeira vez em minha vida, sou um homem rico, pois nunca vi tanto dinheiro, muito menos fui dono. A partir de então, todos nós não teremos tempo suficiente para proteger essa fortuna perante os ladrões."

Conjeturou Jonatha: "José, sei perfeitamente quem é assaltado pelos ladrões que procuram somente os avarentos. Não sendo o teu caso, podes estar calmo, pois todos os mendigos sempre foram bem recompensados por ti."

Nisto, aproxima-se Maria e diz: "Deves estar lembrado termos recebido grande carregamento de ouro por parte dos três sábios do Oriente; e agora nada mais possuímos, sem termos sido roubados. O mesmo se dará agora. Na casa habitada pelo Senhor, o ouro não tem permanência, e os ladrões nada querem procurar na mesma, sabendo não ser aconselhável apossarem-se de tesouros que pertencem a Deus."

E o Meninozinho acrescentou: "José, homem fiel, não deves olhar com tanto temor para aquele cofre, no qual os Meus irmãos depositaram o dinheiro. Com essa expressão de temor pareces estar doente, e Eu não quero que estejas doente. Esse dinheiro não há de te preocupar por mui-

to tempo. Compra bastantes mantimentos e alguma roupa, distribui o restante que o cofre dentro em breve estará vazio.” Essas palavras confortaram a José a ponto de se tornar alegre.

232. Preocupações e Tarefas Caseiras

Após José ter enviado os filhos para a cidade, a fim de fazerem as necessárias compras para o almoço do qual participaria Cirenius, Maria observa que o estoque de lenha estava tão reduzido que mal dava para o preparo de uma refeição.

Imediatamente José demonstrou o embaraço a Jonatha que disse: “Dá-me o teu grande machado. Irei à floresta ao pé da montanha e dentro de três horas terás quantidade de lenha.” Dito feito. Não levou tempo e o pescador derrubou um grande cedro, amarrou uma corda no tronco e arrastou a árvore até à frente da casa de José.

Todos se admiraram da força colossal de Jonatha, e os empregados de Cirenius experimentaram puxar o cedro dali; mas seu esforço foi inútil. Jonatha então lhes disse: “Em vez de vos cansardes em vão, seria mais interessante ajudar-me reduzir o cedro, com auxílio de outros instrumentos.”

Passada meia hora, a árvore toda estava reduzida a um montão de lenha, levando José a exclamar: “Fizeste em três horas o que me daria trabalho para três dias.” Diz Jonatha: “Uma grande força física é bastante útil; mas que valor tem, comparada à Força Daquele que habita contigo e que faz estremecer todo o Infinito através do Seu Hálito?”

Nesta altura Se aproxima o Meninozinho e diz: “Não Me traias, Jonatha; pois sei quando hei de Me apresentar! Se Minha Força não estivesse contigo, não terias vencido essa árvore! Mas cala-te a respeito.” Agora Jonatha compreendeu a maneira pela qual conseguira vencer a tarefa.

233. Maldição do Dinheiro

Entrementes aproximara-se uma brilhante delegação da cidade, a fim de cumprimentar o Prefeito. Embora ninguém soubesse da presença dele, em virtude de ter viajado incógnito, os empregados foram vistos na cidade, suspeitando-se da presença de Cirenius. Este, de modo algum, estava satisfeito com a honraria, quase que virando as costas para o coronel e o conhecido capitão, que se desculpavam pelo atraso de sua chegada.

Cirenius viu-se obrigado a fazer as honras por questões políticas, correspondendo às gentilezas. Finalmente ele se vira para o coronel dizendo: "Nós, dignitários, passamos mal, pois basta afastarmo-nos do limiar, e todo mundo se certifica de nossa intenção, enquanto o homem comum pode fazer o que quer, continuando incógnito.

Com prazer aceito a recepção em nome de meu irmão, entretanto insisto que aqui me encontro em caráter particular, quer dizer, minha presença aqui não é oficial e não deve ser noticiada em Roma, sob condição qualquer. O porquê é de meu interesse, apenas. Voltai à cidade para mudardes de traje; querendo, podeis participar da refeição." Com isto, a delegação se despediu. José então dirigiu-se para Cirenius dizendo: "Eis o primeiro efeito do dinheiro que me deste tão fartamente. Teus empregados foram obrigados a comprar um cofre, traindo tua presença. É como sempre digo: No vil metal ainda se prende a antiga maldição de Deus!"

Jesus Menino, acrescentou sorrindo: "Por isto não se pode aplicar maior ultraje ao altivo ouro e à prata orgulhosa, senão gastando-os na justa medida entre mendigos. Tu, Meu bom José, sempre agiste desta forma; por isto a antiga maldição não te prejudicará, nem tampouco a Cirenius. Não alimento o menor receio quanto a esse dinheiro, pois aqui está bem empregado." Acalmados, José e Cirenius aguardaram com alegria os convivas.

234. Predição do Menino Jesus

À hora determinada, a delegação voltou da cidade, cumprimentou a família de José e em seguida se encaminhou ao refeitório, em companhia de Cirenius. Como o número de hóspedes fora maior do que a expectativa, a mesa de José se tornara pequena para comportar os familiares.

Por isto, Jesus Menino disse em surdina para José: "Manda servir uma pequena mesa para nós, no recinto à parte. E dize a Cirenius que não se ofenda, pois passada a refeição voltarei junto dele."

José seguiu o conselho do Filhinho, mas o Prefeito protestou: "De modo algum aceito isto! Não podemos sentar o Senhor do Infinito, em uma mesa à parte! Seria a ordem mais estranha do mundo! Justamente Ele e tu deveis sentar na ponta!"

Diz José: "Será difícil, meu irmão. Estão presentes muitos pagãos aos quais a direta Presença do Senhor causaria prejuízo; por isto, deve ser respeitada, como sempre, a Vontade de Jesus." Aproximando-Se de ambos, o Pequenino acrescentou: "José tem razão, Cirenius, obedece-lhe."

Não encontrando o que objetar, Cirenius se dirigiu com seu séquito à mesa, enquanto José e sua família se acomodaram num quarto ao lado. Subentende-se que nesta mesa se serviam os pratos menos saborosos, ao passo que a mesa dos hóspedes recebia os melhores.

Percebendo isto, o Pequenino exclamou: "Ó mácula terráquea! Porventura é preciso produzires o pior para o teu Senhor, Único? Por este motivo, serás tu, fértil país entre Ásia e África, castigado com grande esterilidade, para todo o sempre. Realmente, se nossa mesa não tivesse alguns peixes, nada haveria que Eu pudesse comer! Eis aqui um mingau com um pouco de mel, que não aprecio; ali, uma cebola frita, um pequeno melão, um pão dormido, mel e manteiga, – eis nossa refeição. Pratos estes que não aprecio, com exceção dos peixes. De modo algum quero que os hóspedes sejam tratados de modo pior do que nós; todavia, o inverso também não se justifica!"

Aconselhou José: "Querido Jesus, não Te aborreças, pois passamos

da mesma forma que Tu!" – E o Pequenino disse: "Dá-Me um pouco de peixe, e para hoje é só. Futuramente deve haver outra ordem; não é possível satisfazer-Me sempre com esse alimento habitual!"

235. Evangelho Básico da Encarnação

Enquanto assim Se alimentava, o Meninozinho perguntou a Jonatha: "Que qualidade de peixe é esta? Não tem sabor, pois é duro e seco qual palha e além disto tem quantidade de espinhos!"

Diz Jonatha: "Realmente, esta qualidade é a mais inferior. Se José me tivesse prevenido antes, eu tudo teria feito para apanhar o melhor peixe para Ti!" Nesta altura, o próprio José começou a aborrecer-se com os filhos pelo desleixo feito à sua mesa.

O Meninozinho, porém, disse: "Não nos devemos aborrecer por isto; no entanto é de estranhar que Meus irmãos guardassem o melhor na cozinha, servindo-nos o pior. A refeição lhes será abençoada, sua atitude, porém, não foi louvável. Muito embora Me tivesses dado o pedaço melhor do peixe, não consigo comê-lo, conquanto esteja com fome. Prova-o!"

José se certifica que o Meninozinho estava com a razão, levantou-se imediatamente e se dirigiu para a cozinha, onde os filhos estavam saboreando um atum. Perdendo a paciência, José os repreendeu com palavras bastante duras. Eles procuram justificar-se, dizendo: "Cabe-nos todo serviço pesado, portanto merecemos coisa melhor do que os que não trabalham. Além disto, o peixe que servimos em tua mesa, não é tão ruim como alegas. Nosso Irmãozinho é às vezes bastante caprichoso por ter sido criado com muito mimo, e em tal ocasião nada Lhe agrada!"

Cheio de raiva, José exclamou: "Apresentando-me essa desculpa, não tereis mais oportunidade de preparar os pratos para mim. Maria será cozinheira, e podeis cozinhar o que quiserdes. Em minha mesa não vos quero ver!" Passando por uma porta lateral, José voltou para o refeitório.

Eis que o Meninozinho começou a chorar e soluçar. Naturalmente é inquirido por Maria, José e Jacó, se estava sentindo alguma dor. E o Pequenino respondeu: “José, porventura se torna tão agradável demonstrar a própria soberania, aos pobres e fracos, condenando-os por um pequeno desleixo?

Observa a Mim, quantos cozinheiros péssimos tenho Eu no mundo que teriam Me deixado morrer à míngua, sendo Eu o Pai de todos, – caso isto fosse possível! Existem muitos que nem querem tomar conhecimento de Minha Pessoa! Ainda assim, não os procuro para julgá-los em Minha Ira justa!

Porventura é agradável ser-se um anfitrião? Eu Sou o Senhor Único do Infinito, não havendo outro para sempre! E vê, Eu, vosso Criador e Pai, quis tornar-Me qual fraca criancinha, retendo Minha eterna e infinita Glória, a fim de que pudésseis sentir repugnância de vosso antigo espírito dominador diante deste exemplo de humildade!

Mas não! Precisamente no Tempo de todos os tempos em que o Senhor de toda Glória Se humilhou diante de todos os homens, para conquistá-los por esta atitude, querem eles ser senhores e reger.

Sei que condenaste os teus filhos por Minha Causa. Mas se aceitas em Minha Pessoa, o Senhor, por que motivo tomaste a dianteira? Não nos sentimos infelizes por nos terem servido peixe de qualidade inferior, pois podemos mandar preparar um outro a toda hora.

Os quatro rapazes são as criaturas mais infelizes do mundo por terem sido condenados pelo progenitor, e tal castigo não está na altura de um desleixo tão fútil. Que seria de vós, se Eu agisse convosco da maneira pela qual tratais vossos irmãos, tornando-Me impaciente e intolerante? Ignoras **por que** fomos servidos tão parcamente; mas Eu sei da razão. Retira tua condenação, e Jacó te revelará o motivo deste péssimo almoço.” José chama os filhos para confessarem o seu delito a fim de poder perdoar-lhes.

236. Atitude Humilde dos Filhos de José

Os quatro rapazes entraram imediatamente no refeitório, ajoelharam-se diante de José, pedindo perdão pela sua má conduta. Após ter retirado a condenação, José lhes disse: "Perdoei-vos de bom grado, conquanto fosse o menos ofendido. Eis aqui o Meninozinho, do Qual afirmastes, ser caprichoso e mimado, nada Lhe agradando! Isto foi um ultraje tremendo! Ide imediatamente pedir-Lhe perdão, do contrário passareis mal!"

Aproximando-se do Irmãozinho, os rapazes disseram: "Ofendemos-Te, diante de José, irritando-o de tal forma a nos condenar. Nossa atitude foi imperdoável e pedimos que nos perdoes, aceitando-nos de novo como irmãos."

Com sorriso mui amável, e lágrimas em Seus Olhinhos divinos, Jesus estendeu Seus bracinhos e disse: "Levantai-vos, Meus irmãos queridos, vinde a Mim, para que possa abençoar-vos e beijar-vos! Quem vier a Mim como vós, será perdoado ainda que tivesse pecados em número idêntico à areia no mar e ervas na Terra.

Em verdade, antes que esta Terra fosse criada, Eu já havia descoberto este pecado, perdoando-o antes que existísseis. Meus irmãos queridos, não alimenteis pavor de espécie alguma, por Minha Causa; amo-vos de tal forma que morrerei um dia por amor para convosco! Ainda que Me tivésseis amaldiçoado, Eu não vos teria condenado, mas chorado devido à dureza de vosso coração. Vinde, pois, a Mim, para que vos abençoe pelo fato de terdes Me injuriado um pouco!"

Essa bondade sem par do Meninozinho partiu o coração dos quatro rapazes, de sorte que choravam quais crianças, e os demais presentes estavam tão comovidos a não poderem conter as lágrimas.

Jesus Menino dirigiu-Se para os irmãos, abençoou-os e beijou-os, e em seguida disse: "Certamente percebereis que vos perdoei? Agora ide à cozinha e trazei um peixe melhor; ainda estou com apetite e não posso comer o que trouxestes." Rápidos, eles se dirigiram para a cozinha e den-

tro de pouco tempo serviram um dos melhores peixes.

237. As Diversas Fases Espirituais na Terra

Após se terem saciado, José perguntou a Jacó se não havia sentido espiritual nesta refeição de origem escassa e finalmente, saborosa. O filho respondeu com humildade e modéstia: “Sim, meu pai, e hei de transmiti-lo à medida que o Senhor mo revelar.”

Todos voltaram sua atenção para o orador que prosseguia: “A refeição escassa e ruim, demonstra a época futura em que o Verbo do Senhor será deturpado. Seus servos guardarão para si, a parte melhor e alimentarão as comunidades com o bagaço, assim como os pagãos agem com os suínos.

Os judeus serão semelhantes à cebola frita; muito embora seja ela uma raiz que viceja no mar da Graça Divina e está sendo frita no fogo do Amor de Deus, encontrar-se-á na Mesa do Senhor, como péssimo alimento, que ninguém deseja saborear.

O insosso mingau de leite será interpretado pelos gregos. Conservarão de modo genuíno, a Palavra do Senhor; como levarão apenas vida externa e não interna, tornar-se-ão mornos, tolos e sem sabor, iguais a esse mingau que contém os melhores humores da vida; mas sendo frio e não bastante cozido, sua apresentação é péssima na Mesa do Senhor.

O melão representa Roma. Esse fruto nasce numa haste que se estende por todos os lados, na qual se apresentam muitas flores ocas, havendo apenas poucas carregadas com sementes. Uma vez o fruto amadurecido, seu aroma é agradável e forte. Cortando-se o mesmo e provando a carne interna, nota-se imediatamente que o sabor é pior que o aroma.

Não se juntando mel aromático, sente-se verdadeiras náuseas e facilmente pode surgir a morte. O mesmo se dará com Roma, por certo tempo, e muitos hão de morrer ao saborearem esse fruto que também se encontrará na Mesa do Senhor, como péssimo alimento, e Ele não o tocará.

Afora disto, sobram manteiga, pão, mel e alguns peixes magros. Tais alimentos são algo melhores, encontram-se separados dos outros e mantêm bom aspecto. Todavia não transmitem calor, pois o tempero principal do fogo não os tocou a todos, por isto aqui se encontram na Mesa do Senhor e não serão louvados.

Os peixes estavam junto ao fogo, mas não tinham suficiente gordura, tornando-se secos qual palha, e o Senhor não consegue saboreá-los. Esses pratos traduzem certas seitas que se separarão das primitivas, mantendo a fé. No entanto não apresentarão amor, ou então mui fraco, não sendo agradáveis diante do Senhor. – Eis a explicação dessa refeição, que transmiti conforme me foi dada." Todos se admiram com a explicação, sem compreendê-la.

238. Habitantes do Sol Destinam-Se Igualmente para Filhos de Deus

Terminada a dissertação de Jacó, José lhe disse: "Muito embora tivesses falado mui sabiamente, não entendemos o sentido de tuas palavras. Ainda assim descubro a Sabedoria de Deus nas mesmas e desejava saber o sentido do último peixe de boa qualidade e especialmente preparado. Certamente o Senhor revelará o que é bom, pois também referiu-Se ao que é e será nocivo para todo o mundo."

Disse Jacó: "Sou apenas instrumento do Senhor e falo somente quando inspirado por Ele. Dirige-te a Ele Mesmo e caso me inspirar, eu o revelarei sem alteração."

De pronto, José se dirigiu secretamente ao Filhinho e disse: "Meu Jesus, transmite-me o significado do bom peixe." O Pequenino respondeu: "José, não vês que ainda não terminei o Meu peixe? Espera mais um pouco, pois Cirenius também não terminou a refeição e dispomos de meia hora, durante a qual muita coisa pode ser solucionada."

Virando-Se para Jacó, Jesus prosseguiu: "Enquanto acabo de sabo-

rear este Meu pedacinho, podes falar o que te vier à boca." E Jacó começou a falar: "Este último e bom peixe representa o Amor do Senhor e Sua imensa Graça que espargirá sobre as criaturas em épocas nas quais todos se encontrarão sobre os abismos da morte eterna.

Antes disto, os cozinheiros hão de suportar forte julgamento, e somente depois virá a época de que falou o profeta Isaías, caps. 19 e 66. Tal era será permanente sobre a Terra e jamais lhe será tirada, pois ela se unirá ao Sol, e seus habitantes morarão suas enormes plagas de luz e iluminarão como ele.

O Senhor será Senhor Único, e Ele Mesmo será o Pastor e todos os habitantes luminosos farão um só rebanho!" Deste modo, a Terra e seus moradores existirão eternamente, e o Senhor estará entre eles para sempre, como Pai de Seus Filhos desde eternidades! Não mais haverá morte; pois quem viver, fa-lo-á para sempre e jamais verá a morte! Amém."

Toda a assembléia quedou perplexa diante da sabedoria profunda de Jacó; somente Jesus Menino falou: "Terminei com o peixe, portanto também digo: Amém."

239. Opinião Alheia Acerca da Família de José

Todos agradecem a Deus pelo alimento natural e espiritual, e em seguida se dirigem para o ar livre, com exceção de José, Maria, Jesus e Jacó que se encaminharam para o grande refeitório, onde ainda se achavam à mesa, Cirenius e seu séquito. Imediatamente levantou-se para fazer lugar para os amigos, mas o Menino Jesus protestou: "Fica onde estás, caro Cirenius, já Me dou por satisfeito em ter o lugar justo em teu coração. Irei ao ar livre e podes seguir-Me quando tiveres terminado a refeição."

Uma vez no campo livre, Jesus Se entretinha com as demais crianças. Alguns hóspedes da cidade estranharam a palestra razoável e confiante do Pequenino com Cirenius e lhe perguntaram pela idade de Jesus que

Se expressava qual homem com intimidades para com o Prefeito.

Cirenius respondeu: "Que vos preocupa eu sendo amigo das crianças? Vistes que o Pequeno é sumamente inteligente; quanto à sua clareza excepcional falando qual adulto, entretanto conta apenas dois anos e pouco, isto deveis indagar de Seus genitores. De minha parte me admira que, como vizinhos mais próximos, não conheçais mais de perto essa família."

Dizem alguns: "Como poderíamos? Essa família pouco sai e além disto não dispomos de tempo para visitá-la, que mantém um nimbo místico pelo qual não se sabe em que terreno se pisa. Pessoas há que afirmam terem visto essa casa como que envolta em chamas que apagavam a um mando secreto. O velho é mago judeu, e com pessoas dessa espécie não convém entrar-se em contacto."

Soltando uma gargalhada, Cirenius retrucou: "Continuai nessa opinião, pois então essa família estará segura diante de vós." Perplexos, os hóspedes não sabiam o que responder.

240. O Grande Incêndio em Ostracina

Um cidadão honorífico, então, protesta: "Por que motivo estaria essa casa segura, caso se tome o velho judeu por feiticeiro, talvez erroneamente?"

Responde José: "Porque o homem fraco nada consegue lá, onde a Mão protetora da Divindade Eterna estende Seu Poder. Essa casa se encontra, como nenhuma outra no mundo inteiro, sob a Proteção de Deus, portanto é invulnerável. Tentai apor vossas mãos neste lar, que heis de sentir a reação!"

Todos os hóspedes quedam estupefatos e cochicham: "O Prefeito nos quer assustar por não ter exército consigo. Se fôssemos realmente entrar em ação contra essa família e ele próprio, sua fala seria outra! Sigamos para a cidade, para aqui voltarmos à noite, com reforço, e veremos se o Prefeito tem a mesma fibra!"

Assim, os cidadãos e o capitão começam a se despedir de Cirenius.

José, porém, lhes diz: "Por que quereis partir, se o Sol ainda iluminará por mais uma hora? Ficai até a noite e todos nós acompanharemos Cirenius até ao navio, pois pretende partir à noite."

Os cidadãos retrucam: "Pedimos desculpas, mas espera-nos um negócio importante!" Nisto acorre o Menino Jesus e diz a José: "Deixa-os seguir, pois seu compromisso servirá para Minha Glorificação!"

Voltando junto de Cirenius, José relata o que tinha sucedido, e o Prefeito obtempera: "Conheço essa gente ciumenta por eu ter visitado tua casa deixando-a de lado. Não me preocupo, pois sei Qual é tua proteção!"

O Menino Jesus disse: "O caminho há de os queimar! Querem destruir nossa casa pelo fogo; todavia não terão tempo para tanto, pois terão muito que fazer!" Nem bem Jesus terminara de falar, e toda a cidade estava em chamas, e ninguém tinha tempo para pensar na destruição da vila de José.

241. Deus É Juiz Justíssimo de Todos

Todos se apavoram diante da imensa massa de fogo e fumaça, e Cirenius indaga de José se não convinha socorrer aquelas pessoas aflitas. O amigo responde: "Creio que não. Não podemos fazer frente ao fogo; quanto aos necessitados, dentro em breve nos procurarão."

O Meninozinho aduz: "Caro José, esse acontecimento aliviará o teu cofre, e também tu, Cirenius, passarás pela mesma sensação, antes de tua partida. Os que nos ameaçaram secretamente com a destruição da casa, voltarão como amigos humildes para pedir-te um auxílio. Prepara-te para tanto. Não penses, porém, tivesse Eu, através do Meu Poder, incendiado suas casas; pois longe de Mim, está qualquer vingança! Esclareço-te o seguinte: Foi a própria criadagem autora do incêndio, pois de há muito alimentava antigo ódio contra os patrões que a tratavam parca e severamente. Hoje encontrou o momento oportuno para vingar-se, de sorte que incendiou seus palacetes. Sem Minha Cooperação, esses senhores do

mundo caíram na cova que pretendiam cavar para nós!"

Assim informado, Cirenius indaga se não convinha prender-se os criminosos, e Jesus responde: "Deixa estar. Praticaram uma obra de caridade em seus patrões egoístas, e além disto já se encontram longe com o tesouro e também não escaparão ao castigo pelo ato de vingança pessoal. Nossa preocupação deve se voltar para os que necessitam de nossa ajuda.

Os incendiários têm seu prêmio garantido, pois Deus os vê e conhece seus caminhos. Por isto pode apanhá-los onde quer que seja. Deus é Juiz de justiça, e saberá recompensar sua ação com o justo prêmio!"

Nesta altura se aproxima Maria, aflita, chamando a atenção a um grande número de guerreiros que se aproximava a passos largos. O Menino Jesus a acalmou dizendo: "Não há motivo para temores. Trata-se da guarda para Cirenius, expedida pelo coronel para garantir vossa proteção. Dentro em breve virão também alguns cidadãos e convém preocupar-vos com sua acomodação."

242. O Orgulho Antecede a Queda

Quando os prejudicados no incêndio se aproximam, José neles reconhece os antigos hóspedes, por isto pergunta-lhes: "Meus senhores, que finalidade teve vosso negócio que vos levou ao rápido afastamento daqui? Teríeis incendiado vossa cidade, ou trata-se de um segredo?"

Retrucam eles: "Não nos experimentes em nossa miséria, pois vês que somos mendigos. Se puderes nos ajudar, seremos teus escravos por toda vida."

Diz José: "Apenas os patrícios de Roma entendem a traficância com escravos; eu, sei apenas tratar meus irmãos, sejam eles senhores ou mendigos. Por isto hei de vos socorrer. Uma vez que estejais firmes em vosso solo, não premediteis negócio semelhante ao de hoje. A mesma dor que sentis por terem escravos vos roubado tão inescrupulosamente e incendiado vossas casas, seria por mim sentida, caso vossa intenção tivesse sido

levada a efeito."

Em seguida, José se acerca de Cirenius para saber da maneira pela qual se poderiam socorrer os necessitados, de uma só vez. E o Prefeito diz: "Quando os carregadores tiverem trazido os meus grandes cofres, veremos de que maneira faremos a distribuição necessária."

Decorrida uma hora, os carregadores traziam mil sacos de ouro e prata. Cada saco de dez libras se compunha de duas libras de ouro e oito de prata. Virando-se para José, Cirenius disse: "Distribui-os entre estes, de sorte que cada um receba um saco. Os restantes podes guardar para outros prejudicados. Não estarei presente, para não ser descoberto pelo povo. Entrementes, voltarei à casa de Jonatha e espero ver-te à noite."

243. Eficiente Amor ao Próximo de José

Passadas duas horas do por do Sol, José havia iniciado a distribuição, organizando inclusive localidades para os desabrigados, pois na cidade ninguém se atrevia pernoitar por causa do mau cheiro da fumaça e pela incerteza se o fogo não fosse atingir outras moradias. Terminada essa tarefa, José perguntou secretamente ao Meninozinho se era aconselhável deixar-se a casa para procurar Jonatha. E Jesus respondeu: "Que te importa a casa e seu conteúdo? Tudo isto pertence ao comprador. Vamos à cabana de Jonatha que certamente preparou algum peixe bom para nós."

Conjetura José: "Tens razão, mas considera que temos um cofre cheio de ouro e prata, e um estábulo com animais. Não poderiam se tornar roubo dos hóspedes?"

Responde Jesus: "Fala com Jacó, que entende melhor desses assuntos do que Eu." Repetindo a pergunta ao filho, este afirmou: "Pai, caso perdêssemos tudo, entretanto, ficássemos com o Senhor, qual seria nosso prejuízo? Ele nos acompanhará na visita para Jonatha; qual seria a perda que deveríamos temer?

Que te seja roubada a Terra toda, mas se ficares com o Senhor, terás

posse maior do que Céus e Terra. Vai sem susto e preocupações à casa de Jonatha, em Companhia do Senhor, e te convencerás que nada perderemos!" Satisfeito, José seguiu com a família à cabana do amigo que mandou servir peixes bem temperados e todos se confortaram.

244. É Preciso Agir Livremente, Segundo a Vontade do Senhor

Após a ceia, tudo é organizado no navio de Cirenius; dentro em pouco aparece Jacó e indaga se o Prefeito não havia esquecido de levar o milagroso globo, presenteado pelo Meninozinho. Assustado com o esquecimento, Cirenius faz menção de voltar. Jacó o impede dizendo que se lembrara do presente que estava enrolado, num cantinho. Feliz, Cirenius apanhou o globo entregando-o ao capitão do navio.

Virando-se então para José, o Prefeito prosseguiu: "Ando preocupado com tua situação caseira para a qual meus filhos adotivos certamente dão o maior motivo, especialmente os três rapazes. Por isto resolvi levá-los comigo, deixando somente as cinco meninas em tua companhia."

Disse José: "Faze o que achares melhor, todavia consulta primeiro o Senhor." Repetindo sua questão perante o Menino Jesus, Este concordou: "Sim, leva os três meninos bastante travessos. Até mesmo Sixtus não Me considera e convém levá-lo contigo tratando a todos com a máxima severidade, do contrário serão um dia verdadeiros egoístas. As meninas, podes deixar aqui; prefiro-as porque Me têm maior amor, o que Me obriga a amá-las." Assim todos se aprontam para o embarque.

245. Despedidas Comovedoras

Uma vez o navio pronto para a partida, Cirenius se ajoelhou perante

o Menino Jesus, dizendo: “Ó Senhor, meu Deus, Criador e Pai Eterno, que ora caminhas neste pó que chamamos de Terra, aceitando a carne, e perante o Qual todos os poderes do Infinito estremecem, – tem Misericórdia para comigo e digna-Te abençoar-me em minha nulidade completa! Que seja o Teu Nome toda minha força e poder, e permita que eu aumente no amor para Contigo! Aceita, meu amado Jesus, o meu amor como gratidão pelas Graças infinitas que me concedes a cada respiração!” Não podendo prosseguir de emoção, Cirenius desata a chorar.

O Pequenino, porém, disse: “Não chores, querido Cirenius, pois vês o quanto Eu te amo, e neste amor reside Minha grande Bênção. Se continuares como és, serás eternamente Meu, e tua alma jamais sentirá nem saboreará a morte! Assim como externaste um pedido, peço-te que não Me traias. E isto, por causa do mundo que ingressaria na morte, caso Me reconhecesse antes do tempo!” Em seguida, Jesus abraça e beija Cirenius com todo amor.

Estendendo os braços, este exclama: “Meu Deus, quem sou eu para me beijares com a Boca que fez surgir toda Criação? Céus e Terra, forças celestes, vede nosso Criador que me abençoou com Sua Mão poderosa! Quando compreenderás, ó Terra, a grandiosidade desta época em que os Pés do Altíssimo pisaram o teu solo? E tu, solo abençoado, serias capaz de perceber a imensidade dessa Graça, numa contrição humilde? Como me custa deixar-te, local santificado!”

Eis que o Menino Jesus obriga Cirenius a se levantar, e em seguida abençoa Tullia e Maronius Pilla, com olhos cheios de lágrimas. Ele então protesta dizendo: “Oh, não há despedida, pois onde estiver vosso coração, lá estará igualmente vosso tesouro!”

246. Partida de Cirenius

Em seguida, José e sua família abençoam a Cirenius, e Maria assim faz com Tullia e suas companheiras. Virando-se para o romano, José acres-

centa: "Com essa bênção expresso o seguinte desejo de meu coração: Permite eu adotar as cinco meninas, pois hás de ter filhos de teu matrimônio que certamente não se darão com elas. Em minha casa não haverá tal desarmonia, e conheces o motivo tanto quanto eu."

Uma vez tudo acertado, Cirenius abraça José e diz: "Espero ver-te dentro em breve, caso for da Vontade do Senhor!" Aduz o Pequenino: "Amém. Se não for aqui, será no Meu Reino; e isto porque não poderemos permanecer por muito tempo neste país, onde somos bastante conhecidos. Caso mudarmos, ficaremos ocultos, a fim de que ninguém seja julgado.

Nós, unidos pelo amor, estaremos sempre presentes em espírito! Teu tesouro principal se encontrando no coração, leva-lo-ás contigo para onde fores. Eu, tendo Me tornado um tesouro sublime no teu coração, jamais te verás livre de Mim! Jamais Me desapego do recôndito onde habito no amor. Deixa-Me viver constantemente em teu coração que isto não será oculto para ti. Somente o amor pode suportar a Minha Presença, como um fogo tolera outro. Tudo que não for fogo, será por ele destruído.

Esta é a razão pela qual Me retiro do mundo, para que não seja aniquilado pelo Meu Amor! Nunca perguntes: Senhor, onde estás?, pois não responderei: Estou aqui! Inquire com cuidado o teu coração se ele Me ama, e Eu te direi: Aqui estou em casa, com todo Meu Amor, Graça e Misericórdia! Agora sobe sem cuidados para o teu navio, que um bom vento te levará para Tyro, Amém!" Após a partida de Cirenius, José se dirigiu com sua família para a casa de Jonatha, onde ficaram aquela noite.

247. Salvamento de um Navio

No dia seguinte, José foi o primeiro a se levantar e despertar a sua família. Jonatha que saía neste momento de seu recinto, lhe diz: "Que fazes tão cedo e também acordas os teus a esta hora? Não convém esperares o Senhor? Permite ao menos que tua família repouse por mais algum tempo e me acompanhe para uma pesca matutina."

Satisfeito, José toma um grande barco, em companhia de Jonatha cujos marinheiros haviam aprontado as redes, remando para o local onde havia os maiores cardumes. Neste instante surge o Sol, e Jonatha percebe a boa distância um navio romano. Por isto diz para o amigo: “Conheço o mar e sei que é raso naquele ponto e cheio de bancos de areia. Devemos prestar o nosso auxilio.”

Dentro de meia hora haviam atingido um grande navio que trazia um mensageiro para Cirenius. Uma vez salvo no barco de Jonatha, o romano pede para fazerem todos os esforços para salvar a embarcação. Isto conseguido após meia hora, o mensageiro indenizou regiamente o pescador e prosseguiu viagem, enquanto Jonatha voltava à casa, rico em ouro e prata, ao invés de peixes.

248. A Pesca Abundante

Ao voltarem, todos já estavam de pé olhando interessados para a cidade fumegante. Somente Jesus e Jacó foram ao encontro dos dois homens, e Jonatha é prontamente inquirido pelo resultado da pesca. Responde ele: “Meu amor e minha vida! Para hoje não há peixes. Consegui, certamente com Tua ajuda, salvar o navio que trazia um mensageiro para Cirenius. Com isto caíram alguns peixes de ouro e prata em minha rede, e eu deixei de lado a pesca.”

Diz o Pequenino: “Está bem; mas como já antegozava o sabor de um peixe fresco, teria preferido que trouxesses os verdadeiros.”

Diz Jonatha: “À beira da margem encontram-se numerosos depósitos de peixe, de onde podemos tirar os melhores.” Sorrindo, Jesus continuou: “Vai demorar muito para que seja preparado algum?” “Oh não,” disse Jonatha, “dentro de meia hora estaremos à mesa.”

Nisto, José diz para o Filhinho: “Como mendigas! Aqui não estamos em casa e convém teres paciência até que Te sirvam algo.” Protesta Jesus: “Qual o quê! Eu estou em casa onde se Me ama, portanto posso falar o

que quiser! A fim de que Jonatha não venha esvaziar seus depósitos sem paga, que atire uma rede para uma pesca abundante."

Imediatamente Jonatha obedece pescando quantidade extraordinária dos melhores peixes, e Jesus observa: "Se isto está em Meu Poder, posso certamente pedir que Jonatha Me sirva um bom peixe!" José se cala, enquanto o amigo não sabia o que fazer de alegria.

249. José Encontra a Casa Vazia e Roubada

Jonatha organiza o preparo e acondicionamento dos peixes, e dentro de um quarto de hora todos se dirigem para o desjejum. Este tomado, José disse: "Está mais do que na hora de voltarmos e tu, Jonatha, irás comigo." Aceitando feliz o convite, Jonatha apanha três depósitos de peixes e acompanha José e sua família à vila. Lá chegando, grande foi a surpresa ao encontrarem a casa aberta e vazia.

Imediatamente José conjeturou: "Este é um mau sinal. Somente ladrões costumam fugir quando engendraram um assalto. Ide, meus filhos, analisar o que há." Não demora, os rapazes voltam comunicando a José que estábulo, despensas e cofre estavam vazios.

Irado com a maldade dos homens, José exclamou: "Realmente, se me fosse dado poder para castigar tais velhacos, eu faria chover fogo sobre as cabeças de tais ladrões!"

Nisto Se aproxima o Meninozinho dizendo: "Eh, pai José, que é isto? Os ladrões não Me roubaram! Como podes estar tão enraivecido? Eles te fizeram um grande favor, limpando tua casa desta forma. Onde, no futuro, uma casa (o coração da criatura) não for limpa deste modo, Eu não hei de mudar-Me para lá.

Esta casa está limpa de qualquer impureza do mundo, prestando-se para Meu ingresso, e além disto está inteiramente aberta, e não precisas ter rancor contra os ladrões, a fim de que seu pecado não aumente!"

José e todos os presentes guardaram tais palavras no coração, e o

Menino Jesus finalmente acrescentou: “Todos os homens agem Comigo como os desabrigados com tua casa, entretanto não faço chover fogo dos Céus. Também vós não deveis amaldiçoar aos que pagam o bem com o mal, e assim sereis verdadeiros filhos do Pai, Único, nos Céus!”

250. Maria Chora a Perda de Todas as Roupas

Todos vão para dentro de casa. Quando Maria percebe que tanto o guarda-roupa dela quanto o de Tullia, tinham sido saqueados, ela começa a chorar e diz para José: “Vê, até mesmo o vestido que usava no Templo foi roubado pelos maldosos. Nosso estoque de roupas não podia ser pior, no entanto perdemos o mais necessário! Ofereço este sacrifício ao Senhor, todavia é doloroso por ter sido a única peça para mudar. Muito mais sinto ainda que os maldosos levaram também a roupinha de Jesus! Tem apenas a camisinha no corpo. Como irei arranjar outra? Meu Filhinho, agora Tua Mãezinha não pode vestir-Te uma camisinha limpa diariamente, o que tanto apreciavas!”

Comovido, Jonatha diz: “Mãe sublime e santa de meu Senhor, não te entristeças, pois tenho ouro e prata que te ofereço com a máxima alegria, podendo aplicá-los como entenderes. Sei perfeitamente que o Senhor de toda Glória não considera o meu tesouro material; pois Ele, que veste flora e fauna tão maravilhosamente não deixará que Sua Mãe venha a ficar sem roupas. Ainda assim quero dar-te tudo que tenho! Aceita-o que vem de meu coração!”

Olhando para Jonatha com todo amor, Maria disse: “Meu amigo, como és nobre! Se for da Vontade do Senhor aceitarei um auxílio para o Filhinho. Assim não sendo, eu já recebi tudo de teu coração e jamais deixarei de te ser grata!”

Nisto, aproxima-Se Jesus e diz para Jonatha: “Faze o que deseja a Minha Mãezinha, e teu prêmio será grande no Além. Somos realmente pobres, tanto mais quando não posso realizar milagres, pela salvação

dos homens.”

Muito feliz, Jonatha correu para casa e dentro em pouco trazia seu tesouro em ouro e prata e depositou-o aos pés de Maria. Ela e José choraram, sendo acompanhados de Jonatha que agradecia a Deus por merecer a Graça de ajudar Maria. O Meninozinho abençoou o pescador e disse: “Maria, isto nos proporcionará uma camisinha nova; sê novamente feliz!”

251. O Milagre na Semente do Trigo

Durante essa cena, os filhos de José haviam ordenhado vacas e cabras, lucrando quantidade extraordinária de leite gordo. Em seguida, dois foram ao campo de trigo maduro, onde cortaram algumas hastes, conseguindo encher um cesto de trigo. Os outros, moeram-no num moinho manual feito por José, e através da Benção do Senhor ganharam o dobro do estoque no cesto.

Isso terminado após três horas, aproximou-se José e perguntou onde tinham conseguido farinha tão pura e analisando as hastes, ele exclamou: Como isto é possível? Vejo apenas dez hastes! Teriam sido elas a encherem esses dois cestos grandes? Convencendo-se do fato, José agradeceu a Deus e comentou o fato em casa.

Todos se dirigiram para o moinho e analisaram a farinha, e um deles observou: “Isto não é possível pelo caminho natural!” De própria iniciativa, Jacó apanhou uma semente de trigo e disse: “Admirai-vos do resultado excepcional. Mas quando alguém se teria admirado ao semear um grãozinho do qual via surgir uma haste portadora de cem grãos? No entanto, é este milagre corriqueiro, maior do que o aumento duplo, porquanto um grão apenas é centuplicado.

Se as dez espigas tivessem dado apenas um cesto de trigo, ninguém se teria admirado, conquanto fosse o lucro de **um** cesto igual milagre que dois cestos. De modo idêntico ninguém se admira com uma espiga de

cem grãos por estar habituado a isto.

Pergunto se é justo admirar-se Deus apenas onde permite algo extraordinário, enquanto o comum dentro da ordem está muito mais acima porque prova a eterna Bondade, Onipotência, Amor e Sabedoria de Deus?" Esse discurso de Jacó provocou grande sensação, e todos louvaram a Deus por ter dado tamanha sabedoria ao homem.

252. Implacabilidade de Jesus Contra a Maldade

Dentro de uma hora se havia preparado um bom almoço que consistia de cinco peixes e quatorze pães de mel, pois o mel fora a única coisa que os ladrões pouparam. Além disto, José e Maria preparam um bom refresco de limão, água e mel. Somente quando a refeição estava na mesa, os filhos de José se lembraram dos talheres de madeira. Os ladrões, porém, haviam levado os mesmos.

Dirigindo-se para a cozinha, José certificou-se de que lá existiam somente uma grelha, duas panelas, uma colher, uma faca e um garfo. Além disto, o leite tinha que ser guardado na última panela. Voltando para o refeitório com esses talheres, José disse para Jonatha: "Eis o que nos sobra para servir à mesa! Este atrevimento merece castigo! Admito o roubo de coisas preciosas e o roubo por miséria. Aqui não se trata disto e sim, de um atrevimento sem par, que o Senhor não deveria deixar passar sem punição."

Depois dessa argumentação, José dividiu o peixe com o único talher, e repartiu os pães de mel. Quando Jesus Menino não viu o Seu pratinho, Ele perguntou a José se também tinha sido roubado. E Maria respondeu: "Por certo, meu Filhinho divino; do contrário estaria à Tua frente."

Redarguiu Jesus: "José tem razão, este atrevimento será castigado para sempre! Quem faz o mal por necessidade ou por ignorância, será esclarecido. Conhecendo o bem e praticando o mal por vontade puramente satânica, é no fundo um diabo e deverá ser castigado com o fogo!"

Assim, todos comeram sem talheres. Nem bem terminaram a refeição, quando se ouvia uma terrível gritaria do lado de fora. Tratava-se dos ladrões, cada qual envolto de uma serpente incandescente, pedindo socorro. Mas o Meninozinho não os atendeu, impelindo-os, cem ao todo, para dentro do mar, através de Sua Onipotência. Foi esta a única vez em que Jesus Se mostrou implacável.

253. Os Infames Diante da Porta de José

Passado certo tempo, ouviu-se outra gritaria, vinda da cidade, e um grande grupo de pessoas se encaminhava para a casa de José. E Jacó disse ao pai e a Jonatha: “Eis os ladrões de nossas roupas. O Poder do Senhor os atingiu e agora pagam seu ultraje nas vestes santificadas; pois quem as vestir ou apenas tocar, será posse de um fogo interno e dizimado a cinzas. Por isto acorrem aos gritos e hão de nos pedir que tiremos essas peças de roupa de suas casas semi-destruídas pelo fogo. O Senhor lhes dará o que merecem!”

No mesmo instante, os ladrões estavam diante da porta de José, gritando por socorro. Acompanhado de Jonatha, José enfrentou trinta homens que bradavam: “Júpiter, poderoso deus, salva-nos; ultrajamos-te porque te desconhecíamos! Agora te pedimos que nos mates, ou apanhes as roupas de teu lar!”

Eis que o Meninozinho aparece e diz: “Malvados! Trazei as roupas aqui, do contrário, a morte será vosso destino!” Deste modo, trouxeram as roupas em varas de ferro, pois não era possível tocá-las com as mãos. Jesus não os castigou, e José recebeu com satisfação aquilo que tanta falta fizera.

254. Nobreza de Maria

Quando Maria recebeu suas roupas, sua alegria foi grande; ao mesmo tempo sentia pena dos que as haviam devolvido conjeturando que certamente nada receberam do ouro e agora estariam expostos a grande miséria. Se ainda estivessem por perto, com prazer lhes daria os vestidos ou dinheiro suficiente para comprá-los.

Nisto Se apresenta o Meninozinho e diz: “Se soubesses como és linda, Mãe, poder-te-ias tornar vaidosa!” Sorrindo, Maria disse ao Pequenino que a acariciava: “Meu Amorzinho, porventura não sou bonita todos os dias?”

Respondeu Ele: “Sim, és mui bela; às vezes ultrapassas a tua beleza. E hoje és especialmente linda e rodeada por milhares de arcanjos, querendo cada qual estar mais perto de ti!”

Maria não compreendeu as palavras do Filhinho e virou-se para todos os lados, vendo apenas os objetos do quarto. Por isto disse: “Onde estariam os arcanjos que não percebo?”

Disse o Meninozinho: “Não podes vê-los, para não te tornares vaidosa. És tão bela perante todos os anjos celestes porque despertou em teu coração, misericórdia tão grande que se assemelha à Minha!

Submeter os inimigos a uma penitência, humana e justa, deve ser a medida razoável nesta Terra; perdoar-lhes, de coração, fazer- lhes o bem e abençoá-los, – tal ação é puramente divina! Isto consegue apenas a força infinita do Amor divino, pois o humano é fraco para tanto!

És tão bela por teres agido como Deus age, pois Ele é Beleza e Amor mais sublimes! Age, segundo pede teu coração que o Meu Reino do Amor será teu reinado, onde serás eternamente uma rainha!” Imediatamente Maria enviou Jonatha atrás dos ladrões e beneficiou-os regiamente com o dinheiro que ela e José haviam recebido de Jonatha.

255. O Poder do Amor

Os homens deste modo favorecidos se atiraram ao solo e clamaram: "Tal bondade e benevolência não é comum aos homens, pois somente deuses, imortais, conseguem premiar inimigos! Merecemos apenas castigo porque ultrajamo-vos, que sois deuses. Sois soberanos celestes, e isto traduzem vossas atitudes. Honra e louvores vos sejam tributados por todos os homens da Terra! E os tronos dos príncipes e todas as suas coroas têm que se curvar diante de vossa glória!"

Após terem dado expressão ao êxtase exagerado, os ex-ladrões voltaram à cidade, onde divulgaram a presença de deuses, e todos os moradores estremeceram diante dessa proximidade suprema sem se animarem a trabalhar de tamanha veneração.

Não demora e os dignitários chegam à casa de José e perguntam se tal era realidade. E José respondeu: "Quanto à boa ação praticada neles, o fato é verídico, pois minha esposa os tratou conforme dizem. Que nos tomem por deuses, representa um testemunho péssimo de vossas pessoas de projeção. Provais precisamente ao povo vossa dureza de coração e carência de tendências divinas. Agi como minha esposa e minha família que a plebe deixará de tomar os moradores de minha casa, por deuses!"

Envergonhados, os ricos e dignitários se afastaram, convencidos de que José era apenas homem mui sábio e bom, sem contudo ser um deus. A partir de então o lar de José viveu em paz durante meio ano, respeitado por todos. O Meninozinho não praticou milagres nesta época, passando tudo a ter cunho natural. Jonatha quase sempre ficava naquele lar, onde sentia-se verdadeiramente feliz.

256. Morte de Herodes. Archelaus Se Torna Rei

Neste período se deu a morte de Herodes, o infanticida, e seu filho subiu ao trono da Judéia. Quando Jacó transmitiu essa notícia a José, este

conjeturou: “Não duvido que assim seja, mas não percebo uma mudança para mim, por este motivo.”

Disse Jacó: “Não fui instruído pelo Senhor, para transmitir-te tal futuro. Certamente o fará como sempre fez, através da boca de um anjo. Pois não estaria na Ordem divina que um filho prescrevesse os caminhos, ao pai.”

Perguntou José: “Achas que o Senhor agirá desta forma comigo?” Respondeu Jacó: “Pai, acabo de ouvir o seguinte: Nesta noite, num sonho mui claro, enviarei o Meu anjo que te revelará Minha Vontade, que executarás imediatamente!”

Com profunda gratidão por esta prova de Deus, José orou durante três horas, para recolher-se em seguida. Dando ao corpo cansado, o devido descanso, ele adormeceu e viu em sonho, o anjo do Senhor que lhe disse: “Levanta-te, desperta o Filhinho e Sua Mãe, e segue para Israel; pois os que tencionavam matá-Lo, morreram!”

José chamou a esposa e transmitiu a ordem do Alto; e ela falou: “Que se dê segundo a Vontade do Senhor. Mas teus filhos, ficarão aqui?” Disse José: “De modo algum; pois as palavras do anjo se referiam à minha família toda. Muitas vezes o Senhor falou aos profetas em sentido particular, no entanto, referia-Se a toda família de Jacob.”

Todos compreenderam a explicação de José e os filhos se apressaram para a organização da partida. Qual não foi sua admiração encontrando tudo pronto, inclusive um jumento para cada um, munido de todos os apetrechos indispensáveis para a viagem. Entregando os móveis a Jonatha que nesta noite ficara para dormir, José abençoou o amigo e recomendou que o seguisse após decorrido um ano, para Nazareth. O Menino Jesus também o abençoou e beijou, e o velho pescador chorou em virtude de tão rápida partida. Muito antes do surgir do Sol, todos montaram seus animais partindo para outro destino.

257. Chegada a Nazareth

Após dez dias de viagem bastante penosa, José chegou ao país de Israel e descansou em um monte, com pessoas que viviam de criação de gado. Lá foi informado de que Archelaus era rei muito mais cruel que seu pai, de sorte que José e sua família se viram tomados de pavor, por isto, ele tencionava voltar para o Egito, ou Tyro.

Maria procurava animá-lo, dizendo: "Por que deveríamos temer mais o rei dos homens, se o Senhor nos ordenou a partir?" Retrucou José: "Tens razão, querida. Sei que o Senhor conduz os Seus filhos através da morte desde Abel e Seus Caminhos são às vezes insondáveis. Por isto temo que Ele venha a conduzir-me através da morte.

Esta suposição cresce à medida que medito acerca da crueldade do novo rei em Jerusalém. Por isso resolvi voltar amanhã cedo. Se o Senhor deseja nossa morte, prefiro que isto se dê por meio de leões, tigres e hienas, do que por parte de Archelaus!"

Assim, José estava resolvido a voltar de onde partira. Durante a noite, porém, o Espírito de Deus Mesmo aproximou-Se de José, em sonho, e ordenou-lhe partir para Nazareth. Imediatamente José se levantou e partiu de madrugada. Dentro em pouco atingia as localidades da Galiléia e à noite, chegava a Nazareth, onde tomou morada, a fim de que se cumprisse o que dissera o profeta: Ele chamar-Se-á Nazareno!

258. Cena Pitoresca no Terraço de Salomé

Nos primeiros capítulos em que se falava da partida de José para o Egito, fora mencionado que ele havia pedido à rica Salomé de alugar sua quinta, em Nazareth; ela não apenas fez o que ele pedira, mas comprou a quinta, com a seguinte intenção: Caso José ou um filho voltasse, devolver-lhe a propriedade, caso contrário, conservá-la para si.

Salomé considerava a quinta tão santificada, que não se atrevia a

morar nela, muito menos alugá-la. A fim de que pudesse viver nas proximidades, ela adquiriu um campo vizinho, onde construiu uma casinha pitoresca, na qual vivia com seus empregados e recebia freqüentes visitas de Cornelius.

Justamente no dia em que José voltava a Nazareth, Cornelius visitava Salomé, no caminho de volta de um negócio. A noite era linda, a lua estava cheia e nuvem alguma ofuscava qualquer estrela. Salomé e Cornelius subiram ao terraço de sua casinha pitoresca, perto da estrada principal, tendo a quinta de José bem em frente numa distância de setenta toesas.

Ambos dirigiram o olhar para a antiga moradia da nobre família, e Cornelius observou: “Tenho o acontecimento em Bethlehem tão nitidamente diante de mim como num sonho sublime, e esta propriedade me lembra constantemente o mesmo. Quanto mais medito acerca daquele milagre, tanto mais inexplicável se torna.”

Acrescentou Salomé: “Também eu não compreendo como era possível continuar viva após acontecimento tão grandioso. Todavia existe diferença entre nós. Não posso evitar de adorar o Menino Jesus no coração, enquanto consideras o acontecimento qual história mui sublime. Muitas vezes pensei: caso essa família aqui voltasse eu não poderia existir de tamanha felicidade, pois todos os Céus estariam reunidos neste terraço!”

Enquanto ambos palestram deste modo e segundo o Agrado de Deus, Cornelius percebe a boa distância, uma pequena caravana, e diz a Salomé: “Vê, a esta hora há gente peregrinando. Que farias se fosse a nobre família?”

Levando forte susto, Salomé respondeu: “Não menciones isto constantemente despertando desejos que não podem ser satisfeitos. Que farias tu em tal ocasião?” Disse o romano: “Confesso que também ficaria impressionado. Eis que a caravana parou e um homem se dirige para nós. Vamos ver quem é.” Tratava-se de um filho de José que vinha buscar água. Cornelius e Salomé não o reconheceram; pois tal foi a Vontade do Senhor, para o bem deles.

259. José Pretende Pernoitar ao Ar Livre

Após ter Joel apanhado água perto da casa, ele perguntou a Cornelius se Nazareth ficava distante, e o romano respondeu: "De certo modo já te encontras em Nazareth, pois uma criança alcançaria as muralhas da cidade, em um quarto de hora."

Voltando Joel junto de sua família, José inquiriu quais as informações obtidas naquela casinha, e o filho explicou: "Fui muito bem tratado por um casal que disse estarmos em Nazareth e assim julgo ficar próxima a nossa quinta."

Concordou José: "Sem dúvida; mas, quem sabe a quem pertence; teríamos direito de entrar? Não havendo essa certeza, julgo melhor pernoitarmos ao ar livre e amanhã poderemos sondar nossa situação. Vai com teus irmãos procurar lenha e material para fazer fogo, pois a noite está fresca."

Os rapazes voltam à casinha de Salomé, onde pedem o necessário para se aquecerem. Ela então indaga quem eram e qual sua procedência. E eles explicaram: "Viemos do Egito e pretendemos adquirir alguma propriedade em Nazareth. Como moradores daqui, as circunstâncias nos baniram por três anos, e agora voltamos para o fim acima." Sem receio algum, os filhos receberam o que desejaram e dentro em pouco José providenciou uma fogueira na qual todos se aqueceram.

260. Suspeita Agradável

Salomé e Cornelius começaram a fazer conjeturas e ele concluiu: "Esses quatro adolescentes têm bastante semelhança com os filhos daquele homem que conhecemos em Bethlehem e o sotaque também me lembra eles. Certamente aquele personagem emigrou do Egito, segundo informações de meu irmão. Talvez fosse o dito José? Não seria aconselhável certificarmo-nos a respeito e recebê-los condignamente?"

Louca de alegria, Salomé disse: “Sem dúvida trata-se daquela família que procurarei imediatamente com meus empregados!” Dentro em pouco todos, quer dizer, Cornelius, Salomé e os empregados, se dirigiam para o local, onde se encontravam os tão ardentemente desejados. Ao chegarem mais perto, Cornelius disse para Salomé: “Não vês, lá perto do fogo, não está a jovem Maria, esposa de José, com o seu filho? E aquele homem idoso, não é esposo dela, José, que conhecemos em Bethlehem?” Arregalando os olhos, Salomé confirmou a suspeita do amigo, e em seguida perde os sentidos dando bastante trabalho para ele pô-la novamente de pé.

261. Volta à Antiga Quinta

Uma vez refeita de seu êxtase, Salomé e Cornelius se aproximam dizendo: “Que Deus, o Senhor de Israel, seja conosco! Consegui reconhecer-vos, a ti, José, com tua esposa que fugistes da perseguição de Herodes. Por isto vim, para conduzir-vos à vossa propriedade.”

Erguendo-se, José obtemperou: “Bom homem, dize-me teu nome para poder acompanhar-te.” Respondeu o romano: “Sou Prefeito de Jerusalém e me chamo Cornelius que te proporcionou um pequeno favor em Bethlehem. Não te preocupes, pois essa minha amiga seguiu estritamente a tua ordem.”

Neste instante, Salomé se atira aos pés de José e exclama: “Que alegria me é dada, que sou pobre pecadora, pois posso rever-te. Vem à tua casa; pois a minha não é digna de tamanha Graça!”

José se comove muito e diz: “Ó Deus e Pai, como és bom! Sempre levas o viandante fatigado, à melhor meta!” Abraçando os amigos, José e sua família se dirigiram à quinta.

262. Salomé Devolve a Propriedade a José

Lá chegando, Salomé conduz o grupo à moradia bem instalada, e José se admira da grande limpeza em todos os recintos. As camas eram novas, o estábulo bem organizado de sorte que José se convence da eficiência com que Salomé cuidara dos bens dele. Dirigindo-se para ela, ele diz: "Cara amiga, sabes que sou pobre e nada tenho para recompensar-te esse trabalho."

Protesta a moça: "Que teria eu neste mundo, que não fosse recebido por Aquele que Se encontra nos braços da frágil mãe? O Senhor, o Santo desde Eternidades, visitou-nos em Sua Própria Posse."

Por isto nada podemos dar-Lhe, e sim, devolvermos apenas o que pertence a Ele com a Força que nos facultou. O fato de ter zelado por tua propriedade constitui o maior prêmio, e isto porque sinto em minha alma que fui a mais indigna para tanto." Não podendo prosseguir a falar, Salomé chora de emoção e amor.

Neste instante o Menino Jesus desperta no colo da Mãezinha, vira-Se para Salomé e Cornelius e diz: "Vosso grande amor Me despertou; isto é mui agradável e sempre será. A partir de então hei de dormir para todos, em Meu Ser Original; mas quem vier a Mim, com semelhante amor, despertar-Me-á, para si, eternamente! Vai repousar, Salomé; amanhã espero um bom desjejum de ti!" Feliz por ter ouvido falar o Próprio Senhor, Salomé se junta aos louvores a Deus, por parte de todo o grupo.

263. O Menino Jesus e Salomé

Na manhã seguinte, as duas casas estavam em pleno movimento, e Salomé se entretinha no preparo do desjejum, constituído de pão de mel, caldo de peixe e vários peixes, entre os quais a truta era a melhor, sendo pescada nos regatos. Quando tudo pronto, ela corre à casa de José para convidar a todos.

Mas José diz: “Por que fizeste tamanha despesa comigo? Meus filhos também preparam um desjejum e não precisavas ser tão hospitaleira!” Finalmente José aceita o convite, e todos vão à casa de Salomé, onde são recebidos com grande amabilidade por parte de Cornelius, e José se alegra em reconhecer o antigo amigo.

Quando o Menino Jesus depara com os peixes à mesa, Ele Se vira para Salomé, dizendo: “Quem te disse Eu apreciar tanto os peixes? Fizeste-Me uma grande alegria, pois é Meu prato predileto. Gosto igualmente do caldo e do pão de mel, dou, porém, preferência aos peixes. Já que Me consideraste tanto, quero-te muito!”

Diante deste elogio, Salomé se comove e chora. Jesus então diz: “Sempre choras quando recebes uma grande alegria. Acontece Eu não ser amigo das lágrimas, e caso não prosseguires neste hábito, ser-Me-ás mais querida. Com prazer havia de comer o peixe, sentado em teu colo; não Me atrevo para tanto, pois poderias chorar de tamanha alegria.”

Controlando-se à medida do possível, Salomé disse: “Ó Senhor, quem poderia olhar-Te, sem lágrimas nos olhos?” Protesta o Pequenino: “Meus irmãos estão Comigo, diariamente, entretanto não choram!” Acalmando-se, Salomé toma o Pequenino no colo, e todos se sentam à mesa.

264. Palestra entre José e Cornelius

Terminada a refeição, José pede informação de Cornelius a respeito do Rei Archelaus, e o romano esclarece o amigo: “Se eu e meu irmão Cirenius não o controlássemos, seria ele dez vezes mais cruel. Limitamos seu poder, por motivos concludentes, de sorte que pode apenas arrecadar impostos, segundo nosso critério. Caso os tributários se neguem a pagar, ele é obrigado a se dirigir a nós, do contrário receberá o documento de demissão do Imperador, em minhas mãos, podendo declará-lo proscrito. Portanto nada precisas temer da parte desse rei, pois não lhe convém agir contra as prescrições atuais, com ameaça de perder sua coroa, tornando-

se escravo desprezível de Roma.

Julgo não precisares outros fatores para te acalmares. Sou Prefeito de Jerusalém, e meu irmão é de certo modo Vice-rei da Ásia e África, e ambos somos teus amigos. A maior fiança para tua proteção e paz, reside em tua própria casa, e podes desempenhar teu ofício por mim conhecido, sem medo ou receio. Quanto ao montante de teu imposto, saberei escolher uma rubrica que não te magoará!"

A essa explicação de Cornelius, José se acalmou. Pouco mais tarde Cornelius descobriu as cinco filhas adotivas de Cirenius e Eudócia a qual julgava conhecer. Dirigindo-se neste sentido a José, este o informou da verdade, sem maior comentário de sua atitude caridosa. Percebendo a benevolência de José, o romano se alegrou de tal forma que disse: "Tua ação humanitária me leva a isentar-te para sempre dos impostos, como qualquer cidadão romano, e ainda hoje mandarei pregar a carta de imunidade, à porta de tua casa!" José e sua família se comoveram diante da compreensão de Cornelius.

265. Os Documentos Secretos de Roma

Entrementes, Cornelius perguntou a José, se Cirenius estava informado da viagem de José para Nazareth e, se em caso contrário, não se devia orientá-lo a respeito.

Respondeu José: "Amigo, faze o que quiseres com relação a teu irmão; dize-lhe, porém, que não me procure imediatamente e apenas o faça à noite, a fim de não despertar atenção para a minha família, prejudicando a paz de Meu Filhinho."

Afirmou Cornelius: "Não te preocupes, pois os romanos são mestres em visitas incógnitas. Ao chegar amanhã em Jerusalém, informarei o meu irmão por uma carta secreta, que até mesmo poderia ser enviada pelo próprio Archelaus, sem que ele soubesse do conteúdo, muito embora não fosse selada."

José perguntou da possibilidade de tal carta secreta, e Cornelius explicou: “É muito fácil. Toma-se de um pergaminho da largura de um dedo que é enrolado em um bastão, de modo a se unirem os bordos. Isto feito, escreve-se a mensagem por cima do bastão, em linha horizontal.

Acontece que Cirenius possui um bastão idêntico. Terminada a mensagem, ela é desenrolada e entregue a meu irmão, por um mensageiro qualquer e não há quem possa decifrar o conteúdo, sem possuir bastão igual; pois descobrem no pergaminho apenas letras isoladas ou algumas sílabas, que jamais poderão ser entendidas. Compreendeste?”

Disse José: “Perfeitamente. Assim poderás escrever a Cirenius, sem que alguém venha a saber do segredo.”

266. Palavras Profundas de Jesus Dirigidas a Cornelius

Após Cornelius ter palestrado com Eudócia e verificando que tudo estava de acordo com a carta de seu irmão, ele vira-se para José e diz: “Estou orientado de tudo e não mais farei perguntas pelo porquê de tua partida do Egito, conquanto fosses bem cuidado, pois sei que nada fazes sem Ordem de teu Deus. Apenas desejava saber como interpretar a ausência de qualquer feito milagroso em teu Filhinho, pois tenho todas as aparições milagrosas por ocasião de Seu Nascimento, vivamente na memória. Que me dizes a respeito?”

Responde José: “Que pergunta estranha! Não ouviste como nosso Filhinho palestrou com Salomé? Porventura falariam todas as crianças nesta idade, com tamanha sabedoria? Não é este fato tão milagroso quanto as aparições em Bethlehem?”

Diz Cornelius: “Sim, tens razão; ainda assim é este milagre nada de novo para mim, pois em Roma já ouvi crianças falarem com um ano de idade, mas cujo nascimento fora inteiramente natural. Por isto, teu filhinho excepcional não satisfez minhas grandes esperanças.”

Nisto, o Menino Jesus Se aproxima e diz: "Cornelius, sê satisfeito com o jugo que depositei em teus ombros, pois seria preciso te tornares uma montanha de granito, caso quisesses carregar um peso maior de Minha Vontade. Nada mais exijas antes do tempo, pois em época oportuna farei o bastante para ti e o mundo!"

267. Lei de Imposto em Roma

Antes de sua partida, Cornelius se dirigiu à casa de José e pregou à porta, uma placa com a efígie e assinatura do Imperador, representando documento de isenção, pelo qual o tetrarca do país não podia exercer qualquer direito sobre tal residência. Terminado este trabalho, Cornelius escreveu em baixo da placa, em latim: *Tabulam hanc libertatis Romanae secundum judicum Caesaris Augusti suamque voluntatem affigit Cornelius Archidux Hierosolymae in plena potestate urbis Romae* (Esta carta de isenção foi aposta por Cornelius, Prefeito em Jerusalém, em virtude do pronunciamento e vontade de Cesar Augusto, e em plenos poderes da cidade de Roma).

Em seguida, o Prefeito disse a José: "De agora em diante, tua casa e tua profissão estão isentas de qualquer imposto, porventura exigido por Archelaus. Somente o imposto de renda terás que pagar anualmente a Roma, pagável aqui, em Nazareth, na delegacia imperial, ou em Jerusalém, contra recibo. Deste modo estás livre de qualquer perseguição do tetrarca; quanto à placa, aconselho-te protegê-la com uma pequena grade, a fim de evitar o roubo e o estrago de minha assinatura."

José agradeceu a Deus por tamanha ajuda e abençoou o romano, enquanto o Menino Jesus lhe disse: "Para tua recompensa quero dizer-te também algumas palavras. A grande caridade que fizeste à casa de José, será igualmente feita por Mim à tua família. Conquanto não fosse propriedade de José, e sim, de Salomé, serás recompensado pelo bem feito a ela.

De próprio punho pregaste a carta de isenção à porta, acrescentando

tua assinatura. Assim também Eu hei de espargir o Meu Próprio Espírito sobre o teu lar, pelo Qual receberás a liberdade eterna dos Céus de Deus, e com ela, a Vida Eterna em Meu Reino!"

Tomando o Menino nos braços, Cornelius O beijou sorrindo a respeito de promessa tão peculiar, pois como haveria de compreender o que Ele pronunciara com sabedoria tão profunda e divina? Prosseguindo, o Pequenino disse: "Entendê-lo-ás apenas quando o Meu Espírito vier sobre ti!" Em seguida, juntou-Se alegre ao irmão Jacó. Cornelius partiu e José se entregou a organizar as necessidades caseiras.

268. Atitude Estranha de Jesus

No dia seguinte, José disse a Maria: "Querida, por estas redondezas moram parentes e amigos que poderíamos visitar, a fim de lhes proporcionar uma alegria, pois levaremos o nosso Filhinho, Jacó, e caso quiseres, as cinco meninas. Talvez consiga nesta ocasião algum trabalho para ganhar o necessário para nosso sustento."

Satisfeita, Maria organizou tudo para este fim. Somente Jesus não queria acompanhá-los. Mas quando Maria Lhe agradou, Ele deixou-Se vestir e aprontar; entretanto disse: "Não quero que alguém Me carregue, pois irei entre vós para onde quiserdes. Não Me pergunteis pela razão, pois nem tudo é dito diretamente."

Protestou Maria: "Certamente ficarás satisfeito em seres carregado, quando Te cansares." Disse o Pequenino: "Não te preocupes, pois não Me canso quando não quero. Mas Eu o querendo, também Me canso, e tal cansaço é um julgamento dos homens; pois somente o pecado dos homens pode Me forçar a Eu querer ficar cansado.

Antes de tudo fica estabelecido que ninguém Me denuncie! Basta saberdes que Eu Sou o Senhor. Este conhecimento não é julgamento para vós, porque vossos corações são dos Céus.

Se os homens da Terra o soubessem antes do tempo, seriam julgados

e teriam que morrer. Este foi o motivo por que não quis acompanhar-vos, de início. Foi preciso informar-vos, e agora irei convosco. Bem entendido, Eu quero caminhar, e não ser carregado, a fim de que a Terra venha a saber por meio de Meus Passos, Quem ora pisa o seu solo!”

269. O Terremoto

Enquanto José e sua família se puseram em marcha, e o Pequenino caminhava entre os pais, todos perceberam considerável trepidação do solo, a cada passo Dele. Virando-se para Maria, José perguntou: “Percebes como o solo trepida e se agita?”

Respondeu ela: “Sim, bastante forte, tomara que não sejamos atingidos por um temporal que geralmente se apresenta após um terremoto. Nunca assisti a tal prolongamento, e a tempestade será horrível!”

Conjeturou José: “Não percebo qualquer nuvem no céu; entretanto podes ter razão. Se este tremor não cessar, não será conveniente entrarmos na cidade.” Nisto, alguns fugitivos os previnem a não entrar, porquanto havia certeza de desabamentos.

Como José duvidasse qual atitude tomar, Jacó lhe diz em surdina: “Pai, nada temas, pois este terremoto não provocará danos a quem quer que seja, nem na cidade nem nos arrabaldes.”

Imediatamente José compreendeu a causa do fenômeno. Por isto animou a família a prosseguir no passeio. Quando os fugitivos viram o ancião, conjeturaram: “Quem seria este homem destemido?” Como não conseguissem descobrir sua identidade, fizeram menção de voltar à cidade. Nem bem o Meninozinho prosseguiu a marcha, a Terra começou a trepidar, e todos debandaram, enquanto José entrava com sua família.

270. Calorosa Recepção

Lá ingressando, José viu a multidão correr para todos os lados, em desespero e confusão, gritando: “Deus, o Senhor de Abraham, Isaac e Jacó, nos visitou com castigo! Rasgai vossas vestes, empoai de cinzas as vossas cabeças e fazei penitência, a fim de que o Senhor tenha Misericórdia para conosco.” Assim, também procuravam convidar José a rasgar a roupa.

Disse ele: “Meus irmãos, é preferível fazerdes penitência no coração, em vez de destruirdes as vestes. O Senhor não considera a cor da veste, nem seu estado roto ou não; Ele apenas pesquisa o coração, pois lá se ocultam maus pensamentos, desejos, má vontade, impudicícia, adultério etc. Caso alimentardes essas tendências, convém extirpá-las que agireis mais prudentemente do que rasgando vestes e empoando vossas cabeças.”

Admirados, os ouvintes cochicharam: “Quem é este homem que fala qual profeta?” O Meninozinho tocou o braço de José e disse: “Falaste muito bem, fazendo um benefício a esses cegos! Agora o solo há de serenar, para podermos prosseguir com calma.”

Assim, foram à casa de um médico, amigo de José, que, radiante ao vê-lo, não se cansa de abraçá-lo, perguntando qual tinha sido o anjo que os trouxera a esta hora. Respondeu José: “Dá-nos primeiro um pouco de água para lavarmos os pés, e em seguida saberás de tudo.”

271. Confidências dos Dois Amigos

Após se terem lavado, José e sua família entram no salão do médico, onde se achavam vários enfermos em tratamento, e ele começa a relatar os pontos principais de sua fuga do Egito. O médico, revoltado contra Herodes e especialmente contra o filho, pinta o quadro deste mui pior do que o pai.

José o acalma, dizendo: “Tudo isto me foi dito durante a viagem, mas o Senhor cuidou de mim; pois vivo em uma casa livre de impostos, sou

idêntico a um cidadão romano, nada mais me prendendo a esse tirano."

Conjetura o médico: "Esta casa também possuía placa de isenção imperial. Mas certa noite, os esbirros do rei arrancaram-na e multaram-me no dia seguinte de modo injurioso. O mesmo pode suceder a ti, por isto estejas prevenido. A este demônio, nada é respeitável. O que não é roubado por ele, é saqueado pelos arrendatários subalternos e publicanos vergonhosos."

Com essa observação do médico, até mesmo José se altera e diz: "Que experimente tal coisa, e te garanto que pagará caro, pois tenho a palavra do Prefeito que trataria Archelaus qual traidor de Estado, caso não respeitasse os privilégios de Roma!"

Contesta o médico: "Não convém ligares muito a tais privilégios, porquanto não existe raposa mais ladina que conseguisse tirar a cabeça do laço, do que essa fera grega. Qual foi sua atitude quando me queixei perante a jurisdição romana? Acusou imediatamente o próprio advogado de arbitrariedade, mandando prendê-lo.

Quando fiz a petição de indenização, fui rejeitado com a seguinte informação: Não havendo provas de que o rei participasse nesta fraude, não tem ele obrigação de ressarcimento, e sim, apenas o culpado de arbitrariedade. Junto a este, nada ficou provado, de sorte que o prejuízo atinge o proprietário, como vítima de um simples roubo. – A placa foi novamente colocada à porta de minha casa, e sua duração é do conhecimento exclusivo do rei!"

Ainda mais revoltado com essa explicação, José não sabia o que dizer. O Meninozinho então aconselhou: "Não te aborreças com esse impostor; existe um Senhor que pode mais do que Roma!" José se acalmou, enquanto o médico arregalou os olhos, pois não conhecia o Pequeno Jesus.

272. Esperanças Messiânicas do Médico

Passado algum tempo, o médico virou-se para José e disse: "Que filho estranho tens que fala tão sabiamente qual sumo-sacerdote no Tem-

plo do Senhor, quando se acha ornado com Thumim e Urim, diante do Santíssimo? Se bem que me relatasses ter sido ele a causa de tua fuga do Egito, inclusive fatos estranhos ocorridos por ocasião do nascimento, levando-me a crer que venha a se tornar grande profeta após ter cursado a escola dos essênios, acabo de me certificar dispensar ele tal curso, pois é desde já, um profeta de primeira classe, semelhante a Elias e Isaías."

Um tanto encabulado, José hesitou em responder; mas Jesus Se aproximou e disse: "Deixa o médico nesta crença, pois também ele é chamado para o Reino de Deus, todavia não deve ser esclarecido de tudo."

Ouvindo essas palavras, o médico disse admirado: "Viu, José, eu estava com razão quando te falei do profeta, pois este nos revelará a Chegada do Messias por ter falado do Reino de Deus, ao qual também eu fui chamado. Agora compreendo por que este pequeno Samuel nos confortou com a Presença de um Senhor mais poderoso que Roma. Quando o Messias Se apresentar, Roma passará o mesmo que Jericó, em tempos de Josué."

Disse o Menino Jesus: "Mas como? Ignoras que consta que não viria um profeta da Galiléia? Se assim é, Quem será Aquele que surge do tronco de David? Afirmo-te, o Messias não encetará uma espada contra Roma, pois revelará unicamente o Seu Reino espiritual, por intermédio de Seus mensageiros na Terra!" Perplexo, o médico retrucou: "Realmente, em tua pessoa, Deus visitou o Seu povo!" José concorda, sem maiores explicações.

273. Jesus Cura uma Menina

Entrementes, Jesus se entretém a perguntar aos enfermos quais eram seus males e como os haviam contraído. Respondem eles: "Menino adorável, já foi explicado ao médico que nos curará. Não seria aconselhável confessarmos nossos pecados, razão de nossas enfermidades. Procura o médico que te esclarecerá."

Sorrindo, Jesus prosseguiu: "Não estaríeis dispostos a Me dizer o motivo de vossas moléstias, caso Eu vos curasse?" Respondem eles: "Como

não? Mas levará tempo até te tornares facultativo.”

Protesta Jesus: “De modo algum, pois sou médico formado, a ponto de poder curar instantaneamente. Por isto digo: Quem de vós se prontificar primeiro a confiar em Mim, será o primeiro a se curar.”

Achando agrado no Meninozinho, uma garota de doze anos disse: “Vem cá, pequeno médico, quero que me cures!” Correndo junto dela, o Pequenino lhe disse: “Foste a primeira a Me chamar, portanto serás a primeira a ser curada! Conheço a causa de tua moléstia provocada pelos genitores. És sem pecado, por isto digo: Levanta-te e caminha, e lembra-te de Mim! Mas não digas que fui Eu quem te curou!”

Quando os enfermos viram a menina se levantar inteiramente sã, também pediram pela cura; mas Jesus não Se aproximou dos leitos por não terem feito o pedido, antes.

274. Jesus Transmite o Melhor Método de Cura

Diante deste fato, o médico não se contém e exclama todo nervoso: “Meu irmão, peço que te afastes, pois o meu coração se atemoriza! Sou pecador, e neste menino se manifesta o Espírito de Deus!

Acorrendo junto dele, Jesus lhe disse: “Por que te tornas tão tolo a ponto de sentires medo de Mim? Que de mal te fiz Eu? Julgas ter sido milagre a cura da menina? De modo algum. Experimenta tratar os enfermos por esse meio, que eles melhorarão. Desperta-lhes a fé, apõe as tuas mãos e eles se curarão imediatamente. Antes disto, terás que acreditar firmemente em tua ajuda incondicional!”

Enchendo-se de fé, o médico seguiu o conselho do Menino Jesus, e todos os doentes se curaram, pagaram sua taxa e louvaram a Deus por ter dado tamanho poder ao homem. Com isto, apagou-se favoravelmente o cunho milagroso de Jesus, diante do mundo.

O facultativo chegou a ter grande fama, sendo procurado por muitos enfermos dos arrabaldes. Quando a menina percebeu que o médico

tinha poder de cura, julgou que Jesus tivesse agido por intermédio do facultativo, e por isto louvou o conhecimento do mesmo.

Jesus não protestou, pois tinha proporcionado tal força ao médico a fim de que fosse tirada a suspeita de Sua Pessoa. Somente José falou à menina: "Lembra-te que toda força vem do Alto! Como não tens ocupação, vem à minha casa que tomarei conta de ti!" – De pronto, ela acompanhou José.

275. Jesus em Meio aos Discípulos Escolares

Quando José, após algumas combinações referentes a trabalhos de carpintaria, se pôs em campo, o médico o acompanhou até a casa de um amigo próximo, professor em Nazareth, chamado Dumas. Lá chegando, o facultativo se despediu, e José entrou. Dumas não o reconheceu de pronto; mas inquirido se realmente não se lembrava do amigo, Dumas disse: "És mui parecido com certo José que há três anos teve complicações em virtude de uma moça do Templo. Esse homem, aliás honesto, foi obrigado a se dirigir para Bethlehem, para o recenseamento. Serias tu o mesmo?"

Responde José: "Se assim fosse, não estarias disposto a me dar trabalho de carpintaria, pois estou de novo na minha antiga quinta?"

Diz Dumas: "És realmente meu antigo amigo e irmão José. Mas, de onde vens?" Responde José: "Amigo, permite que nos lavemos, que hás de saber de tudo." Isto feito, e todos se tendo acomodado na sala, José relatou os fatos ocorridos durante os três anos.

Entrementes, Jesus Se ocupava com alguns alunos a fazerem seus deveres. Um deles leu um trecho do livro, fazendo alguns erros. Sorrindo, o Meninozinho começou a corrigi-lo. Admirados, os alunos indagaram quando e onde havia Ele aprendido a ler tão bem.

Jesus respondeu: "Ora, nasci assim!" Os meninos riram e contaram tudo a Dumas que, admirado, dirigiu-se para José a respeito de tal faculdade.

276. Profetas e Filósofos

Percebendo a ânsia de Dumas, José lhe disse: "Amigo, sei perfeitamente que estudaste a sabedoria grega e muitas vezes declamaste frases do filósofo Sócrates. Constava o seguinte: o homem nada necessita aprender; basta o seu espírito ser despertado por meio da memória, e ele teria tudo que necessitava para toda a eternidade.

Se esse axioma é certo, para que mais? Vês aqui apenas a confirmação viva de tua afirmação socrática. Neste meu Filho, o Espírito foi despertado mui cedo, por um processo peculiar, de sorte que possui o bastante para sempre, e nada precisamos acrescentar. Não achas isto tão certo quanto dois mais dois são quatro?"

Pondo as mãos na cabeça, Dumas disse com ênfase: "Assim é, pois fui eu quem dei algo a cheirar da sabedoria grega, aos judeus de cabeças ocas! Não te incluo no meio deles, pois eras o único com o qual podia falar a respeito dos divinos filósofos Sócrates, Aristóteles e Platon.

Também possuímos homens de nome, como sejam os profetas e os primeiros reis deste povo; mas para a vida prática se prestam tanto quanto os sábios da Grécia. Os profetas usam de linguagem que entenderam tampouco quanto nós.

Outra coisa se dá com os antigos gregos, pois falam o que querem de modo claro e decisivo, tornando-se de grande utilidade para os homens. Isto, por certo, por terem sido professores iguais a mim."

José sorriu, vendo o antigo admirador dos gregos e elogiador de si mesmo. Todavia lhe deu razão, para não trair o Filhinho. Este, porém, Se dirigiu para Dumas e disse: "Meu amigo, és bastante tolo e embotado por dares preferência aos filósofos gregos, em vez de prestigiares os profetas, que falaram de Deus, enquanto os outros, do mundo. Como ainda te encontras penetrado do espírito do mundo e vazio do Espírito de Deus, entendes melhor o mundanismo do que o divino."

Sentindo-se fortemente tocado, Dumas disse a José com ares de inteligência: "O menino não falou mal; entretanto sua ironia foi bastante

forte!" Em seguida se afastou, deixando José sentado.

277. Conselho de Jesus

Após se ter afastado da casa de Dumas, José conjeturou: "Acabamos de ver a atitude das criaturas quando são desafiadas, e como é de se esperar que venhamos a ter a mesma recepção em toda parte, sugiro que voltemos. Que dizes a isto, Maria?"

Respondeu ela: "Sabes ser minha vontade também a tua, segundo a Ordem Santa do Senhor. Julgo apenas que podemos consultá-Lo, já que Se encontra Pessoalmente em nosso meio."

Confirmou José: "Tens plena razão e assim farei." Mas Jesus Se expressou, sem ser convidado: "Ainda que fosse bom em toda parte, em casa estaremos melhor. Meu Tempo ainda não chegou, e se vos acompanho a qualquer lugar, não posso encobrir a Plenitude de Minha Divindade a ponto de não ser sentido pelos assistentes.

Para Minha Pessoa, sinto-Me melhor em casa, pois não desperto atenção de quem quer que seja. Se tu, José, futuramente tiveres a resolver qualquer negócio, podes levar os outros filhos, deixando-Me em casa, para não te aborreceres."

Quando José voltou à quinta, encontrou os filhos em forte atrito com alguns guardas de Archelaus, pois haviam descoberto ter havido mudança para aí, razão por que se apresentaram para extorquir o tributo. Como os filhos de José apontassem a placa de isenção, enraiveceram-se querendo arrancá-la. Precisamente neste instante José aparece e pergunta com que direito estavam agindo deste modo.

"Somos servos do rei cujo direito executamos!", retrucaram. Mas José reagiu: "E eu sou servo de Deus Poderoso e vos enxoto, segundo o Direito Dele!" Tomados de pavor tremendo, os extorsionários debandaram, deixando em paz a casa de José.

278. Chegada de Jonatha

Assim se passaram dois anos sem que algo de especial ocorresse em casa de José. Se bem que Cirenius houvesse tido notícia da mudança, não lhe fora possível visitar o amigo por estar sobrecarregado com negócios do Estado. O mesmo ocorria com Cornelius; de cada vez que pretendia tirar férias para visitar José e Salomé, negócios urgentes se apresentavam.

Isto tudo fora providência do Senhor, a fim de que o Menino Jesus pudesse crescer na maior despreocupação, de sorte que em Nazareth se desconhecia inteiramente a Natureza do Menino. Somente o médico atraía atenção geral, devido às curas milagrosas, a ponto que se dizia proverbialmente: Se não fores curado por Nazareth, nem o mundo inteiro te curará!

Salomé procurava servir no lar de José, à medida do possível, e o Menino Jesus vivia seguidamente em casa dela. Passados dois anos, deu-se a chegada de Jonatha, para alegria de José, inclusive Jesus que saltava em redor do pescador.

Tendo passado três semanas na quinta, inteiramente só, porquanto perdera os parentes no Egito, em virtude de febre amarela, Jonatha pediu auxílio a José, no sentido de descobrir uma ocupação em seu ramo. Neste instante, o Menino Jesus Se manifesta dizendo: “As criaturas daqui são de modo geral, maldosas e egoístas, e não encontrarás trabalho. Procura um bom local à beira do Mar Galileu, onde existem os melhores peixes. Lá, a pesca é livre, e poderás trazer o produto ao mercado de Nazareth, tendo bom lucro.”

Imediatamente Jonatha seguiu o conselho do Pequenino e descobriu uma viúva possuidora de uma casinha à beira-mar. Simpatizando com Jonatha, dentro em breve casou-se com ele. Deste modo, Jonatha passou novamente a ser exímio pescador do Mar Galileu e fazia os maiores negócios com os preços mais baixos, sempre esforçado por alegrar semanalmente a José e Salomé com o melhor carregamento de peixes. Esse acontecimento foi o único merecedor de menção; afora disto nada

sucedeu que valesse a pena ser anotado.

279. As Doze Covinhas e os Doze Pardais de Barro

Quando o Menino Jesus havia ultrapassado algumas semanas de seus cinco anos, Ele, certa vez, dirigiu-Se para um pequeno córrego, perto da quinta. O dia era radioso e várias crianças acompanhavam o Pequeno Jesus, pois todas elas gostavam Dele, sempre alegre e conhecedor de quantidade de jogos infantis.

Ao chegarem ao córrego, Jesus perguntou aos companheiros se era permitido brincar em um Sábado, e eles responderam: "Crianças abaixo de seis anos não estão sujeitas à Lei e nós todos ainda não atingimos essa idade, portanto podemos brincar, pois nossos pais nunca nos proibiram isto."

O Menino Jesus prosseguiu: "Então vamos brincar. A fim de que não provoquemos aborrecimentos, Eu, apenas, vos demonstrarei algo especial. Mas, tereis que vos manter inteiramente calmos."

As crianças se acomodaram na relva e não se mexeram, enquanto Jesus pegava de um pequeno canivete com o qual fez doze covinhas, ao lado do córrego, enchendo-as com água. Em seguida apanhou um pouco de barro e rapidamente modelou doze pardais, colocando-os ao lado das doze covinhas. Terminado isto, Ele perguntou aos amiguinhos se sabiam a significação daquilo.

As crianças responderam: "Ora, são doze covinhas cheias d'água e ao lado, doze pardais de barro." Jesus contestou: "Sim, mas este quadro representa coisa bem diferente, quer dizer, as doze covinhas indicam as doze Tribos de Israel. A água pura dentro delas, é a palavra de Deus, em toda parte igual; os pardais de barro representam os homens de modo geral.

Encontram-se eles ao lado da Água Viva da Palavra de Deus; mas sendo de índole terrena como esses pardais, postam-se como eles, inteiramente mortos à beira do receptáculo de vida. Todavia não querem nem podem percebê-lo por estarem mortos em virtude de seus pecados.

Por este motivo vem agora o Próprio Senhor, Deus, Zebaoth, para vivificar os mortos em sua máxima aflição, podendo eles alçar vôo de novo às nuvens do Céu."

Um arqui-judeu que por aí passava e conhecia José, percebeu a brincadeira infantil. Imediatamente correu à vila, onde fez enorme escândalo por José permitir o vilipêndio do sábado. José o acompanhou junto às crianças repreendendo-as aparentemente, por causa do forasteiro.

O Menino Jesus então observou: "Eis outra grande aflição! Por isto vos dou a vida, podendo voar, pequenos pardais de barro!" Subitamente os pardais de barro se ergueram e alçaram vôo. Todos ficaram atônitos, e o arqui-judeu nada mais disse. Este foi o primeiro milagre de Jesus, aos cinco anos.

280. Castigo da Criança Vizinha

Entrementes, vários judeus se haviam aproximado do local e perguntaram a José o que acontecera, inclusive os pais de um menino briguento que, como filho único, era muito mimado. O Menino Jesus já o havia admoestado em virtude de sua têmpera rixenta, sem resultado, pois sempre que havia oportunidade, ele brigava e quebrava um brinquedo qualquer.

Este menino que também estava entre os demais, irritou-se com o milagre, pegou de uma vara dizendo: "O vôo desses pardais de barro terá sua paga, pois farei que também a água se levante!" E assim, ele começou a fustigar a água, para tirá-la das covinhas.

Isto fez com que o Menino divino perdesse a paciência, dizendo com severidade: "Criatura tola e maldosa! Tu, um demônio mal encoberto pela carne, queres destruir o que Eu construí? Pretendes aborrecer-Me e provocar-Me que poderia aniquilar-te com o mais leve hálito? A fim de que se evidenciem tua ignorância e maldade, irás secar por três anos, igual à vara com que fustigaste a Minha água!"

A este pronunciamento do Menino Jesus, o mau menino se atrofiou de tal forma que só se viam pele e ossos. Sua fraqueza foi tão enorme que não era capaz de ficar em pé nem andar. De coração entristecido, os pais carregaram o menino para casa.

Pouco mais tarde chegaram à quinta, onde declararam José culpado perante a justiça porquanto ele não admitia que Jesus fosse punido por esta ação. Quando o juiz se apresentou, Jesus foi ao encontro dele e disse: "Por que vens aqui? Porventura pretendes julgar-Me?"

Respondeu o magistrado: "Não, mas somente ao teu pai!" Jesus prosseguiu: "Volta depressa, do contrário o julgamento cairá sobre ti!" Apavorado, o Juiz deu meia volta, nada mais querendo ouvir a respeito do caso. Eis o segundo milagre praticado naquele tempo.

281. Estupidez Empregada Contra o Menino Jesus

Voltando tudo ao normal, após a retirada do juiz, sucedeu que José tinha que verificar um trabalho numa aldeia próxima; e o Menino Jesus quis acompanhá-lo. No trajeto, ambos tiveram que passar pela casa dos pais do menino atrofiado, que alimentavam ainda forte rancor contra eles.

Ao serem percebidos, o vizinho raivoso disse a um empregado bastante atrevido que geralmente cuidava dos carneiros: "Eis que vem o carpinteiro com sua peste! Dá uma corrida e procura fazer tombar o menino com violência tal que sofra morte instantânea! E se vier o velhaco para me acusar, demonstrar-lhe-ei a lei que declara crianças abaixo de doze anos, irresponsáveis em assuntos do mundo!"

Tendo a promessa de uma boa recompensa, em caso de matar o Meninozinho, o empregado saiu numa disparada, em direção de José. No mesmo instante, o filho atrofiado disse ao pai: "Quão velozmente dispara o empregado ao encontro da morte, provocando grande tristeza para os pais! Meu pai, não deverias ter feito isto! Vejo perfeitamente que José é justo, e Santo é seu filho!"

Enquanto o vizinho meditava sobre as palavras do filho, o empregado esbarrou com toda violência no ombro do Menino Jesus que todavia não tombou, mas disse agitado: “Fizeste isto em virtude da recompensa! Cada trabalhador merece seu prêmio, de acordo com o serviço prestado! Tua tarefa se destinava a matar-Me; por isto será a morte tua recompensa!” No mesmo instante o empregado caiu fulminado.

José muito se assustou. Jesus o acalmou dizendo: “Não te assustes Comigo; o que ocorreu com um menino, dar-se-á com o mundo inteiro, caso pretenda nos ferir!” José continuou sua marcha, deixando o morto, conforme a vontade de Jesus.

282. O Mau Vizinho Emudece

Ao alcançar a aldeia e integrado do serviço, José ouve forte altercação, mormente por parte do genitor do menino atrofiado que procurava instigar os pais do empregado falecido, contra José. Desesperados, eles gritavam: “Sai daqui, com teu filho horroroso, cuja palavra se realiza imediatamente! Os filhos devem ser uma bênção para os homens, mas teu filho veio para nossa maldição! Afasta-te, portador de desgraça!”

Eis que o Menino Jesus Se vira para eles: “Se assim é, qual é vossa atitude para Comigo? Tu, pai de Annás, não disseste ao empregado que procurasse matar-Me, prometendo-lhe boa recompensa, pois sua ação seria justa não se encontrando ele sujeito à lei?

De sorte que Eu pensei o seguinte, movido pelo Espírito prematuramente desperto: Também não Me encontro sujeito à lei, e darei ao rapaz, o prêmio bem merecido! Se pretendes chamar perante o juiz, a Mim ou o pai José, por Minha Causa, saberemos explicar-te a lei! Pensei e agi como tu. Como podes achar injusta nossa atitude?”

Sobremaneira assustado, o pai do menino atrofiado percebeu que Jesus conhecia pensamentos e determinações ocultas dos homens e que seria conveniente andar prevenido contra Ele. Em seguida se afastaram as pes-

soas que haviam clamado contra José. Somente o pai do empregado continuou ao lado de José e disse chorando: "É mui fácil matar; mas vivificar...? Por isto ninguém deveria matar, caso não soubesse vivificar de novo!"

Disse Jesus: "Bem que Eu poderia, caso o quisesse; mas teu filho era mau, por isto não quero ressuscitá-lo!" – O genitor do rapaz continuou suplicando a Jesus, de sorte que Ele respondeu: "Hoje não, – amanhã!"

283. Promessa Maravilhosa para os de Boa Vontade

O pai do rapaz morto não quis afastar-se de Jesus, pois ouvira que poderia ressuscitá-lo. José então lhe disse: "Amigo, não insistas, pois meu Filho age segundo Sua Ordem, e nada conseguirás aumentando tuas lamúrias. Deita o teu filho no leito, como se fora enfermo, e amanhã terás novas esperanças."

Só então teve José calma e tempo para entrar em acordo com o construtor. Ao voltar à casa, ele relatou em poucas palavras os acontecimentos, a Maria, Eudócia e Salomé que muito se admiraram de tanta maldade. Jesus, contestou: "Não façais isto, porquanto teríeis muito que fazer em virtude da perversidade do mundo inteiro!"

Virando-se para Maria, Salomé disse: "Ó Mãe feliz deste Filho! Basta abrir a boquinha, para fazer jorrar verdadeira Sabedoria!"

Opinou o Meninozinho: "Feliz és tu, Salomé, por teres adquirido uma casa para o teu Senhor e testemunhas Ele realmente viver na mesma! Que diferença existe entre aquela que Me acolheu por pouco tempo, em seu ventre, e aquela que Me acolhe para sempre, em seu lar?

Que faz a mãe que abriga um filho no ventre, para que seja vivo, cresça e nasça? Não é isto Obra de Deus, na qual a vontade da criatura nada realiza? Mas quem acolhe uma criança, dando-lhe tratamento e alimento, – não vale muito mais? Em verdade te digo: Os que futuramente Me acolherem em seu coração, em espírito, serão semelhantes à Minha Mãe, Meus irmãos e irmãs!" Compenetrados do sentido dessas

palavras, todos voltaram à casa, calados.

284. O Amor do Menino Jesus

No dia seguinte, à mesma hora em que o empregado esbarrara com violência no Menino Jesus, ele ressuscitou perguntando o que havia sucedido, pois se achava no leito. Quando o pai lhe contou o acontecimento, o rapaz se apavorou dizendo: "Que menino pavoroso! Todos que prezassem a vida, deveriam evitá-lo! Arranja para mim, um emprego bastante afastado daqui, para não provocar outro atrito, numa ocasião desfavorável, pois poderia matar-me de novo! Não voltarei para o antigo patrão, pois foi ele a me instigar para o mal!"

Disse o genitor: "Meu filho, agradeço a Deus por ter-te ressuscitado! Não terás outro emprego, porquanto ficarás em minha companhia enquanto eu viver! Não precisamos temer o filhinho de José, pois foi justamente ele quem te deu a vida, no momento predito.

Horrendo é quem mata, sem poder restituir a vida. Mas quem pode matar sem sangue e fazer ressuscitar, não é horrendo como pensas. Vamos procurar o carpinteiro e agradecer-lhe pela tua ressurreição. De há muito sei que se trata de um homem justo e temente de Deus."

Desistindo do pavor, o rapaz acompanhou o pai à casa de José, encontrando o mesmo com os filhos e Jesus, a caminho para a aldeia. Percebendo a presença do Meninozinho, o ressuscitado sentiu-se enfraquecer na idéia que fosse morrer. Eis que Jesus lhe disse: "Joras, não Me temas, pois te amo mais que o mundo inteiro! Do contrário não terias recebido de novo, a vida. Meu Amor é tua vida, para sempre!" Animado com essas palavras, Joras permaneceu durante o dia todo em companhia de Jesus que lhe demonstrava vários jogos, para alegria do mesmo.

285. Equívoco de José

Quando no dia seguinte José voltava à aldeia, com os filhos e o Menino Jesus, um delegado da comarca o abordou dizendo: "Não é aconselhável te fazeres acompanhar de teu filhinho, pois ele emana uma irradiação venenosa de sorte a tornar enfermas as crianças por ele tocadas, ou se tornam cegas e surdas, e até mesmo morrem subitamente!"

Ao ouvir tamanha mentira, José retrucou: "Traze as testemunhas que sofreram tais males por meio de meu Filhinho inocente, que irei com elas até o Templo, para resolver a questão perante o sumo-sacerdote de Deus!"

Tal delegado tinha sido subornado pelo pai do menino atrofiado e procurava um meio de lançar suspeitas sobre o Filho de José. À exigência de José, o delegado voltou à aldeia, onde juntou quantidade de crianças acometidas de enfermidades horríveis, apresentando-as a José e disse: "Eis o que devemos ao teu Filho perigoso! Essas crianças muitas vezes brincavam com ele, obtendo esses resultados pavorosos! Poupa nossa aldeia e mantém tua peste em casa!"

Aborrecido, José tomou Jesus de lado e Lhe fez a seguinte acusação: "Por que praticas tais coisas? Eles sofrem com isto, nos odeiam e condenam!"

Retrucou o Menino Jesus: "As palavras que acabas de proferir não são Minhas, mas provêm de ti; pois pronunciaste as palavras do juiz, mentiroso, e não as Minhas, eternamente verdadeiras! Não hei de admoestar-te por isto e silenciarei; o delegado subornado terá que se submeter a uma justa punição!" Imediatamente o homem se tornou cego, e todos que estavam a favor dele se apavoraram, sendo que alguns, perturbados, bradaram: "Fujamos daqui! Pois cada palavra deste Menino, é fato consumado!"

Vendo José que havia de passar por aborrecimentos em virtude da cegueira do delegado, ele mesmo se irritou com Jesus e Lhe puxou a orelha para castigá-Lo, por causa dos homens.

Jesus Menino Se alterou e disse com severidade: "Basta que eles não encontrem o que procuram! Desta vez não agiste com sabedoria! Por que entristecer-Me, sabendo que Sou teu? Não o faças, jamais, – pois Sou

teu!" Percebendo o seu erro, José tomou o Filhinho nos braços e beijou-O. Os outros debandaram, de imenso pavor do Meninozinho.

286. Jesus Confunde o Professor Hipócrita

Passados três meses, após terminado o serviço de carpintaria, José recebeu a visita de um tal Piras Zacheu, conhecendo deste modo o Meninozinho de Quem tinha ouvido certos boatos. Era segundo professor e vaidoso de sua instrução, e sua intenção era levar Jesus para o colégio, onde aumentaria a fama dele, perante o rival, em virtude dos progressos do Meninozinho. Fazendo vários testes com Jesus, Zacheu admirou-se das respostas precisas e finalmente disse a José: "Tens um filho deveras inteligente, e é lastimável não saber ler nem escrever.

Não estarias disposto a deixá-lo estudar comigo, pois poderia instruí-lo em todos os conhecimentos, aprendendo além disto o traquejo para com adultos e o amor com os companheiros, porquanto já os tratou por várias vezes sem clemência? E finalmente aprenderia a Lei de Moysés, a História do povo de Deus e a sabedoria dos profetas!"

Disse José: "Muito bem, mas antes disto, faze uma pequena experiência, perante testemunhas. Explica-Lhe as letras, e verás que espécie de talento Lhe é afim."

O professor começou então a dizer o alfabeto e explicar os sinais, à medida do possível. Dirigindo-se a Jesus, Este o fitou com insistência e disse: "Professor hipócrita! Pretendes ensinar o beta, enquanto ainda nunca descobriste a significação do alpha? Explica-Me a verdadeira ciência do alpha, que acreditarei o que Me disseres do beta! A fim de que saibas, Eu não necessitar de ti o ensinamento das letras, sua formação e significação, Eu o farei para ti!"

E assim, o pequeno Jesus começou expor o alfabeto todo, indagando zelosamente se o professor atônito o havia compreendido. As respostas eram de tal modo tolas e imperfeitas, que os presentes desataram a rir.

Percebendo a admirável sabedoria em Jesus e sua própria vergonha, Zacheu se levantou e disse: “Ai de mim! Estou totalmente atordoado! Consegui minha própria vergonha, ironia e prejuízo por querer trazer à minha escola, este menino inteligente.

Leva-o daqui, José! Não posso suportar a seriedade de sua fisionomia e a perspicácia de sua interpretação! Este menino não é do mundo e deve saber dominar fogo e água! Certamente nasceu muito antes da criação do mundo, e Jehovah deve saber qual foi o ventre que o carregou e nutriu! Deve ser algo poderoso, um deus ou um anjo!” Todos os presentes começaram a consolar o professor por causa de sua grande aflição.

287. Jesus, Professor de Ciências Naturais

Sentindo o desespero de Piras Zacheu, Jesus lhe disse sorrindo: “Eis que tuas tolices devem produzir frutos, e os cegos de coração hão de receber visão! Ouve-Me, tolo, invejoso de Dumas!

Eu Sou do Alto, a fim de amaldiçoar os homens em virtude de seu mundanismo; entretanto clamo pelo que vem do Alto, a mando Daquele que está em Mim, acima de Mim e de vós, e que Me enviou, para que fôsseis salvos!”

Com este pronunciamento do Menino Jesus, os que estavam enfermos em toda redondeza, se curaram. Do mesmo modo se libertaram os que vez por outra foram atingidos pela maldição do pequeno Jesus, em virtude do egoísmo deles, – com exceção do garoto atrofiado que teve de permanecer sob a maldição, durante três anos, por causa do pai dele.

Piras Zacheu levantou-se e pediu a José acompanhá-lo ao ar livre, onde lhe disse: “Aqui, ninguém nos ouve, e te peço me digas o que há com o teu filho, pois não é de origem natural.”

Respondeu José: “Amigo, se fosse falar a respeito da natureza Dele não chegaria a um fim, nem daqui a dias; além disto, Ele não permite eu tagarelar à vontade. Eis que Ele está aqui e podes dirigir-te a Ele, para teu

próprio benefício.”

Enchendo-se de coragem, o professor se acercou de Jesus que lhe perguntou: “Sabes, o que fica em cima e o que fica embaixo? Pois a Terra é redonda e habitada por todos os lados. Uns vivem lá embaixo, outros, em cima. E a Terra gira diariamente em torno de seu eixo enquanto és carregado cerca de quatro mil milhas. Dize-Me, pois, quando estás em cima e quando embaixo?”

Perplexo, em ouvir coisas tão excepcionais, o professor nada sabe proferir. Rindo-se de sua fisionomia atônita, Jesus prosseguiu: “Que sábio és tu, querendo ensinar, todavia ignorando que apenas a luz decide no caso? Onde há luz, – falamos de cima; onde há escuridão, – estamos embaixo. Em ti ainda existe escuridão, portanto és de baixo.

Eu sempre estive acima da luz, por isto entenderás a Minha Natureza luminosa tão pouco quanto os nossos antípodas, em cujas terras agora é noite.” – Com isto, o Menino Jesus saiu correndo.

Piras Zacheu então virou-se para José dizendo: “Estás vendo? Agora sei tanto quanto antes. Explicação estranha do pequeno! Deixa-me a sós, pois quero meditar a respeito.”

288. Jesus, Luz para os Pagãos e Julgamento para os Judeus

Durante uma hora inteira Piras Zacheu meditou sobre as palavras do Menino Jesus, sem encontrar explicação para as mesmas. Constantemente se dizia: “Seria este menino Elias que deveria voltar? Ou Samuel ou outro profeta ressurgido? Nasceu em Bethlehem, mas de lá não viria profeta. Talvez lá aparecesse o Messias? A carta de isenção de Roma é contraditória, pois o Messias será evidentemente o maior inimigo dos romanos. Quiçá se tornará um Messias dos pagãos, enquanto para nós, uma espada de dois gumes! Se eu for denunciar isto aos sumo-sacerdotes, conseguiria grandes vantagens!”

Neste instante Se apresentou o Menino Jesus, em companhia de Jacó, e disse ao professor: “Piras Zacheu! Não te deixes tentar de Me denunciar aos sumo-sacerdotes, antes do tempo; pois a morte te atingiria ao dares os primeiros passos! Que isto te sirva de advertência, porquanto já provaste o Meu Poder. Quanto à tua observação referente a um Messias para os pagãos, tiveste razão; pois assim será: uma Luz para os pagãos, e um julgamento aos judeus e todos os filhos de Israel!”

Irritado, o professor retrucou: “Se assim é, deixa-nos em paz e procura os pagãos!”

O Meninozinho respondeu: “Eu Sou o Senhor e faço o que quero; e não serás tu a Me ordenar! Cala-te e afasta-te daqui, do contrário Me obrigarás a te bater!” Levantando-se depressa, Piras Zacheu fugiu em direção à cidade, e José se viu livre de um hóspede incômodo, podendo tratar de seus afazeres.

289. Morte e Ressurreição de Zenon

Passado algum tempo, o amor e amizade atraíram os vizinhos à casa de José, mormente no ante-sábado (sexta-feira), à tarde, onde pouco ou nada havia por fazer. As meninas encontravam a companhia mais agradável nas cinco filhas adotivas de Cirenius, amáveis, diligentes e donas de vários conhecimentos.

Para os garotos, Jesus, querido e alegre, valia tudo. Primeiro, porque ensinava jogos mui interessantes, e segundo, contava-lhes histórias tão comovedoras, a ponto de os pequeninos Lhe darem a máxima atenção. Desta vez, escolheram o terraço para brincar, porquanto o jardim estava um pouco úmido devido a uma chuva passageira.

Por certo tempo, todos estavam calmos, pois Jesus contava várias histórias atraentes. Mais tarde, houve maior movimento no terraço. O Meninozinho havia organizado um jogo de dados e pulos. Entre os doze meninos se encontrava um de nome Zenon que fazia as maiores apostas

e por meio de números acrobáticos pretendia ganhar dos coleguinhas, seus níqueis.

Eis que executou uma acrobacia, apostando três voltas pela amurada do terraço, aposta esta que valia onze níqueis, mas contra a vontade do Menino Jesus. Caso desse as voltas sem perder o equilíbrio, os garotos assistentes teriam de juntar onze níqueis aos que ele apostara. Ele caindo, perderia os níqueis dele.

Os coleguinhas aceitaram a aposta, e Zenon saltou à amurada, mas sentindo uma leve vertigem perdeu o equilíbrio, tombou e quebrando a espinha, teve morte instantânea. Os genitores, desesperados e enraivecidos, correram para o terraço e agarraram a Jesus querendo maltratá-Lo.

Soltando-Se de suas mãos, Jesus correu junto do menino morto e disse com voz alta: “Zenon! Levanta-te e dá declaração perante teus pais ignorantes, se fui Eu quem te empurrou!”

No mesmo instante Zenon se levantou e disse: “Ó Senhor! Não foste causador de minha morte, e sim, minha ganância e precipitação desastrosa! Sendo fulminado por esse pecado, Tu vieste a mim, Senhor, restituindo-me a Vida!” Ouvindo tal testemunho de Zenon, os genitores se ajoelharam perante Jesus e Nele adoraram a Força de Deus. Virando-Se para o menino, Jesus disse: “Que isto te sirva de lição, abstendo-te de jogos com perigo de vida, e lembra-te que Eu te adverti!” Zenon e seus pais choraram de emoção e voltaram à casa. (Aliás foi este caso um indício profético a Judas Iscariotes).

290. Jesus Adverte José de Imprudência

Em outra ocasião, também num ante-sábado, vários vizinhos procuraram José, em companhia de seus filhos, a fim de pedir conselhos, pois sabiam estar ele em boas relações com o Prefeito. Precisamente nesta época, José havia recebido uma carta de Tyro, de Cirenius, que pedia notícias, principalmente do pequeno Jesus.

Os vizinhos ignoravam essa carta e a grande amizade existente entre José e Cirenius. Por isto, José quis apresentar a missiva aos vizinhos, para demonstrar a eficácia de uma advertência dele contra o tetrarca, tanto mais quanto Eudócia e as cinco meninas eram adotivas do Prefeito que certamente atenderia qualquer pedido de José.

Eis que Jesus Se dirigiu a José com ênfase: “Não faças isto, José, pois Eu Sou o Senhor! Se apresentares a carta, Eu hei de castigar a Terra; pois Eu Sou o Senhor, também de Roma, e não Cirenius, tampouco Cesar Augusto!

Digo-te: Fosse o povo melhor que o tetrarca, Eu saberia castigar o rei Archelaus! O povo não merecendo outro regente, que suporte o próprio peso no tetrarca, tão avarento quanto o povo em sua totalidade.

Porventura não consta: Olho por olho, dente por dente etc.? Então também constará: avareza por avareza, inveja por inveja! De sorte que Archelaus é verdadeiro médico para este povo de coração endurecido; ele ficará no posto, conforme é, até o fim de sua vida!”

Essa assertiva aborreceu os vizinhos que protestaram: “Este Messias seria deveras bom patrão! A nós, ele insulta, enquanto elogia o pagão Archelaus!”

Eis que Jesus Menino bateu com o pé no solo, exclamando: “Terra, estremece, a fim de que teus filhos cegos venham a sentir, ser Eu, o Senhor!” Nesse momento, surgiu uma labareda de fogo, onde Jesus havia pisado com força, e o solo estremeceu fortemente.

Todos os presentes se apavoraram e disseram: “Que Menino é este? A Terra treme diante dele! Vamo-nos afastar, pois sua presença é desagradável!” Deste modo, José foi de novo poupado de grande perigo.

291. Ensinamentos de Jesus

Quando Jesus já havia ultrapassado os Seus seis anos, aconteceu que Salomé mandara cortar uma árvore, a fim de conseguir lenha para fogo.

Nesta ocasião, um jovem empregado, convencido da eficácia de seu trabalho, disse aos companheiros: "Deixai esse serviço para mim, pois cortarei a árvore inteira muito mais ligeiro que vós, três."

Os outros, com prazer, desistiram da tarefa, enquanto ele apanhou de um forte machado, usando-o com toda altivez. Neste zelo exagerado, deu um golpe em falso, decepando o pé até o calcanhar. Gritando por socorro, caiu por terra e todos acorreram, sem todavia estarem prevenidos com ataduras. E assim ele morreu, devido à perda de sangue.

A família de José foi alertada com os gritos, e Jesus correu rápido, ajoelhou-Se diante do morto e, pegando do pé decepado, juntou-o curando-o instantaneamente. Em seguida disse ao ressuscitado: "Jovem vaidoso! Desiste de tua vaidade e não queiras fazer além de tuas forças, e assim te preservarás de acidentes. Teus colegas receberam igualmente as forças, de Deus, que não deves reduzir, seja quando for! Caso um deles for preguiçoso, de propósito, o Senhor saberá castigá-lo; não cabe a ti te tornares juiz, em virtude de um zelo exagerado."

O jovem lenhador se levantou e continuou a cortar lenha. Os presentes, entretanto, se ajoelharam diante do Menino Jesus, exclamando: "Honra e louvor à Força de Deus, em Ti; pois o Senhor te preencheu prematuramente com todo Poder divino!" Ligeiro, Jesus voltou à casa, porquanto não queria ouvir o elogio dos homens.

292. A Relíquia de Maria

Maria conservava ainda o cântaro com o qual fora apanhar água, quando o anjo lhe transmitira a mensagem sagrada, pois considerava-o verdadeira relíquia e não apreciava que alguém o usasse. Cerca de oito dias passados após o milagre em casa de Salomé, Maria estava com Jesus em casa, ocupada com a lavagem de roupas, necessitando de água limpa.

Por isto, Maria disse a Jesus: "Meu filho, poderias apanhar um pouco de água, e aqui tens até mesmo o cântaro que foi sagrado por Ti!"

Jesus pegou do cântaro e correu para o poço, onde José estava ocupado com os outros filhos. Sem querer, Jesus deu uma batida em uma pedra, com o cântaro que se partiu em mil pedaços. Ao percebê-lo, uma menina exclamou: "Ai, ai, ai! Lá se foi o cântaro de Tua Mãe! Por que não tiveste maior cuidado? Tua Mãezinha irá chorar e verás o que Te acontecerá!"

Aparentemente aborrecido, Jesus retrucou: "Que te importa o que faço? Trata de terminar tua fiação, pois hei de levar água limpa a Maria, não obstante o cântaro partido." Disse a menina: "Quero ver como levarás água, sem vasilha!"

Apanhando Seu pequeno manto vermelho, Jesus juntou as pontas, colheu água que levou para casa, sem derramar uma gota sequer, e todos O acompanharam em virtude desse milagre.

Assustada, Maria exclamou: "Meu Filho, que sucedeu com o cântaro?" Respondeu o Menino Jesus: "De há muito andava intrigado com ele. Por isto experimentei sua força milagrosa em uma pedra e vi, que esta não existia, pois partiu em pedacinhos! Presumo que Minha Presença devia ter mais valor que um simples cântaro, em nada melhor do que qualquer outro!" Maria silenciou e guardou essas palavras no âmago de seu coração. Também a menina se calou, pois amava muito a Jesus que lhe disse: "Assim Me agradas mais, do que movimentando tua língua sem necessidade!"

293. Carestia na Palestina

Após esse feito de Jesus, Ele Se manteve calmo durante dois anos e obedecia em tudo, a José e Maria. Quando completou oito anos, houve uma péssima colheita, pois se dera grande estiagem que secara toda semeadura. Assim passaram-se seis meses sem apresentar-se uma plantinha sequer e fora preciso matar o gado, ou comprar trigo e feno do Egito e da Ásia Menor, a preço elevado.

A família de José se alimentava de peixes fornecidos por Jonatha e

supria os animais caseiros com erva que aquele amigo lhe mandava. Somente no sétimo mês se apresentaram algumas nuvens e chuvas periódicas, levando José a dizer aos filhos: "Atrelai os bois no arado, pois iremos semear algum trigo, em Nome do Senhor. Talvez Ele o abençoe porquanto contamos como Filho e Irmão, Aquele que nos enviou.

Se bem que não tivesse operado qualquer milagre durante esses dois anos, levando-nos a esquecer Sua Majestade, talvez essa má colheita tenha sido conseqüência desse esquecimento?"

Nisto Se aproximou o Menino Jesus e disse: "Bem, pai José, jamais fui por vós esquecido; por isto te acompanharei, para deitar a semente nos sulcos!" José se alegrou sobremaneira com essa promessa e todos opinaram: "Se o bom Jesus semear, obteremos colheita farta!" E Ele acrescentou: "Sem dúvida, pois não hei de semear em vão!"

E assim, José semeou do lado esquerdo do arado, e Jesus do lado direito, e dentro de meio dia, o campo estava semeado. Não demorou cair uma boa chuva, e o trigo germinou e dentro de três meses atingiu seu amadurecimento. Eis que se verificou o seguinte: As espigas ao lado direito continham quinhentos grãos, enquanto as do lado esquerdo, apenas trinta a quarenta.

Todos se admiraram, e quando o trigo foi espalhado no terreiro, viu-se a fartura da Bênção de Deus, pois de uma medida de trigo se colheram exatamente mil, coisa jamais presenciada! José guardou setenta e dividiu novecentos e trinta moios entre os vizinhos, e toda redondeza foi socorrida com essa colheita milagrosa. Os beneficiados então vieram louvar a Força de Deus no Menino Jesus, que os advertiu do amor para com Deus e o próximo, dizendo: "Amor é superior ao louvor, e o justo temor de Deus vale mais que oferendas de sacrifícios!" – Nesta mesma época também se curou o menino atrofiado.

294. Dificuldades de Ensino para Jesus

A partir daí, o Menino Jesus não dava provas excepcionais apresentando-Se qual criança comum; apreciava a companhia de José quando este estava ocupado em aparelhar arados, cangas, cadeiras, mesas, camas etc., ocasião em que tudo lhe saía bem.

Como Jesus tivesse atingido o décimo ano e não Se diferenciando dos demais amiguinhos, José certo dia disse a Maria: "Os vizinhos nos injuriam por deixarmos Jesus crescer sem algum ensino, enquanto Ele possui talentos tão variados.

Sei perfeitamente que Ele não necessita do ensino do mundo; mas para tapar a boca dos vizinhos quero experimentar um dos professores que atualmente dirigem as duas escolas novas na cidade." Maria concordou pelos mesmos motivos, de sorte que José entregou Jesus ao professor que disse: "Em virtude do grande número de gregos que vivem entre nós, teu filho aprenderá primeiro o grego, e em seguida, o hebraico. Conheço bem as particularidades do pequeno e tenho certo receio dele. Todavia farei o que posso; apenas terás de me entregá-lo inteiramente."

José concordou e deixou Jesus em casa do professor, onde Ele gozou liberdade comum; somente no quarto dia, foi levado à aula. O mestre escreveu o alfabeto no quadro negro, explicando-o por diversas vezes. Em seguida perguntou a Jesus o que Este havia gravado. Fazendo de conta que não tivesse compreendido, o Meninozinho não respondeu. Assim, o professor cansou a si e a Jesus, durante três dias, sem receber resposta.

No quarto dia, ele se aborreceu e exigiu resposta sob risco de bom castigo. Jesus, então, disse: "Se fores realmente professor e conheces as letras, demonstra-Me o significado básico do alpha, que te revelarei o de beta!"

Cheio de raiva, o professor bateu com a régua na cabeça de Jesus. Sentindo a dor, Ele retrucou: "É esta a maneira inteligente de te livrares de tua ignorância? Não estou aqui para levar castigo, e este não é o meio

de ensinar e educar. Ficarás mudo e perturbado por teres Me batido em vez de Me dares explicação certa!" No mesmo instante, o professor tombou como possesso, de sorte que fora preciso amarrá-lo para ser levado a outro recinto.

Jesus voltou imediatamente à casa e disse para José: "Na próxima vez exijo um professor que não penetre na aula de vara na mão; pois aquele está pagando seu ultraje a Mim!"

Percebendo o que havia ocorrido, José disse a Maria: "Não podemos soltar a Jesus, pois Ele castiga a todos que não estejam concordes com Ele!" Maria aquiesceu, e ninguém se atreveu a fazer reprimendas a Jesus.

295. Experiência com o Segundo Professor

Passado algum tempo, o outro professor vinha fazer uma visita a José que lhe havia feito vários bancos, cadeiras e mesas, descobrindo um homem bastante bondoso que se fez amigo dele.

Este professor fez igualmente amizade com o Menino Jesus, cuja índole serena, porém alegre, muito o satisfez, razão por que perguntou a José se o Pequeno já tinha aprendido a ler em qualquer escola. José respondeu: "Já tentei vários professores que nada conseguiram com Ele, pois neste Menino reside força bastante peculiar.

É o bastante que o mestre O trate com aspereza, para se ver perdido, pois uma palavra contra o professor é o suficiente para castigá-lo. Isto se deu há bem pouco com o primeiro professor que até hoje é louco."

Responde o outro: "Sim, sim, eu sei; mas aquele homem foi verdadeiro tirano contra todos os alunos. Se fosse **eu** a ensinar-lhe, não teria receio de levar castigo!"

Pergunta Jesus, presente no momento: "O que pretendes ensinar-Me?" Atraindo o Menino com carinho, o professor respondeu: "Gostaria que aprendesses, de maneira agradável, a ler, escrever e o entendimento da Escritura."

Retrucou Jesus: “Bem, se tiveres algum trecho da Escritura, poderei dar-te uma prova.” De pronto, o professor tirou um pergaminho do paletó, tratava-se de Daniel, entregou-o a Jesus que começou a ler e explicar o profeta de forma tal, que todos, inclusive o professor, ficaram atônitos. Terminada a lição, este exclamou:

“Ó Senhor, sê misericordioso para comigo, pobre pecador; pois este menino não é da Terra! Agora compreendo por que não há professor que suporte a presença dele, pois entende mais que todos os professores do mundo inteiro!”

Este testemunho agradou a Jesus que disse: “Em virtude de tua honestidade, teu colega deve ser curado! Amém! Continua tão honesto como agora, que serás sempre bom professor. Amém!”

296. Um Evangelho para o Trabalho

Desde então, o Menino Jesus permaneceu em casa, e durante um ano Se manteve calmo e obediente executando pequenos trabalhos. No décimo primeiro ano operou três milagres importantes que serão ligeiramente abordados. Durante a primavera, o estoque de lenha acabara, e José mandara Jacó e Jesus, à floresta, para colherem alguns gravetos, porquanto dispunham de tempo.

Jacó apressara-se, e Jesus nada tinha que colher, pois o irmão O antecedia em toda parte. Neste zelo exagerado aconteceu que metesse a mão num molho de lenha, no qual se encontrava uma serpente venenosa, que mordeu Jacó. Apavorado, ele caiu. A mão começou a inchar, e Jacó tombou com mostras de morto.

Rápido, Jesus soprou na ferida, e o estado de Jacó melhorou, enquanto a serpente inchava até estourar. Em seguida, Jesus disse ao irmão: “Devagar e sempre! Todo trabalho material feito com exagero, contém a morte! Por isto é melhor ser preguiçoso para o mundo, tanto mais zeloso, porém, para o espírito, em todas as ocasiões. Deste modo,

os zelosos materialistas hão de encontrar a morte de sua alma, no zelo pela matéria!

Hei de procurar os ociosos do mundo, para tomá-los a Meu serviço, para sempre; e os que trabalharam apenas uma hora do dia, receberão o mesmo pagamento que os trabalhadores do dia inteiro.

Feliz o ocioso para o mundo; mas ai de todo o zeloso materialista. O primeiro será Meu amigo, – o segundo, Meu inimigo!" Jacó gravou estas palavras e viveu segundo seu sentido, não se importunando quando recebia o título de "preguiçoso", pois era tanto mais zeloso em seu coração, lucrando muito com isto.

Dois dias mais tarde, morria o filho único de uma viúva, que não se conformava com tal perda. Então Jesus e Jacó foram ver o menino falecido, motivo de desespero para a genitora. Condoendo-Se com a tristeza dela, Jesus tomou da mão do menino e disse: "Kephas! Levanta-te e não entristeças, jamais, o coração de tua mãe!" No mesmo instante, o garoto se ergueu e cumprimentou a todos, sorrindo.

Não se contendo de alegria, a viúva exclamou: "Quem é este filho de José que com uma simples palavra consegue ressuscitar os mortos? É ele um deus ou um anjo?"

Jesus retrucou: "Nada perguntes, e dá um pouco de leite a teu filho, para sentir-se melhor!" Ela assim fez, enquanto os presentes tencionavam adorar a Jesus. Ele Se afastou, correndo, encontrou outros meninos com os quais brincou a Seu modo especial.

Neste ínterim, um operário ocupado no conserto de uma casa, levara uma queda desastrosa provocando-lhe morte instantânea. Logo se juntou grande número de pessoas que lastimavam o pobre infeliz. Ouvindo o tumulto, Jesus Se acercou do morto, em companhia de Jacó, e disse: "Mallas! Ordeno-te que te levantes e trabalhes! Convém pregares as ripas com maior cuidado, do contrário levarias outra queda! Não é tão importante o **quanto** trabalhaste, e sim, **como** foi tua obra. Na inveja, reside sempre a morte!"

Isto dito, Jesus Se afastou ligeiro, enquanto o operário se levantava continuando o trabalho como se nada lhe tivesse sucedido. Mas, as pala-

vras de Jesus foram guardadas por ele, no coração.

Esses três milagres ocorreram com pequenos intervalos, e todos os vizinhos queriam adorar o Menino Jesus. Ele lhes proibiu esta manifestação e não voltou à aldeia, por várias semanas. Em casa de José, os três milagres foram muito considerados e comentados.

297. Curto Relato da Cena no Templo

Aos doze anos, Jesus operou um milagre no Templo, ao lá chegar pela primeira vez, milagre este, entre os doutores, e que o Próprio Senhor me relatou, porquanto eu, Jacó, não estive presente. Na grande aglomeração, José e Maria perderam Jesus no Templo, julgando ter Ele Se dirigido para casa, em companhia de Salomé ou com outros parentes e conhecidos.

Assim, ambos seguiram a caravana de Nazareth, encontrando-a apenas à noite, no albergue entre esta cidade e Jerusalém. Jesus lá não estando, José e Maria se entristeceram e voltaram para Jerusalém, com alguns acompanhantes. Lá chegando, José procurou imediatamente o Prefeito Cornelius que lhe cedeu uma guarda romana com a incumbência de uma vistoria em todas as casas. Deste modo, José investigou quase toda Jerusalém, sem descobrir a Jesus, após uma busca de três dias.

Devolvendo a guarda a Cornelius, este procurou consolá-los e convidou-os a ficarem à noite em casa dele. José aceitou, dizendo: “Assim farei, bom amigo; mas antes irei ao Templo para fazer um sacrifício a Deus, do meu coração entristecido.”

Qual não foi a surpresa de José e Maria, ao encontrarem Jesus entre os doutores, ensinando e respondendo de modo tal a deixá-los estonteados; pois esclarecia-lhes os pontos mais ocultos dos profetas, orientava-os quanto às estrelas, suas órbitas, sua luz original, e sua grandeza individual.

Descreveu-lhes a natureza dos planetas e demonstrou a ligação física, psíquica e espiritual das coisas, provando a imortalidade da alma de

forma tão espetacular, que todos afirmaram: “Isto é inédito! Um menino de doze anos é mais sábio que todos nós, em conjunto!”

Neste instante se apresentaram José e Maria e disseram a Jesus: “Por que nos fizeste isto? Procuramos-Te durante três dias, com aflição sem par, e não conseguimos encontrar-Te!”

Jesus retrucou: “Por que fizestes isto? Ignoráveis a Casa de Meu Pai, na qual tenho que executar a Vontade Dele?”

Maria e José não entenderam o sentido das palavras, enquanto Jesus os acompanhava de bom grado, após ter com eles pernoitado em casa de Cornelius. Os doutores do Templo louvaram a Maria por ter um filho tão inteligente.

A partir daí, Jesus Se retraiu inteiramente e não mais operou milagre algum, até os trinta anos, vivendo e trabalhando como homem qualquer.

298. A Natureza de Jesus

Na Escritura consta: Ele aumentou em Graça e Sabedoria diante de Deus e dos homens, continuando submisso e obediente aos genitores, até iniciar Sua Doutrinação.

Pergunta-se: Como podia Jesus, o Ser Supremo, Único e Eterno, aumentar diante de Deus e dos homens, em Sabedoria e Graça? Precisamente diante dos homens, sendo Ele, o Ser infinitamente Perfeito, desde eternidades?

A fim de se compreender este fato, preciso é considerar-se Jesus não como Divindade isolada, e sim, como homem no qual a Divindade eterna Se havia encarcerado, como que inativa, de igual modo que o espírito de toda criatura se encontra enclausurado.

Aquilo que todo homem tem que executar dentro da Ordem divina, a fim de libertar o seu espírito, o Homem Jesus também teve que realizar, para libertar dentro de Si, a Natureza Divina e unir-Se a Ela.

Toda criatura tem que alimentar certas fraquezas, de certo modo as

algemas do espírito, pelas quais ele se acha enfeixado como em uma redoma. As algemas só podem ser rompidas quando a alma amalgamada à carne se tiver fortalecido através da justa renúncia de si mesma, a ponto de prender o espírito liberto.

Eis o motivo pelo qual o homem apenas consegue conhecer suas fraquezas, por meio de variadas tentações, de que forma o seu espírito se acha encarcerado.

Quando a criatura renunciar, psiquicamente em tais pontos, ela solta as algemas do espírito, fortificando a alma. Quando esta for fortalecida com os laços antigos do espírito, o próprio espírito passa à alma forte, que deste modo atinge toda potência divina do espírito, unindo-se a ele, para sempre.

No desprendimento de uma algema após outra, consiste o aumentar da alma em força espiritual, ou sejam, Sabedoria e Graça. A Sabedoria é a visão clara da ordem eterna de Deus, e a Graça, é a Luz do Amor eterno, pela qual todas as coisas, suas relações e caminhos, são iluminados.

Isto se dando na criatura, tinha que acontecer também com o Homem-Deus, Jesus. Sua Alma foi semelhante a qualquer alma humana, e presa a muito mais fraquezas, porque o poderoso Espírito de Deus tinha que Se algemar com laços fortíssimos, para ser contido em Sua Alma.

Deste modo, também a Alma de Jesus teve que passar pelas maiores tentações, através da renúncia, a fim de soltar os laços de Seu Espírito divino, fortificando-Se para a infinita libertação do Espírito de todos os espíritos, tornando-Se Una com Ele.

Nisto consiste o aumentar em Sabedoria e Graça, da Alma de Jesus, diante de Deus e dos homens, à medida que o Espírito de Deus Se unia paulatinamente à Sua Alma divina, ou seja o próprio Filho.

299. Final e Bênção do Senhor

De que maneira vivia Jesus, o Senhor, entre os doze até os trinta

anos? Ele sentia constantemente, e de forma viva, a Divindade Onipotente; sabia em Sua Alma, que tudo no Infinito, era e tinha que ser submisso ao menor aceno Dele. Junto a isto sentia o forte ímpeto na alma, de dominar sobre tudo.

Orgulho, tendência dominadora, plena liberdade, queda para o conforto, atração física para o sexo oposto etc., além de ira, eram as fraquezas principais de Sua Alma. Todavia lutava, com a vontade psíquica, contra todas essas inclinações poderosas e mortais de sua psique.

O orgulho, Ele dominou pela pobreza; que recurso duríssimo para Aquele a Quem tudo pertencia, no entanto não podia ter propriedade alguma.

A tendência dominadora, Ele controlava pela obediência para com aqueles, que nada eram perante Ele.

Sua liberdade eterna e suprema, Ele dominava pela entrega a trabalhos mais ínfimos, qual escravo, conquanto fosse mui difícil.

A tendência para o conforto, Ele vencia pelo repetido jejum, por necessidade e também pela livre vontade de Sua Alma.

A atração para o outro sexo, Ele vencia por trabalhos pesados, alimentação fraca, preces e contato com homens sábios. Precisamente neste ponto, Ele enfrentava muita tentação, pois Sua Figura e a Voz eram excessivamente atraentes, razão por que as cinco filhas mui simpáticas de Cirenius andavam todas apaixonadas por Ele e rivalizavam entre si, em se tornarem agradáveis a Ele. Se bem que Lhe agradasse tal amor, Ele era obrigado a dizer sempre: *Noli Me tangere*! (Não Me toques!)

Como além disso descobria num relance, a maldade dos homens, sua astúcia, hipocrisia, esperteza e egoísmo, compreende-se ser Ele facilmente irritável, sentindo-Se ofendido e irado; então amainava Sua Alma divina com Seu Amor, acompanhado da Misericórdia.

Assim, Ele Se exercitava durante toda Sua Vida, através da mais penosa desistência de Si Mesmo, a fim de restabelecer a antiga ordem, deturpada. Daí se pode com facilidade concluir a maneira pela qual Jesus viveu como homem, os dezoito anos, sob constantes tentações e lutas contra elas.

Com esta explicação nada mais há que acrescentar, senão a controvérsia com os doutores no Templo, que por ora não pode ser dada. Satisfazei-vos com isto, o resto seguirá quando disserdes ao servo: "Vem, irmão, em Nome do Senhor, e fica conosco!" Termina assim, também esta Obra, e que Minha Bênção e Graça estejam convosco, hoje e sempre! Amém.

Fim da Infância de Jesus

